



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**OS DESAFIOS DA DUPLA JORNADA: VIVÊNCIAS DE JOVENS MULHERES QUE
ESTUDAM E TRABALHAM**

MACEIÓ
2025

Julya Myrele Rosendo de Almeida

**OS DESAFIOS DA DUPLA JORNADA: VIVÊNCIAS DE JOVENS MULHERES QUE
ESTUDAM E TRABALHAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como
requisito para obtenção de grau em mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeire Reis

Maceió

2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A447d Almeida, Julya Myrele Rosendo de.

Os desafios da dupla jornada : vivências de jovens mulheres que estudam e trabalham / Julya Myrele Rosendo de Almeida. – 2025.
211 f. : il.

Orientadora: Rosemeire Reis.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 127-133.

Apêndices: f. 134-211.

1. Jovens. 2. Trabalhadoras e estudantes. 3. Ensino superior. 4. Pesquisa autobiográfica. I. Título.

CDU: 331:929-055.2



Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

OS DESAFIOS DA DUPLA JORNADA: VIVÊNCIAS DE
JOVENS MULHERES QUE ESTUDAM E TRABALHAM

JULYA MYRELE ROSENDO DE ALMEIDA

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 28 de março de 2025.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSEMEIRE REIS DA SILVA
Data: 15/04/2025 13:31:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosemeire Reis da Silva, Universidade Federal de Alagoas
Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br VALERIA CAMPOS CAVALCANTE
Data: 16/04/2025 14:53:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valeria Campos Cavalcante, Universidade Federal de Alagoas
Avaliadora Interna

Documento assinado digitalmente
gov.br Nanci RODRIGUES ORRICO
Data: 27/05/2025 19:36:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Nanci Rodrigues Orrico, Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia
Avaliadora Externa

Dedico esse trabalho ao meu amado tio-pai Milton Rocha (in memoriam) que após a sua partida, me disse em sonho que eu tivesse calma, pois na minha vida, ele já havia deixado tudo encaminhado (e a conclusão desse mestrado é uma prova disso).

AGRADECIMENTOS

Finalizar um mestrado está longe de ser uma tarefa fácil. São dois anos que exigem dedicação, abdicção, resiliência, paciência e saúde mental. Garantir tantas coisas nesse processo é difícil, mas foi através dessa jornada que pude reconhecer quem realmente está comigo.

Aos familiares que sempre me apoiaram e torceram por mim ao longo do mestrado, meu sincero agradecimento. Aos meus tios Milton Rocha (*in memoriam*) e Maria Cícera Rosendo, pela criação que resultou na mulher que sou hoje. Aos meus pais Patrícia Rosendo e José Alves, meu tio-irmão Márcio Rocha, e minhas tias-irmãs Márcia e Mércia Rocha, minha “boadrasta” Adriana Roberta e minha irmã caçula Maria Clara, meus amados sobrinhos Luiz e Maurinho, meu primo João e minhas primas Gabi e Maria, às minhas cunhadas e todos que sempre torceram por mim. À minha irmã coruja Manu, e ao meu irmão, Ivo, que sempre se orgulharam imensamente da minha trajetória acadêmica, me dando forças para continuar.

Às equipes gestoras e às amigas professoras das escolas em que trabalhei. Como estudante-trabalhadora, precisei de diversas táticas para conseguir dar conta das demandas do mestrado, e isso só foi possível pelo apoio institucional e pessoal que recebi de grandes mulheres que acreditaram em mim e no meu potencial! Em especial, cito alguns nomes que levarei sempre na lista de gratidão: Adriana Vital, Bethy Oliveira, Cicinha, Clara, Dinaildes Dias, Edineide, Elayne, Gisele Gomes, Luciene (Tiene), Rosa Maria (Rosinha), Zenilda Barros.

Ao meu companheiro, Matheus Medeiros, que desde o ensino médio me encoraja e me incentiva a correr atrás dos meus sonhos, sempre enxergando meu potencial quando nem eu mesma sou capaz. Minha imensa gratidão por ouvir minhas angústias, por me ajudar nos detalhes técnicos da dissertação, por todos os abraços, carinhos e palavras de conforto nos momentos necessários. Seu apoio fez toda a diferença! Obrigada também por me proporcionar fazer parte da sua família, que, assim como você, tem um papel fundamental na minha trajetória.

Às minhas amigas e irmãs da vida, Lara e Laura, com quem tenho a honra de dividir não apenas os estudos, mas também os sonhos, as felicidades, as angústias e as conquistas da vida adulta. Sou grata por todo apoio, carinho, videochamadas, risadas e demonstrações de orgulho recebidos de vocês. A conclusão desta dissertação também é inspirada em vocês, que, desde a graduação, encontram

formas de permanecer na universidade e contribuem para a permanência de tantas outras mulheres. Obrigada por tudo!

Aos amigos e amigas que se alegraram com a minha entrada, permanência e agora, conclusão do mestrado. Que entenderam minha ausência em ocasiões especiais, expressaram seu apoio e trouxeram palavras de conforto nos momentos de desânimo. De fato, “quem tem um amigo tem tudo”. Às amigas de turma do mestrado, Laura e Íris, que tornaram as aulas mais divertidas. Ao Matheus Ivan, que sempre esteve disponível para dizer coisas positivas nos momentos certos, ouviu minhas inseguranças, se dispôs a ler minha dissertação e me ajudou com questões da pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Rosemeire Reis, por todo o caminho que trilhamos juntas desde 2018. Obrigada pelo apoio, pela orientação e pela partilha de conhecimentos. Sua história me inspira.

Às participantes da pesquisa, Anália, Clarice e Dandara, que confiaram no meu trabalho e compartilharam comigo suas vivências, angústias, felicidades e seu cotidiano. Não posso descrever em palavras o quanto me sinto grata.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu eu do passado, que, mesmo diante de tantos desafios, ousou sonhar com dias melhores. O mestrado parecia uma realidade muito distante, mas hoje tenho o orgulho de saber que serei a primeira mestra da minha família. Espero que seja uma porta aberta para que outros membros da minha família possam ocupar esse espaço tão significativo, e que todos possam saber que a educação nos transforma e nos salva.

*Eu sempre quis falar, nunca tive chance
E tudo que eu queria estava fora do meu alcance
Sim, já, faz um tempo
Mas eu gosto de lembrar
Cada um, cada um, cada lugar, um lugar
Eu sei como é difícil
Eu sei como é difícil acreditar
Mas isso* um dia vai mudar
Se não mudar, pra onde vou?
Não cansado de tentar de novo
Eu passo a bola, eu jogo o jogo
[...]
O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Senão não muda
A juventude tem que estar a fim
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a ignorância
Faz diminuir a esperança
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério
Então deixa ele viver.*

(Não é sério – Charlie Brown Jr.)

OS DESAFIOS DA DUPLA JORNADA: VIVÊNCIAS DE JOVENS MULHERES QUE ESTUDAM E TRABALHAM

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral compreender os desafios vivenciados por jovens mulheres trabalhadoras-estudantes do turno noturno do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas e como esses desafios afetam sua permanência na universidade. Para isso, busca-se, por meio dos objetivos específicos: identificar as principais dificuldades na conciliação entre trabalho e estudo; avaliar a eficácia das políticas institucionais de permanência; compreender as estratégias adotadas para lidar com essa dupla jornada; e refletir sobre os impactos desse acúmulo de funções na formação acadêmica e no bem-estar dessas estudantes. Além disso, pretende-se contribuir para o debate sobre assistência estudantil, políticas públicas e equidade no ensino superior, a partir das vivências dessas alunas. Diante dessas dificuldades, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: quais são os principais desafios enfrentados por jovens mulheres que precisam conciliar o trabalho com a permanência no ensino superior e quais políticas públicas institucionais existem para apoiá-las? É uma pesquisa qualitativa, com enfoque (auto)biográfico em educação, fundamenta-se nas entrevistas realizadas com três mulheres estudantes do turno noturno, entre o quinto e o sexto período do curso. Os resultados indicam que as estudantes trabalhadoras enfrentam dificuldades significativas para permanecer na universidade, com desafios que vão desde a exaustão física e mental até a limitação de tempo para estudo e participação em atividades acadêmicas. Apesar disso, o desejo de obter um diploma e acessar melhores oportunidades no futuro se mostra um fator motivacional essencial para sua permanência. No que tange às políticas institucionais, verificou-se que, embora existam programas de assistência estudantil, eles não são totalmente eficazes para atender às necessidades específicas dessas estudantes, que frequentemente precisam abdicar de momentos de descanso e lazer para dar conta das demandas acadêmicas e profissionais. A análise das narrativas revelou que a permanência material depende, em grande parte, de auxílios financeiros, como bolsas de estudo, enquanto a permanência simbólica é influenciada pelo sentimento de pertencimento e apoio institucional. No entanto, a sobrecarga de trabalho compromete a vivência acadêmica plena, dificultando a participação em projetos de pesquisa e extensão. As conclusões do estudo identificam que a permanência das trabalhadoras-estudantes é marcada pela abdicção de tempo para descanso e lazer, e pela busca de apoio simbólico, apesar da insuficiência das políticas de assistência estudantil existentes. Reforçam também a necessidade de políticas públicas internas mais abrangentes e flexíveis, que considerem a realidade das estudantes trabalhadoras, possibilitando maior inclusão e suporte durante sua trajetória acadêmica. Além disso, evidencia-se a importância de ampliar o debate sobre as condições de permanência no ensino superior, sobretudo para mulheres da classe trabalhadora, cujas experiências ainda são pouco visibilizadas nas pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Desafios; Jovens; Trabalhadora-estudante; Ensino superior. Pesquisa (auto)biográfica.

THE CHALLENGES OF THE DOUBLE JOURNEY: EXPERIENCES OF YOUNG WOMEN WHO STUDY AND WORK

ABSTRACT

This study aims, in general, to understand the challenges faced by young working-student women in the evening Pedagogy program at the Federal University of Alagoas and how these challenges affect their persistence in higher education. Specifically, it seeks to: identify the main difficulties in balancing work and study; evaluate the effectiveness of institutional retention policies; understand the strategies adopted to cope with this double shift; and reflect on the impacts of this accumulation of roles on academic development and the well-being of these students. Furthermore, the study aims to contribute to the discussion on student support, public policies, and equity in higher education based on the experiences of these students. In light of these challenges, the following research question was formulated: what are the main challenges faced by young women who need to balance work with persistence in higher education, and what institutional public policies exist to support them? This is a qualitative study with a (self)biographical focus in education, based on interviews conducted with three evening students between the fifth and sixth semesters of the program. The results indicate that working students face significant challenges in remaining at the university, ranging from physical and mental exhaustion to limited time for study and participation in academic activities. Nevertheless, the desire to obtain a degree and access better opportunities in the future proves to be an essential motivational factor for their persistence. Regarding institutional policies, it was observed that, although student support programs exist, they are not fully effective in meeting the specific needs of these students, who often must forgo moments of rest and leisure to cope with academic and professional demands. Analysis of the narratives revealed that material persistence largely depends on financial aid, such as scholarships, while symbolic persistence is influenced by a sense of belonging and institutional support. However, the workload overload compromises a fully engaged academic experience, hindering participation in research and extension projects. The study concludes that the persistence of working students is characterized by the sacrifice of rest and leisure time and by the search for symbolic support, despite the insufficiency of existing student assistance policies. The findings also emphasize the need for more comprehensive and flexible internal public policies that consider the realities of working students, allowing greater inclusion and support throughout their academic trajectory. Additionally, the study highlights the importance of expanding the debate on conditions for persistence in higher education, especially for working-class women, whose experiences remain underrepresented in academic research.

Keywords: Challenges; Youth; Worker-student; Higher education; (Auto)biographical research.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. TRABALHAR E ESTUDAR: DILEMAS PARA JOVENS MULHERES UNIVERSITÁRIAS	22
2.1 Conceituando trabalho	22
2.2 Estudo e trabalho: desafios da dupla jornada no Ensino Superior	26
2.3 Gênero e trabalho.....	28
2.4 Mulheres no ambiente universitário	29
2.5 O que dizem os estudos sobre os desafios das mulheres trabalhadoras estudantes na universidade.....	34
2.5.1 O que dizem os estudos sobre trabalhadoras estudantes	34
2.6 Tratando o “trabalho” como engajamento nas atividades da vida universitária.	44
2.7 Quem é o/a jovem estudante-trabalhador/a e jovem o/a trabalhador/a-estudante?	45
3. DESAFIOS DE AFILIAÇÃO E PERMANÊNCIA PARA MULHERES UNIVERSITÁRIAS DO CURSO DE PEDAGOGIA	51
3.1 Período de afiliação (grandes desafios).....	51
3.2 Sentidos da permanência.....	54
3.3 Programas e políticas estudantis na Universidade Federal de Alagoas.....	56
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	59
4.1 Lócus da pesquisa e a caracterização das participantes	59
4.2 Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação.....	62
4.3 Detalhes sobre as participantes, procedimentos e referências para as análises.....	66
5. DIÁLOGOS COM MULHERES, TRABALHADORAS E ESTUDANTES	70
5.1 Análise da entrevista de Dandara dos Palmares	70
5.1.1 <i>Eu comecei a sentir o peso de que era uma trabalhadora. Dificuldades econômicas no percurso formativo.</i>	<i>72</i>
5.1.2 <i>Se tem um lugar onde eu posso crescer e virar alguém. E fazer alguma coisa lá. Então, é lá que eu tenho que estar”: Vida universitária.</i>	<i>78</i>

5.1.3 “Era impensável estar na universidade sem estar trabalhando”: jovem, trabalhadora-estudante.	81
5.1.4 <i>eu dependo mais da universidade, do que de um trabalho CLT</i> ”: a importância de políticas estudantis para a permanência de jovens universitários/as.	83
5.1.5 Restituição reflexiva partilhada de Dandara	85
5.2 Análise da entrevista de Clarice Lispector.....	87
5.2.1 <i>E eu não conseguiria viver só do meu estudo</i> : Conciliar estudos e trabalho	89
5.2.2 <i>Eu sinto, na minha vida acadêmica, que eu nunca sei o suficiente de determinado assunto</i> : baixa autoestima acadêmica e sentimento de não pertencimento.	92
5.2.3 <i>Então sem dúvida para mim, o maior desafio que eu encontro na minha rotina é o tempo. Porque muitas coisas eu sinto que me roubam tempo</i> : gestão do tempo. .	95
5.2.4 [...] <i>falaria para os professores, para a universidade expandirem um olhar para o outro</i> : importância da empatia no ambiente universitário.	98
5.2.5 Restituição reflexiva partilhada com Clarice Lispector	101
5.2 Análise de entrevista de Anália Franco	102
5.2.1 <i>Por mais que eu sempre sonhasse, antes de entrar na universidade, depois que eu entrei, eu percebi que dá certo, que eu posso conseguir</i> : dificuldade de conciliação entre trabalho e estudo.	104
5.2.2 [...] <i>se eu tivesse a oportunidade de só viver de bolsa na universidade, eu viveria tranquilamente</i> : importância das oportunidades institucionais e auxílios estudantis.....	110
5.2.3 “[...] <i>a universidade me mudou em tudo</i> ”: processos de socialização e construção identitária.....	113
5.3 Aproximações e distanciamentos entre as narrativas analisadas	117
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICE A – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA	134
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISADA COM DANDARA DOS PALMARES	136
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA RESTITUIÇÃO REFLEXIVA DIALOGADA DE DANDARA DO PALMARES	160
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR ..	165
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA RESTITUIÇÃO REFLEXIVA DIALOGADA DE CLARICE LISPECTOR.....	183

APÊNDICE F- TRASCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ANÁLIA FRANCO.....	186
---	------------

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no conjunto de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação que se interessam pelos sentidos que as jovens estudantes de universidades públicas do Brasil e que são trabalhadoras atribuem à vida universitária (Reis, 2022, p. 37)¹, enquanto um “território cujo cerne é a cultura acadêmica, constituído com múltiplas atividades e possibilidades de aprender, em torno das quais se constroem fronteiras visíveis e invisíveis”, com atividades de ensino, pesquisa, extensão, movimentos estudantis, etc. Compreende-se a apropriação de tal território ocorre de modo desigual, dependendo de condições objetivas e subjetivas que fazem parte da vida dos/as estudantes.

Diante de um cenário de ampliação de Campi e Universidades públicas, surge a necessidade cada vez maior em compreender o perfil dos/das jovens universitários/as e dar legitimidade às perspectivas desses/essas² atores/autores/as que dão vida às universidades, para uma melhor compreensão dessa esfera estudantil acadêmica.

Programas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)³ foram primordiais para que os/as jovens e adultos/as pudessem ocupar espaços educacionais que antes lhes eram negados, bem como pudessem usufruir de uma educação superior pública e de qualidade. Entretanto, apesar das políticas de ampliação de vagas, surge a carência de discussões e políticas públicas que tratem das questões de permanência, tanto material, como simbólica, conforme Reis (2009), sendo esta, uma condição determinante para os/as estudantes, principalmente para os/as jovens trabalhadores/as-estudantes oriundos/as das classes populares. Hustana Maria Vargas e Maria de Fátima Paula (2013) *in* Patrícia Vieira Trópia e Davisson Charles Souza (2023) destacam:

¹ Este estudo é parte de uma pesquisa maior “Sentidos das experiências realizadas para a formação de si e para a relação com a docência” (2022-2025), coordenado por Rosemeire Reis, que conta com apoio do CNPq (bolsa produtividade) e da FAPESP.

² Ao longo do trabalho será usada a flexão de gênero para que o leitor ou a leitora se identifique nas leituras com o gênero que preferir.

³ O Reuni foi um programa instituído pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto 6096, de 24 de abril de 2007, que visava ampliar as vagas de acesso ao ensino superior brasileiro.

Apesar de a democratização ter ampliado o ingresso de setores das classes subalternas no ensino superior brasileiro, as políticas públicas de acesso e permanência não contemplam as especificidades do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, ainda que a maioria dos universitários brasileiros trabalhe ou esteja à procura de trabalho. (Trópia e Souza, 2023, p. 20)

Inúmeras são as questões que permeiam as dificuldades enfrentadas para obter um diploma de ensino superior, e maiores ainda são os desafios encarados por jovens mulheres trabalhadoras-estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica e rotina acelerada. Observa-se o quanto é imprescindível estudar, compreender e analisar as vivências dessas estudantes, que muitas vezes são invisibilizadas nos espaços acadêmicos do ensino superior brasileiro.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender os desafios vivenciados por jovens mulheres trabalhadoras-estudantes do turno noturno do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas e como esses desafios afetam sua permanência na universidade.

Para isso, busca-se identificar, por meio dos objetivos específicos, as principais dificuldades na conciliação entre trabalho e estudo; avaliar a eficácia das políticas institucionais de permanência; compreender as estratégias adotadas para lidar com essa dupla jornada; e refletir sobre os impactos desse acúmulo de funções na formação acadêmica e no bem-estar dessas estudantes. Além disso, pretende-se contribuir para o debate sobre assistência estudantil, políticas públicas e equidade no ensino superior, a partir das vivências dessas alunas.

A permanência no ensino superior, principalmente a de jovens que precisam conciliar o trabalho e os estudos, pode ser compreendida a partir da teoria de Pierre Bourdieu, que em seus estudos vai debater o capital cultural e as desigualdades educacionais. Para Bourdieu (1986), a trajetória acadêmica dos/das estudantes não depende apenas do mérito individual, mas também das condições sociais e econômicas que favorecem ou dificultam sua continuidade nos estudos. Assim, fatores como o acesso a recursos, o apoio familiar, e a familiaridade com o ambiente acadêmico influenciam diretamente a permanência universitária.

Para Reis (2009), para além da dimensão da permanência material, explicada por Bourdieu (1986), há também sua dimensão simbólica, que se constrói nas vivências do cotidiano estudantil, seus sentimentos de pertencimento, de reconhecimento ou de inadequação e não pertencimento ao espaço universitário.

Em relação à dimensão da permanência simbólica é preciso que os/as estudantes possam se integrar à comunidade acadêmica e passar a compreender as regras e códigos existentes dentro da universidade, e com isso, construir sua identidade universitária. Portanto, compreende-se que fatores como a exclusão, inadaptação e discriminação tendem a impedir a permanência simbólica dos/das universitários/as (Reis, 2016, p. 89).

Nesse sentido, garantir a permanência não se resume a oferecer vagas nas universidades, mas exige políticas de apoio que reduzam as barreiras sociais e promovam a inclusão efetiva dos/as estudantes.

As motivações que me levaram a pesquisar sobre as questões que englobam as vivências e desafios de jovens estudantes que também são trabalhadoras partem, inicialmente, da minha experiência acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, mais precisamente no segundo período da graduação, quando cursei a disciplina “Educação e Trabalho”.

Para além das discussões realizadas em sala e dos estudos dos textos recomendados pelo professor, foi nesse período que iniciei minha jornada como “estudante-trabalhadora” e passei a vivenciar, na prática, os desafios impostos por essa dupla jornada. No período em questão, precisei cursar algumas disciplinas no turno noturno (era aluna do vespertino), pois enfrentava alguns problemas com os horários de saída do estágio (remunerado), e por vezes acabava perdendo a locomoção que me levava para a universidade. É importante destacar que sou de uma cidade do interior de Maceió, então dependia do transporte escolar universitário para chegar à UFAL.

A importância de destacar tal detalhe é para contextualizar minha vida acadêmica nesta determinada época. A partir do momento em que meu status de matrícula é modificado para “matrícula integral”, passo a vivenciar os grandes desafios que permeiam os sentidos de permanência na universidade enquanto uma mulher jovem, interiorana, estudante e trabalhadora. As dificuldades não foram abandonadas com a finalização da graduação, elas continuam vivíssimas no meu percurso enquanto mestranda em Educação (na UFAL).

O processo de ser professora da rede municipal de ensino, estudar e assistir às aulas, e posteriormente, lidar com o processo da escrita acadêmica, torna-se extremamente cansativo e conflitante com os inúmeros desafios que é ser professor/professora no Brasil. Diante disso, me proponho a buscar compreender e

escutar narrativas de mulheres que são trabalhadoras-estudantes do curso de Pedagogia da UFAL, partindo do pressuposto de que as vozes juvenis devem ser ouvidas, legitimadas, estudadas, compartilhadas e acima de tudo, compreendidas.

A escolha por pesquisar sobre e com jovens mulheres se dá pelo fato de o curso de Pedagogia ser majoritariamente composto por mulheres⁴. Outro fator que endossa meus atravessamentos de pesquisa é a compreensão das questões que colocam as mulheres em posição de desigualdade, em uma sociedade que continua a perpetuar normas patriarcais. Nesta sociedade as mulheres devem exercer o papel de prover o bem-estar da família, cuidar dos filhos, cuidar do lar, e estar impecável esteticamente. Quando estas mulheres precisam estudar e trabalhar acumulam não apenas uma ou duas jornadas de trabalhos, mas diversas.

Para além dos motivos citados, esta pesquisa propõe-se também a dar continuidade, de maneira mais minuciosa, aos trabalhos desenvolvidos anteriormente no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica entre os anos de 2018 e 2021, no qual houve levantamento de dados acerca das temáticas que englobam os sentidos acadêmicos dos/das estudantes das universidades públicas do Brasil. Para além de dar continuidade ao que já estava em desenvolvimento (análise de artigos/livros), há uma inquietude para analisar e compreender, através de narrativas, como estudantes mulheres fazem para conciliar os estudos e o trabalho, e de que forma essas duas esferas podem afetar suas vivências sociais e estudantis, inclusive no que diz respeito às condições de permanência.

Desde o início das pesquisas do PIBIC, iniciadas no ano de 2018, em consonância com a participação em um grupo de pesquisa, o GPEJUV- UFAL (Grupo de Pesquisa Juventudes, Cultura e Formação), bem como em um grupo de extensão, com o foco de compartilhar as vivências/narrativas de jovens na universidade, surge a inspiração cada vez maior em realizar pesquisa nas quais os/as participantes tenham seus modos de expressão legitimados, como atores/autores que fazem a universidade ganhar vida, acreditando no pressuposto de que através das análises das narrativas estudantis, é possível contribuir tanto com a qualidade da educação da instituição, como para beneficiar as condições de permanência dos/as estudantes na universidade.

⁴ De acordo com a plataforma virtual “UFAL em números” o curso de Pedagogia (licenciatura) presencial do turno noturno tem 1016 alunos/as matriculados/as, destas 1016 matrículas, 852 são mulheres. Disponível em: <https://numeros.ufal.br/>

Os trabalhos desenvolvidos no PIBIC e na extensão, com estudo das narrativas juvenis sobre os sentidos da universidade se mostram pertinentes para contribuir na área das pesquisas em juventudes e formação, sendo essa uma temática que aos poucos começa a se revelar promissora no Brasil, principalmente graças ao surgimento de Observatórios da Vida Estudantil (OVE). Apesar da crescente popularidade, compreende-se que a temática pode ganhar ainda mais espaço nos cenários de pesquisa.

O presente trabalho compreende a importância de referenciar as juventudes de forma plural, reconhecendo assim as distintas culturas, desafios e identidades existentes entre os/as jovens, corroborando com uma abordagem que possa incluir e respeitar os diversos contextos históricos-sociais em que os/as jovens se encontram (Dayrell, 2003; Pais, 1990). Esse reconhecimento implica também estar atento às diversas formas em que as experiências sociais dos/das jovens são expressas coletivamente por meio da construção dos distintos modos de vivenciar a condição juvenil (Dayrell, 2007).

A continuidade da pesquisa acerca da temática, de maneira mais ampla é de fundamental relevância, uma vez que esta pode assumir um caráter não apenas de análise bibliográfica, mas adotar também um caráter (auto)biográfico, com a construção de um espaço no qual as narrativas dos/das estudantes podem ganhar maior visibilidade, para que venham a surgir novas reflexões diante das problematizações encontradas. Para além da reflexão com enfoque biográfico, podem surgir pautas que contribuam para a adoção de medidas que possam ser efetivadas para que as melhorias surjam no âmbito universitário.

Considerando a vasta dimensão que engloba a temática de jovens e estudantes de universidade pública, que vai desde questões de gênero, raça, construção de identidade, dentre outros, a presente pesquisa é uma pesquisa qualitativa, (auto)biográfica, voltada para as estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, que estão cursando entre o 5º e o 6º período, e que são da classe trabalhadora.

Este tipo de pesquisa, com jovens mulheres trabalhadoras-estudantes que estão na metade da graduação, se dá pela necessidade em compreender melhor as questões que envolvem não apenas a chegada à universidade e as adaptações que são necessárias para se manter nela, mas também compreender os desafios

encarados por essas mulheres, que precisam equilibrar a rotina exaustiva que ambas as esferas (vida acadêmica x mercado de trabalho) requerem.

A presente pesquisa fundamenta-se nos estudos publicados de autores, como Alain Coulon (2008, 2017); Christine Delory-Momberger (2008, 2012); Sônia Sampaio (2011); Rosemeire Reis (2012, 2018, 2020); Elizeu Clementino de Souza (2006, 2014); Maria Conceição Passeggi (2016); Elizeu Clementino de Souza e Maria Conceição Passeggi (2017). O documento “Observatório da Vida Estudantil” também é fundamental para as discussões, tendo em vista os dados/produções de estudantes do próprio observatório nas UF’s da Bahia, sendo elas a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia⁵

A escolha das narrativas (auto)biográficas em educação como modo de fazer a pesquisa, a partir das perspectivas das estudantes, parte do princípio da importância de compreendê-las de maneira menos mecânica, dando relevância as suas vivências e através destas, construir novos sentidos. Considera-se que “a narrativa pode ser um vetor de emancipação e de resistência, ou então um instrumento de conformação e de assujeitamento” (Reis; Alves, 2018), dependendo dos objetivos daqueles que as utilizam. Neste estudo, a proposta é que esse modo de produção de conhecimento possibilite um efeito formador não apenas para aquele que está narrando sobre si, mas também para os demais envolvidos (quem entrevista, futuros leitores etc.). Souza *et al* consideram a (auto)biografia como um método que proporciona:

reflexividade biográfica, já que quem se narra, se descobre, se conhece, se ressignifica, entendendo que narrar-se é matéria-prima para a construção da ponte que permite ao sujeito fazer a travessia de si, travessia essa que lhe dá o poder. (Souza, Orrico, Souza. 2018, p. 70)

Varga e Paula (2013) apontam que “embora a grande maioria dos nossos estudantes trabalhe, as políticas públicas e a legislação brasileira não contemplam a particularidade dessa condição, dificultando a permanência do/as estudante-trabalhador/a e do/a trabalhador/a-estudante na universidade”. Diante dessas dificuldades, surgiu o questionamento central que orienta esta pesquisa: **quais são os principais desafios enfrentados por jovens mulheres que precisam conciliar**

⁵ O Observatório da Vida Estudantil (OVE) em questão atua em duas IFES do Estado da Bahia, sendo a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e tem como objetivo acompanhar as diversas dimensões estudantis presentes na vida do estudante de ensino superior.

o trabalho com a permanência no ensino superior e quais políticas públicas institucionais existem para apoiá-las? Assim, essa pesquisa busca compreender os impactos dessa realidade na trajetória acadêmica dessas estudantes.

É fundamental mencionar que esta pesquisa faz parte de um projeto mais extenso, desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Juventudes, Culturas e Formação” (GPEJUV-UFAL). O estudo principal, intitulado “Sentidos das Experiências Realizadas na Vida Universitária para a Formação de Si e para a Relação com a Docência” (Reis, 2022 – PPGE/CNPq/FAPEAL), examina a importância das experiências universitárias na construção da identidade pessoal e na prática de ensino⁶.

O presente trabalho está dividido em seis capítulos, sendo a esta Introdução o primeiro. O segundo capítulo “Trabalhar e Estudar: Dilemas para Jovens Mulheres Universitárias”, são exploradas questões estruturais relacionadas à inserção das mulheres no mundo do trabalho e no ambiente acadêmico. A subseção 2.1 conceitua o trabalho, estabelecendo bases teóricas para sua compreensão. A subseção 2.2 discute os desafios da dupla jornada no ensino superior. Em seguida, a subseção 2.3 aborda as relações entre gênero e trabalho, enquanto a subseção 2.4 analisa a presença feminina no ambiente universitário. A subseção 2.5 reúne estudos sobre os desafios enfrentados por mulheres trabalhadoras-estudantes na universidade, sendo complementada pela 2.5.1, que aprofunda especificamente o que a literatura aponta sobre esse grupo. A subseção 2.6 propõe uma ampliação do conceito de trabalho, considerando o engajamento nas atividades da vida universitária. Por fim, a subseção 2.7 diferencia as categorias “estudante-trabalhador/a” e “trabalhador/a-estudante”, refletindo sobre os sentidos e impactos dessas experiências na trajetória acadêmica e profissional.

O terceiro capítulo “Desafios de Afiliação e Permanência para Mulheres Universitárias e do Curso de Pedagogia”, aprofunda-se a análise sobre os obstáculos enfrentados no processo de adaptação ao ensino superior e na luta pela permanência universitária. A subseção 3.1 trata dos desafios do período inicial da graduação, identificado como etapa de afiliação. A subseção 3.2 investiga os sentidos atribuídos à permanência no curso. Já a subseção 3.3 discute os programas e políticas estudantis da Universidade Federal de Alagoas, analisando seu papel na trajetória das estudantes.

⁶ Apoiada pela FAPEAL, como bolsa produtividade PQ, como Projeto Universal e que tem aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa.

O quarto capítulo "Caminhos Metodológicos", descreve o procedimento adotado na condução da pesquisa. A subseção 4.1 apresenta o lócus do estudo e caracteriza as participantes. A subseção 4.2 aprofunda a abordagem (auto)biográfica em Educação, que sustenta a metodologia adotada. Por fim, a subseção 4.3 traz os detalhes sobre as participantes, o procedimento de pesquisa e análise e os referenciais teóricos que orientaram as interpretações dos dados.

O quinto capítulo, "Diálogos com Mulheres, trabalhadoras e estudantes", é dedicada à análise das narrativas de três participantes da pesquisa, identificadas por pseudônimos: Dandara dos Palmares, Clarice Lispector e Anália Franco. A subseção 5.1 analisa a entrevista com Dandara, abordando aspectos como dificuldades econômicas, vida universitária, dupla jornada, importância das políticas estudantis e a restituição reflexiva partilhada. A subseção 5.2 examina a trajetória de Clarice, discutindo a conciliação entre trabalho e estudo, autoestima acadêmica, gestão do tempo, empatia institucional e a devolutiva reflexiva. A subseção 5.3 traz a narrativa de Anália, focalizando os desafios de conciliação, os auxílios institucionais e os processos de transformação identitária vivenciados na universidade. A subseção 5.4 compara as três narrativas analisadas, evidenciando aproximações e distanciamentos, bem como elementos comuns e singulares nas experiências das jovens mulheres trabalhadoras e estudantes.

Por fim, a última seção, "Considerações", apresenta uma síntese dos principais achados da pesquisa, destacando contribuições, limitações e possibilidades para estudos futuros. A dissertação se encerra com as Referências, que incluem os materiais bibliográficos utilizados na pesquisa, e os Apêndices, que reúnem documentos complementares essenciais para o desenvolvimento do estudo.

2. TRABALHAR E ESTUDAR: DILEMAS PARA JOVENS MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Nesta seção, conceituo trabalho e a relação entre gênero e trabalho, apresentando e examinando os efeitos da dupla e tripla jornada na permanência acadêmica e no bem-estar de jovens trabalhadoras-estudantes.

2.1 Conceituando trabalho

Conforme Karl Marx o ser humano se constitui como ser social por meio de suas atividades de trabalho. Ele exemplifica esta afirmação ao diferenciar o trabalho de um arquiteto do realizado por uma abelha, explicando que os animais trabalham para responder aos instintos biológicos e os seres humanos, para enfrentar os desafios da realidade concreta realizam um processo de ideação e posteriormente, de objetivação. Afirmam Marx e Engels:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (Marx; Engels, 2007, p.10-11).

A partir desta perspectiva o trabalho é fundamental para a produção da humanidade e das sociedades. Os autores Lessa e Tonet (2011, p. 26) acrescentam que o trabalho, a partir dos pressupostos de Marx, é a categoria fundante do mundo dos homens. Acrescentam os autores: “o trabalho é o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem” (2011, p. 26)

Marx problematiza este processo ao apontar que na sociedade capitalista industrial é possível identificar aspectos negativos na relação entre os seres humanos e o trabalho, por se tornar um modo de exploração entre os seres humanos, tendo em vista o acúmulo de riquezas para aqueles que detêm a propriedade privada. Neste contexto, os seres humanos que não têm os meios de produção, vendem sua força de trabalho e se transformam em mercadorias, ao exercer um trabalho alienado e

submisso ao capital. Os/as trabalhadores/as não têm o retorno das riquezas que produzem, recebem um salário mínimo para o seu sustento e que possibilita aos donos das forças produtivas a obtenção da “mais valia”, com o lucro. Argumenta Marx:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato mercadorias em geral (Marx, 2010, p. 80).

Para discutir as questões que permeiam a categoria “trabalho”, cabe aqui pontuar, também, algumas considerações do sociólogo Zygmunt Bauman. Segundo o autor, no sistema capitalista, ocorrem transformações nos modos de exploração que ele denomina de passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida.

Para Bauman (2008), gradativamente a modernidade sólida se transforma em modernidade líquida, que deixa de ter como referência a sociedade dos produtores e passa a funcionar como sociedade de consumidores. Explica que consumir passa a ser uma condição para ser reconhecido na sociedade.

Considero que o conceito de modernidade líquida, nos ajuda a pensar a respeito das dinâmicas da sociedade moderna, em especial, as dinâmicas do trabalho, da educação e do conhecimento. Para Bauman, essa fluidez reconfigurou as estruturas do trabalho, e conseqüentemente a vida social, uma vez que:

a condição humana no estágio da modernidade “fluída” ou do capitalismo “leve” tornou essa modalidade de vida mais acessível: o progresso não é mais uma medida temporária, uma questão transitória, que leva eventualmente (e logo) ao estado de perfeição (isto é, um estado em que o que quer que devesse ser feito terá sido feito e não será necessária qualquer mudança adicional), mas um desafio e uma necessidade perpétua e talvez sem fim, o verdadeiro significado de “permanecer vivo e bem (Bauman, 2001, p.127)

Bauman explica que na modernidade líquida o trabalho deixa de representar a estabilidade e segurança, e a possibilidade de obtenção de um futuro garantido. Para a maioria das pessoas a inserção no mercado de trabalho se tornou algo provisório e instável. Os caminhos da vida não se tornam mais retos por serem trilhados, e virar uma esquina não é garantia de que os rumos corretos serão seguidos no futuro.

E assim o trabalho mudou de caráter. Muitas vezes é um ato único: armação de um bricoleur, um trapaceiro, que mira o que está à mão e é inspirado e limitado pelo que está à mão, mais formado que formador, mais o resultado de agarrar a oportunidade que o produto de planejamento e projeto. [...] Talvez o termo “remendar” capte melhor a nova natureza do trabalho separado do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade e do não menos grandioso projeto de uma vocação para toda a vida.

Despido de seus adereços escatológicos e arrancado de suas raízes metafísicas, o trabalho perdeu a centralidade que se lhe atribuíra na galáxia dos valores dominantes na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado. O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual (Bauman, 2001, p. 131).

Compreende-se, então que o trabalho agora é algo marcado por precariedade e flexibilidade. Como explica Machado Pais (2016, p. 15), “a transitoriedade e a aleatoriedade pautam os percursos profissionais de muitos jovens”. É recorrente a dificuldade para obter um emprego formal e estes/as jovens são obrigados/as a se submeter aos empregos precários, informais, acrescenta o autor:

Uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte, a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência. O próprio capitalismo flexível bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais. Carreira é um caminho pelo qual se circula, mas esse caminho aparece bloqueado para um número considerável de jovens; outras vezes, surgem encruzilhadas de sentidos vários, carreiras de retorno, becos de circulação difícil, ou mesmo sem saída. Por isso, os sociólogos da juventude adjectivam as transições dos jovens para a vida adulta de modo a acentuarem a sua vulnerabilidade e imprevisibilidade. (Pais, 2016, p. 7)

Estudantes universitários/as que trabalham, muitas vezes têm ocupações precárias, com uma extensa carga horária para sobreviver, o que limita as possibilidades de dedicação aos estudos. Sobre a flexibilização, constata-se que na atualidade uma pessoa precisa desempenhar diversas funções, além do exercício de sua profissão.

Para Pais (2016, p.15) “Embora muitos jovens sejam vítimas dos processos de reestruturação econômica, eles procuram, criativamente, fazer face aos dilemas, dificuldades e desafios que lhes surgem”. A exemplo disso, cabe citar o mercado de trabalho atual, no qual as redes sociais, para além de conectar as pessoas e ser um meio de comunicação, passa a ser um meio de exibição e de propaganda de trabalho. Ora, atualmente não nos faltam exemplos de professores, médicos, psicólogos, dentistas, e tantas outras profissões, precisando empenhar-se para divulgar seu trabalho e ganhar visibilidade, mas para tal, precisam desempenhar funções de editor de vídeo, comunicador, produtor de marketing, dentre outros.

Atualmente, a estabilidade parece estar cada vez mais distante e carreiras “previsíveis” é raridade, a exemplo disso, pode-se citar a oferta de concursos públicos que vem declinando a cada ano e apagando o sonho dos inúmeros brasileiros em serem funcionários públicos concursados. Isso é um problema a se pensar, uma vez que concursos públicos asseguram estabilidade financeira e trabalhista, seguindo à risca a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Com isso, essa estabilidade de empregos vitalícios e carreiras são substituídos por empregos temporários e contratos flexíveis, que acarretam por sua vez incertezas e inseguranças para os/as trabalhadores/as, que precisam constantemente se adaptar a novas situações.

A modernidade líquida levanta questões éticas e sociais. A crescente desigualdade no acesso ao conhecimento e à educação pode agravar as disparidades sociais. Portanto, a equidade e a acessibilidade são pontos determinantes na discussão sobre educação na modernidade líquida. No contexto nacional brasileiro é possível identificar o quanto os/as jovens enfrentam diversos desafios, principalmente para conseguir seu primeiro emprego, assim, muitos precisam recorrer aos famosos “bicos”, que nada mais são do que trabalhos informais e/ou temporários que não oferecem os benefícios, a segurança e a base salarial de um emprego formal, para Machado Pais:

A vivência precária do emprego e do trabalho envolve modalidades múltiplas de “luta pela vida” que compreendem trabalho doméstico, eventual, temporário, parcial, oculto ou ilegal, pluriemprego, formas múltiplas de desenrascanço⁷ a que a linguagem comum refere-se com as sugestivas expressões de ganchos, tachos e biscates. Neste “fazer pela vida” é como se os jovens nos quisessem dizer que a vida necessita de algum tipo de trabalho para ser plenamente vivida. Não querem ser escravos do trabalho, mas

⁷ “Desenrascanço” é a habilidade de resolver situações difíceis de forma improvisada e criativa, adaptando-se às circunstâncias e encontrando soluções rápidas com os recursos disponíveis.

também não o rejeitam, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal (Pais, 2016, p. 7)

De acordo com Corseuil, Poloponsky e Franca (2020) através de dados publicados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2012 e 2018, 53% dos/das jovens ingressaram no mercado de trabalho através de empregos informais, em 2023, 45% dos/as jovens ocupados/as estavam trabalhando de maneira informal. A mesma pesquisa mostra que a principal razão pela qual os/as jovens brasileiro/as estão sem concluir a educação básica se dá pela necessidade de precisar trabalhar.

2.2 Estudo e trabalho: desafios da dupla jornada no Ensino Superior

Regina Célia Borges (2017, p. 42) ressalta que com as políticas de expansão do Ensino superior no Brasil (duas décadas atrás), e a partir do momento em que a educação deixou de ser uma área de serviços não exclusivos do Estado, teve-se abertura para iniciativa privada fazendo com que surgisse uma concepção neoliberal de educação, e conseqüentemente, emergindo novas formas de adestramento de mão de obra para o mercado de trabalho

Sguissardi (2006, 2008) também comenta o sistema universitário brasileiro e suas atuais fortes características “neoprofissionais” (grifo do autor), sob as quais a geração de novas carreiras segue padrões e interesses do mercado de trabalho. O autor ainda questiona a respeito da relação qualidade e quantidade no meio universitário, no qual a expansão de vagas e universidades, sejam públicas e/ou privadas, não necessariamente vem refletindo uma formação adequada e, por meio das expressões “educação-mercadoria” ou “mercadoria-educação”, ele questiona quais serão os nossos caminhos predominantes. (Borges, 2017, p. 43).

Diante do exposto, compreende-se que a educação dentro do contexto neoliberal tende a exercer um papel de submissão e obediência dos sujeitos para que reproduzam as normas capitalistas, assim, os/as jovens passam a ver a entrada no ensino superior como algo primordial para ascensão profissional dentro da realidade em que a sociedade se encontra, é justamente onde é possível perceber o início desse entrelaçamento da educação com o trabalho.

Borges (2017) apresenta alguns dados acerca da inserção dos/das jovens em um curso de graduação no turno noturno ou diurno. Segundo a autora, tal busca é fruto da tentativa de conciliação entre trabalho e estudo:

a relação formação-emprego se interliga e passa a exprimir crenças coletivas de que conquistar um diploma universitário é estar “protegido” contra o desemprego. Polêmica recursiva, essa não é uma relação linear e sim de formações em rede, reveladora de paradoxos, pois envolve condições sociais, econômicas e culturais de cada jovem, uma vez que os fatores que facilitam ou não a inserção dos jovens universitários concentra outras situações já mencionadas (Borges, 2017, p. 51)

Conciliar o ensino superior com o trabalho é um desafio para muitas estudantes, mas a intensidade desses obstáculos varia. Enquanto as estudantes-trabalhadoras enfrentam uma rotina exigente, as trabalhadoras-estudantes, especialmente aquelas que acumulam responsabilidades domésticas e maternas, vivenciam uma sobrecarga ainda maior, tornando o cenário mais complexo

Compreende-se que o trabalho desempenha um papel central na vida dos seres humanos. Como explica Claus Offe, “as tradições clássicas da Sociologia burguesa e da Sociologia marxista compartilham a visão de que o trabalho constitui o fato sociológico fundamental...” (Offe, 1986, p. 1). No entanto, é essencial destacar como essa relação com o trabalho se manifesta para as mulheres, especialmente as jovens universitárias, que enfrentam desafios específicos ao conciliar estudo e emprego.

É através do trabalho que os indivíduos podem se conectar à sociedade, sentir-se parte dela e dar significado à sua existência. Max Weber (2004) discute o papel do trabalho na vida das pessoas e na sociedade de maneiras que podem se relacionar com a afirmativa de que “o trabalho dignifica o homem”⁸, uma frase que ressoa fortemente ao explorar a importância da categoria trabalho. A ideia de que “o trabalho dignifica o homem” é amplamente propagada na sociedade capitalista, sendo associada ao crescimento pessoal e social. No entanto, para as mulheres, essa dignificação muitas vezes vem acompanhada de desigualdades, como a sobrecarga de responsabilidades e a precarização do trabalho feminino.

⁸ Para Weber (2004) o trabalho não é apenas uma questão de dignidade, mas está profundamente ligado a questões culturais e religiosas, era visto como uma vocação ou chamado, especialmente no contexto protestante, onde o sucesso no trabalho poderia ser interpretado como uma bênção divina ou uma evidência de salvação.

2.3 Gênero e trabalho

A ideia de gênero tem sido objeto de intenso debate nas ciências sociais, especialmente a partir do final do século XX, quando teóricas feministas começaram a questionar as construções históricas e culturais das identidades de gênero. Joan Scott (1995, p. 86) caracteriza gênero como "um elemento fundamental das relações sociais, fundamentado nas diferenças percebidas entre os sexos" e "uma maneira essencial de atribuir significado ao poder". Scott aprofunda as abordagens anteriores ao articular a ideia de construção social com a noção de poder, evidenciando seu papel no processo de produção do gênero. Scott (1994, p. 13) afirma que:

(...) tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (Scott, 1994, p. 3).

Para Judith Butler (2003, p. 55), gênero é uma performance, ou seja, uma construção social reproduzida por meio de práticas discursivas e corporais. A autora afirma que: "O gênero não deve ser concebido como uma identidade estável ou como uma expressão de um sexo biológico fixo, mas como um conjunto de atos repetitivos que produzem a ilusão de uma substância de gênero coerente". Essa abordagem contesta a concepção tradicional de gênero como algo inerente ou imutável, ressaltando seu caráter socialmente construído e performativo.

No caso das mulheres trabalhadoras-estudantes, a teoria de Butler possibilita compreender como as normas de gênero moldam suas trajetórias, impondo expectativas que afetam suas oportunidades tanto no ensino superior quanto no mercado de trabalho. A exigência de conciliar múltiplas responsabilidades, por exemplo, é frequentemente naturalizada como parte do papel feminino, perpetuando desigualdades estruturais. Além disso, a performatividade de gênero se expressa em barreiras simbólicas e institucionais que dificultam o acesso e a permanência das mulheres em espaços acadêmicos e profissionais de prestígio.

Tanto os estudos de Butler, quanto o de Scott contribuem para a compreensão do impacto das relações de gênero na divisão do trabalho, especialmente no âmbito educacional.

Ao se analisar o ensino superior, especialmente o curso de Pedagogia, compreende-se que historicamente, a docência tem sido uma profissão marcada pela feminização, com a pedagogia sendo uma área majoritariamente ocupada por mulheres. Esse fenômeno está relacionado, entre outros fatores, à associação cultural entre o trabalho pedagógico e o cuidado, uma atribuição historicamente destinada às mulheres (Louro, 1997). Essa visão não só mantém as disparidades salariais e restringe as possibilidades de crescimento na carreira, como também reforça a ideia de que a docência, especialmente na educação básica, é uma continuidade das responsabilidades maternas.

O trabalho das mulheres sempre esteve marcado por uma divisão sexual do trabalho, que as “conduziu” ao trabalho reprodutivo, não remunerado e invisibilizado pela sociedade. Para Silvia Federici (2004), essa divisão é a base da opressão feminina, uma vez que o trabalho reprodutivo é considerado parte da esfera privada, sendo naturalizado como “parte do dever feminino” (Federici, 2004, p. 18). Esse processo de subordinação coloca as mulheres em um papel secundário no mercado de trabalho, além de impor um fardo duplo, ao exigir delas que cumpram tanto o trabalho produtivo (remunerado) quanto o reprodutivo (doméstico e emocional).

Federici (2004) afirma que a invisibilização do trabalho doméstico tem repercussões diretas na vida das mulheres, afetando sua participação plena em outras esferas sociais, como a educação. Para as mulheres universitárias e trabalhadoras, essa dinâmica se reflete em uma sobrecarga que exige não apenas a dedicação ao trabalho acadêmico, mas também à manutenção da casa, filhos/as e outras responsabilidades. Isso leva a um esgotamento constante, que impacta o desempenho acadêmico e, muitas vezes, a saúde mental dessas mulheres.

2.4 Mulheres no ambiente universitário

Em um contexto universitário, em que o tempo e a dedicação são fundamentais, a mulher universitária que também está inserida no mercado de trabalho enfrenta ainda mais obstáculos. Guacira Louro (2009) ressalta que a presença das mulheres nas universidades, embora seja crescente, é ainda marcada pela continuidade das desigualdades de gênero, que se expressam na exclusão, na falta de representatividade e na precarização do trabalho acadêmico (Louro, 2009, p. 65). A autora argumenta que o ambiente acadêmico, embora se apresente como um espaço

de emancipação, frequentemente reproduz as lógicas de gênero, exigindo da mulher uma dedicação quase absoluta ao estudo, enquanto ela precisa conciliar com outras obrigações.

As mulheres, portanto, se veem forçadas a negociar constantemente o seu tempo e seu espaço, o que as coloca em uma posição de constante adaptação e flexibilização. Louro (2009) afirma que “o tempo das mulheres é marcado pela interrupção e pelo retorno constante aos espaços familiares e de cuidado, que não podem ser delegados” (Louro, 2009, p. 72). A experiência universitária para as mulheres trabalhadoras é muitas vezes uma caminhada marcada por esforços contínuos para equilibrar esses dois mundos: o acadêmico que exige dedicação e tempo não apenas em sala de aula, mas também em atividades extraclasse, e o mundo do trabalho, que demanda sua presença física e emocional.

A chamada tripla jornada (trabalho, estudo e cuidados da família e do lar) impõe um fardo significativo sobre essas mulheres, gerando uma série de dificuldades que podem levar a problemas de saúde mental e emocional. Para reforçar essa discussão, Souza et al (2021) comentam um estudo realizado por Oliveira e Temudo, (2006), com mulheres que trabalham e estudam, em que todas as participantes apontam o fato das dificuldades encaradas exclusivamente em função de sua condição de mulher:

todas as entrevistadas convergiram para o fato de que ser mulher agrava a dificuldade na gestão dos tempos de estudo, trabalho e família, momento em que os autores inferem a interiorização do papel tradicional da mulher-companheira, mulher-mãe e mulher dona de casa, cujas tarefas da família e da casa são percebidas como sendo inerentes ao seu sexo (Souza et al, 2021, p. 100)

Esses estudos desvelam o quanto os sentidos de permanência, bem como a qualidade de vida de estudantes mulheres, variam significativamente em função do gênero, afetando diretamente sua capacidade de equilibrar as demandas acadêmicas e profissionais com as responsabilidades domésticas. A sobrecarga resultante dessas inúmeras demandas não apenas intensifica o estresse e o cansaço, mas também contribui para uma sensação de desequilíbrio e comprometimento da qualidade de vida das estudantes mulheres.

Para muitas estudantes que são trabalhadoras e mães, a divisão do tempo entre essas três áreas é uma tarefa gigantesca. A jornada dupla de trabalho e estudo já é por si só uma grande fonte de estresse, e quando adicionamos as

responsabilidades parentais, essa pressão se intensifica ainda mais. A gestão do tempo torna-se um desafio constante, exigindo que essas mulheres desenvolvam estratégias para conciliar as tarefas acadêmicas e profissionais com o cuidado dos filhos e a manutenção do lar. De acordo com Julya Myrele Almeida e Lara Jordana Silva:

As mulheres estão em desvantagem durante seu processo de formação na universidade, porque constituem um grupo social com demandas específicas e, portanto, requerem atenção especial da instituição. Entre os/as estudantes com 1 filho/a, quase 60% são do sexo feminino. A proporção de estudantes desse gênero cai com o aumento do número de filhos/as, sugerindo que é mais difícil para as estudantes conciliar a maternidade e a vida acadêmica quando têm mais de um/a filho/a. (Almeida e Silva, 2023, p. 13)

O impacto dessa tripla jornada vai além do simples esgotamento físico. A sobrecarga de responsabilidades e as obrigações de ser uma profissional dedicada, uma estudante comprometida e uma mãe presente podem provocar um estresse crônico que em muitos casos acarreta o adoecimento mental, manifestado através de sinais de ansiedade, depressão e esgotamento extremo (estafa), comprometendo muitas vezes a sua integridade física e emocional.

Além disso, a ausência de um suporte adequado pode intensificar essas dificuldades. Muitas vezes, as instituições de ensino e os locais de trabalho não oferecem flexibilidade suficiente para acomodar as necessidades específicas de estudantes que também são mães. A falta de políticas de apoio, como horários de aula flexíveis, licenças-maternidade adequadas e programas de assistência no trabalho, agrava ainda mais a situação, deixando essas mulheres em uma posição desfavorável.

Para tentar amenizar esses desafios e promover um ambiente mais saudável e equitativo, é essencial que haja um reconhecimento das necessidades dessas estudantes e trabalhadoras. Políticas públicas e institucionais que proporcionem apoio adequado como acesso a creches e escolas no ambiente universitário são fundamentais, visto que “os espaços educativos e de socialização, como creches e brinquedotecas, dentro da universidade permitem que as mães possam exercer sua função enquanto estudantes universitárias, ofertando apoio e segurança” (Almeida e Silva, 2023, p. 16), em concordância com o que foi abordado por Dias e Soares, como apresento a seguir:

A creche, como um direito das mulheres-mães, não equivale à reafirmação de papéis historicamente atribuídos ao feminino pelo patriarcado, mas sim, considerá-las sujeitos de direitos e corresponsabilizar o Estado pela maternidade. A ausência destes equipamentos sociais traz reflexos para suas vidas. Obriga-as à adoção de arranjos diversos, para que possam usufruir de outros direitos, a exemplo da educação, trabalho, saúde, dentre outros. Por não disporem de um espaço adequado que assegure assistência e educação para os filhos e filhas, sujeitam-se a deixar suas crianças pequenas repletas de angústias e inseguranças, sob cuidados de vizinhos, parentes, outros filhos mais velhos ou até sozinhas. Realidade frequente também entre algumas estudantes universitárias na condição de mães. (Dias; Soares, 2019, p. 52).

Esse é um debate importante, mas que parece estar invisível aos olhos das instituições, em especial, à UFAL, instituição onde esta pesquisa está sendo desenvolvida. Alguns dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES (2018), corroboram esta questão. Segundo tal perfil, entre os/as graduandos/as estudantes da Universidade Federal de Alagoas que tem filhos/as, 89,1%, moram com a mãe. A mesma pesquisa mostra que durante o período de aula, os/as filhas/as de 0 a 5 anos (entre os/as graduandos/as que tem filhos/as) 75,9% ficam com os familiares, 3,9% dos/as graduandos/as traz o/a filho/a para a universidade, e apenas 2,2% frequentam a creche da própria universidade.

Recentemente, o núcleo de educação infantil da Ufal passou por mudanças administrativas, mas, como já dito anteriormente, o número de vagas ofertadas não consegue dar conta da demanda das estudantes que mais necessitam desses serviços, especialmente as da própria universidade. Em uma recente publicação por meio digital, membros da equipe diretiva do CApTV⁹ relatam dificuldades enfrentadas na instituição, de acordo com Aline da Silva Ferreira Aderne *et al* (2024, p. 3):

Após alcançar o status de Colégio de Aplicação, nosso processo de transição encontra-se em andamento e há muito a ser feito. Recentemente, conseguimos a autorização para 05 códigos de vagas para professores EBTT, que passarão a compor nossa equipe e estamos pleiteando mais técnicos para atuarem nas áreas de Psicologia, Nutrição e Enfermagem. A construção de um novo prédio é outro desafio, pois, até o momento, o CApTV funciona em um prédio antigo onde havia uma biblioteca, adaptado para as crianças. Além disso, é imprescindível atualizar os marcos regulatórios da instituição, nosso Projeto Político-Pedagógico e Regimento Interno, ambos precisam ser pensados e executados de forma coletiva, com a participação da equipe, das famílias e o protagonismo das crianças.

⁹ Colégio de aplicação Telma Vitória, localizado no Campus A.C Simões da Universidade Federal de Alagoas.

Para além da falta de estrutura e apoio financeiro e institucional das universidades com esse nicho de estudantes, há um outro ponto muito importante a ser debatido: o trabalho doméstico. O trabalho doméstico que inclui tarefas como limpar, cozinhar e cuidar de filhos/as e idosos/as, desempenha um papel crucial na vida cotidiana e no funcionamento das famílias, entretanto, frequentemente esse trabalho é invisibilizado e subvalorizado, como afirma Silvia Federice (2019, p. 41).

Para compreender melhor essa questão, é necessário analisar o trabalho doméstico por diferentes perspectivas teóricas e políticas. Federici (2029, p. 22) aponta que:

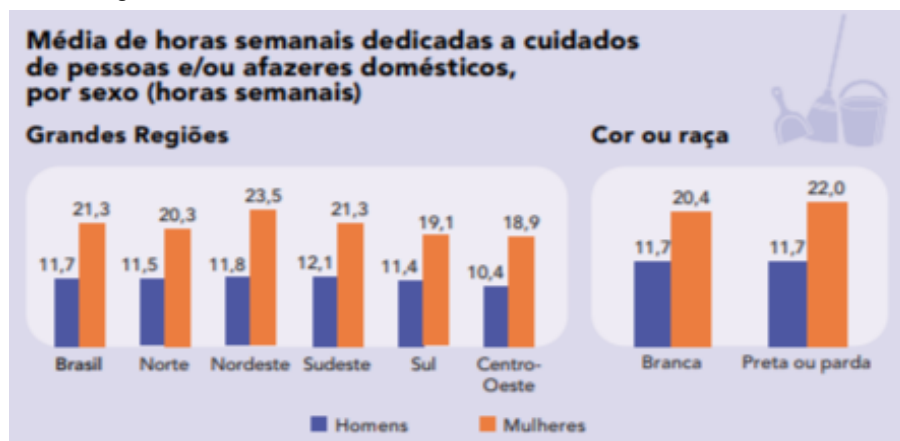
É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disfarçada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora.

O trabalho doméstico tem sido estudado sob a ótica sociológica, que explora a divisão de gênero, relações de classe e estruturas de poder (Federice, 2019). Historicamente, esse trabalho tem sido associado principalmente às mulheres e frequentemente não é remunerado. De acordo com uma pesquisa do IBGE (2018), 31% das mulheres disseram que não podiam trabalhar porque tinham que cuidar de afazeres domésticos, ou seja, na verdade, elas estavam trabalhando, sem serem consideradas na força de trabalho (DIEESE, 2018). Isso reflete e perpetua as desigualdades de gênero e classe, uma vez que o trabalho doméstico, ao não ser remunerado, contribui para a economia capitalista e patriarcal sem o devido reconhecimento social e econômico:

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta. (Federice, 2019, p. 42)

Dados mais atuais do IBGE (2022) mostram que as mulheres brasileiras gastam em torno de 21 horas semanais com os afazeres doméstico. Apresento a seguir o gráfico retirado da pesquisa que mostra um panorama mais amplo deste cenário:

Figura 1- Média de horas dedicadas aos cuidados domésticos.



Fonte: PNAD Continua – Outras formas de trabalho, 2022.

A teoria feminista destaca a importância do trabalho doméstico e reivindica seu reconhecimento e valorização. As feministas argumentam que o trabalho doméstico não remunerado sustenta a economia capitalista e patriarcal, portanto, deve ser redistribuído de forma mais igualitária entre todos os membros da família e da sociedade. Essa perspectiva busca tornar o trabalho doméstico mais visível e valorizado, questionando as normas estabelecidas e propondo uma mudança na forma como esse trabalho é encarado.

Assim, ao teorizar e politizar o trabalho doméstico (Federeci, 2019), pode-se compreender e buscar a transformação das dinâmicas sociais e econômicas que moldam a vida cotidiana, com vistas à construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

2.5 O que dizem os estudos sobre os desafios das mulheres trabalhadoras estudantes na universidade

2.5.1 O que dizem os estudos sobre trabalhadoras estudantes

Para compreender como outros estudos abordam os desafios enfrentados por mulheres trabalhadoras-estudantes foi realizado um estudo bibliográfico, de acordo com Minayo, 2009; Knechtel, 2014, nos sites SciELO Brasil e Google Acadêmico, com

os descritores: “trabalhador/estudante”, “estudante/trabalhador”, “ensino superior” e “jovens que estudam e trabalham”.¹⁰

Ao utilizar os descritores de buscas na plataforma Google Acadêmico e SciELO foram identificados quatorze resultados, sendo estes: sete artigos, duas teses de Doutorado, quatro Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e um resumo.

Os estudos identificados têm um papel crucial nas discussões das temáticas abordadas neste trabalho, entretanto, após o refinamento da pesquisa utilizando os critérios de inclusão e exclusão, optou-se pela análise de três artigos cujas temáticas se alinham com o foco deste estudo, sendo eles: **“As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores”** (2023) dos autores Patrícia Vieira Trópia e Davisson Charles Cangussu de Souza; **“Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador”** (2021) de Jean Marques de Souza, Roseane Santarosa de Sousa, Esther de Matos Ireno Marques; **“Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador”** (2023) das autoras Marcela Chavier Macedo e Karoline Gisele Martins de Aguiar.

O artigo **“As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais”** de Patricia Vieira Trópia e Davisson Charles Cangussu de Souza (2023) analisa os perfis de estudantes de universidades federais do Brasil, recorrendo aos seguintes “status”: estudante-ocupado/a, estudante-desocupado/a e estudante-não-trabalhador/a (Trópia e Souza, 2023) no intuito de traçar perfis socioeconômicos que se divergem e se encontram e como cada perfil afeta de alguma forma a vida universitária.

De início coloca um recorte histórico temporal sobre as políticas públicas que impulsionaram a expansão das universidades públicas, bem como o aumento no número de vagas nas universidades que já estavam na ativa. Não se pode deixar de lado também a proporção de políticas que permitiram que milhares de brasileiros/as também tivessem a oportunidade de cursar uma graduação nas redes privadas de ensino. Entretanto, a autora e o autor apontam que “essas alterações não significaram

¹⁰ Os critérios de inclusão foram artigos publicados em meios digitais que abordassem questões mais diretas sobre as dificuldades encaradas, programas de políticas públicas estudantis, saúde mental e a dupla ou tripla jornada de trabalho enfrentadas pelos/as estudantes-trabalhadores/as. Um outro critério de inclusão foi inserir os estudos realizados no Brasil, preferencialmente em instituições públicas de ensino superior. Por conseguinte, os critérios de exclusão foram: artigos/estudos que estivessem fora do período temporal de 2020 a 2023, resumos simples e monografias, artigos que focalizassem um curso de graduação em específico.

que o ensino superior brasileiro tenha se aproximado do padrão dos capitalistas centrais” (Trópia e Souza, 2023, p. 2).

Para a pesquisa, agrupam os/as estudantes a partir dos seguintes grupos: Grupo 1-Estudantes que trabalham; Grupo 2– Estudantes que não trabalham, mas estão à procura de trabalho; Grupo 3- Estudantes que não trabalham e não estão em busca de trabalho. Assim, os autores refletem sobre o quanto a dimensão “trabalho” tende a pesar nas vivências universitária e tendem a interferir na permanência de muitos/as estudantes.

Compreende-se que aquele/a estudante que não trabalha ou o/a “estudante-não-trabalhador/a” (Trópia e Souza, 2023) podem usufruir de melhores oportunidades universitárias, como por exemplo participar de congressos, iniciação científica, cursos de extensão que contribuem significativamente na formação. Por outro lado, cabe pontuar o meio termo em que se encontram os/as estudantes-desocupados/as que por sua vez apresentam preocupações geradas pela busca do trabalho para conseguir se manter, e essa preocupação acaba afetando diretamente na sua formação.

A autora e o autor discorrem em um tópico a parte o “Perfil socioeconômico e trajetória acadêmica dos estudantes das Ifes sob o prisma da ocupação” em que utilizam de algumas pesquisas nacionais para traçar o perfil estudantil, entretanto pontuam que “embora estudos dessa natureza possibilitem a análise da realidade de uma determinada área do conhecimento, não permitem compreendê-la em relação ao conjunto dos estudantes” (Trópia e Souza, 2023, p. 8) pelo fato de algumas terminologias serem excludentes, como por exemplo o requisito de “renda familiar per capita”, consideram que tal “fonte” não é adequado para análise completa da questão.

O artigo também discute a trajetória acadêmica, onde novamente esse aspecto se assemelha com os demais artigos analisados nessa pesquisa. Esse ponto explorará a questão da diferenciação da vivência universitária e trazer dados estatísticos que ajudam a dar ainda mais veracidade ao que está sendo discutido, conforme evidencio a seguir:

As respostas dadas pelos estudantes ocupados, desocupados e não-trabalhadores à pergunta sobre dificuldades acadêmicas também expressam claramente suas condições materiais de existência. Carga excessiva de trabalho constitui dificuldade acadêmica apontada por 34,0% dos ocupados, mas por apenas 3,1% dos não-trabalhadores e 3,8% dos desocupados. Já a carga excessiva de trabalhos estudantis, que varia segundo o turno e o curso frequentado, é a dificuldade acadêmica apontada por 29,5% dos não-trabalhadores, 22,5% dos desocupados e por 19,7% dos ocupados, indicando que, para estes últimos, são as demandas do trabalho, e em menor grau as exigências do estudo, seu maior problema. (Trópia; Souza, 2023, p. 17)

Os dados apresentados colaboram para as discussões, uma vez que é possível comparar os diversos perfis estudantis existentes e suas experiências enquanto estudantes de ensino superior. Vargas e Paula (2013) in Trópia e Souza (2023) destacam:

Apesar de a democratização ter ampliado o ingresso de setores das classes subalternas no ensino superior brasileiro, as políticas públicas de acesso e permanência não contemplam as especificidades do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, ainda que a maioria dos universitários brasileiros trabalhe ou esteja à procura de trabalho. (2023, p. 20)

Por fim, a autora e o autor consideram que os estudos sobre os/as estudantes universitários são fundamentais para compreender as disparidades existentes. Apontam também a importância da modalidade do ensino noturno para que os/as estudantes-trabalhadores/as possam usufruir de uma educação superior, bem como conciliar esses dois campos (trabalho e estudos). Outro ponto é que apesar das políticas públicas voltadas para o ensino superior, os/as estudantes-trabalhadores/as se deparam com inúmeras dificuldades não apenas para adentrar, mas também para permanecer.

O segundo artigo, denominado: **“Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador”** de Jean Marque de Souza, Roseane Santarosa de Souza, Esther de Matos Irene Marques (2021) apresenta, inicialmente, breves apontamentos sobre o conceito de qualidade de vida e os parâmetros que se relacionam a esta. Por conseguinte, os autores fazem uma análise sobre o acesso ao ensino superior e as estratégias para ampliação de vagas, permitindo que todas as classes sociais tenham acesso à educação superior. Entretanto, reconhecem que a permanência no ensino superior, entretanto, reconhecem que a permanência no ensino superior:

Muitas vezes estabelece relação de dependência com a situação financeira dos estudantes e, a partir daí, surge a necessidade de trabalhar, o que pode fazer com que haja sobrecarga de atividades, aumento de estresse, diminuição do tempo de descanso, dentro outros efeitos dessa relação de trabalho e estudo (Souza; Souza; Marques, 2021, p. 96)

O objetivo principal do artigo é estudar qualidade de vida dos/das estudantes que são trabalhadores/as, compreendendo que ao desenvolver as duas “funções”, os/as estudantes que trabalham podem sofrer implicações diretas no que diz respeito a sua qualidade de vida. Inicialmente, o estudo seria exploratório, mas, em decorrência a pandemia do Covid-19, ficou impossibilitada a realização, sendo assim,

o autor e as autoras fazem uma revisão sistemática de literatura acerca da qualidade de vida estudantil em comparação à rotina de um estudante que também é trabalhador. Ao todo, foram analisadas 31 pesquisas exploratórias.

Primeiro ponto debatido é o fator tempo, sendo esse um fator dominante e que interfere de maneira significativa nos índices de qualidade de vida estudantil, pois diversos estudantes precisam abdicar de seu tempo de descanso e lazer para conseguir dar conta das demandas atribuídas, como estudar para provas e seminários, escrever trabalhos e manter a leitura das disciplinas em dia.

Essas questões atravessam diretamente a desregulação do sono, da alimentação, bem como também no próprio rendimento acadêmico. Todas essas questões elencadas são fatores que afetam na saúde e qualidade de vida. “Mesmo com fins de semana livres de trabalho e estudo, é improvável que o aluno consiga satisfazer todas as atividades das quais necessita e tem vontade de realizar” (Souza; Souza; Marques, 2021).

O segundo tópico é voltado a saúde mental e emocional, sendo este o ponto de maior destaque na revisão sistemática realizada pelo autor e as autoras, “esse aspecto esteve representado por problemas como estresse, ansiedade, depressão, tensão emocional, fadiga, sobrecarga de atividades e necessidade de acompanhamento psicológico” (Souza; Souza; Marques, 2021, p. 99). Este é um ponto muito importante, pois são doenças que precisam ser devidamente tratadas, pois, podem acarretar o surgimento de tantas outras enfermidades como dependência de álcool e drogas, por exemplo, para amenizar todo o estresse ocasionado por essa dupla jornada.

Questões envolvendo o gênero feminino também são abordadas no artigo. As autoras identificam que as mulheres compõem a maior parte da população universitária, apontando ainda um dado alarmante “as mulheres, contudo, obtiveram menor performance de qualidade de vida quando comparada aos índices do sexo oposto em 11 casos em que foram realizadas essa comparação” (Souza; Souza; Marques, 2021, p. 100). Essa discussão sobre gênero é preocupante, pois como já citado neste artigo, as condições que são “impostas” para as mulheres é de ser a figura que precisa cuidar do lar e da família.

Aquelas que ousam sair desse padrão de “mulher do lar” precisam adotar estratégias que auxiliem na configuração de uma jornada tripla, mostrando a realidade de uma sociedade que embora atual, ainda tem fortes heranças de uma cultura

machista e misógina. Muitas dessas não contam com uma rede de apoio familiar ou do cônjuge, muitas delas sequer tem apoio ou incentivo para trabalhar e ou estudar. Diante dessas convergências, compreende-se o porquê de essas doenças psíquicas afetarem principalmente o gênero feminino.

Por fim, o último ponto discutido no texto refere-se aos aspectos motivadores. Partindo da premissa de que “no geral, são motivados a partir de uma perspectiva de um futuro promissor, buscando, através dos estudos, condições melhores que as atuais”. (Souza; Souza; Marques, 2021, p. 100), assim, pode-se dizer que grande parte dos/das estudantes tem como foco um futuro de melhores oportunidades financeiras, e são esses/essas aspectos que os fazem chegar a concluir um curso de ensino superior, mesmo em um percurso repleto de desafios e obstáculos.

O autor e as autoras consideram que a pesquisa desenvolvida por ele/elas poderá ser usada como base nas discussões em prol de melhores condições educacionais e sociais. Constatam também que os estudantes que precisam trabalhar tendem a desenvolver “mais aspectos não promotores de qualidade de vida” (Souza; Souza; Marques, 2021, p. 102), bem como assinalam a importância de se dar mais atenção as mulheres mães que são estudantes e trabalhadores, a fim de reduzir os índices de vulnerabilidade existentes no cotidiano destas.

O último artigo que dialoga com a pesquisa intitula-se: **“Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador”** das autoras Marcela Chavier Macedo e Karoline Gisele Martins de Aguiar (2023). Como o próprio título sugere, o estudo aborda questões relacionadas à saúde mental dos/das estudantes trabalhadores/trabalhadoras de instituições de Ensino Superior no Brasil por meio de uma revisão de literatura. A priori, compreende-se que aqueles/as estudantes oriundos/as das camadas populares existentes no país precisam recorrer ao trabalho para sustentar-se e ajudar a família a compor a renda básica.

Assim, essa dupla jornada requer mais tempo, dedicação e exclusividade destes/as que por sua vez acabam adoecendo devido as demandas que fazem parte do seu cotidiano. As autoras utilizam de aporte bibliográfico para discorrer sobre a porcentagem de prevalência de transtornos mentais (depressão, ansiedade e estresse) nos/as estudantes universitários/as.

Inicialmente as autoras fazem um breve recorte histórico sobre o acesso à educação brasileira, tendo em vista que por décadas esta era um privilégio daqueles que detinham poder e dinheiro, mas que a partir da década de 70 a inserção e

presença de pessoas de diversas classes sociais começam a mudar esse cenário. As autoras trazem alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2018) para elucidar o efeito positivo de programas de acesso ao ensino superior brasileiro. Cabe aqui destacar um desses: “de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2004) o perfil socioeconômico dos universitários, de ensino superior, de instituições federais, do Brasil, é composto por 65% de estudantes vindos das classes econômicas baixas. (Macedo e Aguiar, 2023, p. 2)

Um outro fator que chama a atenção é que as autoras afirmam que a população universitária é mais propensa a desenvolver doenças como depressão, ansiedade, estresse, e que principalmente aqueles/as estudantes que precisam trabalhar e estudar tendem a desenvolver essas doenças com maior propensão. Dito isso, o objetivo principal do artigo é investigar, por meio de revisão de literatura, as correlações entre a saúde mental e a dupla jornada de ser estudante e trabalhador/trabalhadora durante a graduação.

As análises de dados se deram através de pesquisas nas plataformas virtuais do Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e Periódicos Eletrônicos em Psicologia, utilizando os descritores: “universitário” “jornada de trabalho” e “saúde mental”, publicados entre os anos de 2016 e 2022. No geral, foram analisados 09 artigos que foram submetidos à análise das autoras.

Os resultados encontrados mostram que mais da metade dos estudos analisados abordam questões envolvendo a saúde mental, rendimento acadêmico e qualidade de vida. Por conseguinte, o âmbito da saúde mental também tem destaque, e apenas um artigo averiguou aspectos ligados as questões ideológicas. Diante disso, as autoras abordam, em tópicos, cada uma das questões citadas anteriormente.

Constataram também que “os estudantes universitários que precisam conciliar as atividades acadêmicas com a vida laboral estão mais propensos ao desenvolvimento de sofrimento e/ou patologias de ordem psíquicas” (Macedo e Aguiar, 2023, p. 13). Um outro ponto interessante colocado por elas, é de que nem todos os/as estudantes trabalhadores/as são prejudicados por essa dinâmica de dupla jornada que precisam encarar, pois partem do pressuposto de que cada indivíduo tem sua forma de vivenciar e encarar a vida.

Por fim, as autoras propõem o desenvolvimento ou reformulação de metodologias de ensino, tendo como objetivo contemplar os/as estudantes que são trabalhadores/as, visando a diminuição na sobrecarga psíquica e possibilitando uma

formação acadêmica com mais qualidade. Sugerem também que haja maior divulgação dos programas de suporte psicológico existentes nas universidades.

Os aspectos recorrentes identificados nos três artigos apresentam discussões acerca dos desafios em conciliar os estudos com o trabalho, fazendo com que o percurso formativo seja extremamente desgastante, considerando que gerenciar o tempo para realizar as exigências acadêmicas (como estudar para as aulas, entregar trabalhos, realizar provas) e atender as demandas profissionais (prazos apertados, bom ritmo de desempenho etc.) é uma tarefa árdua.

O cansaço emocional, físico e mental está constantemente presente na realidade desses/dessas estudantes que são trabalhadores/as, ocasionalmente levando ao esgotamento, e afetando as esferas estudantis e trabalhistas. Para além disso, a falta de tempo reservado para descansar e ter algum lazer, bem como para realizar atividades pessoais, compromete ainda mais a saúde e bem-estar desses/as indivíduos/as. Acerca disso, Souza *et al* (2021, p. 96) consideram que:

É um desafio para as instituições de ensino superior, portanto, promover a qualidade do ensino e aprendizado do estudante que se estabelece em dupla jornada. Estudos acerca da qualidade de vida desses alunos podem atuar como subsídio às políticas públicas que assessorem o desenvolvimento de melhores condições para a formação superior.

Uma outra similaridade entre os estudos analisados é que eles pontuam algumas questões que permeiam a permanência dos/das estudantes trabalhadoras/es diante das dificuldades para equilibrar a dupla/tripla jornada diária, ressaltando a importância das políticas públicas estudantis que possam contemplar esses/as sujeitos/as, “a fim de diminuir a sobrecarga psíquica, sem ocasionar prejuízos na qualidade da formação acadêmica do futuro profissional” (Macedo e Aguiar, 2023, p. 14).

Sobre as questões envolvendo gênero, o texto “Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador” é o único que faz esse recorte. Em seu tópico abordando o gênero feminino, o autor e as autoras constataram em suas pesquisas que a população universitária é majoritariamente composta por mulheres, mas que, apesar de ocuparem esses espaços, as mulheres obtêm menor desempenho relacionado à qualidade de vida (Souza *et al*, 2021), em comparação ao sexo masculino.

Tal constatação expõe as desigualdades de gênero que ainda hoje são tão marcantes nos espaços sociais. Os autores Souza *et al* (2021) apontam que uma das principais interferências são advindas dos papéis familiares, em que a mulher precisa desempenhar o papel de “dona de casa” e o materno¹¹ de maneira exclusiva, acarretando a sobrecarga das mulheres, principalmente para aquelas que desejam estudar e trabalhar fora do âmbito familiar.

Apesar de sua relevância, as questões envolvendo juventudes não foram abordadas de maneira detalhada ou específica em nenhum dos estudos analisados, limitando a compreensão integral das dinâmicas e desafios enfrentados por essa faixa etária. A falta de foco nesse segmento tende a resultar em políticas e ações institucionais que não atendem adequadamente às necessidades dos/das jovens, além de dificultar a compreensão de fatores que influenciam suas decisões, comportamentos e expectativas, provocando a generalização das questões que envolvem os/as jovens, ignorando nuances importantes relacionadas ao desenvolvimento social, econômico e psicológico dos jovens.

Através da presente pesquisa foi possível identificar como rotina da dupla ou tripla jornada afeta a formação e a vivência acadêmica das estudantes trabalhadoras, bem como foi possível compreender quais são as medidas/estratégias que elas adotam para conseguir permanecer no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas.

Por meio das análises dos artigos para a fundamentação teórica deste trabalho, foi possível mapear e identificar como a temática está sendo abordada acerca das condições estudantis universitárias no Brasil. As análises confirmam o pressuposto deste trabalho, de que as oportunidades ainda são desiguais para os/as jovens universitários/as, e, fazendo uso do título de um dos artigos analisados, pode-se afirmar que “as portas permanecem semiabertas”, principalmente para os/as trabalhadores/as-estudantes.

Foi possível constatar que os/as autores/as se preocupam em investigar e compreender sobre como o âmbito da saúde e de qualidade de vida desses/as trabalhadores/as-estudantes e estudantes-trabalhadores/as são afetados tanto pelo cotidiano acadêmico, quanto pela rotina trabalhista. A questão da saúde mental é uma pauta muito importante, mas ainda é pouco discutida nas universidades públicas do

¹¹ O termo faz referência a estar disponível física e emocionalmente para acolher e suprir as demandas que surgem, desde o momento do nascimento da criança até o início da idade adulta.

Brasil, sendo necessário o planejamento de ações mais eficazes, com horários flexíveis, que para que todos/as possam usufruir de apoio psíquico.

Nos artigos analisados, as estratégias de permanência adotadas se resumem a questão de abdicação de tempo de descanso e lazer para conseguir realizar os estudos necessários para obter notas dentro da média. Não foi citado em nenhum dos artigos programas que estejam direcionados de forma exclusiva para a permanência dos/das estudantes que são trabalhadores/as, o que leva a reflexão do quanto seria importante a criação de programas e estratégias voltadas para a permanência dos/das estudantes, principalmente nos cursos do turno noturno.

No que diz respeito aos impactos ocasionados pelo trabalho no âmbito estudantil, pode-se considerar as inúmeras horas dedicadas ao trabalho, fazendo com que o/a trabalhador/a-estudante chegue à universidade com pouca energia e baixa motivação para realizar atividades e participar das aulas, afetando assim, no seu rendimento, bem como atrapalhando as chances dos/as estudantes vivenciarem projetos de extensão, de pesquisa. Nota-se também que falta uma melhor compreensão/análise sobre os perfis do/da “estudante-trabalhador/a” e do/da “trabalhador/a-estudante”, visto que são dois casos diferentes.

No campo da teoria feminista contemporânea, bell hooks (2000) traz uma abordagem interseccional sobre o trabalho das mulheres, enfatizando como as desigualdades de gênero, raça e classe se entrelaçam e impactam as condições de trabalho. hooks propõe que as mulheres, ao resistirem a essas múltiplas formas de opressão, estão constantemente renegociando suas identidades e sua posição dentro da estrutura de poder, seja no trabalho doméstico, acadêmico ou remunerado. Para hooks, a emancipação das mulheres não está apenas na mudança das condições de trabalho, mas também na transformação das relações de poder que perpetuam essas desigualdades.

Portanto, ao pensar no trabalho das mulheres universitárias como forma de resistência, é fundamental compreender que essa resistência não se limita à busca por melhores condições de trabalho. Ela envolve, sobretudo, a contestação das estruturas de poder que impõem uma divisão desigual do trabalho, que subordina as mulheres às suas múltiplas responsabilidades, sem reconhecimento ou valorização. O trabalho, nesse contexto, se configura como um campo de ação no qual as mulheres não apenas reproduzem as normas estabelecidas, mas também as desafiam, criando espaços para sua própria autonomia e transformação emancipada.

Essas perspectivas de resistência mostram que, mesmo sob as condições adversas de precarização e sobrecarga, o trabalho das mulheres universitárias é, ao mesmo tempo, um espaço de subordinação e de luta por liberdade. Ao conciliar múltiplos papéis e responsabilidades, as mulheres, em seu trabalho, reconfiguram as narrativas sobre o que significa ser mulher, mãe, trabalhadora e estudante. O trabalho das mulheres, assim, não é apenas um reflexo da opressão, mas também um ponto de partida para a criação de novas formas de organização social, econômica e política, baseadas na equidade e no reconhecimento das diversidades de experiência feminina.

Faz-se necessário também debater sobre as questões de permanência em seu sentido complexo, a partir de suas dimensões materiais e simbólicas. Considera-se que ambas devem ser garantidas aos/as estudantes para que possam assim, desfrutar de uma formação de qualidade.

2.6 Tratando o “trabalho” como engajamento nas atividades da vida universitária.

Na escola o trabalho ocorre a partir da mobilização nas atividades escolares, sendo assim, é preciso uma atividade intelectual para apreender a cultura acadêmica. É necessário tempo para estudar. Como os/as trabalhadores/as são sobrecarregados com trabalhos precários têm dificuldades de entrar nas lógicas dos estudos acadêmicos, da afiliação universitária etc. Para Bernard Charlot (2009, p. 94):

De três pontos de vista a atividade escolar pode ser considerada um trabalho. Exige esforço e gasta energia. Funciona sob condições de tempo, espaço, material e é avaliada. Por fim, desenrola-se num quadro social. Portanto, ela apresenta certas características do trabalho. Aliás, pelo menos na França, as crianças novas, em especial na educação infantil, fazem questão de dizer que, na escola, trabalham. Ter uma atividade social e séria fora de casa, como os pais, atesta que já se é “grande”.

Segundo Bernard Charlot (2009), é preciso compreender que a vida universitária em toda a sua complexidade exige mais do que o cumprimento das tarefas acadêmicas e vai além da simples absorção de conteúdo. Ela envolve um trabalho intelectual mais aprofundado, que exige a compreensão das lógicas específicas de aprendizagem da cultura acadêmica, dedicação aos estudos e participação ativa nas diversas dimensões da vida universitária.

Na esfera do ensino superior, ao chegar na universidade os/as alunos/as precisam imergir na cultura acadêmica, que inclui não apenas o conteúdo específico de cada disciplina, mas também os métodos, formas de pensar, e as normas que caracterizam o mundo acadêmico. Esse processo de imersão exige um esforço significativo, pois envolve a adaptação às novas formas de trabalho intelectual, o desenvolvimento de habilidades críticas e a construção de uma postura reflexiva em relação ao conhecimento.

Coulon (2017) enfatiza que sentir-se parte da comunidade acadêmica requer a construção de uma identidade pessoal e a internalização das expectativas institucionais. O reconhecimento e opinião de colegas e professores/as são componentes essenciais que ajudam a fortalecer essa conexão. Portanto, a capacidade dos/as alunos/as de participar ativamente da vida universitária e de se sentir parte integrante dela está fortemente ligada ao sucesso acadêmico e ao desenvolvimento pessoal.

Dessa forma, os desafios da afiliação estão ligados tanto ao trabalho intelectual quanto a participação na vida universitária. A participação ativa em atividades acadêmicas e a dedicação aos estudos são necessárias para que os alunos entendam e se integrem à cultura universitária. Isso resultará em uma experiência acadêmica mais rica e satisfatória. Para Coulon o/a estudante afiliado/a:

sabe transformar as inúmeráveis instruções do trabalho intelectual em ações práticas: ele descobriu a praticidade das regras e começa a se tornar um membro competente, uma pessoa dotada da cultura exigida, que atribui o mesmo sentido às mesmas palavras e aos mesmos comportamentos. (Coulon, 2017, p. 1247)

A formação pessoal e profissional é potencializada quando as pessoas se esforçam continuamente para se sentirem parte da comunidade acadêmica e serem reconhecidas na vida universitária, ou seja, terem possibilidade de se envolver no ensino, pesquisa e extensão. Tal fato também é fundamental para o sucesso na vida universitária.

2.7 Quem é o/a jovem estudante-trabalhador/a e jovem o/a trabalhador/a-estudante?

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que a pesquisa com jovens estudantes universitários/as deve considerar a juventude como composta por sujeitos

plurais e a diferenciação entre ser estudante-trabalhador/a e trabalhador/a-estudante. A seguir, apresentam-se essas duas dimensões e as diferenças entre as “categorias”, destacando que esta pesquisa focaliza principalmente as jovens mulheres trabalhadoras-estudantes.

Para tratar da questão das juventudes faz-se necessário apresentar alguns dados importantes. De acordo com o Atlas da Juventude (2021) em 2020 o Brasil tinha cerca de 50 milhões de jovens, número esse que representa aproximadamente $\frac{1}{4}$ de toda a população Brasileira. A mesma pesquisa mostra que cerca de 14,7 milhões desses jovens vivem em situação de pobreza.

A razão para iniciar o tópico com esses dados é ressaltar que não é viável tratar a juventude de forma homogênea, considerando, por exemplo, as múltiplas interseccionalidades que atravessam os/as jovens. O conceito de juventudes ganha força por meio da Sociologia da Juventude, e Reis (2024, p. 4) pontua que:

Sociologia da Juventude, com a qual estabelecemos o diálogo, tem buscado desconstruir representações homogeneizantes da juventude como fase da vida, como desviante, como imatura, como um modelo cultural e propõe que a categoria juventude é socialmente construída. (Reis, 2024, p. 4).

É nesse sentido que esta pesquisa também foca em como as jovens universitárias conciliam estudo e trabalho. Adoto, assim, a perspectiva de Dayrell, que propõe analisar as juventudes no plural, compreendendo que:

[...] entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. (Dayrell, 2003, p. 4)

Apesar dos termos “estudante-trabalhador/a” e “trabalhador/a-estudante” soarem semelhantes, seus significados são antagônicos. O estudante-trabalhador/a nada mais é do que aquele/a indivíduo/a que busca ter experiências na área em que estuda, entretanto, o trabalho não é sua “condição” de vida, é uma espécie de escolha,

pois sua principal motivação é estudar, o trabalho é opcional e não configura sua condição de vida, não afetando diretamente sua estabilidade financeira individual ou familiar.

Por outro lado, o/a trabalhador/a-estudante é aquele/a cuja prioridade é o trabalho, visto que dele dependem as condições básicas. Embora busquem nos estudos uma via de aperfeiçoamento e de crescimento pessoal e social, a condição de trabalhador/a sobrepõe-se à de estudante, considerando que, embora muitos sintam a necessidade de estudar, nem sempre a vida estudantil é compatível com a rotina trabalhista. Isso faz com que a maioria precise abdicar de horas de descanso ou lazer com amigos/as e família, ou abandonar os estudos no meio do percurso, ou em casos mais extremos, nem sequer tentem ingressar no ensino superior. Foracchi (1977, p. 51) explica que o/a trabalhador/a:

escolhe um curso que não se incompatibilize com o trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. O trabalho faz com que o curso tenha importância acessória. No caso anterior, a necessidade de trabalhar colocava o curso em plano secundário, mas nesse caso o sucesso no trabalho realiza-se às expensas do curso. Isso não significa que ele seja abandonado, mas, simplesmente que é redefinido em termos do interesse mais amplo que o trabalho apresenta. A acomodação entre estudo e trabalho raramente redundará numa integração harmônica das duas atividades. Com frequência impõe-se uma cisão, com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação.

As dificuldades financeiras resultam na necessidade dos/das jovens de adentrar no mercado de trabalho cada vez mais cedo para conseguir suprir não apenas as suas próprias necessidades, mas também contribuir com a renda familiar. A grande questão é que o ofício do trabalho, em sua grande maioria, exige uma carga horária extensa de dedicação física e mental.

Vargas e Paula (2012, p. 265) apontam que: “por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização”. Essa etapa da vida de tantos jovens configura-se como um verdadeiro dilema, onde se faz necessário equilibrar as duas esferas para obter não apenas uma formação adequada para o mercado de trabalho, mas também de ter reconhecimento social. Miguel Arroyo (2017, p. 43) aponta a necessidade de “reconhecer como ponto de referência os próprios jovens-adultos como membros de coletivos sociais, raciais, de gênero classe... Reconhecê-los sujeitos de direitos. O primeiro porque lutam: o direito do trabalho”.

Compreende-se que as questões sociais iniciam-se desde antes desses estágios de formação, mas que ficam acentuadas na fase de transição do torna-se adulto. Em consonância ao parágrafo anterior, os fatores sociais são por si só um grande problema para adentrar em uma universidade pública, seja pelos fatores de desigualdades de oportunidades, ou pela dificuldade em manter-se na instituição. Diante disto, Ristoff (2011, p. 162) afirma que:

Se a palavra de ordem da década passada foi expandir, a desta década precisa ser democratizar. E isto significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados.

É importante pontuar que os/as estudantes que são trabalhadores/as acabam ficando para trás em relação aos demais, Arroyo (2017, p. 45) indaga: “Que saberes sobre a condição de trabalhadores destacar? Se o trabalho é estruturante de seu viver-sobreviver, de sua identidade social, de classe, não deverá o trabalho ser estruturante do currículo, da proposta pedagógica?”, Trata-se de um ponto fundamental, considerando que já lidam com os inúmeros desafios para conseguir dar conta do mínimo que lhes é atribuído dentro da sala de aula.

Sendo assim, torna-se quase impossível que esses/essas tenham as mesmas oportunidades que os/as demais estudantes de participar de cursos e programas de extensão que poderiam lhe proporcionar uma vivência acadêmica e uma formação diferenciada.

Outro ponto a ser considerado além da jornada dupla dos/das estudantes, é a existência da jornada tripla encarada pelas trabalhadoras-estudantes que são mães. Se conciliar o trabalho remunerado com os estudos já é por si só um grande desafio, inserir a maternidade nessa dinâmica torna-o ainda maior. Assim como tantos outros indicadores, o de gênero é de fundamental importância tendo em vista que há questões que podem dificultar a sua permanência no ensino superior.

Para exemplificar as questões tratadas anteriormente, são apresentados alguns dados locais que permitem uma compreensão mais ampla, assim, segundo o Perfil socioeconômico e cultural dos/as estudantes da UFAL (2020) as mulheres

ocupam 56,1% das vagas ofertadas¹². No campus A. C. Simões¹³, local onde a presente pesquisa foi desenvolvida, o percentual de matrículas do sexo feminino é 52,6%.

A mesma pesquisa mostra que 68,5% dos/as estudantes solteiros/as são do sexo feminino. Os dados apresentados contribuem para uma reflexão sobre as formas que essas estudantes que são mães e trabalhadoras precisam adotar medidas para conseguir dar continuidade aos estudos e se manter na universidade.

Diante disto, cabe apontar que no Campus A. C. Simões quase não há políticas afirmativas para auxiliar e garantir a permanência dessas estudantes. A instituição conta com o Colégio de Aplicação Telma Vitória¹⁴ (CApTV), que é um espaço educativo destinado para os filhos dos servidores e estudantes da UFAL, e atende uma parcela de crianças que residem nas proximidades. Apesar de sua existência, as vagas ofertadas são insuficientes para atender à demanda.

Algumas pautas já foram levantadas pelos estudantes do Centro de Educação da instituição para que a universidade implantasse uma nova creche, mas até o presente momento nenhuma nova medida acerca disto foi instaurada.

Ao tratar de jovens estudantes e trabalhadores/as é possível refletir também a questão do quanto a moratória social é algo tão distante para os/as jovens das camadas populares, uma vez que por diversas razões, os/as jovens se veem com inúmeras responsabilidades desde novos. Por moratória social, Luís Antônio Groppo (2015, p. 18) a descreve como um:

Período destinado à juventude a errar para aprender, como se nada soubessem sobre a vida em sociedade. A moratória social torna-se um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil.

Se para ter o básico (como acesso à educação) os/as jovens precisam ultrapassar grandes obstáculos, pensar em um período de moratória para eles seria quase que impossível dentro de sua realidade, uma vez que, sem trabalhar, seriam taxados de preguiçosos/as e desocupados/as. Para além das responsabilidades que

¹² Vagas ofertadas nos três campus da Universidade Federal de Alagoas.

¹³ Campus central, localizado no bairro Tabuleiro dos Martins, na cidade de Maceió, Alagoas.

¹⁴ De acordo com Aderne *et al* (2024) o Colégio de Aplicação atende 96 crianças de 2 a 5 anos de idade, filhas/os de estudantes, servidores/as e moradores/as dos arredores da universidade.

precisam assumir desde cedo, estes jovens advindos das camadas populares enfrentam um outro grande desafio que é o acesso limitado a uma educação que de fato seja de qualidade, e de oportunidades profissionais que lhes permitam crescer.

Pierre Bourdieu (1983) destaca como o sistema educacional, ao favorecer certas formas de capital cultural e social, pode perpetuar desigualdades existentes na sociedade, tornando mais difícil para pessoas de origem menos privilegiadas competirem em um sistema que valoriza predominantemente certos tipos de habilidades e conhecimentos.

Embora tanto as estudantes-trabalhadoras quanto as trabalhadoras-estudantes enfrentem desafios na conciliação entre trabalho e estudo, este trabalho opta por focar nas mulheres trabalhadoras-estudantes, ou seja, aquelas que precisam trabalhar para conseguir continuar estudando. Essa escolha se justifica pelo fato de que essas mulheres, além das dificuldades comuns à dupla jornada, muitas vezes lidam com a sobrecarga de responsabilidades domésticas, familiares e a precarização do trabalho.

Com base na pesquisa bibliográfica, os estudos encontrados indicam que a desigualdade de gênero no mundo do trabalho impacta diretamente a trajetória educacional das mulheres, tornando-as mais vulneráveis à evasão ou à conclusão dos estudos mais tardia. Dessa forma, ao direcionar a análise para esse grupo específico, pretende-se evidenciar os obstáculos estruturais que limitam seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

3. DESAFIOS DE AFILIAÇÃO E PERMANÊNCIA PARA MULHERES UNIVERSITÁRIAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

A permanência no ensino superior envolve fatores materiais e simbólicos. Segundo Reis (2016), a permanência material depende de auxílios financeiros e infraestrutura, enquanto a simbólica está ligada ao sentimento de pertencimento acadêmico. Este capítulo analisa como estudantes-trabalhadoras enfrentam esses desafios e o impacto da sobrecarga de trabalho em sua trajetória universitária.

3.1 Período de afiliação (grandes desafios).

Sabe-se que os/as jovens das camadas mais populares enfrentam um processo de inserção no ensino superior mais complexo devido às desigualdades sociais, educacionais e econômicas. Desde a educação básica esses/as jovens precisam lidar com a falta de recursos e de uma formação de qualidade, o que prejudica sua preparação para os desafios do ensino superior.

Além disso, as dificuldades financeiras, como a incapacidade de arcar com os custos de transporte, materiais e moradia, tornam-se barreiras adicionais que limitam suas oportunidades. Essas desigualdades não só dificultam o acesso, mas também comprometem a permanência simbólica e material dos/das estudantes nas universidades, criando um cenário onde muitos/as não conseguem completar sua trajetória acadêmica ou até mesmo desistem de ingressar, dada a complexidade das condições que enfrentam.

Embora avanços como a expansão de vagas nas universidades públicas e instituições privadas tenham sido alcançados através de programas como Reuni, Prouni¹⁵, Fies¹⁶, um longo caminho ainda precisa ser percorrido para que as chances de entrada e permanência dos/das estudantes, principalmente os oriundos de camadas populares, possam ser garantidas. Deve-se pensar em ações afirmativas que possam de fato atender a demanda existente e de maneira efetiva.

¹⁵ PROUNI é a sigla de Programa Universidade para Todos, programa do Governo Federal que concede bolsas de estudos em instituições de ensino superior da rede privada.

¹⁶ FIES é a sigla de Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação do ensino superior de estudantes da rede privada.

De acordo com a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos da IFES¹⁷ (2018)¹⁸, as dificuldades financeiras são a maior causa que faz com que os/as estudantes pensem em abandonar o curso, sendo a segunda causa atrelada a carga de trabalho acadêmico, e a terceira ligada as dificuldades em conciliar trabalho e estudo. A pesquisa mostra também que dentre as taxas de trancamento geral da matrícula, 22,1% são causadas por motivos de trabalho.

A chegada ao ensino superior é marcada por situações sociais complexas que estão presentes no período de afiliação, onde os/as estudantes precisam se adaptar as normas, horários, regras estabelecidas, passando a adotar novos hábitos para enfim se fazer parte enquanto membro da instituição de ensino, Alain Coulon (2017, p. 1246-1247) vai pontuar em seus estudos três fases que constituem o processo de afiliar-se, sendo estas: 1- tempo de estranheza; 2º- tempo de aprendizagem; 3º - tempo de afiliação.

De acordo com Coulon (2017, p. 1249) o tempo de estranheza é quando os/as estudantes passam pela fase em que se deparam com uma nova esfera de ensino, onde há regras, horários e exigências que se divergem dos antigos padrões vivenciados no ensino médio. O tempo de aprendizagem o autor vai se referir como “vivido de forma dolorosa”, onde os/as estudantes estão num meio termo entre desconhecer seu passado escolar e ainda não ter um futuro universitário/profissional.

O tempo de afiliação vai se constituir pela fase em que os/as estudantes já conseguem se adaptar as exigências que fazem parte do seu cotidiano estudantil, capaz de “reconhecer e assimilar as rotinas e as evidências do trabalho intelectual”. Diante da descrição das fases de afiliação, Coulon (2017, p. 1247) conceitua que afiliação diz respeito ao:

processo pelo qual alguém adquire um estatuto social novo. Os estudantes que não conseguem se afiliar fracassam: o ingresso na universidade é em vão se não se faz acompanhar do processo de afiliação ao mundo intelectual em que entraram frequentemente, sem saber verdadeiramente que estavam entrando.

Capta-se então que o processo de afiliação é uma etapa da vida acadêmica que pode ser considerada crucial, aqueles que não conseguem “afiliar-se” tendem a desistir da formação, pois não conseguem se adequar aos padrões que a universidade

¹⁷ IFES é a sigla utilizada para Institutos Federais de Ensino Superior.

¹⁸ Documento que apresenta os principais dados sobre os estudantes das Universidades Federais do Brasil.

demanda. É necessário um olhar atento para esses/essas estudantes que estão vivenciando este processo, principalmente os/as estudantes que trabalham, para que possam ter um suporte através de políticas afirmativas ofertadas pela instituição em que estuda, a fim de garantir não apenas a sua permanência, mas oportunidades para vivenciar tudo aquilo que o ensino superior tem a oferecer.

Seguindo o raciocínio, o processo de afiliação é basicamente uma forma dos estudantes se apropriarem da cultura acadêmica, para tanto, cabe pontuar o que é cultura. Para Edgar Morin (2011, p. 56) ela pode ser:

Constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade, mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Dessa forma, assimila-se que cultura acadêmica está ligada aos processos e práticas educativas e formativas realizadas pelos/as indivíduos/as dentro da universidade. A cultura acadêmica tem suas inúmeras facetas, que vão desde a relação com os saberes e processos de socialização, até a forma em que os/as estudantes vivenciam a universidade. Todos esses pontos aqui citados vão corroborar de maneira direta no sentido de pertencimento dos/das estudantes ao ambiente em que estão inseridos, bem como também na construção de identidade dos/das envolvidos/as. Sobre identidade, Stuart Hall (2000, p. 111) a descreve como:

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre os discursos e práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e os processos que produzem subjetividades, que constroem como sujeitos aos quais se pode falar.

Diante da compreensão de cultura acadêmica e de construções de sentidos sociais e identitários, cabe pontuar que os/as estudantes que são trabalhadores acabam ficando para trás em relação aos demais, tendo em vista que já lidam com os inúmeros desafios para conseguir dar conta do mínimo que lhes é atribuído dentro da sala de aula, sendo assim, torna-se quase impossível que esses/as tenham as mesmas oportunidades que os/as demais estudantes de participar de cursos e

programas de extensão que poderiam lhes proporcionar uma vivência acadêmica e uma formação diferenciada.

3.2 Sentidos da permanência

Segundo Bourdieu e Passeron (1975), o conceito de "capital cultural" é central para a compreensão da permanência no ensino. Eles argumentam que as desigualdades sociais se refletem no sistema educacional, onde estudantes provenientes das chamadas classes populares têm menos recursos simbólicos e culturais para lidar com as exigências acadêmicas.

A falta de um capital cultural equivalente ao dos estudantes oriundos de classes sociais privilegiadas pode, portanto, dificultar sua adaptação ao ambiente universitário e comprometer sua permanência. Como exemplo, Clarice, uma das entrevistadas, descreve uma situação presente em seu cotidiano:

na autoestima intelectual impacta bastante. E assim, para quem veio de escola pública, a educação realmente é meio defasada, a gente sempre bate quando entra na faculdade. A gente sempre, de alguma forma, não foi preparado para estar ali, para estar naquele ambiente. É uma sensação péssima, de você fazendo trabalho e você sentir que não ficou bom, ou que de ciclando está melhor que seu. E que isso vai impactar de alguma forma em como você se vê e como você constrói a sua imagem acadêmica. É uma sensação horrível dentro dos estudantes. Eu falo dentro dos estudantes porque eu sei que isso não acontece só comigo.
(Clarice Lispector, entrevista realizada no dia 31 de janeiro de 2025).

Faz-se necessário compreender que tal permanência, portanto, envolve múltiplas dimensões, como as condições estruturais e apoio institucional, que, segundo Reis, refere-se às condições materiais de permanência e, também, à construção de um sentimento de insegurança em relação à própria capacidade de aprender, referente à dimensão simbólica que atravessa a possibilidade ou não de permanência. Quando tratamos de trabalhadoras-estudante, compreende-se a permanência por meio dessas nuances principais, tanto material e como simbólica.

A permanência simbólica refere-se às vivências do cotidiano estudantil, nas quais os/as estudantes começam a se integrar à comunidade acadêmica e passam a compreender as regras e códigos existentes dentro da universidade, e com isso, constroem sua identidade universitária, portanto, compreende-se que fatores como a exclusão, inadaptação e discriminação tendem a impedir a permanência simbólicas dos/das universitários/as (Reis, 2016, p. 89).

Compreende-se que ambas devem ser garantidas aos estudantes para que possam, assim, desfrutar de uma formação de qualidade, entretanto, longos passos ainda precisam ser dados para um futuro de oportunidades iguais para todos/as. Para Charlot (2000), a permanência no ensino está associada ao sentido que o estudante atribui ao aprendizado. O autor enfatiza que a relação com o saber não é apenas uma questão cognitiva, mas também social e identitária. Segundo ele, “o aluno não estuda apenas para aprender conteúdos, mas para se constituir como sujeito em um determinado contexto” (Charlot, 2000, p. 55).

Isso significa que jovens que conciliam estudo e trabalho podem apresentar maiores desafios na construção dessa relação, especialmente quando as dificuldades materiais ou a falta de apoio institucional desestimulam sua trajetória acadêmica.

Dias Sobrinho (2005) destaca que a evasão e a permanência são fenômenos interligados, sendo necessário que as instituições de ensino superior desenvolvam políticas de assistência estudantil para garantir condições adequadas de aprendizagem. O autor ressalta que a permanência não se resume à presença física na sala de aula, mas à efetiva participação e integração do estudante na vida acadêmica (Sobrinho, 2005).

No que tange aos sentidos da permanência material, trata-se, então de condições e acessibilidade a materiais necessários para se manter no curso. Essas condições vão desde a compra de materiais didáticos, de xerox, e acessórios tecnológicos que possibilitem seus estudos, até mesmo as questões de conseguir arcar com custos de transporte, alimentação, dentre outros. No que concerne às discussões voltadas aos estudantes-trabalhadores/as, Reis evidencia que:

Na busca por condições de permanecer materialmente na universidade, alguns estudantes podem, também, abrir mão de vivenciar a universidade em sua plenitude para poder trabalhar e essa escolha tem impactos na permanência simbólica, já que repercute de forma distinta sobre o desempenho e sobre a vida acadêmica. Aqueles envolvidos em atividades que lhe consomem grande parte do tempo e que não mantêm qualquer ligação com a área de estudos, enfrentam grande dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho, pois o tempo para se dedicarem à leitura de textos e realização dos trabalhos acadêmicos é exíguo, o que contribui para alguns resultados insuficientes e atraso no curso (Reis, 2016, p. 86)

Para elucidar a fala de Reis, trago um trecho da fala de Anália sobre questões de permanência no ensino superior e sobre o quanto a permanência material foi e

ainda é um grande percalço na vida estudantil de tantos/as jovens no nosso país, em especial, os de classes sociais menos favorecidas:

eu acho que se eu entrasse em uma situação muito complicada, socialmente, financeiramente, familiar, e eu precisasse muito de dinheiro, infelizmente o que a gente teria que abrir mão é o estudo porque isso é uma realidade muito cruel, cruel demais, porque uma vez eu vi na internet uma pessoa falando “você percebe que o mundo não é igual para todo mundo quando você passa em uma universidade federal mas você não pode cursar porque é integral” quando eu vi isso eu falei caramba isso é uma realidade muito cruel. (Anália Franco, entrevista realizada no dia 04 de julho de 2024).

Dias Sobrinho (2005) destaca que a evasão e a permanência são fenômenos interligados, sendo necessário que as instituições de ensino superior desenvolvam políticas de assistência estudantil para garantir condições adequadas de aprendizagem. O autor ressalta que “a permanência não se resume à presença física na sala de aula, mas à efetiva participação e integração do estudante na vida acadêmica” (Sobrinho, 2005, p. 103).

Através dos estudos realizados para a presente pesquisa foi possível identificar que as estratégias de permanência adotadas por jovens que estudam e trabalham se resumem a questão de abdicação de tempo de descanso e lazer para conseguir realizar os estudos necessários para obter notas dentro da média, o que leva a reflexão do quanto seria importante a criação de programas e estratégias voltadas para a permanência dos/das estudantes, principalmente nos cursos do turno noturno.

3.3 Programas e políticas estudantis na Universidade Federal de Alagoas.

Para o presente subitem, cabe pontuar a diferença entre programas federais e políticas públicas estudantis. As políticas públicas estudantis são ações desenvolvidas por instituições de ensino, governos estaduais ou municipais com o objetivo de garantir a permanência e o sucesso dos/das estudantes no ambiente acadêmico. Elas podem incluir auxílios financeiros, serviços de apoio psicológico, moradia estudantil, entre outros.

Já os programas federais são iniciativas criadas e regulamentadas pelo governo federal, com alcance nacional, visando atender a demandas específicas da educação, como acesso, permanência e equidade. Esses programas geralmente

possuem financiamento próprio e são implementados por meio de portarias, decretos ou leis.

A UFAL adota diversas práticas e iniciativas dentro de um contexto mais amplo de inclusão e diversidade, que, embora não sejam exclusivamente voltadas para as mulheres, têm um impacto positivo no ambiente acadêmico e podem beneficiar diretamente. A universidade implementa políticas de ações afirmativas, como as cotas para estudantes oriundos de escolas públicas, além de grupos negros/as e indígenas, o que também inclui mulheres dessas populações. Essa política de âmbito federal tem como objetivo principal promover a igualdade no acesso ao ensino superior, mas também impacta a permanência de mulheres em situação de vulnerabilidade social, oferecendo mais oportunidades e suporte.

Além disso, a UFAL participa do Comitê Permanente de Ações Estratégicas e Políticas para Equidade de Gênero, que faz parte de um programa federal e foi criado pela Portaria nº 215/2024. O comitê tem a finalidade de analisar e propor medidas para garantir a inclusão e o respeito às questões de gênero dentro do ambiente acadêmico, além de aumentar a representatividade feminina em posições de decisão e liderança na pós-graduação.

Paralelamente, de acordo com os meios de informação digital da universidade, a UFAL está elaborando uma Política de Igualdade, Equidade e Diversidade de Gênero, buscando estabelecer diretrizes para enfrentar desigualdades e ampliar a participação feminina na academia.

Outro aspecto a ser citado é o Programa de Assistência Estudantil, que, embora não seja exclusivo para mulheres, tem um impacto significativo, pois muitas alunas dependem de auxílios para garantir sua permanência na universidade. Com a oferta de bolsas e auxílios para alimentação, moradia e transporte, o programa se torna uma ferramenta essencial para que mulheres, especialmente aquelas de famílias de baixa renda, possam continuar seus estudos sem que as dificuldades financeiras comprometam sua trajetória acadêmica.

Além das políticas e programas, a UFAL busca promover iniciativas para incentivar a participação feminina na ciência. O Prêmio Meninas e Mulheres na Ciência, criado em 2023, foi lançado pela Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (Propep), e reconhece e incentiva a atuação de pesquisadoras em diferentes níveis, promovendo a igualdade de gênero. Já o projeto "BrilhanteMente", lançado agora em janeiro de 2025, busca ampliar a presença de meninas nas Ciências Exatas,

Engenharias e Computação, oferecendo bolsas de iniciação científica para alunas de escolas públicas. Essas ações reforçam o compromisso da universidade com a inclusão e a valorização das mulheres na pesquisa.

Identifica-se que uma parte destas ações são recentes e nem sempre atinge as jovens mulheres trabalhadoras estudantes, especialmente aquelas do noturno. Considera-se importante conhecer os resultados de estudos sobre essa temática e, também, dialogar com estas jovens trabalhadoras estudantes para conhecer como vivenciam os desafios para permanecer na universidade.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos, os critérios de seleção das participantes e a análise das narrativas, destacando a importância das histórias de vida para a compreensão dos desafios enfrentados no ensino superior.

Trata-se de um estudo qualitativo, enquanto pesquisa (auto)biográfica em educação (Delory Momberger, 2011; 2012; 2016; Reis, 2017; 2020, Souza (2006, 2014); Passeggi (2016); Souza e Passeggi (2017). O desenvolvimento metodológico da pesquisa (auto)biográfica seguiu duas etapas: a primeira consistiu na realização de três entrevistas de pesquisa biográfica (Delory-Momberger, 2012), a segunda foi a restituição reflexiva dialogada das narrativas das colaboradoras (Reis, 2021).

4.1 Lócus da pesquisa e a caracterização das participantes

A presente pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Alagoas, Campus A.C. Simões, localizado no bairro Tabuleiro do Martins, parte alta da cidade de Maceió. A universidade conta com quatro campi, sendo eles: Campus A.C. Simões, Campus CECA, que funciona exclusivamente para os cursos de Engenharias e Ciências Agrárias, Campus Sertão e Campus Arapiraca.

A UFAL, enquanto instituição pública, busca atender às necessidades da sociedade e contribuir para o progresso por meio da educação e da pesquisa. Para tanto, cabe pontuar que a Universidade em questão é a maior universidade do estado de Alagoas, contando com 24 unidades de ensino. Para uma melhor compreensão, apresento a seguir uma ilustração do Campus A.C. Simões, que auxilia na visualização do ambiente acadêmico e de sua estrutura.

Figura 2: Mapa da UFAL- Campus A.C Simões.



Fonte: Site institucional do Instituto de Psicologia da Ufal.

O Centro de Educação (Cedu) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), criado em 1987, é uma das 23 unidades acadêmicas da instituição, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação na área educacional. A infraestrutura do Cedu inclui salas de aula, espaços para seminários, áreas administrativas, cantina, áreas arborizadas, brinquedoteca, laboratórios de ciências, sala de estudos com computadores disponíveis para os/as alunos/as. Não foi possível localizar uma imagem que mostre a estrutura detalhada do prédio.

De acordo com os dados disponibilizados no site institucional "Ufal em Números", no semestre 2024.1, a instituição registrou um total de 1.116 estudantes matriculados/as. Desses, a grande maioria era composta por mulheres, totalizando 993 alunas, enquanto apenas 123 vagas foram ocupadas por homens. Deixo a seguir a imagem da entrada principal do Centro de Educação:

Figura 3- Entrada do Centro de Educação da Ufal.



Fonte: Site institucional do Centro de Educação da Ufal.

Participaram do estudo três jovens mulheres estudantes trabalhadoras no curso de Pedagogia, no Centro de Educação, na Universidade Federal de Alagoas, que estudam no turno noturno: Dandara é uma jovem de 22 anos de idade, que se autodeclara como mulher negra, homossexual, nasceu na cidade de Rio Largo

(município vizinho a Maceió)¹⁹ e no período da entrevista estudava no sexto período. Clarice Lispector é uma mulher de 26 anos, que se autodeclara branca e pansexual, nasceu no estado de Pernambuco, em um pequeno povoado, estava no quinto período do curso. A terceira participante, Anália, é uma jovem mulher de 19 anos de idade, se autodeclara como uma mulher branca heterossexual, reside atualmente na cidade de Maceió, mas morava há alguns anos atrás na cidade de Rio Largo, e estava no sexto período do curso de Pedagogia.

4.2 Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação

O campo das pesquisas que se utilizam das abordagens narrativas tem se fortalecido no cenário brasileiro, fator resultante da virada biográfica. Passeggi *et al* (2011, p. 370) explicam que o campo das pesquisas “sobre as escritas de si nos processos de formação e profissionalização docente expandiu-se, no Brasil, a partir dos anos 1992, na sequência do que se pode denominar de “a virada biográfica em Educação”.

A virada biográfica desenrolou-se na década de 1980 e diz respeito ao crescente número de interesse pelas narrativas de vida como objeto de estudo, e sobretudo como um método de investigação no campo das ciências sociais e humanas.

Esse movimento acarretou mudanças importantes no que tange aos sentidos e formas que as biografias e narrativas passando a ser vistas, passando a serem vista não apenas como relatos individuais desconexos de uma realidade maior, mas como reflexos profundos das dinâmicas culturais, históricas e pessoais, em especial, na área da educação. Isso porque, dentro destas abordagens, as narrativas são entendidas como instrumentos mentais de construção da realidade e dos indivíduos (Passeggi, 2020, p. 60).

Maria da Conceição Passeggi (2020, p.60) evidencia três abordagens narrativas importantes para se pensar a virada narrativa/biográfica, sendo elas: as histórias de vida em formação (Pineau e Le Grand, 2012; Nóvoa e Finger, 2010; Dominicé, 2000); a pesquisa biográfica em educação (Delory-Momberger, 2000, 2005, 2014; Alheit; Daussien, 2006) e a pesquisa (auto)biográfica (Passeggi, Souza, 2017; Abrahão, 2004)”.

¹⁹ Município localizado a cerca de 27km de Maceió, tem uma população de cerca de 75 662 habitantes.

As histórias de vida em formação emergem no início dos anos 1980 na França, Bélgica, Suíça, Canadá e Portugal, esta abordagem tem como foco principal a formação de adultos/as e professores/as, os colocando no centro da formação, os indivíduos são concebidos como atores sociais e pesquisadores/as de suas próprias existências, dessa forma, nesta abordagem (Passeggi, 2020, p. 62).

Conforme a autora, a abordagem da Pesquisa (Auto)biográfica surge no Brasil no ano de 2004, com o acontecimento do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (I CIPA, Porto Alegre) que foi idealizado por Maria Helena Menna-Barreto Abrahão e reuniu pesquisadores/as da Europa, Canadá, Ásia, Estados Unidos da América e Brasil para discutir as questões em torno do biográfico e do auto biográfico (Passeggi, 2020, p. 64). Nessa abordagem, o (auto), representa uma implicação maior da subjetividade no âmbito da pesquisa científica de abordagem qualitativa.

A pesquisa biográfica em educação, proposta por Delory-Momberger tem como objetivo central compreender as experiências de vida das pessoas por meio de suas narrativas, valorizando a perspectiva individual e considerando as trajetórias de vida como fonte de conhecimento e formação.

Para Reis (2020, p. 296), através da pesquisa biográfica “os indivíduos constroem sentidos aos acontecimentos vividos no espaço social, mediante a escuta e interpretação de suas narrativas, tendo em vista a produção de conhecimentos”, esse processo contribui também para a construção e compreensão da identidade dos sujeitos.

Por meio da narrativa, os sujeitos conseguem relatar, expressar e interpretar todas as suas experiências, vivências essas que sofrem alterações e vão sendo moldadas de acordo com o contexto cultural, histórico e social em que os sujeitos estão inseridos. É justamente através dessa capacidade narrativa que surge o significado do conceito de biografia, cuja etimologia se refere às “escritas da vida”. Para Delory-Momberger (2011, p. 341) através das narrativas:

transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e as experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio tem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa própria vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.

O trabalho da autora exerce uma grande influência no movimento brasileiro de pesquisa (auto)biográfica, que também se apoia em outras referências teóricas. O estudo do biográfico e das histórias de vida é permeado pelos estudos de pesquisadores/as envolvidos/as com a educação de jovens e adultos/as. Delory-Momberger argumenta que a ideia de narrar sua própria história, de construir um relato de sua própria existência, não apenas tem um efeito formativo, mas também abre possibilidades de mudança e reflexão, em concordância, Reis (2020, p. 296) argumenta:

A pesquisa biográfica parte do pressuposto de que as experiências são fontes de aprendizagens. Ela estuda como os indivíduos constroem sentidos aos acontecimentos vividos no espaço social, mediante a escuta e interpretação de suas narrativas, tendo em vista a produção de conhecimentos.

Apesar de Delory-Momberger dialogar e ser influenciada por estudos da corrente de história de vida em formação, cujos teóricos são Antonio Nóvoa, Gaston Pineau, Maria Christine Josso, Pierre Dominicé, a autora propõem a pesquisa narrativa para compreender os processos de biografização, que diz respeito sobre como os/as indivíduos/as vão se constituir enquanto sujeitos/as. Segundo Delory-Momberger (2011), as formas e estruturas utilizadas pelos indivíduos para biografar não pertencem apenas ao indivíduo, mas são também moldadas por influências externas e contextos sociais, pois “são formas coletivas que refletem e condicionam, ao mesmo tempo, as relações que os indivíduos mantêm com a coletividade e com eles mesmos, em determinada época e no seio de uma cultura”.

A pesquisa biográfica se diferencia de outras correntes de pesquisa por ela introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a temporalidade biográfica em sua abordagem dos processos de construção individual. O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem. (Delory-Momberger, 2016, p. 136)

Em outras palavras, a forma como cada pessoa narra sua própria vida está profundamente ligada às interpretações que realiza de padrões culturais e sociais mais amplos. As escolhas sobre como organizar e apresentar a própria biografia refletem essas práticas coletivas e não apenas uma expressão individual isolada.

Esse ponto de vista sugere que, ao analisar uma biografia, é fundamental considerar tanto a experiência pessoal quanto os fatores sociais e culturais que

influenciam a forma como a história é contada. Assim, a biografia se configura não só como um relato pessoal, mas também como interpretação dos contextos sociais vivenciados, com influências e normas sociais que participam das narrativas.

Os procedimentos da pesquisa foram iniciados a partir da realização de entrevistas narrativas com jovens mulheres estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, cursando entre o quinto e o sexto período.

As entrevistas com as estudantes foram realizadas de maneira a propiciar um espaço confortável para o diálogo, a fim de estabelecer uma relação de igualdade, possibilitando que as entrevistadas/colaboradoras se sintam seguras para compartilhar suas experiências, considerando que:

propiciar condições para a narrativa do entrevistado aumenta as chances de ter acesso ao discurso menos contido, mais liberado, mais profundo e mais elucidativo a ser compreendido pelo pesquisador durante suas análises e interpretações (Lieutaud-Lalik, 2018, p.63)

São esses “pequenos” detalhes que contribuem a riqueza dos encontros e das narrativas. O processo de entrevista biográfica tem um caráter hermenêutico, em que se faz possível ressignificar momentos que já foram vivenciados, diante disto, Silva e Nahur argumentam:

em sentido ricoeuriano, narrar consiste no processo de falar de fatos, pessoas e relações, mediante a construção de um enredo, isto é, de uma trama de significações que interrelacione, de maneira dialógica, seus componentes e estructure uma ordem razoável de atos. Assim, os textos assumem importância crucial no processo de busca de uma alteridade educativa (Silva e Nahur, 2020, p. 58).

Por meio da afirmativa, compreende-se o quanto a pesquisa biográfica é uma excelente ferramenta de pesquisa, principalmente nas pesquisas com jovens, pois, de acordo com Reis (2020) se faz como uma ferramenta não apenas de pesquisa, mas também formativa tanto para os/as colaboradores/as, tanto para quem está conduzindo a entrevista. Sobre o/a pesquisador/a, Reis (2020, p. 299) afirma:

Pela autorreflexão da narrativa partilhada, o/a pesquisador/a enriquece seu campo de interpretação sobre suas aprendizagens biográficas em diferentes dimensões de sua vida e, especificamente, pode aprofundar sua compreensão da temática abordada, tendo em vista a produção de conhecimentos científicos (Reis, 2020, p. 299).

Após a realização das três entrevistas narrativas, iniciou-se o processo de transcrição e análise. Por conseguinte, após cada entrevista é realizado um segundo encontro, denominado “restituição reflexiva partilhada” (Reis, 2021). Trata-se de um segundo encontro, com cada participante, com a leitura prévia das transcrições e das análises de seu material.

Cada uma delas pode ler tudo o que foi dito em suas narrativas, nas análises realizadas a partir de suas narrativas, e se for de sua preferência, pode solicitar à pesquisadora cortar partes que não lhe agrada ou que não queira mais expor, acrescentar algo ou reelaborar. Trata-se de uma etapa da metodologia de pesquisa, que tem como pressuposto respeitar o que elas narram e dar um feedback para as estudantes colaboradoras em relação às análises realizadas. As entrevistas são analisadas em diálogo com o referencial teórico da pesquisa.

4.3 Detalhes sobre as participantes, procedimentos e referências para as análises

O convite para participar da pesquisa se deu através do meu contato com uma turma em que desenvolvi o estágio docência no curso de Pedagogia, período noturno²⁰. O estágio foi uma oportunidade para divulgar meu objeto de pesquisa, bem como também para convidar quem estivesse dentro do perfil estabelecido e que apresentasse interesse em colaborar por meio de suas narrativas.

Além das três jovens participantes, houve a procura de outras mulheres estudantes do curso de pedagogia da Ufal com interesse em participar da pesquisa, entretanto, não estavam dentro do critério de inclusão previamente estabelecido.

Ao todo, oito mulheres demonstraram interesse em participar da pesquisa. Dentre elas, cinco atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Foram realizadas entrevistas narrativas com quatro jovens estudantes de Pedagogia da UFAL que possuíam vínculo empregatício. No entanto, por sugestão da banca, uma dessas entrevistas foi excluída, pois se tratava de uma "estudante-trabalhadora", e o foco da pesquisa foi ajustado para "trabalhadoras-estudantes". A quinta jovem, embora atendesse aos critérios e tivesse aceitado participar, não pôde ser entrevistada devido a dificuldades de comunicação e questões pessoais.

²⁰ O estágio docência realizou-se na disciplina de Didática, ministrada pela Profa. Dra. Rosemeire Reis, como uma das atividades obrigatórias do Mestrado em Educação (PPGE-UFAL).

Para participar da pesquisa, os critérios de inclusão utilizados foram: ser estudante entre 18 e 29 anos, ser mulher e estudante do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, que esteja cursando entre o 5º e 6º período, e que tenha algum vínculo empregatício.

A escolha por estes dois períodos seu deu pelo fato de caracterizar a metade do curso e por compreender que, nesses períodos em questão as estudantes conseguiram vencer grandes desafios que cercam o período de afiliação, bem como também estão mais próximas de alcançar a conclusão do curso.

Os critérios de exclusão adotados foram: estudantes que estejam apenas cursando disciplinas no curso de Pedagogia, que sejam menores de 18 anos, que não tenham assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e que não façam parte do grupo de sujeitos participantes da pesquisa descrito neste projeto.

Inicialmente, as entrevistas seriam realizadas de forma presencial nos espaços do Centro de Educação (CEDU-UFAL), entretanto, em decorrência a greve dos técnicos e docentes da Universidade Federal de Alagoas, elas ocorreram de forma online por meio da plataforma *Google meet*. Os dias e os horários de cada entrevista foram definidos previamente de acordo com a preferência de cada participante, por meio de conversas pelo *Whataspp*,

Nas conversas para definir os detalhes do encontro, houve também o compartilhamento e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma individual, de modo que colaboradoras ficassem cientes do que seria feito com a gravação e se estivessem de acordo com os termos.

A fim de preservar a identidade e integridade das participantes da pesquisa, optou-se por usar os nomes: Dandara dos Palmares, Clarice Lispector, Anália Franco. Os nomes escolhidos para representar as entrevistadas nesta análise não são aleatórios, mas sim uma homenagem a grandes mulheres da história brasileira, cujas trajetórias foram marcadas pela resistência, pela intelectualidade e pelo compromisso com a educação e a justiça social.

Dandara dos Palmares foi uma liderança fundamental na luta contra a escravidão no Brasil colonial. Esposa de Zumbi dos Palmares, Dandara não apenas participou ativamente da organização do Quilombo dos Palmares, mas também lutou em batalhas contra as tropas que tentavam destruir esse espaço de resistência negra.

Clarice Lispector foi uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX, conhecida por sua escrita introspectiva e inovadora, que explorava temas

existenciais e psicológicos. Suas obras, como *A Hora da Estrela* e *Perto do Coração Selvagem*, revolucionaram a literatura nacional.

Anália Franco, por sua vez, foi uma educadora, escritora e ativista que dedicou sua vida à causa da educação feminina e da assistência social, fundando diversas escolas e instituições voltadas para mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade no início do século XX.

A escolha desses nomes evidencia não apenas a força e a resiliência das entrevistadas, mas também a valorização do papel essencial que essas mulheres exerceram na construção da história e da cultura brasileira.

No início de cada análise, há um detalhamento sobre as participantes, entretanto, apresento a seguir um quadro com informações mais gerais:

Tabela 1- Informações sobre as participantes da pesquisa.

NOME	Anália Franco	Clarice Lispector	Dandara dos Palmares
IDADE	19 anos	26 anos	22 anos
AUTODECLARAÇÃO	Branca	Branca	Negra
CURSO	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
TURNO	Noturno	Noturno	Noturno
PERÍODO (01/2025)	7º período	6º período	7º período
ATIVIDADE PROFISSIONAL	Estagiária	Assistente administrativo	Autônoma
ESTADO CIVIL	Solteira	Casada	Noiva
FILHOS/AS	Não	Não	Não
BOLSISTA	Sim	Não	Sim
COM QUEM MORA	Mãe	Esposa	Divide quarto com outra jovem na Residência Universitária
PRIMEIRA OPÇÃO DE CURSO	Pedagogia	Letras-Português	Pedagogia

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Foi elaborado um roteiro de entrevista, estruturado em cinco eixos temáticos, sendo eles:

- I- Raízes familiares, experiências da vida social e estudantil, antes do curso de Pedagogia;**
- II- Experiências significativas da vida universitária;**

- III- Estudo e trabalho, trabalho e estudo: desafios na jornada universitária;**
- IV- Jornada universitária: entre vínculos sociais e dificuldades encaradas ao longo do percurso.**
- V- Ser jovem e universitária.**

As colaboradoras tinham a liberdade de falar o quanto quisessem, bem como tinham a liberdade de não responder, se caso preferirem. São esses “pequenos” detalhes que fazem com que as colaboradoras se sintam confortáveis para narrar suas vivências, bem como refletir sobre os acontecimentos de sua vida.

Após a realização das entrevistas, deu-se início aos procedimentos de transcrição e por conseguinte, a análise de uma entrevista, buscando focar nas questões pertinentes da presente pesquisa. Realizados esses procedimentos, ocorreu a realização da restituição reflexiva dialogada (Reis, 2021) de forma individual com as colaboradoras. Para tanto, foram enviadas a transcrição e análises realizadas de maneira prévia da participante, e por conseguinte marca-se um encontro para dialogar sobre as análises e possíveis reflexões ou questionamentos que venham a surgir.

Para realizar as análises das entrevistas utilizou-se a categoria “motivos recorrentes”, de acordo com Delory-Momberger (2012), Topoi ou Motivos recorrentes são questões e temas que aparecem frequentemente nas narrativas. Esses motivos ajudam a refletir sobre as preocupações amplas e persistentes que influenciam as decisões e ações do vivido. No caso deste estudo, os motivos focalizados estavam relacionados aos desafios de jovens mulheres trabalhadoras para conciliar o trabalho e os estudos no curso de Pedagogia noturno.

Utilizou-se também a categoria Gestão biográfica, para Delory-Momberger (2012, p. 534) “concerne à confrontação e à negociação entre os topoi, as disposições e recursos efetivos (pessoais e coletivos), e as restrições socioestruturais.”. Em outras palavras, a gestão biográfica refere-se ao modo como os indivíduos e grupos lidam e adaptam os motivos recorrentes (topoi) de acordo com suas experiências pessoais e contextos específicos. Neste estudo tal gestão dos motivos refere-se aos modos destas jovens mulheres enfrentarem tais desafios.

As análises foram feitas a partir de uma perspectiva hermenêutica, de acordo com Paul Ricoeur (2007) que enfatiza a importância de entender as interpretações das participantes sobre suas vivências singulares e sociais (experiências individuais,

trajetórias de vida; experiências compartilhadas no campo educacional, no campo trabalhista).

5. DIÁLOGOS COM MULHERES, TRABALHADORAS E ESTUDANTES

Este capítulo apresenta as análises das narrativas de jovens mulheres que vivenciam a dupla jornada de trabalhar e estudar no Ensino Superior. Por meio de seus relatos, é possível compreender os desafios cotidianos enfrentados para conciliar responsabilidades acadêmicas, demandas profissionais e, muitas vezes, tarefas domésticas. As histórias revelam não apenas os obstáculos estruturais e subjetivos que marcam essa trajetória, mas também as estratégias de resistência, persistência e construção de sentidos frente à experiência universitária.

5.1 Análise da entrevista de Dandara dos Palmares

Dandara é uma jovem de 22 anos de idade, se autodeclara como mulher negra, homossexual. Nascida na cidade de Rio Largo (município vizinho a Maceió)²¹, conta que já residiu em diversos bairros maceioense, alegando que “*a gente vai aonde o estudo tá*”. Atualmente Dandara está noiva, ela ressalta que sua companheira teve e tem uma importância muito grande no seu percurso acadêmico, pois é sua principal rede de apoio.

No que diz respeito a sua família, Dandara relata que passou grande parte da sua vida morando com sua mãe e irmãs, mas pontua que as dinâmicas familiares sempre foram “disfuncionais”, problemáticas. Ela conta que seu pai veio a falecer quando ainda era criança, e que não lembra de muita coisa sobre ele, além da perda precoce do pai, também precisou lidar com o assassinato de sua irmã mais velha. Apesar das dificuldades para manter um relacionamento familiar saudável, Dandara relata que sua mãe sempre pontuou a importância dos estudos e seu poder de transformação social.

No segundo encontro, Dandara estava iniciando o 7º período de Pedagogia no turno noturno, mas quando realizamos o primeiro encontro, ela estava cursando o 5º

²¹ Município localizado a cerca de 27km de Maceió, tem uma população de cerca de 75 662 habitantes.

período. Ela morava na Residência Universitária Alagoana (RUA)²², localizada dentro do Campus A.C. Simões da Universidade Federal de Alagoas, e não tinha vínculo empregatício formal, o que só foi possível por ser bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Embora não trabalhasse de maneira formal, Dandara começou a trabalhar com fotografia, atividade com a qual muito se identificou. Sobre ser bolsista ela relata sua satisfação e orgulho, visto que em outrora precisou trabalhar em um emprego que tinha mínimas condições de trabalho, e que para além das questões trabalhistas, esse mesmo emprego a impedia de dedicar-se aos estudos da maneira que gostaria. Apesar de estar com o status de bolsista, ela relata da importância de conciliar seus cronogramas de pesquisa com as obrigações estudantis universitárias.

Durante toda a sua vida Dandara estudou em instituições públicas de ensino. Em suas falas, ela sempre enfatiza a importância de ter cursado o ensino médio técnico no Instituto Federal de Alagoas, onde se formou técnica em Química. Ao falar sobre si, descreve-se como uma pessoa muito estudiosa e dinâmica:

Então eu sou essa pessoa. Onde eu tenho que estar estudando, eu vou lá e me dedico. É... deixa eu ver... eu gosto, para além da vida acadêmica, para além dos livros e estudos, eu gosto muito de assistir filme, gosto de ouvir música, gosto de fotografia também. Gosto muito de fotografia e acho que é isso do âmbito mais pessoal que eu gosto de fazer. Gosto de jogos também, gosto de jogos online.

Em alguns relatos, Dandara comenta sobre ter sido uma pessoa tímida até os seus 17, 18 anos, mas que durante seus anos estudando no IFAL, conseguiu deixar de lado a timidez, tornando-se uma pessoa muito comunicativa e participativa em tudo que se propunha a realizar.

No processo de análise da entrevista, foi possível identificar uma questão maior que perpassa toda a entrevista: a questão das dificuldades financeiras e quatro motivos recorrentes. São eles:

- 1- Dificuldades econômicas no percurso formativo**
- 2- Força do engajamento na vida universitária**
- 3- Dificuldades encaradas por ser uma jovem trabalhadora-estudante;**

²² De acordo com o site da instituição, a RUA tem capacidade para atender até 135 estudantes, sejam eles de Alagoas ou de outros municípios. Ver mais informações em: <https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil/residencia-universitaria>.

4- A importância das políticas públicas estudantil para a permanência.

Acerca da gestão biográfica, Dandara pontua em quase toda a entrevista a importância das políticas públicas estudantis e como essas a auxiliaram a diminuir as necessidades materiais, sendo peças fundamentais para a sua permanência no ensino superior.

5.1.1 *Eu comecei a sentir o peso de que era uma trabalhadora.* Dificuldades econômicas no percurso formativo.

Apesar de Dandara se descrever como uma jovem muito estudiosa, seu percurso formativo foi marcado por diversos percalços que vão desde dificuldades econômicas, até as dificuldades de mobilidade. Ela relata que desde antes da sua entrada no IFAL, seu processo foi atribulado, principalmente por não ter acesso a aparelhos tecnológicos, e nem à internet para conseguir se inscrever, bem como por precisar da ajuda de outras pessoas. Dandara conta que perdeu os prazos das inscrições porque contou com a ajuda do seu padrasto na época, precisando assim, adiar seus planos educacionais de ingressar no IF. No ano seguinte, correu atrás para conseguir fazer sua própria inscrição, mas se deparou com a falta de dinheiro para realizar a inscrição:

E aí, eu não tinha dinheiro para fazer minha inscrição online, porque a gente não tinha internet ainda em casa. Aí, eu fui na casa de um tio meu, pedir dinheiro a ele, para poder ir na coisa, na lan house, para poder fazer minha inscrição no IF. E aí, quem me atendeu foi minha tia. Aí, a minha tia fez aquela cara de... "Quanto você precisa?" "Isso é para o IFAL mesmo?" Eu, tipo... É, eu só preciso de dois reais, só para fazer o negócio mesmo do IFAL. Ela me deu com a má vontade tão grande. Eu fiquei," eu preciso passar nessa prova, porque eu não posso passar por essa humilhação de novo". E aí, eu passei, né?

Passado o período de seleção, o início das aulas trouxe ao cotidiano de Dandara novos desafios, dentre estes, a dificuldade marcada pelos inúmeros quilômetros existentes entre Rio Largo e a sede do IFAL em Maceió

Então, de Rio Largo para lá, para a gente assistir aulas de manhã, a gente tinha que acordar umas 4 e meia, 4 e pouca da manhã, na verdade, para estar saindo, umas 4:20, para já estar 4:30 na rua, né? Para poder pegar a busão e tal, e voltar umas 2 horas. [...] Sempre fui uma... Como é? Pobre, né? Então, não tinha, tipo, tio rico, família de classe média alta para me ajudar. Não, não tinha isso. Aí, eu fui para a casa de uma tia, passei uma semana lá no Prado. Eu ia do Prado para o IFAL a pé, de manhã. A primeira vez que eu

fui, eu não sabia nem como ir, eu só fui andando, andando e todo mundo falava, não, você vai, não sei o que, vai reto, não sei... É meio longezinho. Eu, não, mas tudo bem, me diga onde é que eu vou. E lá ia eu e eu passei uma semana indo do Prado para o IFAL a pé.

É por meio dessas dificuldades relatadas por Dandara que podemos visualizar o cenário de desvantagens vivenciados por jovens que dependem de transporte público (Freitas e Braga, 2013), pois precisam adotar medidas que afetam sua saúde física e mental, e tendem a prejudicar o desempenho escolar. Para além dos longos percursos a serem percorridos, cabe citar o longo tempo de espera em estações ou pontos de ônibus, além de viagens em veículos superlotados e sem uma infraestrutura adequada, que contribuem diretamente para uma experiência desagradável e estressante. Esses fatores podem afetar a disposição e o foco dos/das estudantes, tornando o processo educacional ainda mais desafiador.

Apesar de se decepcionar com a falta de apoio de sua mãe, seu padrasto e parentes próximos, Dandara relata com muito afago que os pais do seu padrasto na época a convidou para morar com eles em um bairro de Maceió, e que esse acolhimento foi importante, mesmo precisando se adaptar ao estilo de vida dos seus avós, que por terem certa idade, não permitiam “liberdade” para Dandara fazer tudo o que gostaria no ambiente estudantil.

Infelizmente, eu não desenvolvi projetos de pesquisa e tudo mais, porque... Como era casa de vô e de vó, ainda era tipo aquela... aquela rédea curtinha, né? Então, assim, não pode sair muito, não sei o quê. Tem que ter cuidado com isso e tal. Então, sempre era um... Mas, até para a questão de auxílio, essa questão de me desenrolar sozinha. Auxílios e tudo mais. Eu tive que correr atrás sozinha para fazer, porque minha mãe não... Não ajudava tanto. Desde que eu saí de casa, minha mãe já não me dava mais... Nunca me deu dinheiro para nada. Então... Logo no primeiro ano, que eu não tive essa possibilidade de ter o auxílio, porque minha mãe atrapalhou os trâmites, falando da faculdade, não sei o quê, da faculdade dela.

A falta de apoio parental, aliada a pobreza fez com que Dandara precisasse adotar medidas para alcançar seus objetivos, trilhando um caminho árduo e por muitas vezes solitário, ela descreve que “o IFAL me amadureceu muito nesse sentido, é que eu tinha que me desenrolar sozinha.” Na segunda tentativa de obter auxílio, Dandara relata ter tido êxito, e passou a receber cerca de 250,00 mensalmente para ajudar com custos.

Ao analisar a entrevista, é muito perceptível a influência positiva que o Instituto Federal de Alagoas exerceu sob a vida de Dandara, que se manifesta desde as questões financeiras, conteúdos lecionados, grupo de teatro, até mesmo a influência de professores/as do seu ensino médio. No que diz respeito às questões financeiras, através do auxílio financeiro ela consegue suprir os gastos e necessidades estudantis.

Ao participar de grupo de teatro, Dandara relata que pôde desenvolver melhor sua desenvoltura para comunicar-se e apresentar trabalhos, além é claro, de ter acesso a aparelhos culturais. Sobre os conteúdos lecionados, a colaboradora diz que algo muito marcante positivamente é que ela passa a ter acesso a *“conteúdo marxista, conteúdo de esquerda. Então, Letras também, desenvolvi muito literatura. Tudo isso que me encantava e me deixava feliz de estar fazendo, né?”*.

Para além dos aspectos citados, também fica explícita a influência do IFAL e seus/suas professores para a escolha de Dandara pelo curso de Pedagogia, pois era um curso que segundo ela, tinha professoras que seguiam a linha de pesquisa Marxista, além de ter mais oportunidades no mercado de trabalho.

Dandara explica que a transição do ensino médio para a universidade foi um período conturbado. Sonia Sampaio (2011, p. 33) discute em seu estudo que *“atravessar o tortuoso caminho do ensino médio público em direção ao ensino superior público significa, para essa população, lidar com as desigualdades socioeducacionais que se evidenciam nessa transição”*. Para além das desigualdades socioeducacionais, Dandara estava vivenciando um relacionamento ruim e morando em um ambiente hostil, *“tudo o que eu queria era poder trabalhar para sair daquele ambiente, sair do relacionamento que eu estava vivendo”*. Ao receber a notícia da aprovação no curso de Pedagogia, Dandara retorna para a Rio Largo e passa a morar novamente com sua mãe e irmã:

Nessa história de voltar para Rio Largo, eu ainda tinha o auxílio do IF, só que tipo, 200 reais... Minha mãe saiu de casa., aí ficou eu e minha irmã e ela(mãe) ajudava um pouco nas contas de casa, mas ela tinha que manter a casa dela. Então eu fui procurar trabalho para poder sustentar a casa. Né? Que minha irmã era menor de idade ainda, e ela não... Enfim... Não tinha muita cabeça no lugar, sabe? De tipo, “não, vamos pegar auxílio, vamos ajeitar, juntar nas coisas, na feira e tudo mais”, né? Cabecinha de vento. Então lá vai eu morando com minha irmã, tendo que dar conta de uma casa. E... Estava acho que a um mês de começar a UFAL ainda. Quando eu fui nessa de procurar trabalho. E durante muito tempo eu não conseguia. E até que quando eu entrei na UFAL... Não consegui um trabalho fixo, né?

No processo de início das aulas, Dandara buscou informar-se dos movimentos estudantis que havia no Cedu²³ e no Campus A.C. Simões: *“Fui logo me envolvendo com o movimento estudantil, que foi uma das coisas que eu fiz no final do UFAL, né?”*. É por meio das interações juvenis nesses movimentos que Dandara passa a estar por dentro das lógicas estudantis universitárias, passa a se engajar no Centro Acadêmico estudantil de Pedagogia (CAPED), demonstrando certa facilidade em se engajar em novos espaços, conseguindo assim, afiliar-se com sucesso, no sentido empregado por Coulon (2017):

sempre fui muito engajada, desde quando eu entrei na universidade com o movimento estudantil, com movimentos sociais, eu fui me chegando muito próxima da direção, da coordenação, dessas pessoas que estão em posições de liderança. E aí eu fui entendendo como a universidade funciona, como a reitoria funciona, como os pró-reitores funcionam, como o reitor se organiza, como é que essa instituição internamente funciona. E ali eu fui aprendendo, fui me desenvolvendo e criando laços com essas pessoas de uma forma que me ajudou muito a entender mais como a estrutura da universidade funciona. Então, saber como lidar com papelada, com burocracia de não sei o quê, com questão de grade, carga horária, qual professor faz o quê, onde tem estágio de quê... Então, isso me ajudou muito a ter essa maturidade, essa visão de universidade num sentido mais amplo.

Para tratar os conceitos de afiliação, volto a utilizar os estudos do pesquisador Alain Coulon (2017, p. 1247) que compreende que a afiliação:

constrói um habitus de estudante, que permite que o reconheçamos como tal, que o insere em um universo social e mental com referências e perspectivas comuns e, como a permanência da categorização é a condição de todo laço social, com a mesma maneira de categorizar o mundo.

Sobre ter passado pelas fases de afiliação (Coulon, 2017) sem grandes desafios, Dandara explica também que as lógicas estudantis vivenciadas durante o ensino médio no IF eram similares:

como eu vim do IFAL, tinha coisas muito parecidas, tipo essa dinâmica de professores, inacessibilidade de alguns, sistema, não sei o quê. Muito disso eu vi no IFAL, então quando eu cheguei aqui, não era novidade para mim que eu iria levar pancadas. Então, eu já estava um pouco encalçada. O IFAL faz isso, ele treina a gente para sofrer, para a gente entrar na faculdade sabendo que vai sofrer mais.

²³ Centro de Educação.

Por meio de seus novos vínculos estabelecidos na universidade, depois de passar meses buscando trabalho, é através das relações com os demais colegas de curso que ela conseguiu indicação para uma vaga de emprego formal, na qual ocuparia o cargo de serviços gerais e limpeza. Esse emprego veio surgir quando ela ainda estava no primeiro período do curso, ela relata que embora não tenha sido na sua área de estudo, precisava do emprego para sustentar-se e manter os custos da casa e da irmã mais nova:

E aí comecei a trabalhar. E comecei a sentir o peso de que era uma trabalhadora do... Uma pessoa que tinha que trabalhar demais e eu estava de manhã acordada. Lá vai eu acordar de novo. Quatro e meia da manhã. Quatro e meia, acordar não... Quatro e meia estar na rua, né? Mas acordar de novo às quatro e poucas da manhã. Pra poder chegar na UFAL à noite. E estar ali estudando. Estar ali se mantendo acordada de algum jeito. Pra quando chegasse em casa fossem às onze e meia. Pra poder ir dormir, pra poder acordar de novo e assim, eu senti muito peso. Eu acho que esses... Como eu trabalhava em serviços gerais. Exige muito do físico, né? Muito do físico. Então... Era... Saber que toda manhã eu ia ter uma surpresa, né? Nunca sabia.

A nova condição de Dandara (trabalhadora-estudante) apresenta-se desafiante e complicada, pois, como citado anteriormente, era um trabalho que exigia muito do físico e consequentemente do mental, mas, essencial para subsistência. Das dificuldades enfrentadas por Dandara, faz-se necessário atribuir um novo “peso”, sendo este o gênero, pois, precisa conciliar suas demandas individuais com as demandas de cuidar do lar, da irmã mais nova. Para Abramo et al (2020, p. 527)

As dificuldades decorrentes da sobreposição e as possibilidades de conciliação variam sobretudo em função das condições do trabalho exercido (jornada, intensidade, precariedade) e das demais tarefas pelas quais o jovem se responsabiliza no âmbito familiar, sobretudo o cuidado com membros vulneráveis (filhos, mas também irmãos menores ou pessoas doentes ou idosas). Nesse sentido, manifesta-se fortemente a desigualdade de gênero, trazendo para as jovens mulheres, desde muito cedo, a possibilidade de experimentar a situação de tripla jornada e obrigando muitas delas a participar, com as outras figuras femininas da família, da estruturação de uma espécie de rodízio intergeracional entre estudo, trabalho remunerado e tarefas domésticas. Além das condições de trabalho, a natureza da experiência escolar, suas regras e seu posicionamento também compõem as dificuldades e possibilidades para que a combinação seja ou não conciliável.

Assim, conciliar a tripla jornada (estudos, trabalho, afazeres domésticos/cuidados maternos) tornou-se um fardo na vida de Dandara, refletindo principalmente em suas notas, pois não tinha tempo para conseguir desfrutar das

leituras e estudos das disciplinas. Em seus relatos, ela também menciona que mal tinha energia para manter-se ativa durante as aulas, alegando lutar diariamente contra o sono, o cansaço e o desânimo. A realidade de Dandara é o retrato de muitos/as jovens brasileiros/as, Symaira Nonato e Maria Corrachano (2021, p. 16) afirmam que o trabalho “faz parte das biografias juvenis, aparecendo ora como possibilidade de formação e/ou de se vivenciar a condição juvenil, ora como espaço de precarização e limitação dessa vivência”.

Um dos critérios de Dandara ter optado por se matricular para o turno noturno foi visando conciliar os estudos com o trabalho, pois, segundo ela, seria impossível estar na universidade sem trabalhar. Tais apontamentos nos levam a pensar sobre as questões que envolvem a permanência de tantos/as jovens universitários/as, bem como compreender as duas condições que lhe acompanham: a permanência material e a permanência simbólica.

No que diz respeito à permanência material (Reis, 2016; Santos, 2009), refere-se aos aspectos financeiros, pois, para manter-se na universidade é necessário ter acesso a recursos como materiais escolares, livros e xerox, alimentação, transporte, roupa etc. Quando há a falta de recursos, os/as estudantes precisam procurar formas de conseguir prosseguir sua jornada universitária, por isso, grande parcela recorre aos trabalhos e “bicos”²⁴, ou outras formas para assegurar sua permanência.

No que diz respeito à permanência simbólica, Dyane Santos (2009, p. 159) fala que “permanecer simbolicamente significa para nós a constância do indivíduo no ensino superior que permita a transformação, a partilha com seus pares e o pertencimento ao ambiente universitário”. Compreende-se então que aqueles/as que estudam e trabalham tem suas vivências prejudicadas, pois quando não estão trabalhando não conseguem se manter na universidade, e quando trabalham, não conseguem se envolver ativamente no ambiente acadêmico, como participar de projetos de pesquisas, extensão etc. As dificuldades econômicas são responsáveis pelos desafios de permanência material, conforme Reis (2009).

²⁴ Trabalho informal.

5.1.2 *Se tem um lugar onde eu posso crescer e virar alguém. E fazer alguma coisa lá. Então, é lá que eu tenho que estar*”: Vida universitária.

Em suas falas, Dandara sempre deixa transparecer a importância que ela atribui aos estudos e a estar na UFAL. Ela comenta que o curso de Pedagogia, apesar de suas dificuldades, é um curso que consegue compreender os/as estudantes, que consegue ser “humano” e que esses fatores são determinantes para diminuir o número de evasões, pois, segundo ela, os demais cursos não estão “nem aí” para os/as estudantes. Sobre estar na universidade, Dandara relata que:

eu depusitei muito minhas esperanças nesse ambiente. Porque é o ambiente que eu pensei... Se tem um lugar onde eu posso crescer e virar alguém. E fazer alguma coisa lá. Então, é lá que eu tenho que estar. Eu posso dizer que pensando desse jeito, eu cheguei aqui e eu tive muita sorte em ter escolhido Pedagogia, porque diante de todos os outros cursos, Pedagogia... Eu sempre falo isso também, é o curso mais humano que tem nessa universidade. Pedagogia é um curso muito humano, a gente tem muitos professores que são extremamente humanos.

Dandara expressa diversas vezes a importância dessa humanidade por parte dos/as funcionários/as, professores/as, gestão, não apenas no seu processo de afiliação, mas também na sua permanência na universidade. Em um dos seus relatos, Dandara demonstra muita emoção ao falar dessas experiências com professoras do curso:

Pode ter certeza que me marcou muito, muito, muito, marca até hoje e sempre vai marcar a minha trajetória. Duas professoras específicas que sempre quando via, literalmente, elas olhavam e sabiam que você não estava bem, que você estava cansada, que o dia tinha sido um porre. E olhar para você assim e falar, você não está bem, né Dandara? E eu ia falar, não. E elas pararem para ouvir, sabe?

Essa relação humanizada entre professores/as e alunos/as possibilita que espaços educacionais, como o descrito por Dandara, torne-se um espaço de transformação social e pessoal. Paulo Freire enfatiza em suas obras a importância do envolvimento afetivo e da empatia dos/as professores. A presença humana e o cuidado genuíno do/da educador/a ajudam a criar um ambiente de aprendizagem que valoriza a autonomia dos/das alunos/as e promove um aprendizado significativo e comprometido com a transformação social. Assim, os/as professores/as devem estar atentos às necessidades e contextos dos/as alunos/as para promover um aprendizado

significativo. Freire discute a importância do diálogo e da construção de um relacionamento pedagógico baseado na confiança e no respeito mútuo. Freitas, Menezes e Cavalcante (2021, p. 118) pontuam:

Diante das realidades que os/as estudantes enfrentam no dia a dia, é preciso que os educadores os ouçam, pois esses sujeitos estão inseridos no mundo do trabalho, trazendo consigo histórias e culturas, desta forma sendo necessário dar uma maior atenção para os saberes que trazem para a escola, valorizando os conhecimentos que são adquiridos em suas vivências diárias, suas duras realidades.

Em concordância ao parágrafo anterior, destaco a seguinte fala de Dandara sobre essa humanização dos/das professores/as:

E eu acho que o que me marca muito é saber que ainda tem essas professoras, tem alguns professores que escutam a gente, que vê a gente como ser humano, que a gente é. No trabalho, por exemplo, por algumas pessoas eu não era vista como ser humano, por ser de serviços gerais, sabe? E tipo, não me viam como me veem na universidade. Eu tinha um choque de realidade todos os dias. Porque quando eu chegava na universidade, eu era a Dandara²⁵. Dandara, estudante de Pedagogia, que está no movimento estudantil, que faz isso, que faz aquilo, que é de liderança.

Para além das salas de aula, durante a graduação Dandara finalmente conseguiu participar de atividades de extensão “*assim, o que eu não vivi no IFAL, de extensão, de pesquisa, eu estou vivendo hoje na universidade e isso me traz um amadurecimento muito grande intelectual*”, coisa que antes ela tinha muita vontade, mas que seus avós não permitiam na época. Ela relata que participou de cursos de extensão de áreas diferentes (História, Marx, EJA) e que essa multiculturalidade permitiu que ela experimentasse diversas abordagens metodológicas e consequentemente mais acesso ao conhecimento.

É notório que para Dandara, a universidade oportuniza muitas experiências em sua vida, seja na esfera educacional, seja na esfera social ou individual. Ela relata que é nas festas universitárias como as “calouradas”²⁶, eventos organizados pela universidade ou pelo centro acadêmico, que ela pode expressar-se enquanto jovem. Ela fala também sobre eventos que promoveu junto com o centro acadêmico e a

²⁵ Nome fictício para preservar a identidade da participante.

²⁶ Calourada é um evento tradicional de recepção e integração para os/as novos/as estudantes universitários/as na primeira semana de atividades. É uma ocasião para os/as calouros/as conhecerem a universidade, fazerem novos/as amigos/as e se familiarizarem com a cultura acadêmica e social da universidade.

reitoria sobre debates políticos e sociais, demonstrando-se uma jovem engajada na luta social e coletiva, e comprometida em atrair cada vez mais jovens para participar desses espaços de debates e reflexão.

Para além desses espaços, Dandara consegue a residência universitária e passou a dividir seu cotidiano com tantos outros/as jovens de diferentes culturas, gostos, gênero. Através dessa interação proporcionada pelas dinâmicas da residência universitária, Dandara explicou que conseguiu compreender sua sexualidade:

Acho que uma das coisas que, meu Deus, me fez muito feliz aqui dentro da universidade foi me entender, em minha orientação sexual, né? Que eu sou sapatona assumida, lésbica, "caminhoneira". Caminhoneira? Não caminhoneira. Calma. Só "sapatilha". Mas sim, entender minha sexualidade, entender minha orientação sexual. Entender as grandes variações de orientações, de vertentes e tantas coisas que até hoje eu ainda não entendo. Sou do vale, mas não entendo vale, galera. Tem coisas do vale que eu não consigo entender, mas que a gente está sempre aberto a estar ouvindo, a estar entendendo, a estar conversando com outros jovens sobre esses conflitos, né? Que a gente tem, e às vezes escutar alguns colegas da gente, de turma, falando Ai, meu Deus, mas eu não tenho um tênis da Nike. Enquanto você pensa, se preocupa com tênis da Nike, eu tenho que pagar a conta de luz e de água. Mas é saber que você passa por esses conflitos, sabe? Uma pessoa da mesma idade que você é preocupada com coisas que você nem passa pela cabeça, mas que você pensa, seria tão legal passar por essas dúvidas, né? Mas você vai aprendendo com essas realidades, vai aprendendo com outras realidades e vai conhecendo cada vez mais pessoas, realidades, vivências e experiências, né? Experiências incríveis que a universidade pode te dar.

Sobre essas questões, cabe pontuar sobre os processos de sociabilidade e de construção identitária de jovens universitários/as. Keila Haiashida (2012) ao tratar da "geografia cultural", explora como os sujeitos/as constroem suas identidades influenciados/as pelos espaços que ocupam. Essa perspectiva é de suma importância, pois a universidade é vista como um espaço crucial para a construção ou reafirmação da identidade do indivíduo.

Ao ingressar na universidade, o/a estudante tem acesso a novas informações e se depara com uma diversidade de culturas, religiões e sexualidades. Esse ambiente de exposição a novas ideias e experiências frequentemente leva o indivíduo a questionar e reavaliar suas crenças anteriores. Um exemplo claro é o de estudantes que, ao entrar na universidade, passam a explorar e compreender melhor sua própria sexualidade, beneficiando-se do ambiente inclusivo da instituição, que acolhe todos os indivíduos, independentemente de suas crenças religiosas, políticas ou orientação sexual, como é o caso de Dandara.

As experiências na vida universitária, como participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo o PIBIC e projetos extensionistas, representam a dimensão simbólica da permanência, nutrindo-a de forças para continuar, apesar das dificuldades da dimensão material.

5.1.3 “Era impensável estar na universidade sem estar trabalhando”: jovem, trabalhadora-estudante.

Como abordado anteriormente, Dandara começou a trabalhar em uma empresa privada como serviços gerais. Em seus relatos, é possível sentir a dor que ela carrega ao lembrar-se da forma que era tratada, afirmando que em muitas vezes as pessoas não a enxergavam durante sua passagem na empresa, corroborando assim com a afirmação de que “Assim teremos jovens com experiências de trabalho e/ou empregos formadoras, mas também experiências deformadoras” (Nonato e Corrachano, 2021 apud Arroyo, 1987). Essa conduta só começou a reduzir à medida que os/as colegas de trabalho descobriram que para além de trabalhadora, Dandara era estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas:

E quando eu chegava no trabalho, eu tinha que colocar aquela fardinha azul, com a bota maior do que o meu pé, com as calças mais folgadas do que eu, e desentupir vaso. E eu ouvi de pessoas, ah, tem que repor o papel, não sei o quê, sendo que o papel está do lado, sabe? A pessoa só não quer pegar no papel e colocar no banheiro. Vá lá fazer, porque você tem que fazer isso, sabe? E saber que tinha pessoas que, olha de baixo para cima, porque você está exercendo essa função. Então, eram dois choques de realidade, porque eu chegava, chegando lá, era como se eu não soubesse nem o meu nome e o maior choque deles foi quando descobriram que em um evento de Libras, que eles estavam tentando desenvolver, que eles estavam fazendo e tudo mais, e aí um dos rapazes lá da DMTT²⁷ falou comigo sobre, e aí eu peguei e falei, não, isso daí é sinal tal, sinal tal, sinal tal. E aí ficou assim. E aí muitos vieram pedir ajuda, conversar e tal, para isso. E aí foi quando começaram a perguntar, depois de muito tempo de trabalho, o que é que eu fazia da vida além de limpar, de desentupir vaso, limpar chão, limpar os cafés que eles derrubavam. E aí descobriram que era estudante de pedagogia daqui da UFAL. E algumas pessoas começaram a me olhar como ser humano, pelo fato de eu ser estudante de pedagogia da UFAL. Outras continuam a me olhar do mesmo jeito, torto, né? Porque, assim, é isso.

Para além de sentir-se menosprezada em seu âmbito de trabalho, Dandara precisava lidar com as adversidades para conseguir equilibrar os estudos e trabalho,

²⁷ Departamento Municipal de Transportes e Trânsito.

segundo ela, “o maior peso de lidar com esses dois âmbitos é saber que uma hora você vai falhar em algum. Que a gente não é perfeito”. Dandara conta que apesar de ter encontrado muito apoio em docentes do curso, havia uma pequena parcela de professores que não compreendia sua realidade, algo que a deixava desapontada, visto que para além do cansaço, ela precisava lidar com a frustração de ver seu desempenho acadêmico decaindo. Em dado momento, Dandara relata que não podia “se dar ao luxo de falhar no trabalho. Então, falhava na universidade”

Era você saber que um dos lados vai sofrer mais e uma coisa que ficou muito clara nas minhas notas, né, no meu desempenho acadêmico, foi justamente isso. Porque quando eu comecei, meu corpo, apesar de ter vinte e poucos anos, e tinha os professores, alguns, né. Aqueles professores que acham que todo mundo tem a vida boa, né. De dez mil reais no mês. Ficava assim “mas você tão nova, cansada desse jeito. Tão nova dormindo na sala. E tão nova com essa cara.” Quando desentupiu a privada. Eu tô traumatizada com essa história da privada até hoje. “Não desentupiu a privada de manhã não, hoje cedo, né. Chamou alguém pra desentupir pra você, né?” Imagina. Então, assim... É ver meu coeficiente cair, é ver eu não conseguindo levar os textos lidos, é ver eu conseguindo não fazer o trabalho, é eu tendo que escolher entre dormir pra poder ir trabalhar no dia seguinte ou virar a noite e trabalhar virada porque precisa terminar o trabalho, porque é pra B1²⁸, porque é pra B2. Então, é saber que muitas vezes no horário de lanche do trabalho, você vai tá fazendo o seu trabalho da universidade, né? Você não vai ter tempo de comer. Você tem que escolher entre comer e dormir. Às vezes você prefere dormir do que comer pra poder dar conta das coisas.

Através da narrativa de Dandara, identifica-se o quão difícil é lidar com a dupla jornada, e como essa jornada tem efeitos sob a sua saúde física e mental, e que em detrimento ao esgotamento tanto físico, como mental, Dandara pensou em desistir do curso. Para Vera Lúcia Navarro e Valquíria Padilha (2017) a centralidade do trabalho manifesta-se não apenas na esfera econômica, sendo a principal fonte de renda para a maioria da população mundial, mas também na esfera psíquica, o que cria um antagonismo, pois, por um lado o trabalho pode ser uma importante fonte de saúde mental, com sua ausência, seja por desemprego ou aposentadoria, frequentemente levando a abalos psíquicos. Por outro lado, as autoras comentam que as pesquisas cada vez mais evidenciam que o trabalho pode ser também uma causa de doenças físicas, mentais e até de mortes.

Quando perguntada sobre qual dos dois (estudos e trabalho) Dandara acha mais importante, ela argumenta que sempre teve consciência da importância dos

²⁸ Na UFAL, os termos “B1” e “B2” são empregados para falar sobre trabalhos avaliativos que somam notas.

estudos, mas que as questões materiais/econômicas pesam muito em sua vida, pois como já dito anteriormente, Dandara não conta com rede de apoio e é a provedora do próprio sustento:

apesar de eu sempre pensar, sempre ter a certeza que os estudos é mais importante, como é que eu ia estudar se eu não comesse? Como é que eu ia estudar se eu não pagasse o teto que eu tava? Como é que eu ia estudar se eu não pagasse a energia da internet que me permitia estudar pra universidade? Então, assim, é impensável você não ter essa base material pra poder desenvolver na vida acadêmica, é impossível, ninguém desenvolve. Se você não tem pai e mãe que te ajuda a estar nesse ambiente, você obrigatoriamente vai ter que negligenciar seus estudos pra poder se manter estudando. O que é uma coisa que se choca, se choca. Não tem pra onde ir, mas é isso.

Mediante as inúmeras dificuldades, Dandara pontua que sua permanência na universidade só foi possível porque teve apoio da sua noiva, de professoras, funcionários/as e colegas de curso, que sempre a acolhiam e incentivavam a prosseguir nos momentos mais delicados. Outro fator chave para sua permanência e melhoria de qualidade de vida foi usufruir de políticas públicas de permanência existentes na universidade.

5.1.4 *eu dependo mais da universidade, do que de um trabalho CLT*”: a importância de políticas estudantis para a permanência de jovens universitários/as.

Ao longo da entrevista com Dandara, inúmeras vezes ela cita algo referente as políticas públicas estudantis, das quais ela usufrui desde que estava ainda cursando o ensino médio no Ifal. Através do auxílio financeiro obtido no ensino médio, Dandara pôde contribuir com os gastos da vida que precisava levar na capital alagoana, pois, como já dito anteriormente, ela precisou sair da cidade de Rio Largo para conseguir estudar. Na época Dandara recebia 200,00 reais do auxílio, durante o período de transição do ensino médio para o ensino superior, ela conta que foi essencial ter conseguido o auxílio emergencial da universidade:

“Então eu já tinha como manter a casa. Depois de um tempo consegui o auxílio emergencial. Acabou do IF, consegui o emergencial da UFAL, né? Nesse iníciozinho antes de começar o trabalho e aí consegui manter. Eu fico olhando minha trajetória inteira... Se não fosse os auxílios das universidades federais, eu não tinha conseguido estar onde eu estou hoje. Eu sempre deixo isso muito claro quando venho falar sobre isso. Porque políticas públicas de permanência, políticas públicas de assistência estudantil podem transformar a vida da galera.”

Sônia Sampaio (2011, p. 48) discute que através de programas de iniciação científica, programa de monitoria, para os/as jovens estudantes:

mostra-se uma alternativa importante. Desenvolvendo essas atividades, eles têm a oportunidade de conviver com horários mais flexíveis e ficar mais tempo envolvidos com as atividades acadêmicas, um importante dispositivo para, além de permanecer na universidade face às adversidades materiais, “entrar” na vida universitária.

É por meio dessas políticas que Dandara pôde modificar seu status de trabalhadora-estudante para estudante-trabalhadora, algo muito simbólico para ela, visto que sempre quis priorizar os estudos na sua vida, mas nem sempre as condições sociais permitiam tal feito.

De início, assim quando eu entrei, eu me vi como uma trabalhadora-estudante, porque eu não consegui estar aqui nesse ambiente da universidade sem trabalhar. Porque eu tinha todo aquele peso, né, de três pessoas, gato, cachorro, a casa, as contas. Então, era impensável estar na universidade sem estar trabalhando, sem manter aquele trabalho, sem aguentar aquelas coisas, sem ter que lidar, né, com aquela rotina. E hoje, eu me considero uma estudante-trabalhadora. Graças a Deus. Graças às assistências estudantis, né, graças à política de assistência estudantil. Eu consigo, hoje, estudar e trabalhar. Mas, antes de tudo, eu consigo estudar agora. Eu consigo me dedicar aos estudos, fazer as leituras com maior qualidade, né. Me manter acordada na sala de aula. Consegui. [...]

Através de seus esforços e empenho nos estudos, Dandara conseguiu tornar-se bolsista por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), assim, atualmente recebe mensalmente o valor de 700 reais, além é claro de morar na Residência Universitária e ter acesso as três principais refeições do dia garantidas no Restaurante Universitário. Além destes, Dandara conta que conseguiu praticar esportes, por meio do Programa de Atividade Física, Esporte e Lazer da UFAL, o que contribuiu de forma expressiva a melhorar sua saúde mental:

tem os esportes, né. Eu fiz na universidade também, que eu comecei a conseguir fazer, né, com o tempo, quando eu saí desse outro trabalho. Então, fazer natação, fazer vôlei, o que ajuda muito na saúde mental do estudante. Meu Deus do céu! Meu Deus do céu! A Dandara chorosa pelos cantos, que tinha crise de ansiedade toda semana, três vezes na semana. Toda semana, né. Acho que só tinha antes da greve, né. Só tinha um dia na semana que eu não fazia esporte, que era às quintas-feiras. Mas, fora isso, eu sempre estava fazendo esporte de um horário direitinho. Então, o vôlei, né, a natação também sempre, poxa, ajudou muito, muito mesmo. A universidade tem esses espaços que trazem uma grande diferença também, para a gente viver melhor.

Dandara acredita que essas políticas estudantis transformam a vida de milhares de jovens universitários/as, mas que ainda há um longo caminho de expansão a ser percorrido, para que as oportunidades sejam de fato iguais para todos/as *“a universidade, infelizmente, ela ainda é muito para quem pode, né?”*. No que se refere aos/as estudantes que são trabalhadores/as, Dandara dialoga que *“A gente deveria aproximar cada vez mais os trabalhadores da universidade, até porque os filhos deles deveriam estar aqui dentro, sem ter que sofrer tanto para estar aqui”*, e que para conseguir abarcar a realidade desses/as trabalhadores/as a universidade precisa ser mais flexível, compreendendo as dimensões que o cercam.

As narrativas de Dandara revelam que as políticas públicas estudantis desempenham um papel crucial no ambiente universitário, não apenas ao viabilizar uma educação superior acessível e de qualidade para todos os alunos e alunas, mas, sobretudo, ao garantir sua permanência material. Consequentemente, essas políticas também fortalecem a permanência simbólica, promovendo a igualdade de oportunidades e assegurando que estudantes de diferentes contextos socioeconômicos, geográficos e culturais tenham acesso equitativo às oportunidades acadêmicas e profissionais.

5.1.5 Restituição reflexiva partilhada de Dandara

Após seis meses, foi realizada a restituição reflexiva partilhada com Dandara. Para esse momento, a transcrição da entrevista e a análise foram enviadas por e-mail, permitindo que a colaboradora as revisasse previamente e refletisse sobre suas narrativas.

A rotina de Dandara mantém o ritmo, equilibrando suas responsabilidades como estudante de Pedagogia e suas atividades como bolsista do PIBIC. Ela continua morando na Residência Universitária e, no momento, está cursando o 7º período do curso, conciliando estudos, pesquisas e demais compromissos acadêmicos.

O encontro foi realizado pelo Google Meet e teve uma duração breve. Agradeceu novamente à colaboradora por dedicar seu tempo à leitura dos documentos e por se disponibilizar para a conversa. Dandara iniciou sua fala expressando gratidão pela oportunidade de participar, destacando a relevância da pesquisa para sua trajetória como jovem mulher que já enfrentou os desafios de conciliar trabalho e estudos.

Quando questionada sobre suas principais observações, se gostaria de retirar ou adicionar algo, Dandara relata que se sentiu contemplada, que gostaria que fosse modificado apenas algumas escritas de palavras, e excluísse alguns “né?”, expressão usada de forma muito recorrente por ela. Para além dos vícios dialéticos, que fazem parte do dialeto juvenil, Dandara relata que se emocionou ao ler a transcrição da entrevista:

Lendo toda a análise, primeiro eu li o transcrito e depois eu li a análise. Lendo o transcrito foi muito emocionante porque querendo ou não você está revivendo várias coisas. Você revive cada momento, cada contato, cada olhar, cada sentimento que você expôs ali, e que você vez outra acaba revivendo eles.[...] Acho que a emoção foi muito grande de reler aquilo. E reler e reviver tudo que eu passei. Reviver o sentimento que eu tenho por essas professoras que me ajudaram muito.

(Encontro realizado no dia 29 de janeiro de 2025)

Dandara posteriormente argumenta sobre suas impressões da análise realizada por meio de suas narrativas, e novamente, ela demonstra muita satisfação:

E vendo a tua análise, eu fiquei impressionada como você foi fiel aos detalhes, como você chegou lá e pegou as partes cruciais de tanta coisa que eu falei, porque eu falei muito, meu Deus do céu. Então, assim, eu fiquei impressionada como você realmente foi naqueles pontos específicos. Você pegou a discussão central de toda uma problemática, sabe? Você levou isso e discutiu de uma forma brilhante. Sério, eu achei muito brilhante a forma em que você conseguiu colocar isso, fazer toda essa discussão, eu fiquei realmente muito impressionada. Eu quero muito ler teu trabalho.

(Encontro realizado no dia 29 de janeiro de 2025)

Além da emoção ao poder refletir sobre toda a sua jornada, Dandara demonstra muito entusiasmo para ler a narrativa das outras colaboradas e visualizar de que forma as narrativas das três se encontram. Ela descreve seu entusiasmo da seguinte forma:

Parece que é um bolo, sabe? Na minha cabeça está como se fosse um bolo, no final vou poder comer o bolo todo. Eu estou muito empolgada, muito empolgada mesmo para ver isso e muito feliz por fazer parte desse momento que eu sei que é extremamente importante.

Assim como já debatido no corpo do trabalho, as narrativas têm uma função formativa, fazendo com que os/as envolvidos/as possam refletir sobre seu percurso, o que por vezes, como foi o caso de Dandara, a faz perceber a dimensão da sua força e resiliência em meio as tantas adversidades encaradas na sua vida social e acadêmica.

A conversa com Dandara evidenciou não apenas a importância da pesquisa, mas também o impacto que a restituição reflexiva pode ter sobre os/as participantes. A restituição reflexiva dialogada, portanto, cumpriu seu papel ao proporcionar um espaço de escuta e reconhecimento, reafirmando o poder das narrativas como ferramenta formativa e transformadora.

5.2 Análise da entrevista de Clarice Lispector

Clarice Lispector é uma mulher de 26 anos que se autodeclara branca e pansexual²⁹. Clarice é uma jovem originária do estado de Pernambuco, nasceu e se criou na cidade de Saloá, um pequeno povoado com cerca de 13 mil habitantes. Morava a princípio com sua mãe e seus irmãos, mas, as dificuldades financeiras fizeram com que a dinâmica familiar sofresse algumas alterações.

Quando estava estudando no quinto ano do Ensino Fundamental I, a colaboradora precisou abdicar dos estudos para cuidar dos seus irmãos mais novos para que sua mãe pudesse trabalhar. Ela relata que não foi possível cursar as séries do Fundamental II (do 6º ao 9º ano) em detrimento ao seu papel de cuidar dos irmãos, mas que fez uma prova alguns anos depois para não se atrasar nos estudos, assim, conseguiu iniciar o Ensino médio dentro da faixa etária correta.

A colaboradora relata que sua mãe veio para a cidade de Maceió em busca de novas oportunidades de emprego e que seus irmãos vieram junto com sua mãe para a capital alagoana. Clarice permaneceu em Pernambuco com a sua avó materna até o ano de 2010, quando ambas vieram também para Maceió e passaram a viver todos juntos (Clarice, sua mãe, avó materna e irmãos).

No decorrer da entrevista, nota-se que a colaboradora é uma jovem tímida e isso se confirma por meio de uma de suas falas em que diz que *“a gente falou de muitas coisas, que até agora eu não tinha falado sobre a minha vida pessoal, eu falei várias coisas”*. Essa frase, embora possa passar despercebida para muitos, mostra o quanto é imprescindível fazer com que esse momento de entrevista autobiográfica em educação (Delory-Momberguer, 2011), seja um ambiente de trocas de vivências, de respeito, e principalmente que seja um ambiente onde os/as envolvidas estão em um mesmo “patamar”, sem hierarquias, permitindo assim, que os/as colaboradores/as se sintam mais à vontade para partilhar suas histórias de vida.

²⁹ Pansexualidade é a atração por pessoas independentemente do gênero ou identidade de gênero.

Além disso, ao longo da entrevista, percebe-se que a trajetória de Clarice é marcada por diversas superações. Sua vivência revela como as desigualdades sociais e econômicas impactaram diretamente seu percurso educacional e familiar, evidenciando a importância de políticas públicas que garantam o direito à educação e ao desenvolvimento pessoal.

A escolha do pseudônimo Clarice Lispector para a colaboradora desta entrevista se deu em razão de sua paixão pela literatura. Durante a conversa, ela mencionou o quanto sempre foi fascinada por livros, poemas e histórias, demonstrando uma forte conexão com o universo literário. Diante disso, optei por nomeá-la com o nome de uma das maiores escritoras brasileiras, Clarice Lispector, cuja obra é marcada por profundidade, introspecção e sensibilidade. Esse nome não apenas reflete o apreço da colaboradora pela literatura, mas também representa a força e a determinação de uma mulher que, assim como a escritora, constrói sua história com coragem e sensibilidade.

A narrativa de Clarice destaca seu amor pelos estudos, mas também evidencia como o trabalho dificulta um maior engajamento acadêmico. Durante a entrevista, foram identificados os motivos recorrentes que impactam sua experiência:

São os motivos recorrentes em relação a permanência material e simbólica

- 1. Conciliar estudos e trabalho;**
- 2. Baixa autoestima acadêmica e sentimento de não pertencimento.**
- 3. Gestão do tempo;**
- 4. Importância da empatia no ambiente universitário.**

A gestão biográfica de Clarice mostra a sua capacidade de organizar sua trajetória de vida para equilibrar trabalho, estudos e vida pessoal. Para continuar na universidade, ela precisou fazer escolhas difíceis, como deixar de lado algumas oportunidades acadêmicas para manter um emprego fixo. Além disso, sua trajetória é marcada por adaptação constante às circunstâncias do seu cotidiano. Seu relato mostra como ela lida com os desafios, redefine prioridades e encontra maneiras de seguir em frente, mesmo diante das dificuldades. Esses fatores demonstram que a permanência de Clarice na universidade não depende apenas de questões financeiras, mas também de desafios emocionais e estruturais que afetam seu desempenho e seu sentimento de pertencimento ao ambiente acadêmico.

5.2.1 E eu não conseguiria viver só do meu estudo: Conciliar estudos e trabalho

A rotina de Clarice reflete um desafio comum de muitos/as trabalhadores/as e estudantes: a dificuldade de conciliar o emprego com a vida acadêmica. Desde cedo, ela teve que lidar com diferentes formas de trabalho, não apenas o formal, mas também o trabalho invisível, frequentemente assumido por mulheres sem que seja reconhecido como tal. Como mencionou no início da entrevista, ainda na infância, Clarice precisou interromper seus estudos por quatro anos para cuidar dos irmãos enquanto sua mãe trabalhava. Essa experiência não apenas impactou sua trajetória educacional, mas também moldou sua relação com o tempo e suas responsabilidades ao longo da vida:

Eu estudei até a quinta série e da quinta série, no quinto ano, no caso, no quinto ano, eu tive que parar os meus estudos para poder cuidar dos meus irmãos, enquanto a minha mãe trabalhava. E aí eu passei um período de quatro anos fora do colégio. Depois, quando eu consegui voltar, eu fiz uma prova que acelerava os anos, e aí eu não fiz nem do sexto ano até o nono. Eu já entrei direto no ensino médio e do ensino médio, eu me formei em 2020.

Compreende-se que a sociedade capitalista ainda impõe inúmeras barreiras para a inserção plena das mulheres no mercado de trabalho, especialmente para aquelas que também são responsáveis pelo cuidado dos/as filhos/as e da família. O trecho da fala de Clarice evidencia como o trabalho invisível (Silvia Federice, 2004), historicamente associado às mulheres, continua sendo um fator que limita as oportunidades profissionais e acadêmicas, uma vez que muitas delas precisam abdicar de seus estudos ou enfrentar jornadas exaustivas para conciliar emprego, casa e maternidade, sem contar com o suporte adequado por parte do Estado e das empresas. No caso de Clarice, essa realidade se manifestou desde a infância.

Tal experiência vivenciada desde cedo mostra como as responsabilidades domésticas recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, limitando suas possibilidades de ascensão social e profissional. Essa discussão também nos ajudar a compreender essa estrutura desigual, na qual a divisão do trabalho ainda está fortemente marcada por gênero, e a falta de políticas públicas eficazes, como creches acessíveis e horários flexíveis, dificulta a autonomia das mulheres no mercado de trabalho.

A mãe de Clarice conseguiu manter o emprego, mas isso só foi possível por meio do apoio de Clarice. Rebeca Ávila e Écio Portes (2021, p. 817) afirmam que “nas famílias de camadas populares, é comum que as meninas assumam responsabilidades com o trabalho doméstico desde a infância”, evidenciando uma realidade de desigualdade de gênero e de classe.

Atualmente, Clarice se sente muito grata por hoje estar em um trabalho que cumpre a escala “5x2”, no qual pode usufruir do descanso durante os dois dias aos finais de semana, segundo ela *“Eu ainda tenho esse privilégio de trabalhar só até a sexta, e ter um final de semana livre”*. Clarice considera um privilégio ter dois dias de descanso porque em seu trabalho anterior, além de trabalhar mais horas diárias, ela tinha apenas um dia livre, o que a impossibilitava muitas vezes de conseguir ter um descanso adequado, de organizar a sua vida, bem como usufruir de tempo de qualidade com sua esposa, família e amigos.

Ela trabalha durante o dia e estuda à noite, o que a deixa com pouquíssimo tempo livre para revisar conteúdos, fazer trabalhos acadêmicos e se aprofundar nos temas do curso. Um exemplo disso é que nosso encontro foi realizado no pequeno intervalo que ela tem entre o final de expediente e o início das aulas. Ela menciona que chega no CEDU³⁰ por volta das 17:40 e suas aulas começam às 19h, assim, ela usa esse tempo para revisar conteúdos, jantar e descansar. Embora esse “tempo livre” seja apenas de 1h20min, a rotina de Clarice era ainda mais sobrecarregada quando ela trabalhava em seu antigo emprego. Ela relata que:

E eu trabalhava de nove da manhã às sete da noite. Eu começava às sete, eu estava largando às sete (da noite), e era no Jaraguá, não dava pra chegar aqui, porque simplesmente o trânsito do Ufal, o trânsito de Maceió é um inferno. Você não consegue chegar em lugar nenhum a tempo se você não sair cedo. Então eu tive que começar a conversar com a minha patroa, fazer de tudo para ela não me demitir e para ela deixar eu sair, querendo ou não, 30 minutos mais cedo, para eu poder chegar aqui na Ufal de 19h40/ 20. Então eu assistia o quê? Uma hora e meia de aula...

O cansaço acumulado ao longo da semana também afeta sua concentração e seu desempenho acadêmico, afinal, torna-se um verdadeiro desafio ser uma boa estudante diante das exigências de uma rotina tão intensa e desgastante. A falta de tempo para descansar e para estudar os conteúdos dados em sala de aula

³⁰ Centro de Educação.

compromete não apenas sua vida acadêmica, mas também a sua saúde física e mental, impactando de forma direta na qualidade de vida.

Além disso, essa sobrecarga diária tende a impactar também a sua participação em atividades extracurriculares e oportunidades acadêmicas, como grupos de pesquisa, iniciação científica e iniciação a docência e eventos na universidade, que poderiam contribuir para seu desenvolvimento não apenas social e estudantil, mas também o profissional. Para além da sobrecarga, o receio de se comprometer com projetos da universidade que garantem bolsa também é um fator de impedimento para ela:

Eu vou te falar que eu tive várias oportunidades, mas eu fui negligente porque eu fiquei com medo de pegar uma oportunidade de extensão, ou uma oportunidade de extensão e largar meu emprego. [...] Então eu tive várias oportunidades, fazer extensão, fazer projeto, fazer pesquisa. Eu tive várias oportunidades de entrar em várias coisas, de me inscrever em várias coisas, só que eu não fui com medo, porque eu fiquei com medo de não conseguir dar conta das minhas despesas, de não conseguir dar conta dos meus gastos, de não conseguir dar conta da minha casa, e não consegui dar conta da minha vida financeira, basicamente. Porque querendo ou não, eu agora, eu queria muito, mas agora eu não consigo viver só para os meus estudos. Eu queria, mas eu não confio.

O medo de não ter uma remuneração garantida e estável, junto as necessidades de conciliar o trabalho e os estudos faz com que Clarice precise fazer escolhas difíceis, priorizando apenas o essencial (na universidade) e renunciando a momentos de lazer, socialização e de lugares formativos para além da sala de aula (como a participação em projetos de extensão, PIBIC, etc.).

Ainda assim, apesar dos desafios, Clarice demonstra grande resiliência e determinação para dar continuidade ao seu sonho em torna-se pedagoga. Através de suas narrativas, fica claro o quanto a educação é uma prioridade em sua vida, mesmo diante das dificuldades impostas por uma rotina exaustiva e por um sistema que pouco flexibiliza para estudantes que também são trabalhadores/as. Quando perguntada sobre ela se considerava uma estudante-trabalhadora ou uma trabalhadora-estudante, Clarice responde da seguinte forma:

Eu me considero uma trabalhadora e estudante. Aí eu vou explicar por quê. Por mais que eu não precise pagar a minha faculdade, que seja de graça, eu não conseguiria continuar nela estando sem emprego. Eu não consigo explicar muito bem, mas é porque eu moro sozinha e aí as despesas, querendo ou não, elas aumentam porque eu só tenho eu e minha esposa, e ela não conseguiria dar conta de tudo sozinha enquanto eu estudo. Então, para eu poder estudar, eu preciso trabalhar. Porque se eu não puder, como é que eu consigo conciliar isso? De verdade, se eu não trabalhar, eu não vou

conseguir estudar. Eu não sei explicar muito bem o que eu quero falar, eu não sei me expressar muito bem o que eu estou querendo falar. Mas é isso. Eu não conseguirei estudar sem o meu trabalho.

A resposta de Clarice demonstra sobre como a sua permanência na universidade está diretamente atrelada à necessidade de trabalhar. Diferente de estudantes que têm o privilégio de se dedicar exclusivamente à vida acadêmica, ela precisa equilibrar múltiplas responsabilidades para garantir sua formação. Para além do trabalho formal e os afazeres estudantis, Clarice vivencia uma tripla jornada trabalhista, pois, precisa também trabalhar na manutenção do seu lar:

E aí, parece que a gente tem uma tripla jornada de trabalho. É que a gente estuda e trabalha a semana toda, e quem está em casa e mora sozinho, querendo ou não, entre aspas, “que mora sozinho” e que precisa estudar sabe que acumulou todas as coisas que ficaram para fazer dentro de casa, porque não conseguiu fazer ao longo da semana. E aí junta isso ao cansaço da semana toda que você corre por estudar e trabalhar, e junta as matérias acumuladas que você não conseguia desenrolar ao longo da semana.

Por meio dos relatos, fica claro o quanto as oportunidades estão longes de serem iguais para todos/as, o que nos leva refletir sobre a necessidade de políticas educacionais que sejam mais inclusivas, que considerem as demandas de estudantes que também precisam trabalhar. Sem essas medidas, muitos/as jovens, especialmente aqueles/as em situação socioeconômica vulnerável, continuarão enfrentando barreiras para concluir sua formação, perpetuando assim as desigualdades e limitando suas oportunidades no mercado de trabalho formal.

No aspecto da permanência material, a necessidade de trabalhar para se sustentar limita o tempo de Clarice para se dedicar mais aos estudos, dificultando sua participação em atividades acadêmicas, como grupos de pesquisa e projetos de extensão. Além disso, a sobrecarga de responsabilidades, incluindo o trabalho e a administração da casa, compromete sua qualidade de vida e seu desempenho acadêmico.

5.2.2 *Eu sinto, na minha vida acadêmica, que eu nunca sei o suficiente de determinado assunto:* baixa autoestima acadêmica e sentimento de não pertencimento.

Por meio da entrevista com Clarice, foi possível perceber como a sua relação com o saber é marcada por inseguranças e um sentimento de não estar no mesmo

patamar acadêmico. Desde que ingressou na universidade, ela sente que não possui o nível de conhecimento esperado para acompanhar os debates e as exigências do curso, o que impacta diretamente sua autoestima intelectual. Ao falar sobre essas questões, eu, enquanto estudante, identifico-me muito com Clarice, o que me remete aos estudos de Reis (2020, p. 302), que explica esse “reconhecimento”:

Dois movimentos se inter-relacionam: me deparo com referências culturais dos/as participantes que em determinados aspectos diferem das minhas, com seus contextos específicos; ao mesmo tempo, me reconheço em seus relatos, ao identificar como meus, também [...] A pesquisa biográfica propicia uma coconstrução de sentido, mediante um diálogo intercultural.

Percebo também, por meio das minhas vivências e as de Clarice que essa sensação de não pertencimento e de inferioridade em relação aos demais colegas de turma é uma realidade comum entre estudantes que enfrentaram dificuldades educacionais ao longo da vida, especialmente aqueles oriundos de escolas públicas ou que tiveram trajetórias estudantis interrompidas, a exemplo disse, destaco a seguir um trecho da fala de Clarice:

Eu não tinha o nível acadêmico exigido para entrar na universidade. Eu não sei nem se é esse termo que se fala. Mas é quando eu tinha o nível de conhecimento certo para... Não sei nem se é esse que se fala, mas eu estou falando. Para entrar na universidade e saber conversar, saber me expressar, saber isso tudo escrevendo, isso tudo dialogando com autores, isso tudo fazendo os trabalhos, debatendo em sala, lendo os textos. Então eu me sentia muito prejudicada na minha inteligência, entendeu? Eu sentia que a minha formação anterior não foi suficiente para eu poder estar aqui. E querendo ou não, eu me sinto assim até hoje. Eu me sinto bem deslocada. Tanto é que às vezes quando estou com uma matéria muito difícil, eu sempre coloco na minha cabeça que eu não vou conseguir, e isso acaba ficando e acaba ficando que eu acho muito difícil, que eu não consigo, que isso e aquilo. E já por conta de quando eu entrei na faculdade eu tive um baque muito grande, poxa, estava acostumada com uma coisa, cheguei aqui e já é outra, só que totalmente diferente.

Bernard Charlot (2000), em seus estudos sobre a relação com o saber, propõe que aprender não é apenas um processo cognitivo, mas também social e subjetivo. Ele destaca que a relação do indivíduo com o saber é construída ao longo da vida e está ligada à sua história pessoal, ao meio em que vive e às suas expectativas para o futuro, para Charlot (2000), "o saber não é apenas um conjunto de informações ou habilidades a serem adquiridas, mas um elemento constitutivo da identidade do

sujeito". No caso de Clarice, sua relação com o saber foi marcada por desafios que dificultaram (e ainda dificultam) a construção de uma autoimagem acadêmica segura:

Eu sinto que eu tenho mais oportunidade de me expressar dentro da faculdade do que fora dela. Só que eu não sei se é a minha imagem que não passa muita confiança, ou muita imagem de que eu sei sobre o assunto, mas toda vez que eu tenho que falar sobre as coisas que eu estou aprendendo como pedagoga, e que eu sei sobre o desenvolvimento do ser humano, eu sinto que as pessoas fora do meu meio, inferior da universidade não me levam a sério, entendeu? Tanto por eu ser mais jovem, quanto por elas não relacionarem que eu tenho esse nível de conhecimento, pela forma como eu me expresso, sem ser academicamente, claro, e pela forma que eu falo, sem estar falando seriamente sobre a minha área.

Ser uma trabalhadora-estudante é algo que tem uma ligação direta com o abalo nessa autoestima, considerando que Clarice revela não conseguir dedicar-se tanto quanto gostaria e tanto quanto é necessário para apropriar-se dos saberes:

Então, trabalhar, estudar, afetou negativamente, como eu vejo, como eu construo os meus conhecimentos e a minha inteligência, e querendo ou não, também a minha vida. Então, senti que eu nunca sei o suficiente em algum assunto é muito horrível e que me acompanha desde que eu comecei a estudar, que eu estou tentando melhorar, claro, estudando bastante, mas que me acompanha. E que, outro ponto negativo também, eu nunca consigo estudar o suficiente. Eu nunca consigo sentar, assim, para estudar, para me conectar com autor, para me conectar com concepção, para me conectar com a faculdade, com a universidade em si. Eu nunca consigo fazer isso por conta do meu tempo. E porque, na maioria das vezes, eu me sento para estudar, eu estou cansada. Eu estou cansada de ir para a aula à noite, de voltar super tarde para casa, estou cansada de acordar super cedo para ir trabalhar também.

Compreende-se, como já dito anteriormente, que a desigualdade de condições (financeira e estrutural) entre aqueles/as que podem se dedicar integralmente aos estudos e aqueles/as que precisam trabalhar para sobreviver reforça um sistema que dificulta a ascensão acadêmica e profissional de muitos/as. No entanto, mesmo diante das adversidades, Clarice persiste demonstrando que sua relação com o saber, embora seja marcada por inseguranças, também é impulsionada por seu desejo de aprender e se tornar uma pedagoga:

Eu sinto que estudar sobre a educação me dá um gás, em futuro. Falar sobre a educação me dá um gás, me faz ter alguma coisa pessoal com a educação. Eu gosto de estar envolvida em estudos educativos, de falar sobre as políticas educacionais, de falar sobre como a educação se desenvolve na sociedade, e como a educação é defasada, e como ela poderia melhorar. Então, pra mim ela é importante. Já além do meu futuro, ela é importante pra mim como pessoa, porque passou a ser um ponto da minha personalidade.

Uma outra dificuldade encarada por Clarice no meio acadêmico é a dificuldade para socializar-se com outras pessoas: “rapaz, o desafio mesmo foi lidar com um monte de gente que é diferente de você”. Embora a colaboradora não tenha apontado motivos direto que justifiquem essa dificuldade, eu as interpreto a partir de diversas perspectivas acadêmicas, principalmente o tempo disponível para interações e o impacto do cansaço físico e mental:

Cara, eu não consegui fazer nenhum (amigo), não consegui me conectar com ninguém, eu falo. É claro, eu não sou antissocial, né? Eu sou mulher também, eu tenho colegas, eu me enturmo bem, quando eu não preciso apresentar trabalho, eu falo bem. Então eu tenho vários colegas. Eu conheço várias pessoas, né, na Ufal, mas tipo, nenhuma relação que eu consegui fazer uma conexão com alguém aqui, eu falo, eu não consegui, eu estou tentando nesse período, como também estava tentando nos outros, mas nesse período eu estou me dedicando um pouco mais.

Em consonância com o parágrafo anterior, Bourdieu (1998) discute como os agentes sociais ocupam posições diferenciadas no espaço social e possuem diferentes capitais (econômico, social e cultural), o que impacta suas possibilidades de participação em determinados contextos. Os/as trabalhadores/as-estudantes, por terem um tempo mais limitado, acabam por ter menos oportunidades de desenvolver relações interpessoais no ambiente acadêmico.

Por meio das narrativas, pode-se perceber que Clarice enfrenta sentimentos de não pertencimento e baixa autoestima acadêmica, expressando insegurança sobre sua capacidade de acompanhar o curso e interagir com colegas e professores/as, afetando de certa forma o âmbito simbólico da sua permanência na universidade.

5.2.3 Então sem dúvida para mim, o maior desafio que eu encontro na minha rotina é o tempo. Porque muitas coisas eu sinto que me roubam tempo: gestão do tempo.

Para além das questões de sociabilidade, da relação com o saber, há uma palavra que está presente de maneira muito significativa nas narrativas de Clarice: o tempo. Viver na era da informação, assim como em uma sociedade capitalista, faz com que, cada vez mais, haja a pressão para sermos coerentes com o tempo do nosso

cotidiano. Frases como “*tempo é ouro*” reforçam essa concepção, transformando o tempo em uma mercadoria valiosa, a ser otimizada e jamais desperdiçada.

A fala de Clarice evidencia a sensação de fragmentação temporal experimentada por muitos/as trabalhadores/as-estudantes. O tempo, que deveria ser um recurso a ser gerido de acordo com as próprias necessidades e desejos, torna-se algo constantemente disputado por diferentes esferas da vida, isso fica claro quando Clarice desabafa que “*Eu poderia estar estudando, eu poderia estar me dedicando. Eu poderia estar fazendo alguma coisa, participando mais das atividades acadêmicas. Entendeu? Então para mim o mais desafiador é realmente o tempo*”.

Esse sentimento de tempo roubado reflete um mal-estar contemporâneo característico de sociedades que demandam produtividade contínua, dificultando momentos de descanso, lazer e aprofundamento intelectual. No contexto dos/as trabalhadores/as-estudantes, essa dinâmica se intensifica, pois o tempo livre se torna escasso e muitas vezes é absorvido pelas demandas externas, tornando o equilíbrio entre trabalho, estudo e vida pessoal um desafio permanente. Carlos Aderaldo *et al* (2020, p. 366) explicam que:

Os padrões de consumo norteadores da modernidade sujeitam os indivíduos a estarem sempre em dia com as atualizações tecnológicas, a não pararem nunca de trabalhar, a se flexibilizarem ilimitadamente para atender a múltiplas demandas cotidianas. Tempos são comprimidos em diversas atividades simultâneas e a sensação de “falta de tempo” se torna comum. O tempo é monetarizado, comprimido e manipulado, pois é marcado pela urgência, levando a complexas e difusas organizações da temporalidade (Padilha e Jorge, 2015). Ritmos de vida são acelerados para dar conta da aceleração tecnológica e da aceleração social, tendo impactos na produção da subjetividade.

A gestão do tempo tem impactos em todas as áreas da vida de Clarice, a falta de tempo para conseguir descansar é um dos principais desafios presente no seu cotidiano. Quando questionada sobre se já tinha pensado em desistir do curso, ela fala o seguinte:

Eu já pensei em trancar meu curso várias vezes. E não porque eu não gosto do meu curso, eu amo de paixão o que eu estudo e eu adoro aprender sobre essa área. Só que o que me fez trancar, o que me fez querer trancar foi o cansaço. Eu estava cansada da minha rotina, eu estava cansada de ter que trabalhar, estudar e de final de semana não ter nenhum momento para só ficar sem fazer nada. Só aproveitar, entendeu? Porque como a minha rotina é muito pesada, meu trabalho, estudo, eu frequentemente sou ausente para minha família, eu sou ausente para a família da minha esposa, e eu sou ausente na vida dos meus amigos. Às vezes sou ausente com a minha própria esposa e muitas vezes sou ausente comigo mesma. Então, querendo não o

*que me fez querer trancar e voltar em um outro momento, quando eu estivesse mais bem resolvida, se eu estivesse melhor, **com tempo**.*

É seu amor pelos estudos e a esperança de dias melhores, de garantia de emprego digno, que Clarice relata permanecer no curso, mesmo diante das dificuldades. Para prosseguir sua vida acadêmica, ela relata que tenta gerir seu tempo da melhor maneira possível, para conseguir dar conta de todas as dimensões da sua vida:

*“Só que aí o que me fez, desistir dessa ideia é que eu não vou estar totalmente estabilizada na minha vida. Então esse momento de eu voltar só quando eu estiver estabilizada não vai acontecer. E principalmente se eu não tiver a oportunidade para que essa estabilização aconteça. Então, o que me resta, porque eu quero estudar, é tentar encaixar todos os momentos importantes na minha vida, no **tempo** que eu tenho e com o que eu tenho. Então eu tento encaixar o estudo, a minha família, a minha esposa, os meus amigos. Eu tento encaixar tudo na mesma rotina. E querendo não, toda vez dá uma vontadezinha de desistir, dá uma vontade de ir trancar, dá uma vontade de ir embora. Mas eu sempre fico “isso aqui vai me garantir alguma coisa no futuro”. E é isso que eu fico com a esperança, e é isso que me faz continuar os estudos”.*

Esse equilíbrio precário do tempo é um reflexo das tensões do tempo moderno e das demandas de uma vida que nunca parece parar. A falta de tempo para a reflexão, o aprofundamento e o prazer pessoal comprometem a qualidade de vida de tantos/as jovens e adultos/as gerando um ciclo de frustração e exaustão que se torna cada vez mais difícil de romper.

*Eu nunca consigo sentar, assim, para estudar, para me conectar com autor, para me conectar com concepção, para me conectar com a faculdade, com a universidade em si. Eu nunca consigo fazer isso por conta do meu **tempo**. E porque, na maioria das vezes, eu me sento para estudar, eu estou cansada. Eu estou cansada de ir para a aula à noite, de voltar super tarde para casa, estou cansada de acordar super cedo para ir trabalhar também. E isso me empata na minha vida pessoal como? Eu não tenho **tempo**, quando eu estou na faculdade, por exemplo, para sair. Eu não consigo sair com os meus amigos, eu não consigo ter um encontro decente com a minha esposa. Eu não consigo, por quê? Porque ou eu escolho a minha vida social ou eu escolho tirar matéria atrasada da minha frente. Então, acaba que, quando eu não estou em período de férias da faculdade, eu não consigo ter vida social direito. Claro que, às vezes, eu digo “poxa, eu tentei tanto, eu trabalhei tanto, eu mereço sair”, mas eu saio com aquela culpa de poxa, eu poderia estar fazendo isso e isso, mas eu já poderia ter adiantado aquele trabalho, porque eu sei que ele vai ficar decente.*

Pode-se dizer, a partir dos trechos citados anteriormente, que apesar de todos/as terem as mesmas 24 horas diárias, elas têm um peso diferente a depender da posição social que determinada pessoa ocupa, dessa forma, as vivências do tempo

são pessoais, com cada indivíduo experimentando o tempo de maneira singular (Borges, 2017).

São essas vivências que despertam em Clarice o desejo de que as pessoas, professores/as e a universidade, de modo geral, sejam mais empáticos/as com os/as estudantes, principalmente com os/as que precisam trabalhar e já chegam na aula esgotados/as fisicamente e emocionalmente.

5.2.4 [...] falaria para os professores, para a universidade expandirem um olhar para o outro: importância da empatia no ambiente universitário.

A vivência de Clarice revela uma realidade que muitos/as estudantes enfrentam ao tentar conciliar o trabalho e os estudos: um desgaste emocional e físico constante que muitas vezes é invisível para professores/as e para a universidade. Ao pedir que se expanda o olhar para o outro, ela sugere que a empatia e o reconhecimento das diferentes realidades dos/as estudantes são essenciais para um ambiente acadêmico mais acolhedor.

eu sinto que por parte dos professores do noturno tem uma falta de compreensão e chega a ser uma falta de empatia pelos alunos. Não todos, não generalizando, nunca, nunca, nunca. Porque hoje eu encontrei professores super queridos, que super entendem as dificuldades que um dia já estiveram no nosso lugar e que sabem exatamente pelo que a gente está passando. Mas eu sinto que a universidade em si não tem esse acolhimento com pessoas que têm jornada de trabalho excessiva, que são mães, pais, que têm alguma necessidade especial na sua vida, ou que realmente o único tempo que eles têm pra estudar é aquele. Só aquele. E não tem outro momento, é só aquele. Não dá pra dedicar outro momento da vida porque todas as áreas da vida estão cheias. Então eu sinto que realmente falta um pouco de compreensão, falta um pouco de acolhimento e até um pouco de empatia tanto dos professores, claro, não todos, e da universidade também em si.

Clarice acredita que deve haver uma “valorização” dos esforços realizados pelos/as trabalhadores/as estudante e suas estratégias para permanecer e concluir um curso de ensino superior, uma vez que, só o simples fato de conseguirem comparecerem à aula depois de um dia exaustivo de trabalho é fruto de grandes esforços:

Então valorizar o que é importante, não só o que é geral, entendeu? Valorizar a importância das coisas pequenas também. “Ele veio, é um estudante que poderia ter faltado quando ele está cansado, mas veio”, veio porque ele acha, ele acha ou tem certeza de que aquilo é importante para ele. Então valorizar o pequeno esforço que a gente faz pela nossa vida acadêmica, entendeu? Porque os esforços que são outros podem parecer muito pequenos para a gente é muito grande.

Os desafios enfrentados por trabalhadores/as estudantes exigem não apenas um esforço individual, mas também um reconhecimento institucional das dificuldades externas que impactam diretamente o desempenho e o bem-estar dos/as alunos/as, acerca disto, Nadir Zago (2006, p. 228) acredita que:

Uma efetiva democratização da educação requer certamente políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino.

Em complemento ao parágrafo anterior, Symaira Nonato e Maria Corrachano (2021, p. 38) discorrem sobre o compromisso da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude³¹:

É importante mencionar que a construção de um conjunto de ações prioritárias para a conciliação do trabalho e dos estudos pela Agenda visa responder aos desafios de uma juventude que busca, pois precisa, conciliar trabalho e escola. Defende-se, por exemplo, a organização de jornadas de trabalho que permitam o acesso e a permanência dos/as jovens trabalhadores/as e estudantes na educação básica, profissional e superior, ou que garantam seu retorno às atividades escolares, dentre outros aspectos.

Por meio das narrativas, percebe-se que, embora Clarice enxergue esse espaço como minimamente empático, é nele que ela também descobre uma versão mais humana de si mesma:

Eu sinto que entrando na faculdade, pelo menos para mim, e assim, ligado ao curso, ao qual eu estudo, me fez me tornar uma pessoa mais humana, entendeu? Uma pessoa mais humanizada, que vê as pessoas de uma outra forma, que vê as pessoas não como produtos, mas como que realmente são pessoas, são seres humanos. Me fez ter um olhar mais sentido, assim, para a vida e para mim mesma.

Muito mais do que um impacto pessoal, essa experiência molda a visão de Clarice sobre sua futura atuação como professora, inspirando-a a exercer sua profissão de maneira mais sensível e comprometida com seus/suas futuros/as educandos/as. Para ela, ensinar vai além de transmitir conteúdos, é um ato que exige

³¹ A Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude busca garantir condições dignas de trabalho para jovens, promovendo emprego com direitos, qualificação profissional e conciliação entre estudo e trabalho.

paciência, dedicação e, acima de tudo, amor pela profissão. Sua vivência como trabalhadora-estudante reforça sua crença de que um/uma bom/a professor/a não se limita ao conhecimento técnico, mas também deve compreender as realidades dos/as alunos/as e oferecer suporte para que possam aprender de forma significativa.

para você poder ser professora, primeiro que você tem que ter paciência, segundo que você tem que ter amor a sua profissão, porque não adianta você ser professor e você não amar o que você faz. Para mim, você tem que amar ensinar, porque senão você não vai conseguir passar os conteúdos e ensinamentos de forma correta. Você não vai conseguir demonstrar todo o seu conhecimento, você só vai estar ali pelo emprego. E para mim você precisa ter amor ao ensino, você precisa ter amor ao seu trabalho, amor a qual recorte.

O trecho citado acima me remete ao educador Paulo Freire (2019, p. 47), que aborda a importância da palavra “A palavra não é apenas um meio de expressão daquilo que o homem pensa, mas também um meio de reflexão e de transformação”. Ele acredita que a palavra é essencial no processo de conscientização e emancipação dos oprimidos, pois é através dela que se dá o diálogo e a construção do conhecimento.

Nesse sentido, Clarice entende que sua trajetória não apenas a fortalece, mas também a prepara para ser uma educadora mais empática e engajada, capaz de transformar a sala de aula em um espaço de acolhimento e crescimento. Sua trajetória também evidencia as dificuldades estruturais enfrentadas por muitos/as trabalhadores/as-estudantes, demonstrando como a desigualdade social impacta o acesso e a permanência no ensino superior. A narrativa de Clarice, assim como a de Dandara e a de Anália, ressalta a importância de políticas públicas que garantam maior flexibilidade acadêmica e apoio institucional, possibilitando que esses/as estudantes possam conciliar trabalho e estudo sem comprometer seu bem-estar.

Para Clarice, a empatia dentro do ambiente universitário é um fator essencial para a permanência estudantil, pois a falta de compreensão sobre a realidade dos/das estudantes-trabalhadores/as pode tornar o espaço acadêmico ainda mais excludente. Essas dificuldades evidenciam como a permanência universitária não se resume apenas ao fator financeiro, mas envolve também barreiras subjetivas que podem afetar o sucesso acadêmico e a permanência no ensino superior

5.2.5 Restituição reflexiva partilhada com Clarice Lispector

Assim como no primeiro encontro, utilizamos o intervalo entre o fim do expediente e o período seguinte para conversar brevemente sobre as impressões de Clarice ao entrar em contato com a análise. Ela já havia me enviado uma mensagem pelo WhatsApp expressando o quanto apreciou a forma como suas narrativas foram analisadas, mas durante o nosso segundo encontro, ela reforçou sua satisfação ao revisitar a análise realizada:

Rapaz, eu li, e eu achei muito interessante a forma como você me descreveu na sua análise. Eu não me senti confusa ao ler os meus relatos, eu só senti que eles ficaram muito longos. Eu não achei que eu tinha falado tanto, mas eu achei que na sua análise você foi sincera, você viu realmente qual eram os problemas, qual eram as dificuldades e como a minha história tinha sido. Eu não me incomodei nem um pouco com a forma como você me analisou, com a forma que você me descreveu para o seu trabalho. Achei uma análise honesta do que eu falei.

Clarice destaca a importância de ler sua própria história a partir do olhar de outra pessoa, ressaltando como isso contribuiu para validar suas memórias e proporcionar uma nova compreensão sobre si mesma:

Eu me senti bastante feliz ao ter uma perspectiva da minha história, que não é a minha, que aí eu vejo realmente se eu estou certa naquilo que eu lembro. E aí ler aquilo escrito me traz uma lembrança mais forte de todos os momentos que eu passei na minha vida. Então eu achei assim, uma escrita muito legal. Eu gostei bastante de como eu fui descrita e de como essa escrita causou uma certa felicidade e compreensão sobre mim mesma. Então eu gostei bastante.

(Entrevista do dia 12/02/2025)

Como mencionado anteriormente, Clarice se sentiu contemplada pela análise realizada, mas relatou um certo estranhamento ao ler suas próprias palavras transcritas e organizadas no texto. Esse tipo de reação é comum em pesquisas que trabalham com narrativas, e esse processo evidencia a forma como a narrativa, ao ser revisitada e reinterpretada, pode gerar tanto reconhecimento quanto surpresa para quem a protagoniza, como a colaboradora mesmo pontua.

só fiquei meio assim incomodada por conta que eu falei muito. E as partes do... e que aparece a minha fala, para mim não ficaram muito claras, mas porque eu falei, entendeu? Então eu fiquei na minha cabeça, tipo, “poxa, eu falei isso desse jeito mesmo? E eu falei e ficou dessa forma? Que coisa mais engraçada, eu não achei que eu tinha falado dessa forma”. Mas eu não me incomodei nem um pouco com a forma que você analisou e com a forma que

você colocou meus relatos. Foram exatamente aquilo que eu tinha falado. Tipo, exatamente o que eu falei era o que estava escrito. Então eu não me incomodei nem um pouco. Achei ótimo, na verdade. Achei uma... achei essa escrita muito legal, muito fluida.

(Entrevista realizada no dia 12/02/2025)

Em suma, a restituição aconteceu de forma rápida, e a colaboradora não solicitou mudanças no corpo do texto, pois sentiu que sua história de vida foi respeitada e bem representada. A fala de Clarice mostra como esses momentos podem ir além de uma simples metodologia ou forma de fazer pesquisa. A pesquisa autobiográfica em educação serve também como um instrumento para um processo reflexivo.

5.2 Análise de entrevista de Anália Franco

Anália é uma jovem mulher de 19 anos de idade, que se autodeclara mulher branca e heterossexual, reside atualmente na cidade de Maceió, mas morava há alguns anos atrás na cidade de Rio Largo. Apesar de ser tão jovem, é possível ver através das narrativas de Anália a preocupação em não ser um “fardo” financeiro para seus pais, assim, sua jornada trabalhista se inicia aos 16 anos de idade, quando ainda estava cursando o ensino médio.

Atualmente, Anália é estudante do 5º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, possui vínculo trabalhista ocupando a função de auxiliar de sala em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) numa turma de Maternal II, com crianças na faixa de três anos de idade. Apesar de hoje conseguir trabalhar durante 20 horas semanais, a realidade até pouco tempo atrás era diferente. Assim com Dandara, Anália teve a felicidade de ser contemplada com bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), permitindo que ela encurtasse sua jornada trabalhista, considerando que antes precisava trabalhar 40 horas semanais em locais diferentes.

Ao ser perguntada sobre seus vínculos familiares, a colaboradora comenta a trajetória de sua família paterna e materna. No que diz respeito à sua família paterna, ela relata que sua avó teve apenas filhos homens, os quais concluíram o ensino médio, mas nenhum chegou a cursar o ensino superior. Relata também que todos eles assumiram a profissão de motoristas. Ao tratar sobre a família materna, Anália diz que sua mãe e tios tiveram uma infância complicada por questões financeiras, visto que

seu avô paterno era caminhoneiro e passava longos períodos longe de casa. Anália demonstra ter muito orgulho de sua mãe, relatando que desde que se entende por gente viu ela trabalhar no ramo gastronômico, relata também que sua mãe tem formação superior em Gastronomia.

Essas pautas familiares levam Anália a refletir sobre algumas questões, dentre essas, o fato de ser a primeira mulher da sua família a estudar em uma universidade federal, relatando que *“Eu não tinha parado para pensar nisso ainda. É uma coisa muito importante”*. Isso nos leva a refletir sobre o quanto o processo de narrar assume um papel importante, uma vez que as narrativas dão sentido à experiência humana ao ajudar as pessoas a organizarem e interpretarem os eventos de suas vidas de maneira estruturada (Delory-Momberger).

Anália é estudante da rede pública de ensino desde o Fundamental II, relata que sempre foi uma pessoa muito estudiosa e dedicada na escola:

“Eu sempre fui aquela aluna muito participativa. E tinha festa para dançar, eu vou. E tinha não sei o que para ajudar na sala dos professores, eu estava lá. Jogos, tem que ajudar nisso e naquilo. Se pode chegar mais cedo, posso. Então, eu sempre participava de tudo. Eu amava, aí, até o segundo ano, tudo, eu amava. Aí, até o segundo ano, estava tudo bem. Eu tinha muita intimidade com todos os professores, com a diretora. Todo mundo me conhecia, porque realmente eu ajudava em tudo. Eu fazia até café na sala dos professores, que eu era adiantada”

É a partir do engajamento na escola e da aproximação dos professores no ensino médio que surge a vontade de trabalhar no ambiente escolar. Assim, Anália começou a dedicar-se nos estudos para conseguir ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas.

Ao longo da entrevista e a partir da análise realizada, foram identificadas diversas questões presentes nas narrativas de Anália, com destaque para a dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho.

A escolha do nome “Anália Franco” foi feita em homenagem à renomada educadora brasileira, que dedicou sua vida à educação e ao acolhimento de crianças. Essa escolha reflete a essência da entrevistada, que demonstra amor e dedicação ao lidar com as crianças do seu ambiente de trabalho, assumindo um papel fundamental na formação educacional e social das novas gerações.

A seguir, apresento os três temas mais recorrentes mencionados durante a entrevista de Anália Franco:

1. Dificuldade de conciliação entre trabalho e estudo;
2. Importância das oportunidades institucionais e auxílios estudantis;
3. Processos de socialização e construção identitária.

A gestão biográfica de Anália reflete um processo de construção identitária, em que suas experiências e desafios foram ressignificados ao longo do tempo. Desde a adolescência, sua história está atravessada por valores como autonomia e responsabilidade, inicialmente herdados do contexto familiar e reforçados por suas vivências enquanto jovem trabalhadora e estudante. Ao ingressar na universidade, Anália não apenas ampliou suas oportunidades profissionais, mas também reformulou suas percepções sobre sua própria trajetória, compreendendo seu papel como pioneira em sua família³² e o impacto de sua formação nas gerações futuras.

5.2.1 *Por mais que eu sempre sonhasse, antes de entrar na universidade, depois que eu entrei, eu percebi que dá certo, que eu posso conseguir: dificuldade de conciliação entre trabalho e estudo.*

Como já citado anteriormente, Anália Franco estudou a maior parte de sua vida em escolas da rede pública, ela relata alguns pontos negativos no ensino, pois por vezes faltavam professores e os/as alunos/as acabavam sendo prejudicados/as pois não tinham aula de determinadas disciplinas. A chegada da pandemia de Covid-19³³ tornou tudo mais difícil, principalmente por ter sido nos últimos anos do ensino médio:

Aí, chegou a pandemia e esse foi o maior problema, porque quando chegou a pandemia eu estava finalizando o segundo ano para ir para o terceiro, ou seja, eu fiz 80% do meu terceiro ano online e aí o que aconteceu? Como eu já não tinha base de matemática, eu pensei eu não vou arriscar se presencialmente, e eu já passava sufoco pra aprender, imagine no online”

A pandemia foi um período crítico em todo o mundo e, no Brasil, além do caos causado pelo vírus e pelo isolamento social, o país enfrentou sérios problemas no sistema de saúde, com colapsos nos hospitais e pronto-atendimentos em diversas regiões. Durante esse período, o governo de Jair Bolsonaro foi fortemente criticado

³² Anália é a primeira mulher da sua família a estudar em uma Universidade Federal.

³³ A pandemia de COVID-19 foi uma crise de saúde global causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. O Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS) declararam a pandemia em nível global em 11 de março de 2020.

pela demora e pela falta de urgência nas negociações e aquisições das vacinas, o que contribuiu diretamente para o aumento significativo no número de mortes.

No que diz respeito à educação, durante o início da pandemia, as creches, escolas e faculdades foram fechadas no primeiro semestre de 2020, como medida para conter a disseminação do vírus. No segundo semestre daquele ano, algumas instituições de ensino adotaram o modelo de Educação a Distância (EAD), mas essa medida revelou-se desigual, pois grande parte da população não tinha acesso adequado à internet ou a dispositivos móveis. Além dessas questões, estudar em casa se tornou um grande desafio, pois muitos/as alunos/as enfrentaram dificuldades para manter a concentração e a motivação, além de outros obstáculos, como a falta de um ambiente adequado para o estudo e a sobrecarga de responsabilidades familiares.

Com Anália o cenário não foi diferente, ela relata dificuldades para aprender as disciplinas de exatas e para aprender conteúdos importantes para o vestibular *“eu fiz o Enem naquela pressão de pós-pandemia, que foi horrível. A gente tinha a sensação que não tinha feito nada naquelas aulas online, parecia que o tempo só ia passando, passando e a gente não ia aprendendo o suficiente”*. É nesse cenário pandêmico que Anália ver surgir oportunidade de trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro, ao mesmo tempo que concilia as aulas online. Ela recebeu o convite para trabalhar meio expediente em uma casa de bolo de uma amiga, quando ainda morava na cidade de Rio Largo:

eu nunca tinha trabalhado e como eu já tava na adolescência eu estava querendo trabalhar, porque a gente começa a querer sair, a querer comprar as coisas, enfim, não tem mais cara de estar pedindo dinheiro quando a pessoa já está ali depois dos 16 anos, a gente fica querendo trabalhar para poder comprar as nossas coisinhas. E aí foi uma oportunidade que eu queria.

O trecho acima citado reafirma o posicionamento de Abramo et al (2020, p. 529) que afirmam que:

o sentido desse trabalho inicial na adolescência é o de “ajudar a mãe”, ganhar algum dinheiro “para ter minhas coisinhas”, uma maneira de expressar como assumem parte da responsabilidade pelo orçamento familiar, mesmo que seja apenas com gastos pessoais.

Esse movimento reflete não apenas uma busca por autonomia, mas também é uma tentativa de contribuir para o bem-estar familiar, o que muitas vezes pode ser uma forma de lidar com as expectativas sociais e familiares em relação à sua maturidade e capacidade de prover. Além disso, essas experiências podem gerar uma

compreensão mais visível da dinâmica financeira e das limitações do dinheiro, auxiliando na formação de valores relacionados ao trabalho, consumo e responsabilidades dentro do contexto doméstico, em detrimento ao que foi dito, Symaira Nonato e Carla Corrochano (2021, p. 25) discorrem que:

a relativa independência financeira dá aos/as jovens a possibilidade de atribuir-se e ter atribuída a identidade de “jovem”, que é conquistada não só pelo dinheiro, mas pelo próprio ato de circular por vários espaços e não ficar só em casa.

É a partir da oportunidade dada por sua amiga que Anália se depara com as responsabilidades e desafios de ser uma jovem, trabalhadora e estudante. Ela se considera uma “trabalhadora-estudante” considerando que *“por mais que atualmente eu tenha mais horas para estudar eu não posso deixar de trabalhar, não é uma opção”*. A colabora conta que mudou sua rotina diária, passou a acordar mais cedo para cumprir o horário do trabalho e que conseqüentemente passou a valorizar ainda mais o dinheiro que recebia:

Eu chegava bem cedo, porque a gente tinha que organizar tudo para umas 7, 8 horas já ter bolo na vitrine, né, para o pessoal comprar, para tomar café, enfim. E aí eu comecei a ter noção do que é você acordar, 5 e meia da manhã, pra você ir trabalhar e ter a responsabilidade é como se a gente assim, pra mim, estralou uma chavezinha, tipo, olha o que a gente tem que fazer pra sobreviver, pra ter dinheiro, pra poder viver.

Essa experiência faz com que Anália comece a entender, de forma mais concreta, o impacto do trabalho em sua vida, bem como na vida das pessoas em geral. Ao acordar tão cedo e se dedicar à rotina do trabalho, ela passa a ter uma percepção mais clara sobre o valor do esforço diário e a relação entre o tempo dedicado e o dinheiro recebido. A jornada de conciliar estudo, trabalho e as demais responsabilidades mostra uma realidade mais dura sobre a necessidade de se sustentar e garantir a própria independência financeira, mesmo que ainda tão jovem.

Nesse processo, Anália vai além da simples valorização do dinheiro, passando a perceber também o trabalho como uma responsabilidade fundamental para alcançar seus objetivos e viver de maneira autônoma. A “chavezinha” que ela menciona em sua narrativa simboliza esse momento de “despertar”, em que ela compreende que a vida exige esforço contínuo e dedicação para conquistar o que é necessário para sua sobrevivência e crescimento pessoal:

como tava na época da pandemia, eu não tava estudando eu tinha aula online aí eu preferia tá lá, botava o meu computadorzinho na aula online no período da tarde ficava assistindo a aula e se chegasse algum cliente dava um jeito, é melhor do que não ter o dinheiro, né, porque se eu trabalhasse só pela manhã ia ser metade do valor, eu acho que no período era tipo 600 reais que eu ganhava, e aí se eu trabalhasse só de manhã esse valor reduzia pra uns 400 reais, 300 e pouco então eu dava meus pulos, eu ia pra lá à tarde, levava o celular, levava minhas coisas da escola, estudava por lá, e aí trabalhava, né? E eu trabalhava de segunda a sábado. Então, era rojão ali, e eu trabalhava no... Você sabe que trabalhar em cozinha, minha filha, é puxado. Você tá ali do lado do forno, então isso me trouxe um senso de responsabilidade enorme por mais que foi muito cansativo na época eu acho que se eu não tivesse passado por essa experiência, eu não teria a responsabilidade que eu tenho hoje em relação a trabalho. Nessa época foi o problema todo da pandemia, de como que ia estudar, foi o mesmo ano do Enem, então eu tive que conciliar as duas coisas ao mesmo tempo, mas deu certo.

Nesse processo de transição do ensino médio para o ensino superior, Anália precisou lidar com questões pessoais como a separação dos seus pais. Sua mãe começou a morar em Maceió, enquanto seu pai continuou residindo na cidade de Rio Largo. Ao receber o resultado da aprovação no curso de Pedagogia na UFAL, Anália muda-se para Maceió e passa a morar com sua mãe, pois, a questão do transporte para a universidade ficaria mais fácil.

É importante destacar que as trajetórias de Anália, Clarice e Dandara são bastante semelhantes, um exemplo disso é a dificuldade enfrentada por todas em relação à mobilidade urbana, especialmente no que se refere ao transporte público, um desafio recorrente para quem vive nas regiões periféricas de Maceió. No que tange à transição do ensino médio para a universidade, Dandara demonstrou maior facilidade de adaptação, devido à experiência adquirida durante seu ensino médio no Instituto Federal de Alagoas, que proporcionou uma vivência similar à realidade universitária, já Anália, ao retomar suas experiências, relata que sua transição para a universidade foi mais turbulenta, marcada por desafios significativos:

teve bastantes desafios no primeiro período porque eu literalmente saí do ensino médio e entrei na universidade, então foi questão de poucos meses de diferença, então a gente já vem acostumado com um certo tipo de estudo, e aí quando a gente cai de paraquedas na universidade, a gente fica assim, maluco, meu Deus, eu vou embora, que eu não vou conseguir dar conta, é muita coisa, mas aí, o bom do primeiro período é que a gente percebe que tá todo mundo na mesma situação, tem alguns que já são graduados em outra coisa, mas a maioria, pelo menos na minha turma, era todo mundo assim, calouro, “bebê”, sem saber de nada. Então, a gente foi se ajudando. Hoje estou no quinto período e a universidade me mudou em tudo.

Através desse trecho, é possível refletir sobre o quanto a universidade é um espaço não apenas de ensino, mas um espaço multifacetado, onde ocorrem dinâmicas de socialização e de construção de identidade. O fator de “identificação” com outros indivíduos nesse ambiente universitário pode ajudar os/as estudantes a se “reconhecerem” e a criarem um vínculo de apoio para assegurar a permanência. Por meio dessas relações, ocorre a troca de experiências e vivências, o que leva, por consequência, à sua “desconstrução” identitária. A partir desses movimentos, é possível perceber, mais uma vez, a reflexão de que os processos identitários e de sociabilização estão entrelaçados, pois um influencia o outro.

É nessa transição para a universidade que Anália começa a residir em Maceió e começa a trabalhar e conciliar os estudos do curso de Pedagogia da Ufal. É nesse período que Anália começa a ter ainda mais noção das responsabilidades da “vida adulta”, onde ela começa a trabalhar como jovem aprendiz, aos 17 anos de idade, com carteira assinada, e precisa lidar com as responsabilidades e obrigações que o trabalho requer, para Corrachano (2013, p. 29) a “A juventude brasileira é uma juventude trabalhadora”, e as narrativas de Anália é uma prova disso:

eu saí de Rio Largo, vim pra Maceió e consegui um trabalho de jovem aprendiz. Aí foi outro momento importante, porque, quando eu trabalhava com minha amiga no bolo, não que eu não levasse a sério, óbvio, eu tinha responsabilidade só que não era um trabalho fechado, não tinha todas aquelas questões burocráticas de um CLT, né e aí quando a gente entra nesse mundo assim, de “ah você tem direito a isso e isso, é assim que funciona tem que bater o ponto, e não sei o quê.

Anália trabalhou em um shopping no bairro de Cruz das Almas, em Maceió, por três meses e relata que ao vivenciar aquela realidade, tomou consciência que não era algo que queria para a sua vida, pois a rotina exaustiva e a pressão por metas a fizeram perceber a importância de investir nos estudos para buscar melhores oportunidades. Foi nesse período que decidiu focar na universidade e procurar experiências acadêmicas alinhadas à sua área de formação. Nessa mesma época surgiu a oportunidade de estagiar na educação infantil, Anália não hesitou em trocar o emprego no shopping por uma vivência que, além de garantir sua estabilidade, lhe proporcionava aprendizado prático e contribuía para sua trajetória profissional enquanto pedagoga em formação.

Anália relata que surgiram dificuldades financeiras no seu âmbito familiar, o que fez com que ela precisasse de um segundo emprego em uma clínica voltada para a

Psicopedagogia. Ela descreve esse período como um dos mais difíceis de sua trajetória acadêmica: *"Eu saía de um, corria pro outro, mal tinha tempo de almoçar, de tomar um banho, de me ajeitar. Eu tomava banho na escola, almoçava correndo na escola, saía e ia pra clínica"*, relata. A correria do dia a dia se tornava ainda mais desgastante ao fim do expediente, quando precisava enfrentar ônibus lotados para chegar à UFAL: *"Se eu perdesse aquele ônibus, eu não chegava na UFAL a tempo da aula, e o ônibus lotado, lotado de gente, a ponto de eu sentar no chão"*, relembra:

aí eu ia o caminho todinho pra UFAL, dormindo cansada e foi quando eu senti na pele, porque começou a prejudicar os estudos, por que se eu estava ocupada o dia inteiro em que momento eu ia estudar? Aí as pessoas falam "ah, você estuda no final de semana", só que não dá conta porque todos os dias a gente tem conteúdo pra ler, todos os dias é seminário, e é prova, e é não sei o que, então, e eu já tinha avançado de período, acho que eu já tava no terceiro, e aí foi ficando mais difícil.

O acúmulo de responsabilidades começou a impactar diretamente seu desempenho acadêmico, gerando uma sobrecarga física e mental difícil de administrar. "Eu fazia as coisas assim, ficava pedindo ajuda às pessoas, 'olha, me ajuda que eu não sei, eu tô perdida, não consegui ler o conteúdo, tô por fora'". A sensação de não dar conta das demandas da universidade se tornou cada vez mais presente, fazendo com que Anália repensasse sua rotina e buscar alternativas para equilibrar trabalho e estudo. Foi nesse contexto que surgiu a oportunidade de ingressar no PIBIC, uma mudança que, segundo ela, trouxe um alívio significativo e a possibilidade de se dedicar mais à sua formação acadêmica.

Algo a ser destacado neste tópico é que, apesar das inúmeras dificuldades que Anália enfrenta para conciliar sua rotina estudantil e profissional, ela encontra apoio significativo nos/as professores/as, que demonstram compreensão e sensibilidade em relação às suas condições de vida:

no CEDU, eu só tenho experiências positivas, quanto aos professores acolherem os alunos trabalhadores, e principalmente do noturno, que todo professor que é do noturno fala, olha, eu sei que vocês estão aqui, porque não é a melhor opção do mundo estudar à noite, mas é o que dá.

Ao manifestarem empatia e flexibilizarem suas exigências, esses/as professores/as ajudam a criar um ambiente mais acolhedor e menos sobrecarregado, o que permite aos estudantes focar no aprendizado e no desenvolvimento acadêmico, apesar das dificuldades. Essa compreensão não apenas facilita a permanência

desses/as estudantes na universidade, mas também reforça a importância de uma educação que reconhece e respeita as múltiplas realidades dos/as seus/suas alunos/as.

5.2.2 [...] *se eu tivesse a oportunidade de só viver de bolsa na universidade, eu viveria tranquilamente*: importância das oportunidades institucionais e auxílios estudantis.

Ao longo da entrevista, Anália menciona repetidamente seu apreço pelo convívio com professores/as, destacando o quanto sempre gostou de estar inserida no ambiente escolar. Assim como aconteceu no ensino básico, no ensino superior ela também desenvolveu uma forte conexão com alguns docentes, citando, entre eles, sua professora Liz³⁴. Buscando uma oportunidade que lhe permitisse conciliar os estudos com uma fonte de renda, Anália relata:

eu já estava conversando com a professora Liz sobre o PIBIC, sobre ser bolsista dela. E aí eu fiquei no pé. Eu ficava no pé “professora, lembrei de mim”, “professora, eu quero muito essa bolsa, eu quero muito participar”.

A persistência de Anália foi essencial para que ela conquistasse a bolsa, que se tornou um ponto de virada em sua trajetória acadêmica: *“Eu fiquei muito receosa de dar esse passo, porque eu falei, caraca, eu vou sair do emprego e se eu não conseguir a bolsa? Aí eu vou ter que desistir da bolsa de novo pra arrumar outro estágio”*, relembra. O “passo” ao qual ela se refere é o de abandonar o seu segundo emprego (o da clínica) na medida em que se aproximou o período de seleção para o PIBIC.

Em poucos meses, surgiu a oportunidade que tanto aguardava. A entrada no PIBIC não apenas lhe garantiu uma fonte de renda, mas também possibilitou maior envolvimento com a pesquisa, permitindo que se aprofundasse na área acadêmica e tivesse uma vivência mais alinhada aos seus interesses estudantis e profissionais, como ela mesma destaca:

meu desempenho caiu muito nessa época e foi quando apareceu o processo seletivo do Pibic, e aí eu falo pra Liz até hoje, “Liz você salvou minha vida”, porque eu tô conseguindo estudar o que eu sempre quis, que é a pesquisa, que é o caminho que eu já me identifiquei desde o início do curso, e ainda sou bolsista. Então, isso tem me ajudado muito a ter uma qualidade de estudo melhor.

³⁴ Nome fictício para preservar a identidade das participantes.

Essa experiência reforça a ideia de que os processos educativos vão além da sala de aula e envolvem múltiplas interações. Para Antunes (2010, p. 48), analisar a educação implica considerar suas diversas dimensões, como as relações sociais, culturais, o vínculo com o mundo do trabalho, as amizades e as experiências de lazer. Todos esses fatores moldam e são moldados pela vivência educacional, influenciando diretamente a trajetória dos/as estudantes e suas escolhas ao longo do percurso acadêmico.

No caso de Anália, a universidade não foi apenas um espaço de formação teórica, mas também um ambiente que possibilitou o desenvolvimento de sua identidade profissional e pessoal. Seu envolvimento com a pesquisa, impulsionado pelo PIBIC, demonstrou a importância das oportunidades institucionais para estudantes que, como ela, precisam conciliar trabalho e estudo. Além disso, a interação com professores e colegas ampliou suas perspectivas e reforçou seu desejo de seguir na área acadêmica, evidenciando como a educação se constrói a partir dessas múltiplas conexões e vivências:

Hoje em dia, eu estou conseguindo estudar bem, porque eu estou trabalhando, continuo trabalhando na prefeitura como estagiária e tô no projeto então isso me ajudou bastante a melhorar a qualidade dos meus estudos né? Então eu acho que o resumo é isso, eu vou fazer 20 anos daqui a pouco, mas aí já tenho umas experiências bastante interessantes com o emprego.

Para Souza (2004, p. 63), o processo formativo pode ser compreendido “como um lugar de luta, tensões e conflitos, caracterizando-se como um espaço de construção do ser e estar na profissão, que parte do pessoal para o profissional e vice-versa”. A fala de Anália ilustra claramente como o processo formativo ultrapassa as barreiras da teoria acadêmica e se estende ao campo das vivências pessoais e profissionais. Ao conciliar trabalho e estudo, ela vivencia as tensões e os desafios mencionados por Souza.

O impacto de participar do PIBIC, e consequentemente ser bolsista, faz com que Anália veja a importância das políticas públicas de apoio aos/as estudante, como o auxílio estudantil, que se torna fundamental para a conciliação entre trabalho e estudo. Ela reconhece que esses programas oferecem condições materiais e financeiras que possibilitam dedicar mais tempo e energia à sua formação acadêmica, algo que seria difícil sem esse suporte:

A gente percebe a importância dos projetos de pesquisa, das bolsas, daquele auxílio estudantil também, porque eu fico, caramba, como é que eu vou conseguir ter um tempo? Na época que eu tava ocupada trabalhando de dois horários, porque eu não tinha tempo. [...]

Esse reconhecimento de Anália sobre a importância das políticas públicas de apoio aos estudantes destaca a necessidade de iniciativas que promovam a permanência e o sucesso acadêmico de alunos/as que enfrentam múltiplos desafios. Esse tipo de suporte é essencial para garantir que todos/as tenham as mesmas oportunidades de alcançar seu pleno potencial, independentemente das dificuldades externas à universidade. Anália, ao ousar sonhar sobre possíveis melhorias para a vida universitária dos/as jovens estudantes e trabalhadores/as, compartilha suas ideias com a seguinte reflexão:

Eu não sei se é uma ideia muito, muito utópica, muito sonhadora, mas eu fico pensando que talvez, se dentro da própria universidade tivessem oportunidades de estágios, tivessem mais oportunidades de monitorias, enfim, para que o jovem pudesse trabalhar e aprender ali dentro, eu acho que isso aí mudaria muita coisa, eu acho que isso aí mudaria muita coisa, porque a gente poderia se esforçar bem mais, dedicar muito mais se a gente estivesse recebendo, tendo uma renda e estudando ali mesmo.

Essa idealização de novas oportunidades para os/as estudantes nas universidades públicas representaria um grande avanço. Conforme destacam Vargas e Paula (2013), não se trata apenas de democratizar o acesso, mas, sobretudo, de garantir a permanência desses/as estudantes, reconhecendo que o processo de inclusão vai além da entrada na universidade e exige condições que favoreçam o sucesso acadêmico e a continuidade da trajetória estudantil.

Outro ponto significativo e recorrente nas narrativas da colaboradora é a questão da construção de identidade e de sociabilidade, aspectos fundamentais da experiência universitária. Para Anália, o ambiente acadêmico não se resume apenas ao desenvolvimento intelectual, mas também ao processo de formação pessoal, no qual ela começa a se reconhecer como parte de uma comunidade acadêmica mais ampla.

5.2.3 “[...] a universidade me mudou em tudo”: processos de socialização e construção identitária.

A universidade pública muitas vezes carrega um estigma perante uma parcela da sociedade, que acredita que a inserção nesse ambiente transforma as pessoas de maneira radical, tornando-as completamente diferentes do que eram antes. Com Anália, não foi diferente. Ela relatou que a universidade a mudou profundamente e que essas transformações nem sempre são vistas de forma positiva por certos grupos. Como ela mesma compartilhou:

Tanto que tem umas amigas do ensino médio que, quando me encontram, dizem: ‘Olha, ela entrou na UFAL e já ficou toda assim, tudo culpa da UFAL. [...] Eu acho que o que eu escuto muito de pessoas que estão fora da universidade é tipo assim “ah, esses adolescentes adultos que entram na universidade são muito militantes, muito mimimi, e principalmente da UFAL, entra na UFAL, vira mimimi.

Essa percepção sobre a transformação proporcionada pela universidade é interessante e complexa, especialmente quando se pensa nos estigmas que podem surgir a partir dessa mudança. Muitas vezes, a inserção em um ambiente acadêmico, como a UFAL, é vista por algumas pessoas como uma forma de distanciamento de quem a pessoa era antes, especialmente se ela começa a adquirir novos conhecimentos, questionar antigas concepções ou adotar comportamentos que destoam daquilo que era esperado.

Anália deixa isso explícito na sua fala, quando diz que *“E aí a gente começa a ter acesso a certos tipos de informações que antes nem passavam pela nossa cabeça e aí por consequência disto, a gente consegue se expressar melhor politicamente falando”*. Para Blasco et al (2019, p. 34):

A universidade é um meio no qual o indivíduo consegue delimitar sua identidade, desenvolver habilidades interpessoais, expandir o conhecimento sobre si mesmo e sobre sua sexualidade, pois está em contato com um maior número de pessoas, de ideologias, atitudes e comportamentos.

Para elucidar a discussão cabe citar os estudos da autora Keila Haiashida (2012), que ao se basear na "geografia cultural", propõe que a identidade do sujeito é moldada pelas influências dos espaços que ocupa. Ao ingressar no ambiente universitário, o/a estudante tem acesso a novos conhecimentos, culturas, religiões e

formas de sexualidade, o que desencadeia um processo de questionamento e transformação.

Esse processo envolve a desconstrução de conceitos e ideias pré-estabelecidas, abrindo espaço para a formação de novas perspectivas e para a descoberta de novas formas de ver o mundo e a si mesmo/a. A universidade, portanto, não é apenas um lugar de aprendizado acadêmico, mas também de resignificação e expansão do ser, onde o sujeito se reconecta com suas próprias crenças e passa a explorar um universo mais plural e diversificado. Segundo Machado (2003, p. 53):

É mediante as relações sociais, os fluxos e as trocas sociais que o indivíduo busca identificar questões que lhe são interessantes e aquelas que ele tende a refutar. Trata-se da construção de uma unidade individual e subjetiva de identidade.

Para o conceito de identidade, utilizo a definição de Stuart Hall (2000, p. 118), que afirma que:

o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre os discursos e práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e os processos que produzem subjetividades, que constroem como sujeitos aos quais se pode falar.

No processo de construção identitária de Anália, percebe-se uma jovem cada vez mais consciente, tanto teoricamente quanto politicamente. Sua trajetória acadêmica possibilitou um amadurecimento crítico, ampliando sua compreensão sobre questões sociais e estruturais. Esse crescimento fica evidente através de suas falas, onde ela demonstra uma percepção mais aprofundada sobre desigualdades, privilégios e o funcionamento da sociedade:

“quando eu entrei tava naquela loucura, Lula versus Bolsonaro, né, as eleições e tudo mais, quem vai ganhar então aí, e como eu sempre fui muito curiosa, antes de entrar na universidade eu não tinha informação suficiente para me declarar politicamente, então por mais que eu soubesse que eu não votaria no Bolsonaro nem a pau, até antes de entrar na universidade, só que aí eu não tinha embasamento teórico suficiente para sustentar isso, eu não votava nele mas eu não tinha embasamento teórico suficiente para sustentar isso.”

O trecho acima evidencia um processo de amadurecimento intelectual e político proporcionado pela sua vivência na universidade. Inicialmente, sua compreensão sobre "consciência de classe" era limitada a um reconhecimento pessoal de sua

origem, *"consciência de classe é só saber que eu sou pobre, que eu sou de família humilde, e está tudo bem"*.

O processo de tomada de consciência não apenas amplia sua visão crítica sobre a realidade, mas também aprimora sua capacidade de argumentação e expressão *"a gente consegue debater de uma forma muito melhor, a gente consegue se expressar melhor"*. Essa transformação intelectual não ocorre de forma isolada, mas sim como resultado das interações, debates e reflexões proporcionados pela universidade, que se torna um espaço de questionamento e ressignificação das experiências individuais dentro de um contexto social mais amplo.

Assim como é fundamental compreender os processos que envolvem a construção da identidade, também se torna crucial entender as dinâmicas de sociabilidade entre os/as jovens estudantes das universidades públicas. Esses dois aspectos estão intrinsecamente interligados, pois a identidade de cada indivíduo é constantemente moldada mediante as interações e socializações que ocorrem tanto com outras pessoas quanto com os diferentes espaços que frequentam.

Nesse contexto, a universidade não apenas se torna um espaço de aprendizado acadêmico, mas também um ambiente onde as relações sociais e as vivências diárias desempenham um papel determinante na formação da identidade dos estudantes. Para Olmira Dassoler e Garaldo Caliman (2017, p. 345):

Desse modo, a educação, a sociabilidade e a socialização permeiam todo o processo que enriquece os cenários educativos, por meio de encontros cotidianos que traduzem as práticas, em que educação, sociabilidade e sociabilização se entrelaçam, borbulham e se dinamizam nesses espaços.

Enquanto jovem, Anália relata que, apesar de não frequentar as festas da universidade, sempre fez questão de se reunir com amigos e professores em ambientes mais descontraídos, como pizzarias, barzinhos e lanchonetes. Além disso, ela aprecia organizar lanches coletivos na sala de aula com os colegas. A seguir, ela compartilha sua experiência sobre o CEDU:

"É porque, principalmente no CEDU, eu não conheço muitos outros blocos, mas no CEDU a gente tem vários espaços legais pra se reunir, né, pra juntar todo mundo, juntar as mesas ou então, bota um pano ali no chão, vamos sentar... Eu adoro isso do CEDU, a gente tem vários espaços e aqueles coisinhas no chão, esqueci o nome, de madeira, com as almofadas ali em cima. Então, a gente, eu gosto muito dessa vibe, de reunir todo mundo, faz um lanche, faz uma coisa e é muito legal, porque a gente está esgotado no final de período, mas aí está juntos com os amigos."

Essas palavras de Anália refletem a importância dos espaços coletivos no CEDU para ela, um local que vai além das funções acadêmicas, proporcionando momentos de lazer, socialização e confraternização.

Para além dos momentos de lazer, foram as amizades construídas no ambiente de sala de aula que, diversas vezes, ajudaram Anália em seu percurso acadêmico, especialmente diante de sua condição de trabalhadora-estudante. Essas amizades se mostraram fundamentais para que ela não cogitasse a ideia de desistir do curso, mesmo diante das adversidades que enfrentava no seu cotidiano:

Na época que eu trabalhava os dois horários, né? Tinha as amigas também que me ajudavam. Que, era tipo “olha, eu tirei foto disso aqui pra tu. Olha aí, que tu não viu”. Então, acho que essa questão das amizades ajudou bastante. Quando você passa por algum perrengue, né? Eu não levei o curso empurrando com a barriga porque eu tinha pessoas para me ajudar e para dizer “não, bora, bora, a gente dá um jeito, a gente faz, eu faço isso para você e você faz o resto”, eu não desisti por isso.

Como aponta Lima (2018, p. 42), é possível compreender a sociabilidade como parte do instinto humano que desperta o interesse pela interação e pelo estabelecimento de relações que se fazem e desfazem sob novas perspectivas e que surgem a partir de objetivos comuns. Essa perspectiva nos permite entender como as relações de amizade e a sociabilidade no ambiente universitário são essenciais para o fortalecimento emocional e acadêmico dos/as estudantes.

No caso de Anália, essas conexões não apenas proporcionaram apoio nos momentos de dificuldade, mas também criaram uma rede de suporte que a motivou a continuar sua trajetória acadêmica, oferecendo-lhe uma sensação de pertencimento e um espaço seguro onde ela podia se reerguer diante dos desafios. Dessa forma, a sociabilidade dentro da universidade vai além do simples convívio social, sendo um fator determinante para a permanência no curso e para o sucesso no percurso acadêmico.

A entrevista com Anália revela uma trajetória de muitos percalços, nos quais os desafios de equilibrar trabalho e estudo foram determinantes na construção de sua identidade e de seus valores. Sua jornada acadêmica é permeada por dificuldades financeiras e estruturais, mas também por um compromisso com a educação e um forte desejo de crescimento pessoal e profissional. O ingresso na universidade pública não apenas ampliou suas

perspectivas, mas também a levou a refletir sobre seu papel como estudante-trabalhadora e a relevância das oportunidades institucionais para sua permanência acadêmica.

Ao longo do relato, fica evidente o impacto transformador da experiência universitária, que a levou a ampliar seu repertório teórico e suas ambições, mostrando-se uma jovem engajada e determinada a fazer a diferença na área da educação.

Em virtude da disponibilidade de horários da colaboradora, não foi possível realizar a restituição reflexiva dialogada.

5.3 Aproximações e distanciamentos entre as narrativas analisadas

As entrevistas realizadas com Anália, Clarice e Dandara apresentam tanto pontos de convergência quanto diferenças que refletem suas trajetórias acadêmicas e pessoais. Todas compartilham a dificuldade de equilibrar as demandas do ensino superior com a necessidade de trabalhar, uma situação que pode ser analisada à luz da discussão sobre permanência estudantil e desigualdade social, conforme Bourdieu (1989) e Reis (2009), enquanto permanência material e simbólica.

Enquanto Anália e Clarice enfrentam rotinas exaustivas de emprego formal nos dias atuais, Dandara conseguiu a oportunidade de tornar-se bolsista, o que facilitou sua rotina. No entanto, ela também já esteve na posição de ter que se dividir entre os estudos e um emprego formal exaustivo, impactando diretamente sua rotina acadêmica e sua participação em atividades universitárias.

A presença de auxílios estudantis, como o PIBIC e a residência universitária, aparece nas narrativas das três entrevistadas como um fator essencial para a permanência na universidade. Para Anália e Dandara, esses auxílios foram fundamentais para evitar o abandono dos estudos diante das dificuldades financeiras, um fator que está diretamente relacionado à política de democratização do ensino superior e às ações afirmativas (Santos, 2019).

No que diz respeito às questões de permanência, as narrativas das três participantes evidenciam o quanto as suas experiências na universidade estão relacionadas tanto à permanência material quanto à simbólica.

Todas elas demonstram um processo contínuo de ressignificação de suas identidades ao longo da trajetória universitária. Clarice lida com inseguranças acadêmicas, um fenômeno que pode ser compreendido a partir do conceito de *habitus* e capital cultural (Bourdieu, 1989); Dandara se reconhece no ativismo estudantil, alinhando-se às discussões sobre formação crítica e mobilização social (Freire, 1987); e Anália fortalece sua vocação pedagógica e seu desenvolvimento enquanto pesquisadora. Essas atividades significativas são também dimensões simbólicas da permanência, pois permitem fortalecer o reconhecimento de si e da permanência na vida universitária.

Além disso, as colaboradoras cursaram grande parte da vida escolar na rede pública e reconhecem as limitações enfrentadas, como a falta de professores/as, estrutura e recursos. No entanto, também valorizam o impacto transformador da educação em suas vidas, o que pode ser relacionado à discussão sobre a educação como instrumento de mobilidade social.

No entanto, algumas diferenças são evidentes em suas experiências, como os vínculos familiares. Anália expressa forte apoio de sua mãe, enquanto Clarice e Dandara relatam maiores dificuldades no suporte familiar, tendo que assumir responsabilidades precoces. Clarice precisou interromper os estudos para cuidar dos irmãos, enquanto Dandara enfrentou desafios de moradia e autonomia financeira, um fator que evidencia a relação entre gênero, trabalho e estudos (Scott, 1995).

Outro aspecto relevante é o engajamento acadêmico e social. Dandara se destacou pelo forte envolvimento com o movimento estudantil e atividades políticas dentro da universidade, algo que não se apresenta com a mesma intensidade nas narrativas de Anália e Clarice. Esse engajamento pode ser compreendido dentro da perspectiva da formação de subjetividades políticas no espaço universitário (Ribeiro, 2018).

As trajetórias de trabalho também se diferenciam. Enquanto Anália e Clarice passaram por empregos formais e tiveram que lidar com a rigidez do mercado de trabalho, Dandara conseguiu maior flexibilidade com a bolsa do PIBIC e atividades autônomas. No entanto, em um período de sua vida universitária, Dandara também precisou conciliar trabalho e estudo de forma intensa, o que impactou sua saúde física e mental, uma situação que pode ser analisada a partir da perspectiva da precarização do trabalho e do impacto do esgotamento acadêmico (Antunes, 2015).

As entrevistas analisadas revelam diferentes formas de vivência juvenil, destacando desafios e estratégias de adaptação das jovens universitárias trabalhadoras. Apesar das dificuldades, essas jovens não deixam de experienciar sua juventude em espaços de lazer e sociabilidade. Clarice, por exemplo, menciona que gosta de se reunir com amigos no bloco de Química da universidade, um espaço onde consegue relaxar e trocar experiências, além de, sempre que possível, sair com os/as amigos/as fora da universidade.

Anália também destaca sua relação com os/as colegas da universidade e do trabalho. Desde o ensino médio, sempre foi muito participativa, engajando-se em atividades escolares e formando conexões com professores/as e estudantes. Anália gosta de reunir-se com seus/as amigos/as na Praça da Paz para lanche, conversar e se divertir. Ela conta também que, para além dos muros da universidade, adora sair para barzinhos, pizzarias, sendo algumas de suas vivências juvenis.

Dandara dos Palmares, por sua vez, vivencia sua juventude por meio do engajamento estudantil e da militância. Ao ingressar na universidade, envolveu-se com o movimento estudantil e com o Centro Acadêmico de Pedagogia, espaços onde encontrou suporte e um sentido de pertencimento. Além disso, Dandara também menciona a importância das festas universitárias, como as calouradas e eventos organizados pelo centro acadêmico e pela reitoria, onde pôde se divertir e expressar sua identidade.

As narrativas das jovens trabalhadoras-estudantes mostram que, apesar das dificuldades impostas pela necessidade de trabalhar e estudar, as jovens buscam formas de viver sua juventude, criando espaços de encontro e de troca com seus pares. Os relatos reforçam ainda mais a importância de ambientes de socialização dentro e fora da universidade, que permitem que a experiência acadêmica vá além da sala de aula, contribuindo para a construção de suas identidades e projetos de vida.

Foi possível identificar nas narrativas alguns aspectos que dizem respeito às dificuldades e às superações para permanência material e simbólica dessas jovens. A condição de ser trabalhadora-estudante atravessa todas as narrativas e se apresenta como a maior dificuldade para todas as entrevistadas.

Dandara, enfrentou no início da graduação uma situação financeira precária e a necessidade de trabalhar para se sustentar. Sua trajetória também é marcada por perdas familiares e mudanças de moradia, o que intensifica ainda mais suas dificuldades. Contudo, ela encontra apoio nas políticas públicas estudantis,

especialmente com o ingresso na Residência Universitária e com a bolsa do PIBIC, o que lhe proporciona mais estabilidade.

Anália enfrenta a dura realidade de conciliar o estudo com o trabalho, o que lhe impõe um grande desgaste físico e mental. Ela sente a necessidade de contribuir financeiramente para sua família, o que torna sua jornada ainda mais desafiadora. No entanto, sua superação vem através da conquista de uma bolsa PIBIC, que lhe proporcionou realizar pesquisas acadêmicas na área de seu interesse, bem como possibilitou que ela pudesse abandonar um dos vínculos empregatícios.

Clarice lida com uma baixa autoestima acadêmica e tem dificuldades de socialização, aspectos que tornam ainda mais complexa sua rotina, marcada pela pressão de conciliar um trabalho exaustivo com os estudos. Apesar disso, sua persistência em manter-se na universidade, bem como o amor pelo curso, e a esperança de acesso a um emprego com melhores condições a ajudam a encarar os desafios.

Em suma, as entrevistas evidenciam que, apesar das experiências únicas de cada estudante, há desafios comuns enfrentados por mulheres universitárias que precisam trabalhar para garantir sua permanência na educação superior, tanto em relação às condições materiais, quanto na dimensão simbólica, para que estas jovens mulheres trabalhadoras estudantes possam se engajar em atividades na vida universitária e se sentirem reconhecidas pelo mundo da cultura acadêmica. Essas realidades ressaltam a necessidade de políticas públicas que ampliem o suporte financeiro e estrutural para estudantes em situação de vulnerabilidade social, pois mostram como os desafios enfrentados por estudantes que precisam estudar e trabalhar são estruturais e demandam soluções sistêmicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa foi possível identificar como a rotina da dupla ou tripla jornada afeta a formação e a vivência acadêmica das estudantes que são trabalhadoras, bem como foi possível compreender quais são as medidas/estratégias que elas adotam para conseguir permanecer no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas.

Por meio do embasamento teórico e contextualização da questão de pesquisa foi possível mapear e identificar como a temática está sendo abordada acerca das condições estudantis universitárias no Brasil. Os estudos encontrados confirmam o pressuposto deste trabalho, de que as oportunidades ainda são desiguais para os/as jovens universitários/as, e, fazendo uso do título de um dos artigos analisados, pode-se afirmar que “as portas permanecem semiabertas”, principalmente para os/as trabalhadores/as-estudantes.

Foi possível constatar que os/as autores/as se preocupam em investigar e compreender sobre como o âmbito da saúde e da qualidade de vida desses/as trabalhadores/as-estudantes e estudantes-trabalhadores/as são afetados tanto pelo cotidiano acadêmico, quanto pela rotina trabalhista. A questão da saúde mental é uma pauta muito importante, mas ainda é pouco discutida nas universidades públicas do Brasil, fazendo-se necessário o planejamento de melhores ações que possam de fato atender a demanda existente em horários flexíveis para que todos/as possam usufruir de apoio psíquico.

Também foi possível constatar que as estratégias de permanência adotadas se resumem a questão de abdicação de tempo de descanso e lazer para conseguir realizar os estudos necessários para obter notas dentro da média. Não foi citado em nenhum dos artigos programas que estejam direcionados de forma exclusiva para a permanência dos/das estudantes que são trabalhadores/as, o que leva a reflexão do quanto seria importante a criação de programas e estratégias voltadas para a permanência dos/das estudantes, principalmente nos cursos do turno noturno.

No que diz respeito aos impactos ocasionados pelo trabalho no âmbito estudantil, pode-se considerar as inúmeras horas dedicadas ao trabalho, fazendo com que o/a trabalhador/a-estudante chegue na universidade com pouca energia e baixos estímulos para realizar atividades e participar das aulas, afetando assim, no seu rendimento, bem como atrapalhando as chances dos/as estudantes vivenciarem

projetos de extensão, de pesquisa. Nota-se também que falta uma melhor compreensão/análise sobre os perfis do/da “estudante-trabalhador/a” e do/da “trabalhador/a-estudante”, visto que são dois casos diferentes.

No campo da teoria feminista contemporânea, bell hooks (2000) traz uma abordagem interseccional sobre o trabalho das mulheres, enfatizando como as desigualdades de gênero, raça e classe se entrelaçam e impactam as condições de trabalho. hooks propõe que as mulheres, ao resistirem a essas múltiplas formas de opressão, estão constantemente renegociando suas identidades e sua posição dentro da estrutura de poder, seja no trabalho doméstico, acadêmico ou remunerado. Para hooks, a emancipação das mulheres não está apenas na mudança das condições de trabalho, mas também na transformação das relações de poder que perpetuam essas desigualdades.

Portanto, ao pensar no trabalho das mulheres universitárias como forma de resistência, é fundamental compreender que essa resistência não se limita à busca por melhores condições de trabalho. Ela envolve, sobretudo, a contestação das estruturas de poder que impõem uma divisão desigual do trabalho, que subordina as mulheres às suas múltiplas responsabilidades, sem reconhecimento ou valorização. O trabalho, nesse contexto, se configura como um campo de ação no qual as mulheres não apenas reproduzem as normas estabelecidas, mas também as desafiam, criando espaços para sua própria autonomia e emancipada transformação.

Essas perspectivas de resistência mostram que, mesmo sob as condições adversas de precarização e sobrecarga, o trabalho das mulheres universitárias é, ao mesmo tempo, um espaço de subordinação e de luta por liberdade. Ao conciliar múltiplos papéis e responsabilidades, as mulheres, em seu trabalho, reconfiguram as narrativas sobre o que significa ser mulher, mãe, trabalhadora e estudante. O trabalho das mulheres, assim, não é apenas um reflexo da opressão, mas também um ponto de partida para a criação de novas formas de organização social, econômica e política, baseadas na equidade e no reconhecimento das diversidades de experiência feminina.

Faz-se necessário também debater sobre as questões de permanência em seu sentido complexo, a partir de suas dimensões materiais e simbólicas. Considera-se que ambas devem ser garantidas aos/as estudantes para que possam assim, desfrutar de uma formação de qualidade.

Ao analisar as narrativas de Anália, Clarice e Dandara, pode-se identificar que as estratégias de permanência são as mesmas encontradas nas análises dos artigos. As universitárias precisam abdicar das horas de sono para conseguir estudar, bem como deixam de vivenciar momentos da sua juventude para colocar os assuntos, trabalhos e leituras em dia, e que por conta dessa rotina exaustiva, neste contexto adverso, elas relatam que já pensaram em desistir algumas vezes, alegando estarem esgotadas fisicamente e mentalmente.

Dyane Santos (2009) define a permanência material como o conjunto de condições que possibilitam a continuidade dos estudos, como moradia, alimentação e transporte. No caso das entrevistadas, essa permanência é garantida, em parte, por auxílios institucionais, como bolsas de iniciação científica e residência universitária. No entanto, essas medidas nem sempre são suficientes para cobrir todas as necessidades, o que as leva a buscar empregos paralelos. Anália e Dandara, por exemplo, trabalharam em empregos formais e informais para complementar a renda, o que frequentemente resultava em jornadas exaustivas e comprometimento do desempenho acadêmico.

A permanência simbólica, por sua vez, refere-se à inserção no ambiente universitário e à percepção de pertencimento. Para Reis (2016), esse tipo de permanência é fundamental para evitar a evasão e garantir o sucesso acadêmico. Nas entrevistas, observa-se que a construção dessa permanência está diretamente relacionada ao apoio de professores/as e ao envolvimento em atividades acadêmicas. Dandara destaca a importância do movimento estudantil na sua trajetória, enquanto Anália enfatiza o papel de professores/as que reconhecem as dificuldades dos/das estudantes trabalhadores/as e buscam oferecer algum tipo de suporte.

No entanto, a dupla jornada imposta às entrevistadas compromete a experiência universitária. Clarice, por exemplo, relata dificuldades em participar de atividades de extensão e pesquisa devido à necessidade de manter um emprego estável, bem como a segurança que ele garante.

As trajetórias de Anália, Dandara e Clarice demonstram que a permanência no ensino superior é um processo complexo, que demanda suporte financeiro e acolhimento institucional. A interseccionalidade entre gênero, classe e condição de trabalhadoras-estudantes reforça a necessidade de políticas públicas que considerem não apenas a assistência financeira, mas também a criação de ambientes mais inclusivos e acessíveis dentro das universidades. Sem essas medidas, muitas

estudantes continuarão enfrentando desafios que comprometem sua formação acadêmica e profissional e sua ascensão social.

Sobre as políticas públicas estudantis, embora essas ainda não consigam atender a demanda existente, elas são fundamentais para estudantes como Anália, Clarice e Dandara, oriundas das camadas populares. Através das narrativas dessas jovens, é notório que a Universidade Federal de Alagoas busca atender as diversas demandas existentes do seu corpo estudantil.

Em uma busca realizada no site institucional da Universidade Federal de Alagoas é possível visualizar as inúmeras ações de assistência estudantil ofertadas pela unidade³⁵. De acordo com as informações retiradas do site, a universidade conta com quatro modalidades de bolsas e auxílios diferentes, sendo: 1º- Bolsa Pró-Graduando (auxílio financeiro mensal para contribuir com o custeio de despesas gerais; 2º- Auxílio Alimentação (auxílio mensal destinado a contribuir com despesas de alimentação de estudantes que são das unidades que não tem um Restaurante Universitário; 3º- Auxílio moradia (Auxílio mensal destinado a contribuir com o custeio de despesas de moradia; 4º Auxílio Creche (Auxílio mensal destinado apenas para os/as servidores/as da Universidade para ajudar a custear as despesas pré-escolares de filhos/as ou dependentes de até seis anos de idade).

Para além dos auxílios citados, há também o auxílio emergencial, no valor de 1.200 reais, que é destinado para aos/às estudantes que estão passando por algum problema financeiro eventual. A universidade Federal de Alagoas também oferta para os/as estudantes o Programa de Atividade Física, Esporte e Lazer (PAEL), atendimento médico, psicológico e odontológico. Além também de ajuda de custo para participação de eventos, mostrando-se assim, uma instituição atenta às necessidades e comprometida com os/as universitários/as.

Diante dos desafios enfrentados por jovens mulheres que estudam e trabalham, é fundamental pensar em ações e políticas públicas e institucionais que promovam sua permanência e bem-estar. No âmbito do CEDU, propõe-se a flexibilização de horários e prazos acadêmicos, bem como a criação de espaços de escuta e acolhimento dessas trabalhadoras-estudantes, pois assim, a coordenação do curso, em conjunto com os/as funcionários/as poderiam articular melhor quais tipos de providencias podem adotar.

³⁵ Verificar em: <https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil>

Já na UFAL, é necessário fortalecer a assistência estudantil, com bolsas específicas para estudantes-trabalhadoras, além de ampliar serviços de apoio psicológico e incentivar projetos de pesquisa e extensão voltados à temática. Em nível federal, seria importante a ampliação do Programa Bolsa Permanência, a criação de políticas de incentivo às empresas que respeitem a jornada de estudo de jovens trabalhadores/as.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à mobilidade urbana, fator este que é tão recorrente nas falas das jovens entrevistadas. Todas relataram a quantidade significativa de tempo gasto no deslocamento entre trabalho, casa e universidade, o que acarreta cansaço físico e mental, além de reduzir o tempo disponível para estudos, descanso e convivência social. Diante disso, torna-se urgente que o poder público invista em melhorias no transporte coletivo, na ampliação das linhas de ônibus, especialmente nos horários noturnos, quando muitos/as estudantes se deslocam para assistir às aulas. A garantia do direito à mobilidade é também uma condição fundamental para a permanência estudantil com qualidade.

Embora estudem no período noturno, onde a permanência nos espaços universitários é mais limitada, as trajetórias das colaboradoras demonstram que a juventude pode ser vivenciada em diferentes dimensões, seja através da militância, do aprendizado ou da interação social, corroborando com os estudos de Sposito e Carrano (2003) que discorrem sobre o fato da juventude ser vivida de forma plural e adaptada às realidades individuais.

No entanto, fica evidente que a carga de trabalho reduz as possibilidades de envolvimento mais aprofundado em atividades extracurriculares, em eventos da universidade, tornando necessária a existência de políticas institucionais que favoreçam a inclusão desses/as estudantes na vida universitária de forma mais plena. Essas vivências poderiam ser ampliadas com maior suporte institucional, flexibilização de horários e criação de espaços de acolhimento e integração para estudantes trabalhadores/as.

Por fim, é notório que os estudos sobre as temáticas que envolvem jovens estudantes universitário/as ainda são escassos. Pode-se citar como exemplo, que em uma pesquisa a partir de um recorte local, pela busca no Repositório Institucional da UFAL utilizando os descritores “estudante-trabalhadores”, “trabalhadores-estudantes” “ensino superior”, não foram encontrados trabalhos. Assim, compreende-se que além da necessidade de mais estudos na área, é importante também uma maior divulgação

dos estudos já realizados acerca do tema, pois eles são fundamentais para compreender aspectos determinantes sobre o ensino superior público do Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; VENTURI, G.; CORROCHANO, M. C. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, p. 523-542, set. 2020.

ADERALDO, C. V. L.; AQUINO, C. A. B. D.; SEVERIANO, M. D. F. V. Aceleração, tempo social e cultura do consumo: notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 2, p. 365–376, abr. 2020.

ADERNE, A. da S. F. et al. Tem criança na UFAL! De Pousada Escolar Sementes do Amanhã a Colégio de Aplicação Telma Vitória. In: SEMINÁRIO DE INSTITUTOS, COLÉGIOS E ESCOLAS DE APLICAÇÃO, 12., 2023, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2023.

ANTUNES, C. Acerca da indissociabilidade entre as categorias trabalho e educação. **Motrivivência**, v. 12, n. 35, p. 41-61, 2010.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M. Reinventando a EJA. In: NUNES, A. M. M.; CUNHA, C. M. (Orgs.). **Projeto de Educação de Trabalhadores**: pontos, vírgulas e reticências: Um olhar de alguns elementos da EJA através do ensimesmo do PET. Belo Horizonte: PET, 2009. p. 15-38.

ÁVILA, R. C. Estudantes de camadas populares e o ingresso na vida universitária-resenha. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 92, p. 757-764, 2011.

ÁVILA, R. C.; PORTES, E. A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 809-832, 2012.

ÁVILA, R. C.; PORTES, E. A. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 1, p. 91-105, 2009.

BARÃO, M. et al. **Vozes das Juventudes**. Atlas das Juventudes e TALK, 2021. Disponível em: <https://www.atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-Atlas-Vozes-das-Juventudes-2021-min.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2025.

BAUMAN, Z. Cultura consumista. In: BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. Individualidade. Trabalho In: BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, R. C. P. **Trama da vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho**. 2017. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 1989.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 113.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, A. S. C.; SAMPAIO, S. M. R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 53-69. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/t2b8z/pdf/sampaio-9788523212117.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2025.

CARVALHO, A.; SAMPAIO, S. M. R. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, S. (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. 1. ed. Salvador: Edufba, 2011. p. 53-69.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L.; ZAGO, N. (Orgs.). **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 203-221.

CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. P.; POLOPONSKY, K. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, p. 501–520, set. 2020.

COSTA, S. D. M.; MARQUES, E. M. I.; CHAVES, A. C. F. Entre sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes. **RGO. Revista Gestão Organizacional**, v. 13, p. 64-85, 2020.

COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez. 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DASSOLER, O. B.; CALIMAN, G. **Educação, sociabilidade e socialização**: múltiplas perspectivas. Brasília/DF: Parque Gráfico da Editora FTD, 2017. v. 41, p. 142-156.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set. 2003.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, abr. 2011.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação emancipatória**: um desafio à educação superior. São Paulo: Cortez, 2005.

DIAS, M. J. S.; SOARES, B. V. P. Assistência estudantil x creches nas universidades públicas: desafios para mães-estudantes. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, p. 50, 2019.

DUBET, F. **A escola e a desigualdade**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019. 388 p.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Ifes**. Brasília: Fonaprace, 2018. 318 p.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 25.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M.; MENEZES, A.; CAVALCANTE, V. C. Pedagogia da resistência: implicações teórico-práticas sob a ótica freireana. **Debates em Educação**, v. 13, n. esp., p. 100–124, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13nEsp100-124.

GANAM, E. A. S.; PINEZI, A. K. M. Desafios da Permanência Estudantil Universitária: Um Estudo sobre a Trajetória de Estudantes Atendidos por Programas de Assistência Estudantil. **Educação em Revista**, v. 37, e228757, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LXtF95VpbYyzkJTJtkxLrsw/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

GARCIA, D. M. F. Um estudo sobre jovens estudantes-trabalhadores: da inserção ocupacional aos sentidos do trabalho. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 15, p. 35–57, 2004.

GIDDENS, A. Os contornos da alta modernidade. In: GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

KNECHTEL, M. do R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: InterSaberes, 2014.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MG**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 2009.

MARX, K. Trabalho Estranhado e Propriedade Privada. In: MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. Feuerbach: Oposição entre a concepção materialista e idealista. In: MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012.

NOGUEIRA, M. A. A docência como extensão do cuidado materno: um olhar crítico sobre a feminização do magistério. **Educação e Sociedade**, v. 22, n. 74, p. 127-145, 2001.

NONATO, S. P.; CORROCHANO, M. C. **Juventudes e Trabalho**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. v. 1. 40 p.

OFFE, C. **Trabalho**: a categoria-chave da sociologia? Publicado, em inglês: Disorganized Capitalism: contemporary transformations of work and politics. Oxford: Basil Blackwell, 1986. Traduzido do inglês por Lucia Hippolito. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7943904/mod_resource/content/1/TRABALHO%20categoria-chave%20da%20Sociologia.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

PAIS, M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. 4. ed. Berlin: GD Publishing, 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24070/1/ICS_JMPais_Ganchos.pdf. Acesso em: 21 jul. 2024.

PASSEGGI, M. da C. Abordagens Narrativas na Pesquisa Educacional Brasileira. **Revista Paradigma**, v. XLI, p. 57–79, jun. 2020.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

REIS, D. B. O significado de Permanência: Explorando possibilidades a partir de Kant. In: CARMO, G. T. do (Org.). **Sentidos da Permanência em Educação: o anúncio de uma construção coletiva**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016. v. 1, p. 73-82.

REIS, R. Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger. **Revista Internacional Educon**, v. 2, n. 3, p. e21023003, 2021. DOI: 10.47764/e21023003.

REIS, R. Narrativas de si na pesquisa (auto)biográfica com as juventudes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 9, n. 24, p. e1161, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1161. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20510>. Acesso em: 11 jul. 2024.

REIS, R. Pesquisa biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagens para o/a pesquisador/a. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 33, n. 2, p. 295–309, 2020. DOI: 10.21814/rpe.19748.

REIS, R.; ALVES, C. A. Pesquisa biográfica em educação e juventude: entrevista com Christine Delory Momberger e Valérie Melin. **Revista Debates em Educação**: v. 10, nº. 20, p. 2-10, 2018. Entrevista.

Relatório: diagnóstico da juventude. Elaborado por Andrezza Rosalém Vieira, Giovanna Lima, Samuel Franco. Brasília: Enap; Assessoria para Avaliação de Políticas Públicas, 2022.

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

RISTOFF, D. A expansão da educação superior brasileira: tendências e desafios. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, N.; PAULA, M. de F. C. de (Orgs.). **La democratización de la educación superior en América Latina**. Límites y posibilidades. Saenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 151-166.

SAMPAIO, S. M. R. **Observatórios da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, D. B. R. **Para além das cotas**: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS: Corpo e Cidadania, 1990.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista do Centro em Educação UFSM**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, E. C. DE; ORRICO, N. R; SOUZA, H. R. DE. Juventudes rurais, narrativas e rito de passagem: por uma educação para além dos ditames do mercado de trabalho. **Debates em educação**, v. 10, p 64-82, 2018.

SOUZA, E. C. O Conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. **Revista FAEEBA**, Salvador, v. 13, p. 469-469, 2004.

SOUZA, J. M de; SOUZA, R. S. de. Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador. **Revista Mal-Estar e Sociedade**, v. 11, n. 1, p. 95-105, 2021.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 16–39, set. 2003.

TRÓPIA, P. V.; SOUZA, D. C. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Pro-Posições**, v. 33, e20200085, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Pró-Reitoria Estudantil. **Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL**. Maceió: EDUFAL, 2020. E-book (179 p.). (Coleção UFAL e políticas públicas de gestão em educação superior). ISBN 978-65-5624-001-5.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011. p. 1-200.

VACCARO, E. B. Karl Marx e Hannah Arendt: uma confrontação sobre a noção de trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 17, n. 40, p. 358-378, set./dez. 2015.

VARGAS, H. M; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, v. 18, p. 459-485, 2013.

VIEIRA, A.; AMARAL, G. A. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 403-414, 2013.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-370, maio/ago. 2006.

APÊNDICE A – EIXOS TEMÁTICOS DA ENTREVISTA

Referencias da família, da vida, estudos, antes do curso de Pedagogia

1. Conte-me um pouco sobre você, seu nome, idade, de onde veio, como você se autodeclara, o que você gosta de fazer (no âmbito geral da sua vida, não apenas nos espaços da universidade)
2. Conte-me sobre seus pais e sua família, o que fazem, e qual o nível de escolaridade dos seus pais, se algum familiar tem a formação no ensino superior?
3. Agora falando sobre você, como foi seu percurso formativo até chegar na universidade? A Pedagogia era sua primeira opção de curso? Como foi que a Ufal entrou na sua vida?

Experiências significativas da vida universitária

4. Pode me contar como foi seus dois primeiros anos na faculdade? Quais foram os principais desafios nesse novo espaço. Teria algum momento marcante para você falar sobre esse período?
5. Poderia me contar três experiencias significativas na universidade? E por que essas se destacam das demais?
6. Em relação aos espaços vivenciados na universidade, como a sala de aula, extensão, iniciação científica, você teve a oportunidade de participar de algo? Como tais coisas compuseram sua formação universitária? Alguma dessas influenciaram na sua formação?

Questões de pesquisa: Estudo e trabalho

7. Você se considera uma estudante-trabalhadora ou uma trabalhadora-estudante? Por quê?
8. De que forma essas duas esferas (estudo e trabalho) afetam sua vida social e estudantil? Quais os principais desafios que você encontra por ser uma estudante que precisa conciliar os estudos e o trabalho? Como um interfere no outro?
9. Entre seus estudos e o trabalho, tem algum que você ache mais importante? Poderia me explicar o motivo da sua escolha?

Abordando questões sobre as relações e dificuldades encaradas ao longo do percurso universitário

10. Você já pensou em desistir do curso? O que te fez continuar? Você teve/tem uma rede de apoio?
11. Se você pudesse propor ideias para melhorar a vida universitária dos/das jovens, principalmente aqueles/as que são estudantes e trabalhadores/as, quais seriam?
12. Você acredita que a Universidade, professores/as e o curso contemplam os/as estudantes que são trabalhadores/as? Como poderiam melhorar?

Ser jovem e universitário/a

13. Como foram suas vivências juvenis enquanto estudante do curso de Pedagogia da Ufal? Me conte sobre experiências em que pôde se expressar como jovem tanto na universidade, quanto fora dela.
14. Por fim, fazendo uma reflexão sobre tudo o que discutimos hoje, de momentos que vão desde entrar na universidade e hoje estar na metade da graduação, quais foram as contribuições da sua formação? Você acredita que possam ter proporcionado alguma mudança na sua vida? Em qual sentido?
15. Gostaria de acrescentar algo que não foi falado?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISADA COM DANDARA DOS PALMARES³⁶

MYRELE

Nós vamos começar a dialogar um pouco sobre as suas vivências enquanto mulher jovem, estudante da Universidade Federal de Alagoas, do curso de Pedagogia. Tudo o que você falar vai ser de grande importância para as pesquisas que estão sendo desenvolvidas e acredito que a sua fala tende a ajudar, quando a gente divulgar os resultados, tende a ajudar nas discussões sobre as melhorias nesse âmbito estudantil lá da UFAL, que a gente sabe que precisa de muitas melhoras, né? Eu queria começar a entrevista querendo que você me falasse um pouco sobre você, seu nome, a sua idade, de onde foi que você veio, como é que você auto se declara e o que você gosta de fazer, não só na UFAL, como na sua vida mesmo, né? O que você gosta de fazer, para além da vida universitária.

DANDARA

Ok, então tá. Meu nome é Dandara, né? Eu tenho atualmente 22 anos, 22? É...É, vou fazer 23. Então tá certo, eu tenho 22 anos. Eu vim de Rio Largo, na verdade eu vim de vários lugares, né? Eu não paro muito quieta em um lugar só, então eu já morei em Rio Largo, já morei na Serraria, morei no Jacintinho. Então assim, sempre fui... saio andando por aí, porque a gente vai aonde o estudo tá, né? Então eu sou essa pessoa. Onde eu tenho que estar estudando, eu vou lá e me dedico. É... deixa eu ver... eu gosto, para além da vida acadêmica, para além dos livros e estudos, eu gosto muito de assistir filme, gosto de ouvir música, gosto de fotografia também. Gosto muito de fotografia e acho que é isso do âmbito mais pessoal que eu gosto de fazer. Gosto de jogos também, gosto de jogos online.

MYRELE

Eu queria saber como você se autodeclara.

³⁶ Para preservar a identidade e a integridade das participantes da pesquisa, optou-se por utilizar nomes de mulheres que são referências na educação brasileira e na história do Brasil. Dessa forma, as colaboradoras serão identificadas pelos nomes Dandara dos Palmares, Clarice Lispector e Anália Franco.

DANDARA

Eu me autodeclaro uma pessoa negra.

MYRELE

Certo. Agora eu queria que você me contasse um pouquinho sobre os seus pais, a sua família, o que é que eles fazem, qual o nível de escolaridade dos seus pais. Se algum outro familiar tem formação no ensino superior, eu queria que você me contasse mais sobre esse aspecto.

DANDARA

Vamos lá. Minha família é típica família disfuncional, né? Então assim, meu pai morreu quando eu era muito jovem ainda, muito novinha, eu era criança, mas, pelo que meu tio falou, ele chegou até fazer duas faculdades. Uma coisa assim, ele morreu com 43 anos, eu era muito novinha, eu não lembro muito. Minha mãe chegou a fazer o superior, ela terminou o ensino médio na EJA, né, depois de muitos anos, e ela começou a fazer o superior, ela terminou o ensino médio na EJA, né, depois de muitos anos, e aí ela começou o superior numa universidade particular, só que ela não concluiu o curso por problemas no relacionamento e tal. Ela não concluiu. Essas são as pessoas que eu considero mais próximas, assim, porque a família é todo mundo muito largado, sabe? Todo mundo muito jogado na vida, cada um em cada canto, então a gente não tem tanta proximidade assim. A única tia que eu tenho proximidade, que hoje é a única pessoa da família que me dá algum apoio ou conversa comigo e tudo mais, ela mora lá no outro lado do mundo, né? E tal, e ela não tem curso superior. Então, assim, eu sou a pessoa que, pelo menos nesse núcleo mais próximo, chegou na universidade e tá aí com a cara até terminar, né?

MYRELE

Eu acho que é muito significativo a gente estar ocupando esses espaços, né? Quando a gente olha ao nosso redor... Eu queria que você me falasse mais ainda sobre você. Como foi esse percurso de chegar até a universidade? Como foi que aconteceu o seu ensino médio? A sua trajetória escolar, como foi? Se a pedagogia era a sua primeira opção de curso e como foi que a UFAL entrou na sua vida?

DANDARA

Ei, tem coisa aí, viu? Deixa eu te falar que tem coisa.

MYRELE

Fica à vontade para falar. Quanto mais você falar, melhor.

DANDARA

Ok. Uma coisa que eu posso te dizer desde cedo, e isso eu agradeço muito minha mãe, né? É que os estudos sempre esteve muito presente na nossa vida. Então, se tinha uma coisa que ela sempre falava pra gente, era que tinha que estudar, né? Para as três filhas dela, tenho duas irmãs. A mais velha morreu, infelizmente, ela foi assassinada, a mais nova não quis muita coisa, então, enfim. Mas aí, uma coisa que ela sempre deixava muito claro era que a gente tinha que estudar pra conseguir alguma coisa na vida e eu sempre me interessei muito em estudar, especialmente a área de humanidades, né? Que é a área que eu mais desenrolava e tudo mais. Apesar de que na infância, pasmem ou não, eu era uma criança muito tímida, fui uma adolescente muito tímida, até acho que os meus 17, 18 anos, eu não conseguia nem falar um A na frente das pessoas. Era muito assim, sabe? Mas eu sempre gostei de estudar na hora de apresentar trabalho, apesar daquele nervosismo. Quando eu estava apresentando, eu assumia um personagem na minha cabeça e eu desenrolava muito bem, todo mundo elogiava muito. Pois é, a gente cria uma coisa, e aí, foi indo, né? Daí, eu estudei sempre em escola pública, então era escola municipal, escola estadual, até que eu fui para o Santos Dumont. No Santos Dumont, eu fiz o primeiro ano do ensino médio, porque eu não consegui fazer a prova do IFAL, na época, quando eu estava no nono, lá no Dom Pedro, que era uma escola em Rio Largo, né? Santos Dumont já é considerado um bairro de Maceió, se eu não me engano. É, né? Aí, beleza. Consegui fazer o primeiro ano, fazer a prova, passei no IFAL em Química, para estudar de manhã lá. E aí, lá vai eu meter as caras e ir para Maceió estudar Química. Então, de Rio Largo para lá, para a gente assistir aulas de manhã, a gente tinha que acordar umas 4 e meia, 4 e pouca da manhã, na verdade, para estar saindo, umas 4 e 20, para já estar 4 e meia na rua, né? Para poder pegar a busão e tal, e voltar umas 2 horas. Aí, nisso, eu fui me desgastando muito, até que eu falei com os familiares que moravam lá perto, tia, tio e tudo mais, para ver se conseguia ficar por lá, né? Para conseguir desenrolar os estudos com maior facilidade.

Eu tinha 17 anos, né? Quando eu entrei eu tinha 16, tinha 17 anos quando eu entrei lá no IFAL. Então, era muito novinha, conhecendo a vida, conhecendo o mundo. Também passando pela fase de me entender, minha orientação sexual também, né? Nesse período. sempre fui uma... Como é? Pobre, né? Então, não tinha, tipo, tio rico, família de classe média alta para me ajudar. Não, não tinha isso. Aí, eu fui para a casa de uma tia, passei uma semana lá no Prado, eu ia do Prado para o IFAL a pé, de manhã. A primeira vez que eu fui, eu não sabia nem como ir, eu só fui andando, andando e todo mundo falava, não, você vai, não sei o que, vai reto, não sei... É meio longincho. Eu, não, mas tudo bem, me diga onde é que eu vou. E lá ia eu e eu passei uma semana indo do Prado para o IFAL a pé. Eu não sabia como, né? Me locomover e tudo mais. Vivendo a vida toda em Rio Largo, chegando em Maceió, eu não sabia nada, nada, nada, nada. Aí, depois disso, eu fui uma semana para casa do... dos meus avós de consideração, né? Que são os pais, eram os pais do meu padrasto na época. E aí, eu fiquei uma semana com eles e... que era lá no Jacintinho, aí. Aí, depois dessa primeira semana, eles me receberam muito bem e falaram, olha, você pode ficar vindo, se você quiser voltar semana que vem, quando eu me despedir na sexta, né? Porque eu pensei, agora eu vou ter que procurar outro lugar para ir. E aí, a minha avó pegou e falou, “então, você vem segunda?” Aí, eu falei “eu venho segunda?” Aí, ela “você pode vir em segunda?” Aí, pronto. E ali, eu fiquei durante dois anos. Foi meu primeiro e segundo ano do ensino médio no IFAL, fazendo química, cursando, fazendo teatro, atividade extracurricular, que foi lá no IFAL, eu comecei a entender o mundo do que é o federal, né? Então, assim, que existe um auxílio, que na vida, como é que eu ia pensar, imaginar que teria dinheiro para você estudar, sabe? Então, assim... E teve uma coisa também, o IFAL me amadureceu muito nesse sentido, é que eu tinha que me desenrolar sozinha, porque minha inscrição do IF, primeiro, para fazer a que eu perdi, eu tinha contado com o meu padrasto para me ajudar, porque ele sempre foi versátil em tecnologia e eu não, e por conta que ele não me ajudou no período justo, eu perdi a inscrição. Aí, no ano seguinte, eu corri atrás de fazer isso sozinha. Então, fui olhar prazo, não sei o quê, pesquisar. Tinha uma amiga que estava no IF, então, ela me informou dos prazos, e aí, eu não tinha dinheiro para fazer minha inscrição online, porque a gente não tinha internet ainda em casa. Aí, eu fui na casa de um tio

meu, pedir dinheiro a ele, para poder ir na coisa, na *lan house*³⁷, para poder fazer minha inscrição no IF. E aí, quem me atendeu foi minha tia, aí, a minha tia fez aquela cara de... “Quanto você precisa?” “Isso é para o IFAL mesmo?” Eu, tipo... É, eu só preciso de dois reais, só para fazer o negócio mesmo do IFAL. Ela me deu com a má vontade tão grande, eu fiquei “eu preciso passar nessa prova, porque eu não posso passar por essa humilhação de novo”. E aí, eu passei, né? Como bem sabemos, muito bem-dito. Estava eu no IF, comecei a fazer teatro no IFAL, me desenvolvi muito no teatro, tanto que hoje falo assim “desenvolvi muito no IFAL”. Infelizmente, eu não desenvolvi projetos de pesquisa e tudo mais, porque... Como era casa de vô e de vó, ainda era tipo aquela... aquela rédea curtinha, né? Então, assim, não pode sair muito, não sei o quê. Tem que ter cuidado com isso e tal. Então, sempre era um... Mas, até para a questão de auxílio, essa questão de me desenrolar sozinha. Auxílios e tudo mais. Eu tive que correr atrás sozinha para fazer, porque minha mãe não... Não ajudava tanto. Desde que eu saí de casa, minha mãe já não me dava mais... Nunca me deu dinheiro para nada, então... Logo no primeiro ano, que eu não tive essa possibilidade de ter o auxílio, porque minha mãe atrapalhou os trâmites, falando da faculdade, não sei o quê, da faculdade dela. Aí o pessoal da pedagogia falou que precisava do papel da faculdade dela, que isso não estava nos documentos obrigatórios quando eu li, aí me atrapalhou toda. Eu não consegui pegar o auxílio nesse mês, porque eles ficaram casquetados com o papel da faculdade dela, porque era particular. Aí a gente... pobre, ela tinha o FIES. Enfim, uma loucura. No ano seguinte, eu fiz dança e pensei “não vou falar nada de faculdade da minha mãe. Eu vou fazer os documentos sozinha. Estou fazendo meus documentos burocráticos, papeladas e tudo mais”. Fui lá nela só para ela assinar as coisas que tinha para assinar, que eu era de menor ainda, né? E aí deu tudo certo. Esse ano inteiro que eu consegui o auxílio do IFAL, que foi o que me ajudou a me manter na casa do meu avô, sem ficar tão pesado para eles, né? Porque eles me mantinham com tudo. E aí, desde o IFAL... No IFAL, eu já comecei a pensar o que eu queria fazer, porque eu sabia que eu não queria química. Fazer na universidade, né? Eu tinha certeza que eu não queria química, e aí eu pensei “então tá, vamos lá”. Eu sou da área de humanidade, lá eu

³⁷ **Lan house** é um termo usado para descrever um local onde várias pessoas podem usar computadores conectados em rede local (LAN – Local Area Network) para acessar a internet, jogar videogames em rede ou realizar outras atividades digitais. No Brasil, que não tinha computador ou acesso à internet em suas residências recorriam as Lan house, onde era possível alugar o computador com internet por determinado tempo.

tive muito acesso a conteúdo marxista, conteúdo de esquerda, então, letras também, desenvolvi muito literatura. Tudo isso que me encantava e me deixava feliz de estar fazendo, né? Umas coisas que eu gostei muito foi física, só que a parte de cálculo de física eu não gostava tanto. Eu gostava das teorias, sabe? Tem isso também. E aí, eu tive um professor. Infelizmente, ou felizmente, mas eu acho que mais para infelizmente, porque ele tem uma trajetória muito complicada lá no IFAL. É uma pessoa muito difícil, mas enfim, né? Mas ele foi uma das pessoas que me sugeriu fazer ou pedagogia ou serviço social. Diante de que teriam professores que eram voltados para a linhagem marxista. Que era a linhagem que eu estava estudando e estava mais me interessando ali dentro do IFAL, né? E aí eu fui para a pedagogia porque eu pensei “vai ser mais fácil de conseguir trabalho em pedagogia, né? Sempre tem vaga de trabalho, não sei o quê. Tudo mais, então vou fazer pedagogia. Porque pelo menos eu vou ter emprego”. E aí, vim para a pedagogia, entrei em pedagogia e nesse período de transição do IFAL para a UFAL, eu tinha o auxílio do IFAL ainda, que ainda era R\$ 200, uma coisa assim. Teve todo o auxílio na pandemia também, então isso me ajudou muito. Durante os dois anos finais de IF, né? Que eram quatro anos o IF quando eu fiz, né? Na minha época, os dois anos finais eu me mudei de novo, fui morar na serraria. Foi um período muito complicado da minha vida, muito conturbado, e aí tudo o que eu queria era poder trabalhar para sair daquele ambiente, sair do relacionamento que eu estava vivendo, que era um relacionamento muito ruim, e aí foi quando eu consegui entrar na UFAL, e fui para Rio Largo. Voltei para Rio Largo e aí eu fui morar com minha irmã e minha mãe. Até o momento em que o relacionamento interno nunca foi bom, né? Todo o tempo que eu passei fora elas me incumbiam de resolver o problema das duas internamente. Então eu vivia lá, mas cuidando dos problemas delas aqui, sabe? Então era muito complicado isso. Na minha cabeça que tinha 16, 17 anos ainda, né? E aí beleza, voltei para Rio Largo. Nessa história de voltei para Rio Largo, eu ainda tinha o auxílio do IF, só que tipo 200 reais. Minha mãe saiu de casa, aí ficou eu e minha irmã e ela ajudava um pouco nas contas de casa, mas ela tinha que manter a casa dela, então eu fui procurar trabalho para poder sustentar a casa, né? Que minha irmã era menor de idade ainda e ela não... Enfim... Não tinha muita cabeça no lugar, sabe? De tipo, não, vamos pegar auxílio, vamos ajeitar, juntar nas coisas, na feira e tudo mais, né? Cabecinha de vento. Então lá vai eu morando com minha irmã, tendo que dar conta de uma casa. E... Estava acho que a um mês de começar a UFAL ainda. Quando eu fui nessa de procurar trabalho, e durante muito

tempo eu não conseguia, e até que quando eu entrei na UFAL... Não consegui um trabalho fixo, né? Entrei na UFAL e consegui... Fui logo me envolvendo com o movimento estudantil. Que foi uma das coisas que eu fiz no final do UFAL, né? Me alinhei com a FENET e tudo mais. Então eu já entrei na UFAL, no Correnteza e através do Correnteza e de todas essas ligações, a gente foi formando o Centro Acadêmico de Pedagogia, né? A nova gestão, que foi na época Gerardi e Viana. No qual tinha o Daniel³⁸, e o Daniel tinha contato com várias outras pessoas da trajetória de militância dele também. E aí ele me trouxe uma proposta, ele falou, “olha, tem possibilidade de trabalho em tal empresa e tudo mais” E aí falou, “você quer? Vou te passar o contato de fulana”. Eu, “beleza, eu quero”. E isso foi logo no primeiro período, né? Então eu já comecei a trabalhar. Não foi na minha área, né? Foi na área de serviços gerais e de cara eu já comecei a trabalhar. Então eu já tinha como manter a casa. Depois de um tempo consegui o auxílio emergencial. Acabou do IF, consegui o emergencial da UFAL, né? Nesse iníciozinho antes de começar o trabalho. E aí consegui manter, eu fico olhando minha trajetória inteira... Se não fosse os auxílios das universidades federais, eu não tinha conseguido estar onde eu estou hoje. Eu sempre deixo isso muito claro quando venho falar sobre isso, porque políticas públicas de permanência, políticas públicas de assistência estudantil podem transformar a vida da galera. E tipo, faz muita diferença pra quem é pobre, sabe? Faz muita diferença. Eu realmente não estaria aqui se não fosse isso. E aí comecei a trabalhar, e comecei a sentir o peso de que era uma trabalhadora do... Uma pessoa que tinha que trabalhar demais e eu estava de manhã acordada. Lá vai eu acordar de novo, quatro e meia da manhã, quatro e meia, acordar não... Quatro e meia estar na rua, né? Mas acordar de novo às quatro e poucas da manhã. Para poder chegar na UFAL à noite e estar ali estudando, estar ali se mantendo acordada de algum jeito. Para quando chegasse em casa fossem às onze e meia, para poder ir dormir, para poder acordar de novo e assim, eu senti muito peso. Eu acho que esses... Como eu trabalhava em serviços gerais, exige muito do físico, né? Muito do físico. Então... Era... Saber que toda manhã eu ia ter uma surpresa, né? Nunca sabia. Meu primeiro dia nesse trabalho, inclusive, foi... Eu tive que desentupir uma privada e eu, assim... “Vamos introduzir a menina no trabalho. Como vai ser, então? Tem uma privada entupida e você tem que dar um jeito. E eu, assim... Eita, tá, né? Vamos ver como é que faz”. Então, assim, foi pura

³⁸ Nome fictício.

improviso. Um pauzinho de vassoura quebrado com uma garrafa pet. Vamos lá. Vê se esse negócio desce de algum jeito. Mas eu sentia, no final do dia... Que eu não tinha mais energia para lidar com aquilo. Então, muitas vezes, na sala de aula, se manter acordada era quase impossível, era quase impossível manter acordada na sala de aula de manhã. E... É... Eu não sei. O que é que eu falo mais?

MYRELE

Dandara, me diz uma coisa. Quando você se matriculou na UFAL, você já foi logo pro período noturno?

DANDARA

Sim. Eu fui pro noturno porque eu sabia que eu tinha que trabalhar. Eu já fui pro noturno sabendo isso. Eu não ia conseguir estar na universidade sem trabalhar. Porque eu não ia ter como me manter, enfim... A casa e tudo mais. Sem contar que, depois de um tempo, minha irmã arrumou um namorado. Levou pra morar com a gente e ele não trabalhava, então, eu tinha que manter três pessoas, mais um cachorro, mais um gato.

MYRELE

É complicado, né?

DANDARA

É... É pesado, pesadíssimo, mas também... Assim mesmo, vivendo e aprendendo.

MYRELE

Eu queria que você me contasse como foi os dois primeiros anos lá na UFAL. Acho que você já tá no quinto período, não é isso?

DANDARA

É.

MYRELE

Quais foram os principais desafios nesse novo espaço? Que a universidade, a gente se depara com um novo universo. Novas normas, né? A gente tá acostumado lá no

ensino médio. Professor dá aquele suporte maior. A gente chega lá na UFAL, tem que aprender tudo sozinha, tem que saber como é que funciona a universidade toda, a grade do curso, tudo por conta própria. Então, eu queria saber como é que foi esses dois primeiros anos? Se tem algum momento que marcou muito, né? Ou momentos que marcou muito para você. E se tiver, eu queria saber o porquê que marcou tanto.

DANDARA

Vamos lá, esses dois primeiros anos foram... Como é que eu posso dizer? Como eu já tinha apanhado da vida antes... Eu já tinha apanhado muito antes, então, assim... Eu já tinha apanhado muito da vida, então, quando eu entrei na universidade, eu já sabia que não ia ser fácil, eu já sabia que, tipo... Não ia ser o mar de rosas, como não foi, não tá sendo, mas eu deposei muito minhas esperanças nesse ambiente, porque é o ambiente que eu pensei... Se tem um lugar onde eu posso crescer e virar alguém e fazer alguma coisa lá, então, é lá que eu tenho que estar. Eu posso dizer que pensando desse jeito, eu cheguei aqui e eu tive muita sorte em ter escolhido Pedagogia, porque diante de todos os outros cursos, Pedagogia... Eu sempre falo isso também, é o curso mais humano que tem nessa universidade. Pedagogia é um curso muito humano, a gente tem muitos professores que são extremamente humanos. A gente tem professores que entendem nossa realidade, tem sempre aqueles professores que acham que já nasceu ganhando 20 mil reais o mês? Tem. Tem professor que acha que todo estudante tem a mesma condição que os filhos dele? Tem, mas, felizmente, em Pedagogia não é grande maioria. Então... Eu me senti muito acolhida e como eu sempre fui muito engajada, desde quando eu entrei na universidade com o movimento estudantil, com movimentos sociais, eu fui me chegando muito próxima da direção, da coordenação, dessas pessoas que estão em posições de liderança. E aí eu fui entendendo como a universidade funciona, como a reitoria funciona, como os pró-reitores funcionam, como o reitor se organiza, como é que essa instituição internamente funciona. E ali eu fui aprendendo, fui me desenvolvendo e criando laços com essas pessoas de uma forma que me ajudou muito a entender mais como a estrutura da universidade funciona. Então, saber como lidar com papelada, com burocracia de não sei o quê, com questão de grade, carga horária, qual professor faz o quê, onde tem estágio de quê... Então, isso me ajudou muito a ter essa maturidade, essa visão de universidade num sentido mais amplo, e se tem uma coisa que... Pode ter certeza que me marcou muito, muito, muito, marca

até hoje e sempre vai marcar a minha trajetória. Duas professoras específicas que sempre quando via, literalmente, elas olhavam e sabiam que você não estava bem, que você estava cansada, que o dia tinha sido um porre. E olhar para você assim e falar “você não está bem, né Dandara?” E eu ia falar “não”. E elas pararem para ouvir, sabe? E parar, às vezes, até no meio da aula a gente está conversando e um aluno começa a falar sobre alguma coisa que não necessariamente está ali, mas que aquilo está incomodando, que aquilo está deixando aquela pessoa mal. E ter esse ponto de vista dessas duas professoras de estar ouvindo, de dar essa atenção para o aluno e demonstrar que para ela o aluno não é só um número, sabe? Então, o momento que teve uma vez numa videochamada, uma aula de videochamada, uma aula online que a gente fez e a professora Luana, eu falei “prof, no final da aula tu pode me ouvir?”, aí ela falou, “posso Dandara”. E no final da aula ela me ouviu, eu estava tão cansada e eu estava tão pesada e eu estava assim, eu não sei o que é que eu faço, eu não sei se eu continuo, não sei. Eu trouxe tantas aflições para ela e ela me ouviu, ela me entendeu e ela me deu soluções para estar me ajudando naquele momento. E não só ela, como também a Bel, que várias vezes, várias vezes a Bel, ela viu que eu estava muito cansada, que eu estava pesada do dia a dia, que eu estava mal. E ela me deu carona para casa, porque ela sabia que meu ônibus é tipo 22h10 da noite e eu só ia chegar tipo 23h e tal. E ela me dava carona para casa quando eu estava assim. Então, fora que levava bolo às vezes, levava um doce, uma coisinha assim, sempre muito fofa. E eu acho que o que me marca muito é saber que ainda tem essas professoras, tem alguns professores que escutam a gente, que vê a gente como ser humano, que a gente é. No trabalho, por exemplo, por algumas pessoas eu não era vista como ser humano, por ser de serviços gerais, sabe? E tipo, não me viam como me veem na universidade. Eu tinha um choque de realidade todos os dias. Porque quando eu chegava na universidade, eu era a Dandara. Dandara, estudante de Pedagogia, que está no movimento estudantil, que faz isso, que faz aquilo, que é de liderança de não sei o quê, que faz não sei o quê, que faz não sei o quê. Se você quer resolver um problema, vai lá falar com a Dandara que a gente resolve. Quer fazer um evento? Vamos falar com a Dandara que a gente vai fazer. E quando eu chegava no trabalho, eu tinha que colocar aquela fardinha azul, com a bota maior do que o meu pé, com as calças mais folgadas do que eu, e desentupir vaso, e eu ouvir de pessoas “ah, tem que repor o papel, não sei o quê” sendo que o papel está do lado, sabe? A pessoa só não quer pegar no papel e colocar no banheiro. Vá lá fazer, porque você tem que fazer

isso, sabe? E saber que tinha pessoas que, olha de baixo para cima, porque você está exercendo essa função? Então, eram dois choques de realidade. Porque eu chegava, chegando lá, era como se eu não soubesse nem o meu nome. E o maior choque deles foi quando descobriram que em um evento de Libras, que eles estavam tentando desenvolver, que eles estavam fazendo e tudo mais, e aí um dos rapazes lá da DMTT falou comigo sobre, e aí eu peguei e falei, não, isso daí é sinal tal, sinal tal, sinal tal. E aí ficou assim. E aí muitos vieram pedir ajuda, conversar e tal, para isso. E aí foi quando começaram a perguntar, depois de muito tempo de trabalho, o que é que eu fazia da vida além de limpar, de desentupir vaso, limpar chão, limpar os cafés que eles derrubavam. E aí descobriram que era estudante de pedagogia daqui da UFAL e algumas pessoas começaram a me olhar como ser humano, pelo fato de eu ser estudante de pedagogia da UFAL. Outras continuam a me olhar do mesmo jeito, torto, né? Porque, assim, é isso.

MYRELE

Ô Dandara, atualmente você ainda trabalha nessa mesma empresa ou você trabalha em uma outra?

DANDARA

Eu saí dessa empresa, eu pedi demissão dela, depois de sofrer muito. Eu pedi demissão com um mês para terminar o contrato, eu fui embora e ninguém nem sabia. Foi só assim, eu preciso sair daqui porque eu não conseguia mais levantar de manhã para sair. Eu ia, mas era uma luta interna de... Você tem que ir, você precisa ir. E aí, como eu conseguia a bolsa de PIBIC, e aí eu fiquei, não... Eu consigo ter a bolsa de PIBIC, dá para segurar as pontas, cortar mais um pouquinho ali, um pouquinho aqui e fazer outra coisa, e foi quando eu comecei a trabalhar com fotografia, que é uma das coisas que eu gosto de fazer.

MYRELE

Então, atualmente você está fazendo isso, né, trabalhando com fotos?

DANDARA

Isso, atualmente eu estou trabalhando com fotografia.

MYRELE

Ah, muito legal.

DANDARA

Que é bem melhor.

MYRELE

Não tenho dúvidas. Dandara, quando você entrou na UFAL, você sentiu dificuldade, por exemplo, as pessoas relatam ter dificuldade na leitura, que é um estudo totalmente diferente, para se adequar aos horários, à dinâmica da universidade, você teve problema com essas questões?

DANDARA

Não, porque como eu vim do IFAL, tinha coisas muito parecidas, tipo essa dinâmica de professores, inacessibilidade de alguns, sistema, não sei o quê. Muito disso eu vi no IFAL, então quando eu cheguei aqui, não era novidade para mim que eu iria levar pancadas. Então, eu já estava um pouco encalçada. O IFAL faz isso, ele treina a gente para sofrer, para a gente entrar na faculdade sabendo que vai sofrer mais, a gente já não sofre mais tanto, porque a gente já sofreu um bocado lá, a gente sofre mais um pouquinho, mas sofre.

MYRELE

Além dessa experiência que você falou, das professoras te olharem com esse olhar humano, de saber escutar, de ter esse acolhimento, você poderia me contar mais uns três momentos muito marcantes, muito significativos na universidade em si? Não precisa ser só lá no Cedu, mas na universidade, e por que elas se destacam?

DANDARA

Claro, mais três, vamos lá. Uma que eu posso colocar é a número um. O evento que a gente fez, eu e um colega meu, Matheus³⁹, da Senambis, que a gente realizou esse evento, que foi... A gente trouxe o deputado Eduardo Suplicy para cá, para fazer uma discussão com os estudantes. Depois a gente conseguiu levar os estudantes daqui,

³⁹ Nome fictício.

da UFAL, artistas também, para São Miguel dos Campos, para contemplar ainda o festival da Senambis, a premiação do Suplicy e tudo mais. Então, fazer esse debate, fazer esse diálogo, foi extremamente importante, extremamente importante mesmo. Abriu muitas possibilidades, muitas portas dentro da universidade para mim, quanto estudante aqui, porque a gente sabe que muitas coisas você tem que dar de um lado para receber de outro. E trazer Suplicy para cá foi, tipo... Extremamente importante, extremamente importante. Então, isso foi algo que foi decisivo, foi muito importante mesmo. Segundo... Deixa eu ver... Em segundo lugar foi conseguir a residência universitária, conseguir a residência universitária foi muito importante também, decisivo demais para a minha permanência aqui, na verdade, para facilitar tudo. Facilitar tudo, conseguir a residência universitária. Em terceiro foi... Eu acho que... Espera aí... Agora eu estou confusa. Entre o centro acadêmico e o outro evento que a gente fez. Mas pode falar a vontade?

MYRELE

Fica à vontade para falar, viu?

DANDARA

Ok. Então, entrar no centro acadêmico de pedagogia, ter construído o centro acadêmico logo no primeiro ano, no primeiro período, né? Então, foi... Caramba, foi extremamente importante, porque isso me trouxe portas para um amadurecimento interno, como eu tinha falado no início, que se eu não tivesse entrado, eu não saberia. Eu não teria esse contato que eu tenho hoje, não teria a liberdade que eu tenho hoje, e era algo que eu sempre ouvia de outros estudantes e até professores também, porque estavam tão acostumados a sempre encontrar comigo ali no corredor, que ficava assim, não, “mas Dandara, tu vai formar quando, hein? Não sei o quê” porque eu estava no primeiro, segundo período e eles achavam que eu já estava assim, no sexto, sétimo... Sempre pensando que eu já estava lá no final do curso, sendo que eu cheguei ontem, praticamente, na UFAL, na época. Então, saber que eu consegui ir na secretaria resolver as coisas e todo mundo sabe, não... Dandara está indo resolver alguma coisa. Depois, Dandara correndo para um lado e para o outro. Então, essa maturidade de correr para um lado e para o outro, de fazer as coisas dentro do Cedu e fora dele, né? Que levou o Ronaldo Lessa depois... Ronaldo Lessa e o outro, que eu esqueci o nome dele agora. A gente fez uma mesa com o Ronaldo Lessa, com o

outro ex-ministro do governo Lula, que eu sempre esqueço o nome dele, porque também é com R. Aí eu confundo os dois. Mas o Ronaldo Lessa estava. Mas, enfim, com esse outro ex-ministro do governo Lula, a gente fez também uma discussão. Foi com a ajuda do Cedu, já. A gente trouxe ele para debater com os estudantes também. Estudantes não só de pedagogia, estudantes de vários cursos. Tinha administração, tinha não sei o quê, porque ele era dessa área de tecnologia, um negócio assim. Mas ele estava discutindo política na universidade, que foi muito importante também. Foi uma das coisas muito decisivas para a gente aproximar esses debates da universidade, que estava tão longe. Foi um período em que a gente fez muita mesa, discutiu muita coisa, falar sobre política de assistência estudantil, falar sobre a questão de acessibilidade também. A gente discutiu muito isso com a reitoria. Eu acho que... Essas coisas, essas coisinhas que a gente vai fazendo ao longo do tempo.

MYRELE

Você me falou sobre a questão de ter conseguido a bolsa do PIBIC, e assim, para além do PIBIC, em relação aos espaços que você vivencia na universidade, não só lá no Cedu, não só na sala de aula, para além da sala de aula, essa questão de pesquisa, iniciação científica, extensão. Você já me contou que teve a oportunidade de participar do PIBIC, eu queria saber se você já teve uma outra experiência, sem ser com o PIBIC, se teve experiência com extensão, ou residência, ou o PIBID, que a gente tem lá na Pedagogia também, e como essas experiências, elas compuseram a sua formação acadêmica. Se elas têm uma influência na sua formação.

DANDARA

Sim. Eu participei do projeto de extensão de História da Educação com o professor Givanildo e foi viver uma outra realidade. Uma coisa que eu percebi muito, também tem outro, com a professora Edna Bertoldo que é sobre Marx, que a gente faz a pesquisa da biografia do Marx. A parte de José Paulo Neto. Mas uma das coisas que a gente percebe, fazendo áreas, porque são áreas completamente diferentes. História da Educação, aí Marx, aí tem EJA. Então, são três mundos, três universos completamente diferentes. A linguagem é completamente diferente. O jeito em que você aborda termos, às vezes até o mesmo termo, são completamente diferentes. Então, você experimenta muito de mundos diferentes, participando dessas coisas. Então, assim, o que eu não vivi no IFAL, de extensão, de pesquisa, eu estou vivendo

hoje na universidade e isso me traz um amadurecimento muito grande intelectual, porque participar desses projetos, tanto de pesquisa, extensão, que era do caso de História da Educação, trouxe esse contato com um outro âmbito da educação. Por exemplo, pesquisar documentos, fazer essa listagem de documentos, entender como fazer a limpeza desses documentos, então, o cuidado que você tem que ter, os EPIs que você tem que usar. Como eu fiz Química, me facilitou muito nessa parte e também trouxe a eles um amadurecimento nesse lado. Então, os jalecos, eu fui lá e falei “ó, se a gente está mexendo com esse tipo de coisa, precisa ter um jaleco, precisa ter não sei o que”. Então, foi uma construção também, né, da gente ir junto. Não é GEDIT, é GEL alguma coisa. Enfim, tem a sigla, né, do grupo. Mas, enfim, imaginem a sigla do grupo e é isso. Então, foi um crescimento muito grande. Além disso, tem os esportes, né? Eu fiz na universidade também, que eu comecei a conseguir fazer, né, com o tempo, quando eu saí desse outro trabalho. Então, fazer natação, fazer vôlei, o que ajuda muito na saúde mental do estudante. Meu Deus do céu! Meu Deus do céu! A Dandara chorosa pelos cantos, que tinha crise de ansiedade toda semana, três vezes na semana, toda semana, né? Acho que só tinha antes da greve, né? Só tinha um dia na semana que eu não fazia esporte, que era às quintas-feiras. Mas, fora isso, eu sempre estava fazendo esporte de um horário direitinho. Então, o vôlei, né, a natação também sempre, poxa, ajudou muito, muito mesmo. A universidade tem esses espaços que trazem uma grande diferença também, para a gente viver melhor.

MYRELE

Agora, eu vou entrar mais no campo sobre as minhas questões de pesquisa, que envolvem ser estudante e ser trabalhadora. Eu queria saber de você, Dandara, você se considera uma estudante-trabalhadora ou uma trabalhadora-estudante? E por quê?

DANDARA

Vamos lá. Eu passei pelas duas fases, né. De início, assim quando eu entrei, eu me vi como uma trabalhadora- estudante, porque eu não consegui estar aqui nesse ambiente da universidade sem trabalhar. Porque eu tinha todo aquele peso, né, de três pessoas, gato, cachorro, a casa, as contas, então, eram impensáveis estar na universidade sem estar trabalhando, sem manter aquele trabalho, sem aguentar aquelas coisas, sem ter que lidar, né, com aquela rotina. E hoje, eu me considero uma

estudante-trabalhadora, graças a Deus. Graças às assistências estudantis, né, graças à política de assistência estudantil. Eu consigo, hoje, estudar e trabalhar, mas, antes de tudo, eu consigo estudar agora. Eu consigo me dedicar aos estudos, fazer as leituras com maior qualidade, né? Me manter acordada na sala de aula. Consegui.

MYRELE

E eu queria saber, Dandara, de que forma essas duas esferas, o trabalho e a faculdade, né, afetam a sua vida social, a sua vida estudantil. Quais foram os principais desafios que você precisou encarar? E encara, né, até hoje, por ser uma estudante que precisa estudar, conciliar as demandas e o trabalho, né. Como um interfere no outro?

DANDARA

Vamos lá, né. Então, acho que o maior peso de lidar com esses dois âmbitos é saber que uma hora você vai falhar em algum, que a gente não é perfeito. Então, uma hora eu ia ter que falhar com alguma coisa. Quando você tá num regime CLT, quando você tá no estágio, você não pode falhar com isso, você não pode se dar o luxo de falhar no trabalho, então, falhava na universidade. Era você saber que um dos lados vai sofrer mais e uma coisa que ficou muito clara nas minhas notas, né, no meu desempenho acadêmico, foi justamente isso. Porque quando eu comecei, meu corpo, apesar de ter vinte e poucos anos e tinha os professores, alguns, né. Aqueles professores que acham que todo mundo tem a vida boa, né? de dez mil reais no mês. Ficava assim “mas você tão nova, cansada desse jeito. Tão nova dormindo na sala. E tão nova com essa cara. Quando desentupiu a privada”. Eu tô traumatizada com essa história da privada até hoje. “Não desentupiu a privada de manhã não, hoje cedo, né. Chamou alguém pra desentupir pra você, né?”. Imagina... Então, assim. É ver meu coeficiente cair, é ver eu não conseguindo levar os textos lidos, é ver eu conseguindo não fazer o trabalho, é eu tendo que escolher entre dormir pra poder ir trabalhar no dia seguinte ou virar a noite e trabalhar virada, porque precisa terminar o trabalho, porque é pra B1, porque é pra B2. Então, é saber que muitas vezes no horário de lanche do trabalho você vai tá fazendo o seu trabalho da universidade, né? Você não vai ter tempo de comer, você tem que escolher entre comer e dormir. Às vezes você prefere dormir do que comer pra poder dar conta das coisas, né? Então, eu acho que esse é sem dúvida o maior peso que eu enfrentei e enfrento ainda, né. Porque hoje

eu já não sinto mais tanto peso no meu desempenho acadêmico, ne? Ainda bem hoje o meu desempenho acadêmico tá bem melhor, dando conta do PIBIC, das leituras. Fazendo os fichamentos com a qualidade que eu sempre soube que eu era capaz de fazer. Porque eu fiz no IFAL, tinha professores que cobravam muito no IF. Vocês devem saber que tem professores no IFAL que cobram tanto quanto. Então, eu vendo que eu podia dar o melhor de mim, eu podia ser melhor, podia ser melhor aluna, podia ser melhor militante, podia ser melhor, enfim, eu, na universidade, eu não conseguia porque eu vivi esgotada. Vivi esgotada e hoje eu vejo que eu consigo fazer isso, então, eu consigo dar conta dessas coisas, isso foi um salto enorme.

MYRELE

Eu queria que você me falasse, entre os estudos e o trabalho, qual é o mais importante para você?

DANDARA

Pra mim, sempre foi mais importante de todos os estudos. Só que a materialidade, ela pesa muito, então, se hoje eu não tivesse com esse aparato que a universidade usava, que a universidade pública me deu eu não tava com essa folga que eu tenho hoje, eu não estaria dando o meu melhor na universidade, porque apesar de eu sempre pensar, sempre ter a certeza que os estudos é mais importante, como é que eu ia estudar se eu não comesse? Como é que eu ia estudar se eu não pagasse o tempo que eu tava? Como é que eu ia estudar se eu não pagasse a energia da internet que me permitia estudar pra universidade? Então, assim, é impensável você não ter essa base material pra poder desenvolver na vida acadêmica, é impossível, ninguém desenvolve. Se você não tem pai e mãe que te ajuda a estar nesse ambiente, você obrigatoriamente vai ter que negligenciar seus estudos pra poder se manter estudando. O que é uma coisa que se choca, se choca, não tem pra onde ir, mas é isso.

MYRELE

Eu queria saber se em algum momento na sua trajetória acadêmica. Você já pensou em desistir do curso, né? E se sim, o que foi que fez você continuar? Se você teve uma rede de apoio na universidade, na família?

DANDARA

Eu não tenho rede de apoio na família. Na universidade, eu acho que quando eu queria desistir...Porque, assim, eu pensei em desistir muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes. Por conta do esgotamento, né? E a gente fica olhando, fica vendo as notas caírem, e fica, “meu Deus, eu não estou fazendo nada. não estou fazendo nada, não estou lidando com nada. Não estou desenvolvendo nada”. Mas o que me manteve aqui, primeiramente, foi essas duas professorinhas que me deram muita força, muita, muita força, e saber que aqui dentro a gente tem assistência estudantil, tem política estudantil que é determinante para eu estar aqui, é determinante. Então, sem isso, eu vivo de um jeito hoje que se eu não estiver na universidade, eu não consigo viver. Eu dependo muito da universidade, né? Da universidade pública e eu fico muito feliz que hoje eu dependo mais da universidade, do que de um trabalho CLT.

MYRELE

Se você pudesse propor algumas ideias, algumas sugestões para melhorar a vida universitária dos jovens e das jovens, e principalmente para aqueles jovens que precisam trabalhar, quais seriam? Quais as suas propostas de melhorias?

DANDARA

Vamos lá, eu acho que primeiro de tudo é a gente pensar na política de bolsas de assistência estudantil, né? A gente precisa tanto de um aumento, como ampliação dessas bolsas de assistência estudantil, uma divulgação maior e uma flexibilização. Eu acho que a documentação hoje ela é razoável, sabe? Mas ela precisa ser acessível, ela não é, ela é extremamente exigente, mas também não é negligente. Só que ela precisa ser mais acessível para alunos que vejam a realidade no qual nunca passou por um IFAL da vida, então, nem imagina que existe possibilidade de ter assistência estudantil. Então, esses estudantes que estão chegando agora na universidade, que não tem bagagem de nada, eles precisam saber que existem essas possibilidades, que existe uma possibilidade de ir para uma residência, que existe PIBIC, que existe PIBID, que existe, enfim, projetos de extensão e que essas coisas podem ser ampliadas e podem ajudar eles a diminuir essa carga, que é, por exemplo, eu sair de um regime de trabalho de dois turnos, para ir para um de meio período. E você conseguir pegar uma bolsa, para você poder completar, sim, uma boa quantia e se manter. Sabe? Se você necessita, se você é um trabalhador estudante, se você é

um trabalhador estudante, você tendo essa assistência, tendo isso com maior facilidade e sabendo que isso existe, vai facilitar muito a vida desses estudantes que estão chegando agora. Então, também pensar em uma política na universidade, de melhorar o acesso aos estágios, sabe? Porque estágio em pedagogia é papinha. Estágio em pedagogia tem logo no primeiro período, nem tanto. Por isso que logo no primeiro período eu fui trabalhar de serviços gerais, porque no primeiro período a gente não tem tantos estágios assim. A partir do segundo e terceiro que eles pegam com mais facilidade, mas, nos outros cursos também, sabe? Facilitar essa possibilidade de estágios, de estágio de meio período. Então, fazer com que a universidade canalize esses estudantes para esses estágios nas áreas deles, entendeu? Eu acho que isso seria, é algo que é óbvio, que a universidade deveria fazer mas não faz. Eu nem deveria estar dando essa ideia, porque isso já deveria existir, mas, enfim. Acho que a ampliação das bolsas, aumento também e essa viabilidade da possibilidade da gente trabalhar. A gente vai só trabalhar, né?

MYRELE

Você acredita que a universidade, a UFAL, os professores e as professoras, e o curso de pedagogia contemplam os estudantes que são trabalhadores?

DANDARA

Então, a universidade, infelizmente, ela ainda é muito para quem pode, né? A gente tem casos de pessoas muito insistentes, naquelas pessoas que insistem, que querem estar ali. Então, paga com a alma para estar ali, né? Tem muitos estudantes que dizem “gente está na universidade pública, mas, a gente paga com a alma”. Paga com a alma quem é trabalhador estudante, paga com a alma. A gente tem pessoas que tem uma bolsa para estar ali, porque a gente rala tanto para poder chegar na universidade, para chegar no ambiente da sala de aula, a gente rala tanto para chegar no ambiente que é a sala de aula que quando a gente chega lá, que senta para assistir a aula, a gente só tem energia para ficar de olho aberto. Então, assim. O senhor Ronaldo... Ele é extremamente humano. Eu já falei, só que ele está dentro, da estrutura da universidade. Ele cumpre o calendário da universidade. Então, ele tem que seguir normas que a universidade impõe. Então, ele não está isento de cobrar do aluno, trabalhador, estudante, da mesma forma que ele cobra de um aluno que é estudante e trabalhador. Ele cobra do mesmo jeito, são dois pesos e duas medidas. Não, é um

peso e uma medida para duas coisas diferentes. É isso aí, pronto. Agora deu certo. Então, assim, eles cobram da mesma forma desse aluno, desse trabalhador, como se ele fosse um aluno que não tivesse tantas outras responsabilidades. Isso porque eu estou falando da minha realidade, que era uma pessoa que não era, não sou mãe, né? Porque isso ainda tem o caso... O caso das mulheres que são mães, que são trabalhadoras, que são donas de casa, que são não sei o quê, e quando chega na sala de aula e aí, muitas vezes a rede de apoio que os estudantes têm na universidade são outros estudantes. “Não tenho condições de fazer tal trabalho, eu não tenho condições”, vem o outro colega e diz, “não, eu faço”. É isso. Porque muitas vezes, muitas vezes a gente vê estudante dando a mão para estudante, enquanto professor, que deveria ajudar também, que tem formação humanitária, que passou por isso em algum momento da vida, se passou, né? Que esquece, esquece que a gente passa por isso, esquece que aluno é humano, esquece que aluno trabalha, que tem família, que tem problemas. Então, assim, a universidade falha muito com os trabalhadores, falha muito. Não só no fato dos trabalhadores enquanto estudantes, mas dos trabalhadores que estão lá fora também, porque o que a gente produz é... É que deveria servir para eles lá e não só para empresas, não só para, enfim, capital e por aí vai. A gente deveria aproximar cada vez mais os trabalhadores da universidade, até porque os filhos deles deveriam estar aqui dentro, sem ter que sofrer tanto para estar aqui.

MYRELE

Agora a gente vai entrar no eixo sobre ser jovem e universitário, né? Eu queria... Você já me falou alguns pontos, mas eu queria que você falasse as suas vivências juvenis enquanto estudante do curso de Pedagogia da UFAL, sobre experiências que você pôde se expressar como jovem, tanto na universidade quanto fora dela.

DANDARA

Como jovem na universidade? Eu não sei, eu só consigo pensar nas festas. Eu nas festas?

MYRELE

Você quem vai me dizer.

DANDARA

Eu acho que a coisa mais jovem de universitário são as festas. As festas que a gente tem em alguns períodos, então é o momento que eu posso ser jovem, é o momento que eu posso, né? Não sou... Tanto que teve uma vez que me chamaram para conversar com os estudantes sobre assistência estudantil na Calourada, e aí foi numa semana, é a semana no qual na sexta tem a típica festa de Calourada, e aí eu falei no final da minha sala o seguinte “Olha, a Dandara que hoje está aqui falando com vocês não é a mesma de sexta-feira. Pode achar, pode chamar meu nome à vontade, porque eu vou ficar feliz se você errar e não associar a Dandara àquilo”, porque são dois seres diferentes. Então, viver essas festas que tem na universidade, acho que hoje viver na residência universitária, acho que é poder estar com contato com outros jovens também que moram aqui. Então, vizinho... O vizinho que chegou gritando aqui, né? É poder viver essas relações, sabe? Poder falar... Alguém tem uma aveia? Por favor? E alguém tem uma aveia? E... Ah! Sabe? Eu acho que não é que nem os filmes estadunidenses de residências, né? É uma outra realidade, completamente diferente, mas assim, ainda é muito legal porque aqui eu lido com muitas realidades, né? Então, é saber que tem jovens que viviam tantos conflitos, tanto quanto eu e que trabalham tanto quanto eu e que sofreram como eu para estar aqui, que estão aqui, tem as mesmas dúvidas, apesar de já estar aqui. Eu já estou no final do curso, eu estou na metade, tem gente que está no início do curso, né? Então, pensar que a gente está assim, bem próximo e que a gente se ajuda, né? Eu acho que isso é muito da realidade dos jovens. Porque a gente vai amadurecendo e a gente vai ficando cada vez mais individualista. Porque a gente sofre tanto para conseguir nossas coisas, né? E o jovem não tem isso ainda. O jovem ainda está muito aberto a ajudar, está muito aberto ao coletivo, né? Então, não todos, mas uma parte. Então, a gente tem muito isso. É saber que pode, à noite, por exemplo, a gente sentar para conversar numa roda de amigos, e conversar sobre como está a universidade, conversar besteira da vida, conversar sobre relacionamento. Acho que uma das coisas que, meu Deus, me fez muito feliz aqui dentro da universidade foi me entender em minha orientação sexual, né? Que eu sou sapatona assumida, lésbica, “caminhoneira”. Caminhoneira? Não caminhoneira. Calma. Só “sapatilha”. Mas sim, entender minha sexualidade, entender minha orientação sexual. Entender as grandes variações de orientações, de vertentes de tantas coisas que até hoje eu ainda não entendo. Sou do vale, mas não entendo o vale, galera. Tem coisas do vale que eu não consigo entender, mas que a gente está

sempre aberto a estar ouvindo, a estar entendendo, a estar conversando com outros jovens sobre esses conflitos, né? Que a gente tem, e às vezes escutar alguns colegas da gente, de turma, falando Ai, meu Deus, mas eu não tenho um tênis da Nike. Enquanto você pensa, se preocupa com tênis da Nike, eu tenho que pagar a conta de luz e de água. Mas é saber que você passa por esses conflitos, sabe? Uma pessoa da mesma idade que você é preocupada com coisas que você nem passa pela cabeça, mas que você pensa, seria tão legal passar por essas dúvidas, né? Mas você vai aprendendo com essas realidades, vai aprendendo com outras realidades e vai conhecendo cada vez mais pessoas, realidades, vivências e experiências, né? Experiências incríveis que a universidade pode te dar. Por exemplo, viajar com a universidade, ir para eventos com a universidade. Saber que a universidade dá assistência, cobre cursos e eventos, né? Então, essas coisas. Eu acho que ir para congresso, ir para evento, dormir em estádio, dormir em escola, em evento, colchonete, um friozinho, uns mosquitos. Dias dentro de um ônibus, né? Atravessando a cidade, atravessando a infinita Bahia que não termina nunca, né? É isso, eu acho.

MYRELE

Para a gente finalizar essa conversa nossa, fazendo uma reflexão de tudo que a gente debateu hoje, de relembrar esses primeiros momentos que você entra na universidade, né? Já está na metade da graduação. Quais foram as contribuições dessas vivências que você me relatou hoje para a sua formação? E se você acredita que elas te proporcionaram e vão te proporcionar uma mudança de vida.

DANDARA

Ai, Deus. Sim. Sim, sim, eu vou chegar lá no sim. Muita coisa me marcou. Se eu amadureci muito no IFAL, se eu amadureci muito na minha transição do IFAL para UFAL. Quando eu entrei na UFAL, eu amadureci ainda mais. Eu acho que a gente vive um constante ciclo de amadurecimento, né? Mas na UFAL, viver todas essas coisas, viver todos esses conflitos, viver todas essas diferenças de trato, de tratamento, acho que o trabalho também em si me trouxe, porque foi com o comitante, né? Não tem como pensar ele separado da minha trajetória, de onde eu estou, mas saber que cada uma dessas coisas que eu passei, passo até hoje, constrói um pouquinho da Dandara que eu sou hoje, né? Então, saber que os professores e professoras que eu tive contato e que eu ainda terei contato, são eles que vão orientar

o que eu quero e o que eu não quero ser. E eu tenho certeza que o tipo de professora que eu quero ser é aquela que um dia pode estar falando, mas o que é que te marcou na universidade? O dia que uma professora fez isso por mim, sabe? Isso, é esse tipo de professora que eu quero ser. Eu quero poder ser aquela pessoa que o aluno ou a aluna, quando sentir que... não tem rede de apoio. Uma vez a Ana me perguntou isso, quando a gente estava conversando em um evento que eu estava ajudando, né? E ela perguntou “Dandara, quem é a tua rede de apoio?” “E eu falei, que rede de apoio, mulher?” E ela ficou assim, sabe? É saber que eu posso ter, eu posso ser essa professora, sabe? Não que como professora eu vá mudar o mundo, porque professores não mudam o mundo, infelizmente, mas a gente pode tocar uma, duas, cinco vidas e com essas vidas a gente pode fazer uma grande diferença na vida de outras pessoas. Porque tipo, se essas professoras me marcaram desse jeito, quantos outros alunos e alunas elas não marcaram em sua trajetória? E quantas outras pessoas esses alunos marcados não vão mudar também, sabe? Eu estou sendo muito otimista pensando assim, então, porque ainda existe um pouquinho de esperança no meu coração, passando por essas pessoas, né? Então, isso é o que marca muito e sempre vai marcar. É o que eu quero ser, sabe? E o que eu quero me tornar futuramente é voltar à universidade como professora. Então, eu acho que isso é decisivo, é saber que estudando o conhecimento que eu tenho aqui hoje, que eu posso construir aqui hoje, vai me render futuramente, né? Um retorno no qual eu estarei aqui, só que em outra posição. Na posição de professora, aquela que vai gerir pesquisa, que vai abrir projetos de pesquisa, projetos de extensão, que vai abrir bolsa de não sei o quê, vai submeter bolsa de não sei das quantas, e vai ajudar a transformar a vida de alguns estudantes. É isso.

MYRELE

Tem mais alguma coisa que a gente não falou, que você gostaria de falar, ou você acha que contemplou tudo o que queria?

DANDARA

Eu acho que contemplar tudo, tudo, é impossível. Porque são tantas coisas em tão pouco tempo para discutir, mas se tem uma coisa que eu posso dizer e que eu quero sempre deixar muito claro, é que pedagogia, o curso de pedagogia, essa humanidade que ele tem é decisiva para o número de estudantes que a gente tem lá. Porque entrar

na universidade, não digo que é fácil, mas a gente entra, se manter aqui dentro, é outra história. Pedagogia consegue manter, aos trancos e barrancos ainda tem muita evasão, tem, como toda universidade, mas a evasão de pedagogia não chega nem aos pés da evasão que tem em tantos outros cursos, sabe? Então, saber que a gente tem isso em pedagogia no nosso centro de educação aqui, na Universidade Federal de Alagoas, é surreal. E também saber que a estrutura da universidade, você consegue conhecê-la por dentro, se você conseguir estar envolvida com esses... Tantas, tantas vertentes, de atuação que tem dentro da universidade. Ela é complexa, mas você consegue viver isso, entender isso, ao longo do processo que você passa aqui dentro. Acho que é isso.

MYRELE

Dandara, mais uma vez, muitíssimo obrigada pelas suas palavras, pelas suas contribuições, pelo seu tempo, né? Eu acho que foi uma entrevista muito, muito boa.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA RESTITUIÇÃO REFLEXIVA DIALOGADA DE DANDARA DO PALMARES

MYRELE

Eu queria te agradecer, por participar e poder se disponibilizar também, em meio a essa correria da UFAL.

DANDARA

De nada, é sempre bom participar dessas coisas, eu acho muito legal. E o seu tema também é muito caro para mim e para muitas pessoas que eu conheço. Então não fazia sentido na minha cabeça negar participar de algo assim. É mais que uma honra estar participando desse seu trabalho, porque é muito trabalho.

MYRELE

Esse nosso segundo encontro é basicamente para você me dizer as suas impressões. Eu mandei a transcrição e a análise da entrevista escrita, e eu queria saber o que você sentiu lendo, quais foram as suas observações, se você quer adicionar alguma coisa, se você deseja retirar alguma coisa, a narrativa é sua e você é quem manda nela.

DANDARA

Eu acho que retirar não retiraria nada. Eu acho que... Só aquelas observações de gramática mesmo que eu tinha pego. Sim. Tem umas frases repetidas que eu acho que no final tem que tirar e deixar só a primeira frase. Mas eu acho que tudo eu tive pontuando nas caixas de texto. Sim. Talvez tenha passado alguma, não lembro. Teria que olhar de novo. Mas eu pontuei nas caixas de texto algumas coisas. E... É isso. Lendo toda a análise, primeiro eu li o transcrito e depois eu li a análise. Lendo o transcrito foi muito emocionante porque querendo ou não você está revivendo várias coisas. Você revive cada momento, cada contato, cada olhar, cada sentimento que você expôs ali, e que você vez outra acaba revivendo eles. E eu observando todos os “nés” que eu estou falando aqui agora. Porque meu amigo, a quantidade de “nés” no final de cada frase eu fiquei impressionada. Não, é impossível isso daqui sou eu, Jesus Cristo. Sério, fiquei impressionada. Impressionadíssima. Faz parte.

MYRELE

Quando eu participei de uma entrevista também eu fiquei “meu Deus”. Eu o tempo todo né? Não, porque né... né”, Faz parte, minha filha. Aí...

DANDARA

Acho que a emoção foi muito grande de reler aquilo. E reler e reviver tudo que eu passei. Reviver o sentimento que eu tenho por essas professoras que me ajudaram muito. Reviver cada... Eu revivi, consegui reviver cada carona que a Bel me deu para ir para casa, quando eu estava muito cansada. Cada conversa, cada gesto de carinho, cada olhar preocupado da Ana, sabe? Os momentos que ela só olhava assim, que ficava “as coisas não estão muito bem, não?” e ela: “então, conte, converse comigo”. E saber que hoje ela não consegue ter mais tanto esse tempo para estar vivendo com os alunos por conta da questão do cargo que ela está ocupando agora. Então, imagino quanto pesa para ela também isso, porque esses pequenos momentos tanto ajudam a gente, quanto ajudam a eles também, né? A ficar tipo “caramba, eu não sou só professor, mas aqui eu também... não sou só professora, mas aqui eu também cuido de pessoas. Eu estou ouvindo pessoas, ouvindo histórias e fazendo parte delas”, porque é o que elas fazem. Elas constroem parte da nossa história. Então, isso me emocionou muito, muito mesmo. Saber que eu vivi aquilo. E vendo a tua análise, eu fiquei impressionada como você foi fiel aos detalhes, como você chegou lá e pegou as partes cruciais de tanta coisa que eu falei, porque eu falei muito, meu Deus do céu. Então, assim, eu fiquei impressionada como você realmente foi naqueles pontos específicos. Você pegou a discussão central de toda uma problemática, sabe? Você levou isso e discutiu de uma forma brilhante. Sério, eu achei muito brilhante a forma em que você conseguiu colocar isso, fazer toda essa discussão, eu fiquei realmente muito impressionada. Eu quero muito ler teu trabalho. Minha noiva falou, quer muito ler também. Ela queria ler antes, eu falei “você só vai ler quando for publicado” ela ficou fazendo o bico para o meu lado, eu falei “gata, espere”. Eu quero muito ler como é que ficou toda a discussão inteira. Eu quero ver a discussão com as outras meninas também. Estou muito empolgada para saber como é que vai ficar o resultado final. Parece que é um bolo, sabe? Na minha cabeça está como se fosse um bolo, no final vou poder comer o bolo todo. Eu estou muito empolgada, muito empolgada mesmo para ver isso e muito feliz por fazer parte desse momento que eu sei que é extremamente importante.

MYRELE

É extremamente importante. Na qualificação, eu só fiz a sua análise para qualificar. Por conta do tempo, da demanda. Pensei “vou botar a Dandara aí para mostrar para o mundo”. A banca foi uma professora aqui da UFAL, além da Rose, e outra professora lá da Bahia, na UFBA. De forma geral, é isso, eu queria só saber mesmo essa questão, se você tinha se sentido bem, se você não tinha se sentido violada. É justamente para isso. Porque, como eu disse para você no nosso primeiro encontro, você é a colaboradora, você não é participante, você é a colaboradora, então, você tem o poder de dizer “oh Myrele, não gostei”. Eu quero que você sinta orgulho, veja aquele trabalho com as suas narrativas e sinta orgulho da mulher que você é, da jovem que você é e da trabalhadora que é. Porque eu também já tive nesse lugar de ser entrevistada e às vezes a gente vai falando as coisas, mas a gente não tem consciência de tudo que a gente já passou. Às vezes a gente minimiza os impactos dos acontecimentos nas nossas vidas. Então, eu acho que é muito legal essa parte que a gente recebe, a análise, a transcrição, e pode refletir e pensar “meu Deus, como eu consegui passar por isso? Isso não é uma coisa normal, não é uma coisa fácil. Não deveria passar por isso”. É uma coisa que ela é pesada, ela faz a gente refletir a nossa caminhada, o nosso percurso. Então, ela é muito forte, e justamente para isso, esse segundo encontro é só mesmo para saber, mas que bom que você gostou. A gente sempre fica assim naquele receio, pensando “será que a pessoa não vai gostar do recorte que eu fiz?”, mas eu tentei ao máximo.

DANDARA

Foi muito certa nos pontos que você pegou. Sério, muito certa.

MYRELE

E aí, tem também a questão do nome, eu queria saber se você gostou, se você quer que mude, que a gente escolhe um fictício porque não pode colocar o nome oficial, mas eu queria saber se tudo bem ficar Dandara. A gente sempre tenta buscar nomes de mulheres que tem importância e que às vezes não são tão lembradas. Eu escolhi com carinho o seu, o das meninas.

DANDARA

Eu fiquei muito feliz com a escolha do nome fiquei “meu Deus, Dandara, sério?”. Fiquei muito feliz com a escolha do nome, sério, fiquei muito, muito feliz.

MYRELE

Então, você está de acordo com tudo, né? Só algumas correções ortográficas.

DANDARA

Sim, sim. Eu queria saber, pensando aqui no finalzinho, não no final da minha trajetória, porque ainda tem muito para andar, né? Mas, dentre os relatos sobre as pessoas que me ajudaram bastante, teria como colocar... Eu estava pensando como é que eu colocaria, porque ela tem um papel muito importante, a minha noiva, né? E aí eu estou pensando, como é um relacionamento lésbico, teria essa questão, tipo, é importante pontuar em algum momento, como é que a gente traria isso? O que você acha?

MYRELE

Rapaz, eu acho que eu posso encaixar, tipo assim, porque quando a gente está fazendo análises, a gente pega as questões recorrentes, que são aquilo que dá mais destaque, né? Mas eu posso colocar na introdução, na sua introdução, dizer que você se identifica com uma mulher lésbica, tem um relacionamento, e que esse relacionamento lhe ajudou muito. Você pode fazer, assim, alguma coisa, um resumo para mim, e aí eu vou resumir o seu resumo e adicionar lá na sua na introdução que eu coloco, porque eu considero que é uma questão importante, uma questão política importante.

DANDARA

Sim, eu fiquei pensando nisso, porque eu quase não falei da coitada, né? Na verdade, eu não falei da coitada, quando eu parei para pensar assim, eu nem toquei, assim. Porque foi muito na questão acadêmica, é muito na questão da vivência acadêmica, então pegou muito do meu início, dos estudos até aqui. E aí eu fiquei assim, em algum momento ela começou a ter peso, a ter importância, me dá muita força, mas durante todo aquele processo, foi eu e eu e é isso, tá ligado?

MYRELE

Mas é justamente isso, não se sinta culpada nem nada não, até porque o caminho que eu segui com você foi justamente essa questão, né? Do trabalho e dos estudos. A gente pontua inicialmente, só para ter o contexto, foi isso que eu fiz, para ter o contexto familiar, né? Mas eu posso sim encaixar de alguma forma na sua introdução. Até porque quando eu acho que eu perguntei alguma coisa sobre a questão de desistir, se a pessoa desistir, se pessoas lhe ajudarem, então a gente pode encaixar ela.

DANDARA

Obrigado, vou te mandar sim o resumo no seu privado. No mais, é isso.

MYRELE

Tudo certo, muitíssimo obrigado mais uma vez.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE CLARICE LISPECTOR

MYRELE

Eu queria começar agradecendo a sua disponibilidade. Eu sei que é uma rotina complicada, muito difícil. Eu também já fui estudante, já tive nesse ritmo frenético., momento a gente só quer descansar. Eu chegava no CEDU, eu me jogava em qualquer lugar. Quem dormiu aí nesse corredor fui eu, risos.

CLARICE

Para a gente começar, eu queria que você me contasse um pouco sobre você, o seu nome, de onde você veio, a sua idade, como você se autodeclara, a sua sexualidade. Eu queria que você me contasse um pouquinho de você.

CLARICE

Eu sou Clarice, eu tenho 20 anos, sou uma mulher branca autodeclarada e eu sou pansexual. No momento, eu sou casada com uma mulher e eu trabalho os dois horários. Trabalho de manhã e à tarde e estudo à noite., porém, eu tenho uma rotina um pouco menos puxada, porque eu não sou como a maioria dos trabalhadores que trabalham na escala 6x1. Eu ainda tenho esse privilégio de trabalhar só até a sexta, e ter um final de semana livre. Então, eu ainda tenho um tempo maior para me dedicar a minha vida e para me dedicar aos estudos, querendo ou não. O que também não deixa de ser uma rotina cansativa. Porém, é um privilégio ter dois dias de folga na semana.

MYRELE

É verdade. De onde você veio? Você é de Maceió mesmo ou vem de outra cidade?

CLARICE

Não, eu já vi, eu sou do interiorzinho de Pernambuco, uma cidadezinha que ninguém conhece chamada Salóá⁴⁰. É bem depois de Aranhos. É quase um povoadozinho, bem pequeno, eu sou de lá. Eu vim morar aqui em 2010 com a minha mãe, porque

⁴⁰ Salóá é um município pernambucano situado a aproximadamente 196 km de Maceió, com uma população estimada de 13.836 habitantes.

antes eu morava com a minha avó. Minha mãe, por não ter condições para me criar, ela só criava o meu irmão e me mandou para morar com a minha avó. Quando as coisas melhoraram, já vieram eu e minha avó morar com ela aqui em Maceió. E aí ficou essa dinâmica. Eu moro com ela e com a minha avó. Quando eu entrei na faculdade, uns dois anos depois, eu me mudei para morar sozinha. No caso, com a minha esposa. Eu sempre trabalhei, eu trabalho desde os quinze (anos)

MYRELE

Em relação aos seus pais, qual o nível de escolaridade deles? Se tem alguma pessoa do seu nucleo familiar mais próximo que tem formação de ensino superior? Se os seus próprios pais têm ensino superior?

CLARICE

Meu pai, como eu cheguei a conviver muito com ele, então eu creio pelo que minha mãe falou que ele só foi até oitava série da época. Minha mãe terminou todo o ensino médio e ela tem um superior que ela fez agora depois de mais madura, com quarenta anos. Ela fez o superior, mas até agora ele está incompleto. Então, da minha família, a família mesmo, por parte de mãe não tem ninguém formado. Meus avós e meus parentes e minha mãe. Por parte do pai, a minha avó era formada em geografia e o meu avô, pelo que se sabe, não tinha formação, ele parou também na quarta, oitava série.

MYRELE

No caso, a sua mãe começou a graduação, mas ainda não terminou?

CLARICE

Foi. Ela pegou uma bolsa pelo Educa Mais Brasil⁴¹, que ela tentou o ENEM e não conseguiu, aí ela pegou essa bolsa para fazer farmácia. Ela estava fazendo farmácia na Uninassau, só que aí, por conta, era uma bolsa parcial, por conta que ela tinha pegado essa bolsa no programa Educa Mais Brasil e tudo mais. E aí, por conta das contas, terem ficado apertadas, porque ela tinha a minha avó, eu e meus dois irmãos, para criar, ela não conseguiu se manter, e ela ainda não conseguiu voltar ao ritmo

⁴¹ O Educa Mais Brasil é um programa de bolsas de estudo que oferece descontos em instituições de ensino privadas em diversas modalidades, como graduação, pós-graduação e cursos técnicos.

depois que saí de casa, porque como eu saí de casa ela não tinha mais a minha renda para complementar dela. Aí ela não conseguiu ainda terminar o curso dela.

MYRELE

Ah, compreendi. Eu queria saber, Clarice, como aqui foi o seu percurso formativo até chegar na universidade?

CLARICE

Eu estudei até a quinta série e da quinta série, no quinto ano, no caso, no quinto ano, eu tive que parar os meus estudos para poder cuidar dos meus irmãos, enquanto a minha mãe trabalhava. E aí eu passei um período de quatro anos fora do colégio. Depois, quando eu consegui voltar, eu fiz uma prova que acelerava os anos, e aí eu não fiz nem do sexto ano até o nono. Eu já entrei direto no ensino médio e do ensino médio, eu me formei em 2020, na pandemia ainda. E aí eu prestei o vestibular. E aí eu não passei, a princípio. Eu fiquei, eu acho que na quinta posição, eu acho. Eu não passei. E aí eu tentei uma bolsa, eu fui para a Unit⁴² e eu consegui uma bolsa. E eu fui fazer pedagogia na Unit. Cursei um semestre de pedagogia na Unit, aí depois saiu a lista da chamada de espera e tava meu nome, e aí eu me mudei aqui para a UFAL. Mas aí eu comecei tudo de novo. O primeiro período até o período que eu tô agora, né?

MYRELE

Tô impressionada. Eu queria saber, Clarice, é porque é o seguinte. No meu trabalho eu coloco os termos estudante e trabalhadora. E coloco o termo trabalhadora e estudante. Eu vou explicar pra você. A pessoa que é estudante e trabalhador é quando ela faz ambas as coisas, mas tipo assim, ela não precisa do trabalho pra sobreviver, né? A prioridade dela é os estudos. E já a pessoa que é trabalhadora e estudante, o trabalho é fundamental. Não tem como ela continuar os estudos sem ter o seu trabalho, né? Porque é um meio de sustento. Então eu queria saber, você se considera uma estudante e trabalhadora ou uma trabalhadora e estudante e o porquê?

⁴² Universidade Tiradentes (Faculdade de iniciativa privada)

CLARICE

Eu me considero uma trabalhadora e estudante. Aí eu vou explicar por quê. Por mais que eu não precise pagar a minha faculdade, que seja de graça, eu não conseguiria continuar nela estando sem emprego. Eu não consigo explicar muito bem, mas é porque eu moro sozinha e aí as despesas, querendo ou não, elas aumentam porque eu só tem eu e minha esposa e ela não conseguiria dar conta de tudo sozinha enquanto eu estudo. Então, para eu poder estudar, eu preciso trabalhar. Porque se eu não puder, como é que eu consigo conciliar isso? De verdade, se eu não trabalhar, eu não vou conseguir estudar. Eu não sei explicar muito bem o que eu quero falar, eu não sei me expressar muito bem o que eu estou querendo falar. Mas é isso. Eu não conseguirei estudar sem o meu trabalho.

MYRELE

Sim, dá para entender direitinho, não se preocupe. Eu queria que você me contasse se você já teve momentos marcantes na sua passagem pela universidade, pela UFAL.

CLARICE

Momentos marcantes, marcantes, eu não posso dizer que eu tive. Pode ser positivo ou negativo. Mas um ponto positivo para a gente começar bem é que eu não queria estudar pedagogia a princípio. Eu entrei em pedagogia para migrar daqui para outro curso, eu não queria estudar pedagogia. E aí eu passei o primeiro semestre de pedagogia aqui na UFAL. Na UNIT eu fazia EAD, então são experiências muito diferentes. E aí eu entrei aqui para UFAL e passei o primeiro semestre e eu fui tendo uma luz na minha cabeça de que de repente pedagogia era tudo que eu queria na minha vida. E eu me deixei muito claro. E os debates em sala me deixavam superanimada, super inquieta com a educação. E aí eu não me vejo fazendo outra coisa na minha vida. Foi com a clareza que eu fiquei, poxa, essa área é para mim. E eu acho que foi muito fácil. Agora, de perspectiva negativa, é uma coisa que me marcou muito aqui foi estudar EAD. Eu não tinha o nível acadêmico exigido para entrar na universidade. Eu não sei nem se é esse termo que se fala. Mas é quando eu tinha o nível de conhecimento certo para... Não sei nem se é esse que se fala, mas eu estou falando. Para entrar na universidade e saber conversar, saber me expressar, saber isso tudo escrevendo, isso tudo dialogando com autores, isso tudo fazendo os trabalhos, debatendo em sala, lendo os textos. Então eu me sentia muito prejudicada

na minha inteligência, entendeu? Eu sentia que a minha formação anterior não foi suficiente para eu poder estar aqui. E querendo ou não, eu me sinto assim até hoje. Eu me sinto bem deslocada. Tanto é que às vezes quando estou com uma matéria muito difícil, eu sempre coloco na minha cabeça que eu não vou conseguir, e isso acaba ficando e acaba ficando que eu acho muito difícil, que eu não consigo, que isso é aquilo. E já por conta de quando eu entrei na faculdade eu tive um baque muito grande, poxa, estava acostumada com uma coisa, cheguei aqui e já é outra, só que totalmente diferente.

MYRELE

Eu cheguei fiquei com o olho marejado, sabe, aqui, porque eu também me sentia da mesma forma, Clarice. Eu, quando eu cheguei para mim na UFAL, fui um baque, principalmente porque a minha educação foi muito defasada. Então, conseguir lidar com filosofia, sociologia, história, foi um verdadeiro inferno. E isso impacta muito na vida acadêmica da gente, na autoestima, né?

CLARICE

Sim, na autoestima intelectual isso impacta bastante. E assim, para quem veio de escola pública, a educação realmente é meio defasada, a gente sempre bate quando entra na faculdade. A gente sempre, de alguma forma, a gente não foi preparado para estar ali, para estar naquele ambiente. É uma sensação pessima, de você fazendo trabalho e você sentir que não ficou bom, ou que de Ciclano está melhor que seu. E que isso vai impactar de alguma forma em como você se vê e como você constrói a sua imagem acadêmica. É uma sensação horrível dentro dos estudantes. Eu falo dentro dos estudantes porque eu sei que isso não acontece só comigo.

MYRELE

É verdade. Infelizmente é mais comum do que a gente pensa. Eu queria saber agora quais foram os principais desafios que você encontra na sua rotina, né? Por ser um estudante que precisa conciliar os estudos e o trabalho. Como é que um interfere no outro?

CLARICE

Eu acho que sem dúvida o ponto mais desafiador é o tempo. O tempo de estudar todos os conteúdos. O tempo de dar conta do meu trabalho porque querendo não precisar disso para sobreviver. De dar conta de todas as matérias e de todas as coisas que o professor recebe. E além disso, de todo o conteúdo que os professores façam, você ir buscar o seu próprio conhecimento. Você ir a partir das indicações dos professores, das suas próprias curiosidades, e você conseguir conciliar as suas curiosidades sobre a sua área, os seus estudos e o seu trabalho. Por que querendo não, quando chega o nosso dia de folga a gente só quer descansar, entendeu? E aí, parece que a gente tem uma tripla jornada de trabalho. É que a gente estuda e trabalha a semana toda, e quem está em casa e mora sozinho, querendo ou não, entre aspas, “que mora sozinho” e que precisa estudar sabe que acumulou todas as coisas que ficaram para fazer dentro de casa, porque não conseguiu fazer ao longo da semana. E aí junta isso ao cansaço da semana toda que você corre por estudar e trabalhar, e junta as matérias acumuladas que você não conseguia desenrolar ao longo da semana. Então sem dúvida para mim, o maior desafio que eu encontro na minha rotina é o tempo. Porque muitas coisas eu sinto que me roubam tempo. O transporte público me rouba tempo. O meu celular me rouba tempo. O meu trabalho me rouba tempo. Eu poderia estar estudando, eu poderia estar me dedicando. Eu poderia estar fazendo alguma coisa, participando mais das atividades acadêmicas. Entendeu? Então para mim o mais desafiador é realmente o tempo.

MYRELE

Eu queria saber se você já pensou em desistir do curso, em desistir ou trancar.

CLARICE

Já, já pensei... não pensei em desistir. Eu pensei em trancar e voltar em um outro momento da minha vida. Voltar quando eu estivesse com a cabeça mais fria, quando eu estivesse mais estabilizada. Eu já pensei em trancar meu curso várias vezes. E não porque eu não gosto do meu curso, eu amo de paixão o que eu estudo e eu adoro aprender sobre essa área. Só que o que me fez trancar, o que me fez querer trancar foi o cansaço. Eu estava cansada da minha rotina, eu estava cansada de ter que trabalhar, estudar e de final de semana não ter nenhum momento para só ficar sem fazer nada. Só aproveitar, entendeu? Porque como a minha rotina é muito pesada,

meu trabalho, estudo, eu frequentemente sou ausente para minha família, eu sou ausente para a família da minha esposa, e eu sou ausente na vida dos meus amigos. Às vezes sou ausente com a minha própria esposa e muitas vezes sou ausente comigo mesma. Então, querendo não o que me fez querer trancar e voltar em um outro momento, quando eu estivesse mais bem resolvida, se eu estivesse melhor, com tempo. Só que aí o que me fez, desistir dessa ideia é que eu não vou estar totalmente estabilizada na minha vida. Então esse momento de eu voltar só quando eu estiver estabilizada não vai acontecer. E principalmente se eu não tiver a oportunidade para que essa estabilização aconteça. Então, o que me resta, porque eu quero estudar, é tentar encaixar todos os momentos importantes na minha vida, no tempo que eu tenho e com o que eu tenho. Então eu tento encaixar o estudo, a minha família, a minha esposa, os meus amigos. Eu tento encaixar tudo na mesma rotina. E querendo não, toda vez dá uma vontadezinha de desistir, dá uma vontade de ir trancar, dá uma vontade de ir embora. Mas eu sempre fico “isso aqui vai me garantir alguma coisa no futuro”. E é isso que eu fico com a esperança, e é isso que me faz continuar os estudos.

MYRELE

Você acredita que a universidade, os professores e as professoras e o curso de pedagogia em si, contempla os estudantes que são trabalhadores? O que você acha?

CLARICE

Eu acredito que nisso eles são um pouco, são um pouco defasados ainda, principalmente por estudantes de noturno. Porque pensa comigo, se a gente já escolheu estudar à noite, é porque tem um motivo. É porque de dia a gente faz alguma coisa, a gente trabalha, a gente tem alguma outra atividade remunerada que a gente não pode largar, que a gente não pode, não pode assim dizer, poxa, isso aqui eu não vou fazer hoje porque eu tenho atividade da faculdade. E tem professores que são flexíveis e os que não entendem, que passam a maioria dos estudos e atividades avaliativas pelo dia. Só que não dá certo, porque eles não podem simplesmente dizer pra pessoa (patrão), pra que ele trabalha “olha, eu vou faltar tal dia porque eu tenho atividade da faculdade”. A pessoa não vai fazer isso. Ela pediu trabalho pra você executar e você tem que fazer, porque senão você não ganha o suficiente. Então eu sinto que por parte dos professores do noturno, eu não fui em outros turnos, então

não tenho como afirmar, mas eu sinto que por parte dos professores do noturno tem uma falta de compreensão e chega a ser uma falta de empatia pelos alunos. Não todos, não generalizando, nunca, nunca, nunca. Porque hoje eu encontrei professores super queridos, que super entendem as dificuldades que um dia já estiveram no nosso lugar e que sabem exatamente pelo que a gente está passando. Mas eu sinto que a universidade em si não tem esse acolhimento com pessoas que têm jornada de trabalho excessiva, que são mães, pais, que têm alguma necessidade especial na sua vida, ou que realmente o único tempo que eles têm pra estudar é aquele. Só aquele. E não tem outro momento, é só aquele. Não dá pra dedicar outro momento da vida porque todas as áreas da vida estão cheias. Então eu sinto que realmente falta um pouco de compreensão, falta um pouco de acolhimento e até um pouco de empatia tanto dos professores, claro, não todos, e da universidade também em si.

MYRELE

E eu queria saber entre os seus estudos e o seu trabalho, qual é o que você acha mais importante e o porquê?

CLARICE

Sem dúvidas, eu acho meus estudos mais importantes. Porém, eu desistiria dele se eu não tivesse o meu sustento. E eu falo isso porque eu preciso viver, né? E eu não conseguiria viver só do meu estudo, pelo menos não agora. Então agora, o que é mais importante pra mim é os meus estudos. E eu tento de toda forma, de toda forma que eu posso, encaixar eles em todo o meu tempo livre, até no meu trabalho, e isso me faz ter um esforço muito grande, né? Mas sem dúvidas, o que eu vejo mais importante pra mim é realmente os meus estudos. E não só porque vai me dar um futuro, não só porque vai me dar um emprego melhor remunerado, eu acho que não também porque eu vou ser professora, né? E a gente sabe como é que é o seu professor no Brasil. Mas não só por isso, mas porque eu gosto de estudar sobre a educação. Eu sinto que estudar sobre a educação me dá um gás, em futuro. Falar sobre a educação me dá um gás, me faz ter alguma coisa pessoal com a educação. Eu gosto de estar envolvida em estudos educativos, de falar sobre as políticas educacionais, de falar sobre como a educação se desenvolve na sociedade, e como a educação é defasada, e como ela poderia melhorar. Então, pra mim ela é importante. Já além do meu futuro, ela é

importante pra mim como pessoa, porque passou a ser um ponto da minha personalidade.

MYRELE

Sim, verdade. Em relação aos espaços vivenciados na universidade, como a sala de aula, a questão de extensão, de iniciação científica, o PIBIC, o PIBID, você teve alguma oportunidade de participar?

CLARICE

Eu vou te falar que eu tive várias oportunidades, mas eu fui negligente porque eu fiquei com medo de pegar uma oportunidade de extensão, ou uma oportunidade de extensão e largar meu emprego. No emprego, querendo ou não, se eu fizer tudo certo e não for colocada por justa causa, por mais que eu seja demitida, eu consigo ficar ali pelo menos uns três meses ou quatro a depender, em busca de emprego, então isso me garante uma segurança. As extensões e bolsas que eu falei aqui na UFAL não me trazem essa segurança, eu não me sinto segura. E querendo ou não, a parte da sobrevivência na minha vida é uma parte muito importante. Então eu tive várias oportunidades, fazer extensão, fazer projeto, fazer pesquisa. Eu tive várias oportunidades de entrar em várias coisas, de me inscrever em várias coisas, só que eu não fui com medo, porque eu fiquei com medo de não conseguir dar conta das minhas despesas, de não conseguir dar conta dos meus gastos, de não conseguir dar conta da minha casa, e não consegui dar conta da minha vida financeira, basicamente. Porque querendo ou não, eu agora, eu queria muito, mas agora eu não consigo viver só para os meus estudos. Eu queria, mas eu não confio.

MYRELE

Eu queria saber, Clarice, você já falou um pouquinho sobre essa questão, mas eu queria que você me falasse um pouco mais sobre como trabalhar e estudar afeta a sua vida social e também a sua vida estudantil. Quais são os principais desafios que você encontra por ser estudante e que precisa conciliar os estudos e o trabalho? Como é que interfere? Você já falou um pouquinho, mas eu queria que você me falasse um pouco mais.

CLARICE

Eu sinto, na minha vida acadêmica, que eu nunca sei o suficiente de determinado assunto. Eu nunca estou por dentro o suficiente de determinado assunto. Eu nunca sou expert o suficiente em algum assunto. E que eu nunca sou inteligente o suficiente em algum assunto. Então, trabalhar, estudar, afetou negativamente, como eu vejo, como eu construo os meus conhecimentos e a minha inteligência, e querendo ou não, também a minha vida. Então, senti que eu nunca sei o suficiente em algum assunto é muito horrível e que me acompanha desde que eu comecei a estudar, que eu estou tentando melhorar, claro, estudando bastante, mas que me acompanha. E que, outro ponto negativo também, eu nunca consigo estudar o suficiente. Eu nunca consigo sentar, assim, para estudar, para me conectar com autor, para me conectar com concepção, para me conectar com a faculdade, com a universidade em si. Eu nunca consigo fazer isso por conta do meu tempo. E porque, na maioria das vezes, eu me sento para estudar, eu estou cansada. Eu estou cansada de ir para a aula à noite, de voltar super tarde para casa, estou cansada de acordar super cedo para ir trabalhar também. E isso me empata na minha vida pessoal como? Eu não tenho tempo, quando eu estou na faculdade, por exemplo, para sair. Eu não consigo sair com os meus amigos, eu não consigo ter um encontro decente com a minha esposa. Eu não consigo, por quê? Porque ou eu escolho a minha vida social ou eu escolho tirar matéria atrasada da minha frente. Então, acaba que, quando eu não estou em período de férias da faculdade, eu não consigo ter vida social direito. Claro que, às vezes, eu digo “poxa, eu tentei tanto, eu trabalhei tanto, eu mereço sair”, mas eu saio com aquela culpa de poxa, eu poderia estar fazendo isso e isso, mas eu já poderia ter adiantado aquele trabalho, porque eu sei que ele vai ficar decente. É basicamente isso, né?

MYRELE

É bem assim mesmo, infelizmente. Se você pudesse propor ideias para melhorar a vida universitária de quem estuda, dos jovens, e principalmente esses jovens que precisam estudar e trabalhar, o que é que você iria propor?

CLARICE

Propor? Eu realmente não me faço nada pela cabeça agora. Propor, eu acho que nada. O que eu poderia propor é um pouquinho só mais de empatia, de compreensão, de acolhimento mesmo com essas pessoas que realmente estudam ou trabalham. E

quem consegue fazer as mesmas coisas, as duas coisas ao mesmo tempo, é um anjo, sendo bem sincera. Então, eu assim, para propor uma melhoria, eu não conseguiria falar agora, mas falaria para os professores, para a universidade expandirem um olhar para o outro. Ver que a vivência do outro também existe e que ela não é uma realidade abastada. Se você teve a oportunidade de viver só por seu estudo, de estudar e chegar onde você está, sem dificuldades, a outra pessoa não teve e não tem, e ela chega onde dá, com o que tem e com o que dá, entendeu? Então eu acho que empatia seria legal. O colega tem que sair mais cedo da aula, mas ele veio. Ele veio para a aula, ele assistiu o que pôde, ele debateu o que pôde e quando deu o horário dele ir embora, por exemplo, quando saiu no outro dia, ele foi embora, mas ele veio. A presença é importante. Ele veio, ele anotou, ele debateu, ele conversou, ele assistiu, ele aprendeu e ele foi embora no horário que deu. É um exemplo do caso, né? Então valorizar o que é importante, não só o que é geral, entendeu? Valorizar a importância das coisas pequenas também. “Ele veio, é um estudante que poderia ter faltado quando ele está cansado, mas veio”, veio porque ele acha, ele acha ou tem certeza de que aquilo é importante para ele. Então valorizar o pequeno esforço que a gente faz pela nossa vida acadêmica, entendeu? Porque os esforços que são outros podem parecer muito pequenos para a gente é muito grande.

MYRELE

Sim, com certeza. Clarice, você tinha me dito que a pedagogia não era inicialmente a sua primeira opção, né? Qual era a sua primeira opção de curso?

CLARICE

Minha primeira opção de curso era Letra-Língua Portuguesa, porque quando eu estudava eu era apaixonada na língua portuguesa, apaixonada por poesia, textos, por autobiografias. Eu era apaixonada pelo mundo da escrita e o mundo da leitura. Até hoje eu sou. Eu sou uma leitura muito assídua, tudo que der para eu ler, no tempo que eu tenho, eu leio. Então a minha primeira opção era Letras-Português, porém também já quis fazer filosofia, como já quis também fazer sociologia, que eram as minhas matérias favoritas na escola, mas o que é a minha paixão mesmo, e que até hoje eu não deixei de ter, só que eu me encontrei na pedagogia. E uma das minhas paixões, quando eu saí do ensino médio, era a escrita. Então eu queria muito fazer Letra e não vou poder.

MYRELE

E como foi que a UFAL entrou na sua vida?

CLARICE

Rapaz, ela entrou na minha vida muito sem querer, viu? Porque eu nem sonhava mais de entrar no UFAL. Eu nem sonhava, eu nem sonhava. Eu já estava encaminhada em outra faculdade, já estava bem sólida, digamos lá. E aí por um acaso, por um acaso, muito acaso mesmo, eu estava na casa do meu amigo, que a gente tinha combinado se encontrar, e aí ele pediu o meu telefone para olhar alguma coisa, não me lembro agora o que é. Ele pediu meu telefone e ele já estava aqui (UFAL), ele tinha passado em primeiro lugar, enfim, tudo mais. E aí ele já estudava aqui e tudo mais, e aí ele abriu meu e-mail. Eu não sei por que ele abriu meu e-mail também. Ele viu a notificação, pegou e abriu. E ele disse “olha, Clarice, tu foi selecionada na segunda chamada para entrar na UFAL”. Aí eu fiquei “eu acho que é spam”. Ele disse “não é spam, porque o canal é oficial”. Só que a gente descobriu isso, faltando um dia para enviar todos os documentos, a papelada. O dia que a gente descobriu foi o dia que era o último para você enviar todos os documentos. E eu ia entrar por cota. Então, imagine o trabalho que foi correr para trazer todos os documentos numa única tarde. E também eu descobri que para você entrar na UFAL, você não poderia ter um vínculo com outra universidade. Sim. E aí minha amiga, eu tive que correr atrás para cancelar a minha matrícula sem saber se eu realmente entraria na UFAL. Sim. Eu cancelei a minha matrícula, mandei todos os documentos e no último momento eu fui indeferida. Não me passaram, só por conta da atualização do CadÚnico⁴³. Sim. Aí eu fiquei desesperada. Eu falei “moça, pelo amor de Deus, isso não pode ser verdade. Eu já me desliguei da minha outra faculdade e você não está entendendo”. Você não está entendendo o que eu fiz. E ela disse “infelizmente moça, eu não posso fazer nada”. Aí eu acho que ela ficou com pena de mim, viu eu chorando ali. Ai ela ligou e disse “ não, vou ver o que eu posso fazer pelo seu caso”, ai eu falei “tá certo”, e ela “eu ligo”. Aí eu falei “tá bom, vou aguardar”. Só que eu fiquei na minha cabeça que ela não ia me ligar, porque tem muitos estudantes, muitos estudantes que sempre entrar na UFAL e não conseguiram e muitas vezes por conta de um documento. Então eu falei “ela não vai me ligar”, e nisso aqui eu perdi as esperanças, já fiquei “ela não vai me ligar, ela

⁴³ O Cadastro Único (CadÚnico) é um sistema do governo federal que identifica e registra famílias de baixa renda no Brasil para acesso a programas sociais, como o Bolsa Família.

não vai me ligar, ela não vai me ligar”. Quando ela me liga, no outro dia, ela fala “olha, eu posso deixar esse documento aqui como pendente e você ao longo do curso vai ter que atualizar e trazer”, aí eu falei “tá, certo”, e aí essa foi a história, foi como eu entrei. Eu entrei também na metade do curso. Na metade do curso não, na metade do primeiro período. Os professores já tinham passado todos os assuntos, todos os textos da B1 e da B2, e eu tive que correr atrás de tudo em última hora. Realmente, assim, um processo muito grande. Foi sofrido, viu? Foi. Mas aí estamos aqui, né? Eu tenho nenhuma reprovação no meu currículo, então já tá bom.

MYRELE

E como é que foi esses, assim, os dois primeiros anos, assim, na faculdade? Quais foram os principais desafios? Além desse que você já relatou, né? Da dificuldade com os conteúdos, com lidar com esses novos conhecimentos.

CLARICE

Rapaz, o desafio mesmo foi lidar com um monte de gente que é diferente de você. E que pensa diferente de você, e com os professores que são barra pesada, poxa, meu Deus do céu. Tem uns professores que são amores, que são queridos, muito maravilhosos, mas tem outros que quando eles “encarcam”⁴⁴ no seu pé, eles não lhes soltam mais. E aí você não sabe se é porque você é um bom aluno ou porque ele não foi com a sua cara. Então um desafio é esse. O que eu acho que é de você chegar, você trabalhar e chegar ao mesmo, chegar na hora da aula, de você não chegar atrasada. Porque no início da minha graduação, assim, eu falo, eu não trabalhava no emprego que eu estou atual. Eu já trabalhei nele depois de um tempo. Depois de dois anos. Eu trabalhava numa cafeteria, eu trabalhava seis por um⁴⁵. E eu trabalhava de nove da manhã às sete da noite. Eu começava as sete, eu estava largando às sete. E era no Jaraguá, não dava pra chegar aqui, porque simplesmente o trânsito do Ufal, o trânsito do Maceió é um inferno. Você não consegue chegar em lugar nenhum a tempo se você não sair cedo. Então eu tive que começar a conversar com a minha patroa, fazer de tudo para ela não me despedir e para ela deixar eu sair, querendo ou

⁴⁴ A expressão “**encarcar no pé ou agarrar no pé**” significa insistir, criticar ou implicar com alguém de forma persistente. Pode ser usada tanto para repreensões quanto para brincadeiras.

⁴⁵ Escala de trabalho 6X1, em que a pessoa trabalha seis dias na semana e tem direito a um dia de folga.

não, 30 minutos mais cedo, para eu poder chegar aqui na Ufal de 19h40/ 20. Então eu assistia o quê? Uma hora e meia de aula...

MYRELE

Meu Deus, e aí? E o seu trabalho atual? Como é que é? Você trabalha em quê?

CLARICE

Eu trabalho como assistente administrativo numa padaria na Ponta Verde⁴⁶. É uma padaria e um anexo de um restaurante. É uma padaria e um Self-service⁴⁷. E aí eu trabalho como assistente administrativo, é de segunda a sexta, das 8h até as 16h. E aí ficou, querendo ou não, melhor para mim porque eu não trabalho o final de semana, o que é ótimo, porque eu adoro ter o meu final de semana livre, e o horário ficou melhor para eu chegar na Ufal, porque eu largo as 16h, pego o ônibus umas 16h30. Quando ele passa, chego aqui em 18h, mas no máximo, quando o trânsito está horrível, eu chego aqui umas 18h30. E aí eu levo duas horas e meia para chegar aqui, mas quando não, quando o trânsito está perfeito, eu chego 17h40, e aí dá tempo de tirar um cochilo, de eu estudar matéria, ou de eu ficar fazendo vários nada também, porque eu quero distância. E aí é isso. É melhor, porém eu continuo acordando muito cedo, porque como eu moro na Forene⁴⁸ e vou trabalhando a Ponta Verde, eu tenho que acordar muito cedo, muito cedo mesmo, para poder chegar no meu trabalho. Então, eu estou testando horários em que eu posso acordar para poder ir para o trabalho e não prejudicar com o meu horário de chegada. Mas atualmente eu estou levantando em torno de 4h30, quase 4h40, para me arrumar e para ir para o ponto, para poder chegar lá umas 7h50, umas 7h50, 8h.

MYRELE

Sim. Eu queria saber, você já falou por alto, nessa questão da desistência do curso, eu queria saber se você tem rede de apoio, além da sua esposa.

⁴⁶ Ponta Verde é um bairro de Maceió com infraestrutura desenvolvida, residências de alto padrão, comércio, escolas e uma das localizações mais valorizadas da cidade.

⁴⁷ Self-service é um sistema em que o cliente se serve sozinho, comum em restaurantes onde a comida é cobrada por peso ou preço fixo.

⁴⁸ Bairro de Maceió.

CLARICE

Além da minha esposa, eu tenho um amigo que quer queira, quer não, passa pelas mesmas situações que eu, só que em um curso diferente, e mora sozinho. Eu tenho a minha mãe, que se eu desistir do curso, ela me bate, porque foi muito difícil entrar aqui, mas assim, rede de apoio mesmo, de estar ali comigo nos momentos que eu tenho, quando eu penso em desistir do curso, eu só tenho realmente a minha esposa. Não tenho ninguém além dela, nem a minha própria família.

MYRELE

E amigos na faculdade? Além desse amigo só, esse amigo mesmo que você citou em especial, né?

CLARICE

Cara, eu não consegui fazer nenhum, não consegui me conectar com ninguém, eu falo. É claro, eu não sou antissocial, né? Eu sou mulher também, eu tenho colegas, eu me enturmo bem, quando eu não preciso apresentar trabalho, eu falo bem. Então eu tenho vários colegas. Eu conheço várias pessoas, né, na Ufal, mas tipo, nenhuma relação que eu consegui fazer uma conexão com alguém aqui, eu falo, eu não consegui, eu estou tentando nesse período, como também estava tentando nos outros, mas nesse período eu estou me dedicando um pouco mais.

MYRELE

Compreendo. Eu queria saber quais são as suas vivências juvenis enquanto estudante do curso de pedagogia, né? Tipo assim, você tem alguma experiência em que pode se expressar enquanto jovem, tanto na universidade quanto fora dela nesse período de graduação?

CLARICE

Eu sinto que eu tenho mais oportunidade de me expressar dentro da faculdade do que fora dela. Só que eu não sei se é a minha imagem que não passa muita confiança, ou muita imagem de que eu sei sobre o assunto, mas toda vez que eu tenho que falar sobre as coisas que eu estou aprendendo como pedagoga, e que eu sei sobre o desenvolvimento do ser humano, eu sinto que as pessoas fora do meu meio, inferior da universidade não me levam a sério, entendeu? Tanto por eu ser mais jovem, quanto

por elas não relacionarem que eu tenho esse nível de conhecimento, pela forma como eu me expresso, sem ser academicamente, claro, e pela forma que eu falo, sem estar falando seriamente sobre a minha área. Então, na sala de aula dos debates com os professores nos ambientes educacionais, eu me sinto mais confortável e mais ouvida para poder expressar minhas opiniões sobre o que eu sei, sobre os conhecimentos que eu acumulei, entendeu?

MYRELE

Entendi. E assim, nessa questão de ser jovem, como é que é a sua vivencia? Como é que é a sua vivência sendo uma mulher jovem? Por exemplo, se você se reúne com amigos na UFAL ou fora dela, se você frequentar festas que tem aí na UFAL, como é essa questão da sua juventude?

CLARICE

Eu frequento as festas na UFAL, não todas. Eu frequento as festas que tem no início do ano, no início do ano, no início de junho, e as que tem esporadicamente, como as festas de Halloween, as festas temáticas e tudo mais. Eu costumo me reunir com os meus colegas, tanto aqui no CEDU quanto no Bloco de Química⁴⁹, que eu fico transitando entre o CEDU e o Bloco de Química. E são os únicos blocos da minha afinidade. Vou confessar para você que eu nunca fui conhecer os outros blocos, nunca. Eu nunca saí do meu bloco, nem do CEDU. São os únicos blocos em que eu visito. Eu não me sinto confortável para transitar, tem muita gente, tem muita gente que eu não conheço em outros lugares que eu não conheço. Então, assim, eu me reúno no tempo que dá, com os meus colegas, a gente conversa sobre atualidades, a gente conversa sobre besteira também, quer dizer, jovem, querendo não, né? Então é assim, tem que divertir e ser jovem na medida que dá. E quando não dá, não é só uma feita.

MYRELE

Para a gente finalizar, fazendo uma reflexão de tudo que a gente discutiu hoje, de momentos que vão desde entrar na faculdade, e hoje está basicamente na metade do

⁴⁹ O bloco do curso de Química da UFAL fica quase de frente um para o outro, basta atravessar a rua. Lá diversos/as jovens se reúnem em uma lanchonete conhecida por suas deliciosas coxinhas. O bloco é conhecido como IQB (Instituto de Química e Biotecnologia)

curso, né? Você está hoje no quê? No quinto período? No sexto?. Eu queria saber quais foram as contribuições que você teve na sua formação, né? Se você acredita que essas contribuições proporcionaram alguma mudança na sua vida e em qual sentido?

CLARICE

Em geral, fala, por ter uma visão maior de situações que não são a mesma que a minha, e de realidades que não são a mesma que a minha. Então, entrando na UFAL, ele cursar o curso que eu estudo atualmente, né? Abriu várias portas, para ser uma pessoa mais empática, para poder estudar mais sobre questões sociais, para ser uma pessoa mais politizada, para poder ter as minhas próprias opiniões e aprender a pensar sozinha, sem ter que depender da opinião dos outros, e abriu portas para poder me expressar melhor, para poder melhorar a minha oratória, para poder entender outras pessoas e em realidades diferentes, em vivências diferentes, em talentos diferentes. Eu sinto que entrando na faculdade, pelo menos para mim, e assim, ligado ao curso, ao qual eu estudo, me fez me tornar uma pessoa mais humana, entendeu? Uma pessoa mais humanizada, que vê as pessoas de uma outra forma, que vê as pessoas não como produtos, mas como que realmente são pessoas, são seres humanos. Me fez ter um olhar mais sentido, assim, para a vida e para mim mesma.

MYRELE

Entendi. E como você acha que isso vai impactar sua vida e muito o futuro da pedagoga?

CLARICE

Vai impactar demais, porque para você poder ser professora, primeiro que você tem que ter paciência, segundo que você tem que ter amor a sua profissão, porque não adianta você ser professor e você não amar o que você faz. Para mim, você tem que amar ensinar, porque senão você não vai conseguir passar os conteúdos e ensinamentos de forma correta. Você não vai conseguir demonstrar todo o seu conhecimento, você só vai estar ali pelo emprego. E para mim você precisa ter amor ao ensino, você precisa ter amor ao seu trabalho, amor a qual recorte. Eu falo recorte porque tem as pessoas, tem o recorte dos educandos especiais, tem o recorte dos educandos do EJA, tem vários recortes. Então você tem que ter um olhar sensível a

qual público você está conhecendo. Então entrar na faculdade e me sentir mais humana vai me ajudar muito no meu processo criativo, porque com o olhar sensível vem as ideias e vem as formas de ensinar, vem os jeitos que você se autoavalia se você está ensinando bem, se você está conseguindo passar o conteúdo de forma clara. Então para mim, me formar na faculdade, me ajudou a... vai me ajudar, eu acho, vai me ajudar a ser uma... além de ter me ajudada a ser uma pessoa melhor, vai me ajudar a ser uma profissional melhor, uma profissional que ama o seu trabalho, que entende que a sua formação até ali não foi em vão.

MYRELE

Você gostaria de acrescentar algo que a gente não falou?

CLARICE

Eu acho que a gente falou tudo. Na verdade, a gente falou de muitas coisas, que até agora também não tinha falado da minha vida pessoal, eu falei várias coisas. Eu também gostaria de acrescentar algo hoje. Na verdade, eu gostaria que todo mundo entrasse na faculdade, na universidade, na universidade, que conseguisse ter a mesma experiência que eu, que conseguisse ter um olhar mais sensível, que conseguisse ser mais empático, e que conseguisse realmente aprimorar-se como ser humano. Se eu fosse acrescentar alguma coisa, eu acrescentaria isso.

MYRELE

Muitíssimo obrigado pela sua participação.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA RESTITUIÇÃO REFLEXIVA DIALOGADA DE CLARICE LISPECTOR

MYRELE

Não vou tomar muito do seu tempo não, mas essa é uma parte que a gente considera muito importante, né? Porque, às vezes a gente narra a nossa história, só que a gente não consegue interpretar. Acho que não consegue ter esse olhar sobre tudo que a gente já vivenciou, sobre o quanto já foi superado. Aí eu queria saber de você, o que foi que você achou da análise? Se tem alguma coisa que lhe incomodou, que você queira retirar. Você tem total liberdade para querer retirar alguma coisa, tudo bem, a gente se resolve. É a sua narrativa e é você quem manda. E eu queria saber como foi que você se sentiu, como foi esse processo da leitura?

CLARICE

Rapaz, eu li, e eu achei muito interessante a forma como você me descreveu na sua análise. Eu não me senti confusa ao ler os meus relatos, eu só senti que eles ficaram muito longos. Eu não achei que eu tinha falado tanto, mas eu achei que na sua análise você foi sincera, você viu realmente qual eram os problemas, qual eram as dificuldades e como a minha história tinha sido. Eu não me incomodei nem um pouco com a forma como você me analisou, com a forma que você me descreveu para o seu trabalho. Achei uma análise honesta do que eu falei. Como eu disse, só fiquei meio assim incomodada por conta que eu falei muito. E as partes do... e que aparece a minha fala, para mim não ficaram muito claras, mas porque eu falei, entendeu? Então eu fiquei na minha cabeça, tipo, “poxa, eu falei isso desse jeito mesmo? E eu falei e ficou dessa forma? Que coisa mais engraçada, eu não achei que eu tinha falado dessa forma”. Mas eu não me incomodei nem um pouco com a forma que você analisou e com a forma que você colocou meus relatos. Foram exatamente aquilo que eu tinha falado. Tipo, exatamente o que eu falei era o que estava escrito. Então eu não me incomodei nem um pouco. Achei ótimo, na verdade. Achei uma... achei essa escrita muito legal, muito fluida. Li bastante rápido e eu demoro um pouquinho para ler. Foi bom.

MYRELE

E aí a pessoa... Porque realmente tem esse estranhamento. Eu já participei de uma entrevista, né? Eu fui entrevistada e eu ficava “eu falei isso mesmo?”. Na outra forma, como você lê, parece que fica estranha. Parece que você não falou esse tanto de coisa e parece que umas partes não são conectadas. Parece que uma parte é uma coisa e a outra parte é outra. Eu me senti desse jeito. Mas é porque... Eu não sei se você viu. Eu uso os motivos recorrentes. A gente usa esse método para analisar. Porque aí tem uns tópicos que fica melhor. Que analisar por cima, de forma geral, tudo.

CLARICE

Sim, eu percebi.

MYRELE

Mas eu acho que é basicamente isso. Porque pode ter sido... Você pode ter falado no final da entrevista alguma coisa, e aí eu peguei uma coisa do meio. Porque eu fui voltando. Eu saio selecionando de acordo com o tópico.

CLARICE

Sim, entendo.

MYRELE

Eu queria saber o que você sentiu, lendo. Como você interpretou. Você falou que gostou, mas sentiu mais alguma outra coisa?

CLARICE

Eu me senti bem, no geral. Eu achei que você me descreveu de forma legal e eu gostei da forma como você me nomeou. No caso, eu gostei bastante. Eu me senti bastante feliz ao ter uma perspectiva da minha história, que não é a minha, que aí eu vejo realmente se eu estou certa naquilo que eu lembro. E aí ler aquilo escrito me traz uma lembrança mais forte de todos os momentos que eu passei na minha vida. Então eu achei assim, uma escrita muito legal. Eu gostei bastante de como eu fui descrita e de

como essa escrita causou uma certa felicidade e compreensão sobre mim mesma. Então eu gostei bastante.

MYRELE

Eu fico feliz de saber. Porque às vezes a gente fica tão inseguro, sabe? Porque é uma tarefa complicada. Que requer responsabilidade. Porque a gente está analisando o outro. As suas narrativas nada mais é do que você. A gente sempre fica assim, meio receoso. Mas tenta ao máximo ser humano. Também fazer esse diálogo entre as narrativas e o que dizem os teóricos. Então é isso, só queria saber a sua opinião, como é que foi. Que bom que você gostou. E... A gente está vendo a possibilidade da minha defesa ser à noite, porque eu queria muito que vocês participassem.

CLARICE

Certo. Muito obrigada pela oportunidade. Eu adorei.

APÊNDICE F- TRASCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ANÁLIA FRANCO

MYRELE

Bom dia, Anália. Eu queria agradecer por você participar da minha pesquisa. É uma pesquisa que ela vai abordar jovens mulheres que são estudantes de pedagogia da UFAL. E eu tenho certeza de que as suas narrativas, elas vão ajudar, não apenas nos meus estudos, mas para a gente conseguir debater políticas para melhorar essa questão dos estudantes que são trabalhadores e dos trabalhadores estudantes lá da UFAL, principalmente lá do CEDU. Vamos lá... Para começar, eu queria que você me falasse um pouquinho sobre você, o seu nome, de onde foi que você veio, a sua idade. Eu queria saber como você se declara e o que você gosta de fazer na sua vida, não só no âmbito universitário.

ANÁLIA

Tá, vamos lá. Meu nome é Anália Franco, eu tenho 19 anos, atualmente eu trabalho como estagiária num CEMEI aqui em Maceió, eu atuo como auxiliar numa turminha de maternal 2 com os babies e aí eu trabalho total de 6 horas por dia e também participo do PIBIC que é um programa de pesquisa um projeto, né e à noite estou na universidade lá estudando todos os dias religiosamente, por lá. E eu me autodeclaro mulher, heterossexual, e... Deixa eu ver mais alguma informação, o que eu gosto de fazer. Além dessa correria toda, eu adoro me exercitar. Então, sempre que eu posso eu tô na academia, eu tô numa aula de dança, quando dá um tempinho ainda vou pra um funcional da vida, porque eu adoro, acho que é bom pra aliviar o estresse da vida, da rotina e eu tô adorando contribuir no seu trabalho e quero ver os resultados. E aí, mais alguma informação importante que eu esqueci?

MYRELE

Eu queria saber a questão racial, como você se declara.

ANÁLIA

Ah, sim, eu me declaro uma mulher branca, hétero, e é isso. hétero, e é isso.

MYRELE

Eu queria que você me falasse um pouquinho sobre os seus pais e a sua família. O que é que eles fazem? Qual o nível de escolaridade dos seus pais? E se tem alguém da família que já chegou a cursar ensino superior? Ou se tem uma formação, né, depois. Queria que você me contasse um pouco sobre...

ANÁLIA

Tá, vamos lá. Começar pela família do meu pai. Todos os filhos da minha avó paterna, eles concluíram o ensino médio, mas nenhum chegou a cursar o ensino superior. Como a minha avó teve muitos homens, na verdade ela não teve nenhuma filha mulher, a mãe do meu pai. E aí, ela era a única mulher da casa, o resto era tudo homem, então eles foram criados assim: homem, a partir de tal idade, tem que ir trabalhar pra colocar sustento na casa. Então, sempre foi assim. Eu nunca percebi no nos meus tios nenhum deles fala nem meu pai sobre ter tido vontade algum momento de ou ter sido até influenciado, né? Na verdade, vontade eles podem ter tido, mas não teve, não tiveram oportunidade, enfim, de cursar um ensino superior, então o meu pai, ele, pra você ver, meu avô, ele é motorista da vida toda, motorista de ônibus, já foi motorista de ônibus, assim, metropolitano, né, da cidade, já foi motorista de ônibus de turismo, né, que vai pra Maragogi, pras praias, enfim, e aí, conseqüentemente, meu pai virou motorista também. E motorista desse mesmo segmento, de empresa de metropolitano, depois de empresa de turismo, enfim, foi a mesma coisa. E aí, ele seguiu, aí saiu da empresa, virou motorista particular, de uma pessoa que trabalhava em outra cidade, aí ele dirigia para ela, enfim, aí saiu desse trabalho de motorista particular, foi para uma empresa de transportadora como motorista também, então foi o segmento da vida dele, foi esse e é até hoje. A vida dele foi esse e é até hoje, né?! E o meus outros tios, irmãos do meu pai nesse mesmo segmento também, assim, de não alguns não viraram motoristas mais outros por exemplo é. Tem um tio meu que ele, eu acho que é o único concursado que ele passou no concurso pra ser motorista da SAMU, da ambulância, motorista também. E aí é tudo nessa linha. E o meu pai nunca relatou que passava dificuldade durante a infância dele, mas eu percebi que pelas atitudes dele como adulto foi uma infância muito rígida e acho que até pelo fato de ser criado só com homens minha avó quando ela era viva ela era bem assim durona, então eu vejo que eles não passaram dificuldade, mas assim, também não tinha espaço para poder se expressar, aquela velha história que o homem não pode

chorar, enfim. Aí todos foram criados assim. Já indo para a família da minha mãe, a família da minha mãe passou bastante dificuldade quando eles eram crianças, porque o meu avô, ele era caminhoneiro, então naquela época passava meses fora de casa, não tinha, não existia esse negócio de *PIX*, de transferência, de você mandar dinheiro mesmo de longe, então a minha avó era dona de casa tinha seis seis filhos, um faleceu, aí ficaram cinco. então era sempre assim: meu avô saia viajar passar três meses fora e a minha avó tinha que se virar como podia com os filhos, tanto que a minha mãe relata bastante que ela muito nova ia vender picolé na rua com os irmãos dela, ia trabalhar assim, bomboniere, isso criança, então foi uma infância bem sofrida que eles tiveram, e aí a minha mãe é a única mulher, os outros são todos homens. Acredito que tenha sido por conta dessa dificuldade toda que ela passou, e até pela família dela mesma, ela, os meus tios relatam que ela era muito durona também, na criação deles, né, muito agressiva, e aí tinha que ir trabalhar, tinha que fazer tudo, acho que a sobrecarga em cima dela era muito grande, né, porque com bastante filhos, pra você dar conta de tudo, e ficar segurando as contas enquanto seu marido tá lá viajando pra só voltar daqui a não sei quantos meses com dinheiro... Eu imagino que era uma apanheira danada, né? E aí, a minha mãe, ela desde que eu me tenho por gente, eu sempre vi minha mãe trabalhar pra ela mesma, sendo autônoma, né? Ela já teve confeitaria, fazia bolos em casa, naquela época dos bolos de pasta americana, que era um sucesso, aí ela fazia em casa mesmo, trabalhava em casa, tinha umas meninas que ajudavam ela, então, da vida toda, minha mãe sempre foi desse ramo. Primeiro, ela começou na parte de festa, né, de fazer salgadinho, docinho, bolo, e eu sempre cresci nesse ambiente de correria, assim, porque você que convive com uma pessoa que ela é autônoma, é uma loucura. Nunca tem folga, nunca para, ou trabalha, ou trabalha. E aí, nessa época, meus pais eram casados, aí teve um momento que eles se separaram, e aí minha mãe foi morar só, e aí ela saiu do ramo da confeitaria, continuou no ramo alimentício, só que com outras coisas, né? Até que ela começou a trabalhar em um trailer, numa praça aqui do centro da cidade, vendendo lanche também. Só que aí ela fazia sanduíche, vendia outras coisas, né? Não estava mais no ramo da confeitaria. E aí, recentemente, ela conseguiu um ponto também aqui no centro e montou o restaurante dela. Um restaurante, assim, pequeno, mas super ajeitadinho. É uma localização muito boa aqui no centro. E aí, faz mais ou menos uns seis meses que ela está com esse restaurante. Sempre foi o sonho dela. Ela chegou, ela tem um ensino médio completo. Ela chegou a cursar também o ensino superior.

Ela fez gastronomia na faculdade ali no shopping, esqueci o nome. Então, ela se formou lá, e aí é o ramo da vida dela. Já, é engraçado que a família da minha mãe sempre foi mais complicada, em questão de estrutura financeira e tudo, só que tem meu outro tio também, que ele fez conseguiu cursar o ensino superior ele na época fez o IFAL que era CEFET o nome, né, ele chegou a fazer o IFAL, se não me engano foi química o curso dele, e aí ele saiu do IFAL e entrou na faculdade também pra cursar engenharia de alimento sanitário, alguma coisa assim. Tem a ver com higiene, né? E aí ele se deu muito bem, porque ele saiu da faculdade, aí foi trabalhar na Braskem, aí depois foi trabalhar na Coca-Cola, e assim ele foi crescendo. Hoje em dia, ele tá muito bem de vida, ele trabalhou numa empresa por muitos anos, uma empresa enorme de engenharia internacional, nessa empresa recebeu a oportunidade para ir morar no Rio Grande do Norte, aí ele saiu daqui de Alagoas, foi para lá, e hoje em dia ele saiu dessa empresa e abriu a própria empresa dele de tratamento de água, ele faz tratamento em vários apartamentos, condomínios, né? Ele trabalha atualmente tratando o serviço de água, desses estabelecimentos, e é engraçado, ele saiu daqui de Alagoas, mas hoje em dia ele vem direto para Alagoas porque ele tem clientes aqui, agora ele tem uns condomínios lá no francês que ele faz tratamento de água, enfim, ele se deu muito bem estudando, né, fez o curso técnico fez o ensino superior, a minha mãe também teve a oportunidade, aí agora está, como ela abriu um negócio maior, ela está aprendendo também, está se virando, dando conta. Já os outros, teve um que faleceu, infelizmente, porque ele se envolveu com droga muito cedo, e aí começou a fazer coisas erradas, né, roubo e tudo mais se envolveu com muita gente também de facção, enfim, aí ele acabou sendo assassinado era o segundo filho da minha avó é um dos mais novos e aí ele faleceu e deixou dois filhos, minha avó acabou tendo que cuidar desses dois filhos também, desses dois netos, né? Porque, além de tudo isso, a mulher que ele casou e teve os dois filhos, ela também é envolvida com droga, enfim, até hoje. Aí minha avó pegou mais essa responsabilidade de criar dois netos. Então, aí teve os outros dois filhos. Tem um que foi para São Paulo trabalhar lá, porque aqui não tem futuro, não sei o que, aí foi-se embora para lá. É motorista, trabalha lá em São Paulo como motorista. motorista, e o mais novo de todos, ele mora em uma cidade vizinha daqui de Maceió, e trabalha como segurança, se eu não me engano, de algum lugar. Enfim, a família da minha avó foi mais complicada, porque eles passaram muito mais dificuldade, mas também, os que conseguiram, tiveram a oportunidade de estudar, deram super certo.

MYRELE

Ô, Anália, então, no caso, você seria a primeira pessoa da sua família a estar na Universidade Federal?

ANÁLIA

Sim, eu e o meu primo, que é filho desse meu tio que faleceu, esse filho da minha avó que faleceu, que se envolveu com droga, né? Ele também, ele entrou na UFAL, eu acho que quando foi um ano ou dois anos depois por aí, eu entrei também. E aí tem nós dois que conseguimos entrar na Universidade Federal. Eu não tinha parado para pensar nisso ainda. É uma coisa muito importante.

MYRELE

Às vezes a gente vai vivendo as coisas e não observa o nosso processo, né?

ANÁLIA

É verdade.

MYRELE

Então, assim, você está ocupando um lugar muito importante e que com certeza vai abrir portas para outras pessoas da sua família, né? De querer estar na universidade, de usufruir dos frutos da universidade pública.

ANÁLIA

Sim, é verdade. E assim, engraçado que esse meu primo, como eu falei, o senhor deixou dois filhos, né? O meu primo e a minha prima. E aí, para você entender como funcionam as coisas. O meu primo ficou sendo criado pela minha avó. A menina, que é mais nova, a minha prima, foi criada pela minha avó um tempo. Só que depois ela quis ir para a mãe. E aí, também tem aquele lance de filha mulher, ser mais apegada com a mãe. Acabou que ela foi morar com a mãe e seguiu o mesmo caminho da mãe. Tanto que a minha avó já se estressou milhões de vezes. Ela envolvida com um traficante. Ela apanhando desse cara, sendo maltratada, e a mãe que não tinha como dar exemplo melhor, era o mesmo caminho, tanto que ela foi a primeira neta da minha avó a dar um bisneto pra ela, porque enfim se envolveu cedo, aí casou cedo aí ficou com esse cara, e eu nunca tinha parado pra pensar nessa questão da universidade...

tem outras primas minhas também que, por exemplo, tem uma prima minha que ela é psicóloga e aí, é a filha desse que é engenheiro. E aí ela conseguiu, ela hoje trabalha numa clínica psicóloga infantil também, mas eu só lembro, pronto, só tem eu, esse meu primo e essa minha prima dos outros, assim. Meus irmãos também, eu tenho uma irmã e tenho um irmão, eles não entraram também na universidade, minha irmã foi embora pra São Paulo trabalhar meu irmão também, que é homem, né, aí tem mais a pressão ainda tem que trabalhar, tem que trabalhar então, nunca tenho parado pra olhar com esses olhos.

MYRELE

Agora, falando mais sobre você, eu queria saber como foi o seu percurso formativo até chegar na universidade, eu queria saber se a pedagogia foi o seu primeiro curso de escolha, como foi que a UFAL entrou na sua vida?

ANÁLIA

Tá, vamos lá. Eu sou geração ensino médio pandemia, então foi bem complicado, porque eu só estudei uma parte do meu ensino fundamental, acho que até o quinto ano, em escola particular, depois eu fui pra rede pública. E aí, até o meu nono ano tava tudo, até o oitavo tava tudo bem. Quando chegou no nono ano, eu passei quase o ano inteiro sem professor de matemática. Então, era, não sei por que, não sei se a escola não conseguia professor que fosse pra lá, porque antes de vir morar em Maceió, eu morava em Rio Largo. Então, eu fiz todo o meu ensino fundamental e médio lá. E aí, essa escola tinha muita dificuldade de conseguir professores da área de exatas. Então, eu tive uma dificuldade enorme com a base da matemática, tanto que até hoje eu tenho muita dificuldade com coisas básicas, porque eu não tive. E você passar quase o nono ano é o pré-ensino médio, né? E você passar esse período sem professor de matemática é uma dificuldade enorme. Enfim, aí eu já entrei no ensino médio com medo. Eu tentei o IFAL na época. Porque quando você chega no nono ano, todo mundo faz o IFAL, tenta o IFAL, não sei o quê. Todo mundo só fala do IFAL. É igual quando você chega no terceiro ano, todo mundo só fala do Enem. Aí, eu fiz a prova do IFAL. Sendo que eu coloquei um curso aleatório. Eu tinha colocado Química, mas, assim, eu detesto exatas. Então, ainda bem que eu coloquei um curso aleatório, eu tinha colocado química, mas assim, eu detesto exatas, então, ainda bem que eu não passei, porque eu tenho certeza que se eu tivesse entrado no IFAL em

química, eu teria desistido, porque não é a minha praia, e muito mais, e muito menos química, né? Então, mas eu cheguei a fazer a prova, foi uma experiência legal. E aí, eu lembro que eu fiz na época um cursinho, um preparatório que tinha, que a prefeitura fornecia, enfim, quando eu entrei no meu ensino médio, eu já fui pra uma escola em um bairro diferente, um bairro maior, então era outra visão, a escola era bem grande e aí foi quando eu comecei a me engajar nas coisas da escola. Eu sempre fui aquela aluna muito participativa. E tinha festa para dançar, eu vou. E tinha não sei o que para ajudar na sala dos professores, eu estava lá. Jogos, tem que ajudar nisso e naquilo. Se pode chegar mais cedo, posso. Então, eu sempre participava de tudo. Eu amava, aí, até o segundo ano, tudo, eu amava. Aí, até o segundo ano, estava tudo bem. Eu tinha muita intimidade com todos os professores, com a diretora. Todo mundo me conhecia, porque realmente eu ajudava em tudo. Eu fazia até café na sala dos professores, que eu era adiantada. Enfim, foi muito legal. Aí, chegou a pandemia e esse foi o maior problema, porque quando chegou a pandemia eu estava finalizando o segundo ano para ir para o terceiro, ou seja, eu fiz 80% do meu terceiro ano online e aí o que aconteceu? Como eu já não tinha base de matemática, eu pensei “não vou arriscar se presencialmente, e eu já passava sufoco pra aprender, imagine no online”. Aí, o que eu fiz pra poder entrar na UFAL? Eu sempre quis, depois que eu comecei a me engajar na escola, eu percebi que eu tinha uma vontade muito grande de estar naquele ambiente. De viver o ambiente escolar, de participar, de se preocupar. Então, eu percebi que eu era muito feliz ali, fazendo aquilo, convivendo com aquelas pessoas. Aí eu falei, poxa, eu quero ser professora. Não sabia ainda de que, se eu ia para alguma licenciatura específica ou se eu ia para pedagogia. Aí, tinha um professor de redação, foi o que me salvou. Esse professor, ele é muito, muito bom em redação. E aí, a gente fazia as aulas online, e eu comecei a me dedicar muito a aprender redação. Porque eu falei, por mais que eu não seja boa em exatas, eu vou tentar compensar em outra área que eu goste e aí ele eu começava a fazer, aí eu mandava pra ele corrigir, como tava todo mundo em casa aí era, tinha mais flexibilidade pra isso, né, ele conseguia ajudar mais, enfim, aí fui, fui aprendendo, começava a fazer as redações pra treinar, aí começava a tirar 800, aí 900, não sei o que, aí eu falei “cara, eu tenho que focar nisso aqui, porque se eu focar vai dar certo” Até que faltando dois meses para o Enem, a gente voltou. E quando a gente voltou, eu já não tinha mais chance de aprender química e física, já tinha desistido. Aí eu falei “vou focar no que eu sei e pronto”. Aí foi isso. E aí, eu descobri que eu queria pedagogia, por quê? Eu

sempre tive vontade de trabalhar no ambiente escolar. E antes de eu entrar na pedagogia, eu falava “ah, eu quero ser diretora, eu quero ser dona de escola, eu quero ser coordenadora”. Então, um caminho é bem prático também para isso é a pedagogia, né? E aí eu falei, eu também gostava de criança, mas eu não pensava tanto na educação infantil, né? Eu pensava mais nesse lado, da gestão, tudo mais. Aí foi quando eu decidi fazer a pedagogia, eu já gostava do ambiente escolar, já me identificava muito, então, ainda mais com esses cargos de gestão. Só sei que a pedagogia foi a minha primeira opção, e eu acho que a minha segunda opção era o serviço social, mas a minha vontade sempre foi lidar com gente, assim, com o povo. Então, eu sempre gostei. E aí, eu fiz o Enem naquela pressão de pós-pandemia, que foi horrível. A gente tinha a sensação que não tinha feito nada naquelas aulas online, parecia que o tempo só ia passando, passando e a gente não ia aprendendo o suficiente mas quando eu descobri que eu tinha tirado 860 eu fiquei muito feliz, eu falei “ai me salvei, agora eu passo agora eu entro na UFAL, não é possível e o meu objetivo sempre foi fazer a universidade pública, eu falei “caraca, se eu tenho uma oportunidade, se o governo me oferece isso, eu não vou pagar, eu vou passar, eu vou para a universidade pública”, então, eu sempre, eu ficava muito nervosa, porque eu queria muito, e quando deu certo, foi um alívio, e aí, o que mudou? Depois que eu entrei na universidade, que eu fui conhecendo várias áreas que um pedagogo pode atuar, né? Aí eu mudei a minha preferência. Não que eu ainda não tenha vontade de trabalhar em cargo de gestão, mas eu quero muito, é top 1, ser professora universitária. Depois que eu descobri, que eu fui vendo como funciona, e eu fui sentindo muita vontade daquilo, tanto que hoje em dia eu participo das pesquisas de grupo de extensão, porque eu me identifiquei bastante com essa área, apesar de trabalhar atualmente com a educação infantil, que eu amo, amo, amo, meus bebês, é muito bom também, e tem a devida importância, depois que a gente vai para uma sala de aula, que a gente percebe a importância do pedagogo, porque antes era só, antes de conhecer, era só, ah, o pedagogo é as babás, as que cuidam dos meninos na escola, as babás de luxo, mas aí, depois que a gente começa a estudar a gente percebe a importância, então eu sempre vou enaltecer a educação infantil, mas a minha vontade mesmo é trabalhar como professora universitária, né? Então, a minha jornada na universidade até agora é isso, teve bastantes desafios no primeiro período porque eu literalmente saí do ensino médio e entrei na universidade, então foi questão de poucos meses de diferença, então a gente já vem acostumado com um certo tipo

de estudo, e aí quando a gente cai de paraquedas na universidade, a gente fica assim, maluco, meu Deus, eu vou embora, que eu não vou conseguir dar conta, é muita coisa, mas aí, o bom do primeiro período é que a gente percebe que tá todo mundo na mesma situação, tem alguns que já são graduados em outra coisa, mas a maioria, pelo menos na minha turma, era todo mundo assim, calouro, “bebê”, sem saber de nada. Então, a gente foi se ajudando. Hoje estou no quinto período e a universidade me mudou em tudo. Tudo, tudo, tudo. Tanto que tem umas amigas do ensino médio, assim, que quando me encontram, falam: “olha, ela entrou na UFAL, já ficou toda assim, tudo culpa da UFAL”. Minha avó, num período, queria se mudar para Pernambuco, e aí ela ficava “faz a sua transferência para uma faculdade particular”, eu digo “ não faça nunca, me deixe com a minha UFAL, me deixe que eu não vou sair”. Então, é um mundo, são muitas possibilidades. E acho que é isso, não esqueci alguma coisa, eu falo muito, né, já falei demais. Pode falar.

MYRELE

Você já me contou, mas me fale mais como é que foram os seus primeiros anos lá na faculdade, né? Quais foram os principais desafios que você viu nesse espaço? E se teve algum momento muito marcante pra você?

ANÁLIA

Tá, então, antes, quando eu já estava no ensino médio, no terceiro ano, do segundo pro terceiro, eu comecei a trabalhar. Como eu morava em Rio Largo, tinha uma amiga minha, que ela tem até hoje na verdade uma casa de bolo, aqueles bolos caseiros de café, sabe? E aí como eu estudava e fazia academia na época, e ela me conhecia da academia, aí ela teve um período que ela fez olha, eu tô precisando muito de um ajudante lá no bolo, se você quiser, você pode ir trabalhar comigo”. Aí eu já fiquei assim, bestinha, né? Porque eu nunca tinha trabalhado e como eu já tava na adolescência eu estava querendo trabalhar, porque a gente começa a querer sair, a querer comprar as coisas, enfim, não tem mais cara de estar pedindo dinheiro quando a pessoa já está ali depois dos 16 anos, a gente fica querendo trabalhar para poder comprar as nossas coisinhas. E aí foi uma oportunidade que eu queria e engraçado, que eu digo para todo mundo que tem umas amigas minhas que são mais velhas e elas tem filha, assim de 15, 16 anos aí eu falo, minha gente, vocês querem dar responsabilidade pros filhos de vocês, arruma um jovem aprendiz pra ele trabalhar

porque depois que eu comecei a trabalhar eu acordava, como era uma casa de bolo eu pegava muito cedo lá, eu pegava de, acho que era 10 para as 6 ou era 6 horas, enfim. Eu chegava bem cedo, porque a gente tinha que organizar tudo para umas 7, 8 horas já ter bolo na vitrine, né, para o pessoal comprar, para tomar café, enfim. E aí eu comecei a ter noção do que é você acordar, 5 e meia da manhã, pra você ir trabalhar e ter a responsabilidade é como se a gente assim, pra mim, estralou uma chavezinha, tipo, olha o que a gente tem que fazer pra sobreviver, pra ter dinheiro, pra poder viver. E olha que na época, assim, eu trabalhava de seis até umas nove e meia, aí ia pra casa, e depois pegava de novo de uma e meia. Aí eu ficava de uma e meia até umas cinco horas, mais ou menos. Na parte da tarde, aí eu ficava de uma e meia até umas cinco horas, mais ou menos na parte da tarde a gente ficava só vendendo mesmo, então, e como tava na época da pandemia, eu não tava estudando eu tinha aula online aí eu preferia tá lá, botava o meu computadorzinho na aula online no período da tarde ficava assistindo a aula e se chegasse algum cliente dava um jeito, atendia do que não ter o dinheiro, né, porque se eu trabalhasse só pela manhã ia ser metade do valor, eu acho que no período era tipo 600 reais que eu ganhava, e aí se eu trabalhasse só de manhã esse valor reduzia pra uns 400 reais, 300 e pouco então eu dava meus pulos, eu ia pra lá à tarde, levava o celular, levava minhas coisas da escola, estudava por lá, e aí trabalhava, né? E eu trabalhava de segunda a sábado. Então, era rojão ali, e eu trabalhava no... Você sabe que trabalhar em cozinha, minha filha, é puxado. Você tá ali do lado do forno, então isso me trouxe um senso de responsabilidade enorme por mais que foi muito cansativo na época eu acho que se eu não tivesse passado por essa experiência, eu não teria a responsabilidade que eu tenho hoje em relação a trabalho nessa época foi o problema todo da pandemia, de como que ia estudar, foi o mesmo ano do Enem, então eu tive que conciliar as duas coisas ao mesmo tempo, mas deu certo. Depois eu passei na UFAL e saí de Rio Largo, meu pai morava em Rio Largo, minha mãe morava em Maceió, e aí ficava muito inviável o transporte de Rio Largo para UFAL. E aí o que aconteceu? Eu recebi uma oportunidade através de um professor meu, do ensino médio, que alguém da família dele fez, sua esposa, enfim, tem um cargo no CIEE. E aí, eu conversando, como eu era muito conhecida dos professores, aí eu conversei com ele, pedi pra ele perguntar a ela se tem alguma oportunidade de emprego de jovem aprendiz em Maceió. Porque como eu ia sair de Maceió pra vir morar com minha mãe, eu não queria deixar de trabalhar e não tinha nem como eu deixar de trabalhar. Porque, como eu falei, a gente

depois que começa a ter o nosso próprio dinheiro, por mais que pouco, na época, pra mim já, e pra minha mãe também, já aliviava, né, porque eu comprava minhas coisas e não era um peso pra ela. Aí eu saí de Rio Largo, vim pra Maceió e consegui um trabalho de jovem aprendiz. Aí foi outro momento importante, porque, quando eu trabalhava com minha amiga no bolo, não que eu não levasse a sério, óbvio, eu tinha responsabilidade só que não era um trabalho fechado, não tinha todas aquelas questões burocráticas de um CLT, né e aí quando a gente entra nesse mundo assim, de “ah você tem direito a isso e isso, é assim que funciona tem que bater o ponto, e não sei o quê”, isso eu com 17 anos, 16 para 17, aí eu virei jovem aprendiz. E aí, o que aconteceu? Eu comecei na UFAL e virei jovem aprendiz no mesmo período. Eu era jovem aprendiz no shopping, trabalhava numa loja de esportes, uma loja bem famosa. E aí era loucura, loucura, porque eu pensei, meu Deus do céu, eu tenho que estudar mesmo. Porque essa vida de loja, de shopping, de comércio, não é para qualquer um, é loucura mesmo. Então, por mais que eu fosse jovem, eu aprendi que eu trabalhasse só cinco horas. Que eu não tivesse tantas responsabilidades lá na loja. Só a pressão daqueles gerentes de shopping. Porque tem que bater mesa. Não sei o que, uma agonia e engraçado, eu trabalhava no shopping aqui da Cruz das Almas e todo dia eu tinha que sair da Cruz das Almas pra ir pra UFAL, uma viagem, então esse período, como eu já tinha uma responsabilidade por conta do meu primeiro emprego no bolo, quando eu fui pra o shopping eu meio que deu um estralo assim, eu falei: “caraca, eu tenho que estudar porque eu não quero, eu não quero essa vida, eu não consigo, eu não vou ter cabeça para viver aqui nesse trabalho, nesse shopping então eu vou aproveitar a oportunidade da UFAL e qualquer proposta que aparecer na minha área, eu vou embora”. Então, eu trabalhei no shopping três meses e isso eu ainda estava no primeiro período do curso, quando a SEMED⁵⁰ começou a divulgar vagas de estágio. E aí, o povo ficava falando “ah, não, você não vai conseguir porque você está no primeiro período, eles só pegam a partir do terceiro” Aí eu disse “não, mas eu vou tentar, eu vou me cadastrar” E aí na época, como eu morava com a minha mãe, eu morava aqui no Trapiche e eu acho que foi realmente isso, foi o que tinha para ser. Porque depois que eu entrei, eu descobri que eles só estavam contratando a partir do terceiro, mas como tinha uma carência muito grande nessa região aqui do Prado, Trapiche, Vergel, uma carência muito grande de auxiliar de sala. Aí eu fui, eu me

⁵⁰ Secretária Municipal de Educação de Maceió

inscrevi, com um mês eu fui chamada, aí foi o que aliviou minha vida, porque eu saí do shopping, fui trabalhar na minha área, fui ter experiência na prática, então assim, deu tudo certo, e foi a primeira vez que eu percebi “poxa, eu mal entrei na universidade, e ela já fez uma mudança muito grande na minha vida, porque eu consegui uma oportunidade de emprego menor, de jovem aprendiz, era meio salário e na prefeitura, logo quando eu entrei, já era quase um salário inteiro, então, para trabalhar como estagiária, meio horário, eu falei “poxa, é uma oportunidade perfeita, porque eu vou conseguir trabalhar um horário, vou conseguir estudar no período da tarde, e à noite eu vou para a faculdade”. Então assim, eu digo que eu tive muita sorte, porque hoje em dia você conseguir trabalhar seis horas por dia para receber quase um salário é impossível, porque ou você trabalha oito horas para ter um salário, ou você trabalha menos para ter metade. Não dá, então, essa oportunidade da Semed foi maravilhosa, e todo mundo falando na época que realmente tava muito bom, porque eles estavam com muita carência, e como eles estavam com um salário muito baixo, as pessoas não iam, né? E aí, eu entrei nesse bolo que eles aumentaram o salário para trabalhar só um horário, e eu consegui me dedicar mais à universidade, só que o que aconteceu, teve um período, aí eu continuei na escola, indo para a UFAL à noite, tudo bem, só que aí teve um período que, eu não sei se a minha mãe, se ela não tava com o trailer ainda, enfim, foi algum período que a minha mãe ficou mais apertada em relação às contas, aí eu pensei, como eu não na época eu não consegui Pibic, nem bolsa, nem nada, aí eu pensei, vou arrumar um outro estágio à tarde, porque eu vou precisar ajudar mais a minha mãe. Enfim, foi quando o bicho pegou, que eu senti na pele o que é você trabalhar os dois horários e ainda ir estudar à noite. Enfim, aí eu estava na prefeitura de manhã, quando eu saía da prefeitura eu ia para uma clínica. Eu consegui por indicação de uma amiga ser estagiária na parte de psicopedagogia numa clínica que fazia tratamento com crianças autistas, TDAH. E aí foi quando eu comecei a ficar louca. Literalmente. Por quê eu saía de um, corria, ia pro outro, mal tinha tempo de almoçar, de tomar um banho, de se ajeitar. Eu tomava banho na escola, almoçava correndo na escola, saía e ia pra clínica. E aí, quando eu saía da clínica por volta de cinco horas, cinco e meia, corria para pegar o ônibus, para ir para UFAL, porque se eu perdesse aquele ônibus, eu não chegava na UFAL a tempo da aula, e o ônibus lotado, lotado de gente, a ponto de eu sentar no chão, assim, no cantinho, eu fiz amizade, saí fazendo amizade com um monte de gente do ônibus, aí tinha umas meninas que sempre guardavam um cantinho, assim, pra mim, no chão, e

aí eu ia o caminho todinho pra UFAL, dormindo cansada e foi quando eu senti na pele, porque começou a prejudicar os estudos, porque se eu estava ocupada o dia inteiro em que momento eu ia estudar? Aí as pessoas falam “ah, você estuda no final de semana”, só que não dá conta porque todos os dias a gente tem conteúdo pra ler, todos os dias é seminário, e é prova, e é não sei o que, então, e eu já tinha avançado de período, acho que eu já tava no terceiro, e aí foi ficando mais difícil, né, então, eu acho que eu ainda trabalhei uns quatro meses cinco meses nessa clínica, só que aí o que aconteceu? Eu saí porque eu já estava conversando com a professora Liz sobre o PIBIC, sobre ser bolsista dela. E aí eu fiquei no pé. Eu ficava no pé “professora, lembrei de mim”, “professora, eu quero muito essa bolsa, eu quero muito participar”. Porque aí eu pensei “poxa, no lugar de eu estar no meu segundo horário, em outro emprego, eu pego alguma bolsa na universidade, algum projeto, vou ter a renda do mesmo jeito, vai me ajudar, mas eu vou estar estudando”. A gente percebe a importância dos projetos de pesquisa, das bolsas, daquele auxílio estudantil também, porque eu fico, caramba, como é que eu vou conseguir ter um tempo? Na época que eu tava ocupada trabalhando de dois horários, porque eu não tinha tempo, eu fazia as coisas assim, ficava pedindo ajuda as pessoas, “olha, me ajuda que eu não sei, eu tô perdida, não consegui ler o conteúdo, tô por fora”. Então meu desempenho caiu muito nessa época e foi quando apareceu o processo seletivo do Pibic, e aí eu falo pra Liz até hoje, “Liz você salvou minha vida”, porque eu tô conseguindo estudar o que eu sempre quis, que é a pesquisa, que é o caminho que eu já me identifiquei desde o início do curso, e ainda sou bolsista. Então, isso tem me ajudado muito a ter uma qualidade de estudo melhor. Eu lembro que logo no início do Pibic, que ela falou, “Anália, eu só tenho uma bolsa, e já está com a Mariana, mas entre que a gente fica na fila, e logo, logo você consegue a bolsa. Então, dito e feito, a gente começou em agosto, agosto pra setembro, quando foi em janeiro, a minha bolsa já tava disponível com as desistências, né, enfim, aí quando foi em janeiro eu comecei a ser bolsista, então foi, eu fiquei muito receosa de dar esse passo, porque eu falei, caraca, eu vou sair do emprego e se eu não conseguir a bolsa aí eu vou ter que desistir da bolsa de novo pra arrumar outro estágio, mas aí ainda bem que deu tudo certo. Então, para resumir as minhas trajetórias de emprego, de universidade, foi basicamente isso. Hoje em dia, eu estou conseguindo estudar bem, porque eu estou trabalhando, continuo trabalhando na prefeitura como estagiária e tô no projeto então isso me ajudou bastante a melhorar a qualidade dos meus estudos né? Então eu acho que o resumo

é isso, eu vou fazer 20 anos daqui a pouco, mas aí já tenho umas experiências bastante interessantes com o emprego.

MYRELE

Realmente, bota experiência nisso! Anália, tem alguma coisa que aconteceu na universidade que lhe marcou muito, que foi algo muito marcante na sua vida? Lá na universidade?

ANÁLIA

Eu acho que uma coisa marcante para mim, uma das, foi quando eu entrei, que eu comecei a descobrir que... Porque eu não sabia de nada, eu só sabia que a faculdade era graduação em pontos. E aí, quando eu entrei na UFAL, eu comecei a descobrir que tem grupos de pesquisa, grupos de extensão, tem bolsa disso, bolsa daquilo, tem... Recentemente, eu descobri até o núcleo de acessibilidade, que existem bolsas para você trabalhar lá também, e cursos de pós-graduação e curso de inglês e esportes de graça também que eu não fazia ideia. O RU⁵¹? Meu Deus! Eu nunca, na verdade nunca tinha ouvido falar do RU, depois que eu entrei que eu vim descobrir. Eu sempre ouvi o povo falar que tinha comida muito barata na UFAL, só que eu não sabia do que eles estavam falando, se era um restaurante, se era uma lanchonete, enfim. A questão da RUA⁵², da moradia de lá também, que eu não sabia, o auxílio estudantil para estudantes de baixa renda, então, assim, uma coisa muito marcante para mim foi quando eu entrei na UFAL e dei de cara com todas essas possibilidades que, quando a gente está de fora, a gente vê a universidade pública como algo muito distante da nossa realidade. Tipo, aí é muito difícil ir para lá, só vai para lá, os filhos de papai que faz Clube do Fera⁵³, que faz isolada, os estudantes da escola pública, é muito difícil conseguir entrar lá, então, eu acho que uma coisa marcante para mim foi quando eu percebi que lá existem muitas oportunidades e que eu estava lá dentro e que eu posso usufruir de todas essas oportunidades. Então, foi quando eu pensei, eu digo, caraca, o caminho é estudar. Não tem outro caminho a não ser esse. Então, como eu já era uma aluna dedicada no ensino médio, na universidade eu passei a ser bem mais, porque eu pensei, poxa, eu tô aqui, eu consegui entrar, então eu quero o

⁵¹ Restaurante Universitário.

⁵² Residência Universitária.

⁵³ Cursinho preparatório para vestibular.

fim de tudo isso, porque além do terror da universidade ser algo muito distante da gente, da escola pública, também tinham as pessoas que falavam assim, “ah, eu conheço fulano que se formou na UFAL e não deu em nada”. “Ah, fulano que se formou em pedagogia na UFAL não faz nada da vida hoje em dia”. Então eu ouvi muito isso de vários cursos, eu falei “minha gente, então por que o povo se esforça tanto pra entrar na UFAL se não dá em nada, se tem tanta gente que sai e não dá em nada, como assim?” Só que aí, depois que a gente entra, a gente entende que tem muitas pessoas que entram ali forçadas, porque a mãe quer, porque a família toda é pedagoga e a filha tem que ser. Enfim, a gente se depara com várias realidades e dependendo do caminho que você queira seguir, você consegue sim aproveitar as oportunidades, né? Então, para mim foi muito marcante ter esse choque de realidade entre o que eu escutava fora da universidade e o que eu escutava depois que eu entrei. Eu comecei também a ver relatos de várias professoras, falando da jornada dentro da universidade até chegar num mestrado, num doutorado. Então, pra mim foi muito importante essa mudança de mentalidade, né, do que eu ouvia fora pra o que eu passei a ouvir e ver lá dentro. Então, é muito marcante isso para mim até hoje, porque às vezes eu fico pensando, “caraca, se eu estudar, se eu me empenhar nisso, eu consigo. Assim, apesar das dificuldades que a gente enfrenta em relação de trabalho e tudo, tem muitas, muitas coisas boas da Universidade” . Além do PIBIC, participei da extensão⁵⁴ também, esse programa foi muito legal. A gente chegou lá em União dos Palmares, a professora Liz é maravilhosa, porque eu digo, “olha você parece que é mil e uma, porque eu não sei como você dá conta de fazer mil e uma coisas ao mesmo tempo, e todas essas coisas você faz bem-feita” aí ela até falou para mim uma vez “é verdade, eu às vezes tenho que me frear porque tudo que tem eu quero e não é assim né?”. Então eu entrei nesse projeto de extensão com ela, eu não lembro bem o nome agora, mas era algo sobre as vivências territoriais alagoanas, quilombolas. Então, a gente teve um momento de ir lá no quilombo, conhecer, a gente foi com um guia específico, explicando a história, foi muito legal. A gente também teve vários encontros com alguns mestres quilombolas lá de, não especificamente de União, mas de outros interiores de Alagoas. Então, foi muito legal esse projeto de extensão. A gente teve muitas oportunidades boas.

⁵⁴ Curso de extensão.

E aí, logo após, quando estava na metade, mais ou menos, do projeto de extensão, eu entrei no PIBIC. E aí, foi até na época que rolou a inscrição para o PIBID e para o PIBIC. Aí eu falei “meu Deus, eu quero fazer tudo, mas eu tenho que escolher um que eu vou primeiro”. E aí, como eu já estava dentro, assim, do programa de extensão, da pesquisa e tudo mais, e conheci a professora Liz, aí fui para Pibic, mas eu pretendo fazer PIBID⁵⁵ também, monitoria, eu sou louca pra fazer monitoria, eu falo direto, eu digo, Liz, se você for precisar de monitoria me chame, me chame, que eu quero, porque como a minha vontade é ser professora universitária, então a monitoria é uma experiência diretamente com o docente, né, então você vai ver como funciona, e aí minha próxima é o que eu quero fazer agora, além do PIBID, eu quero monitoria. Qualquer um que aparecer primeiro, eu vou, então, até agora eu tive essas duas oportunidades, da extensão e do PIBID, eu quero monitoria. Eu também participo do grupo de pesquisa O GPJUV, né? Que tem as reuniões mensais e tudo mais, a gente faz leitura juntos, é ótimo, então, até agora eu tive essas oportunidades.

MYRELE

Você se considera uma estudante-trabalhadora ou uma trabalhadora-estudante?

ANÁLIA

Então, eu não sei bem, porque agora eu estou com mais tempo para estudar. Então, eu fui privilegiada de ser uma... Porque, na verdade, é assim, eu preciso trabalhar. Então, a primórdio, eu sou uma trabalhadora-estudante, porque eu preciso trabalhar, ponto, independentemente da quantidade de horas que eu trabalho atualmente, eu preciso, não posso ficar sem. Mas, em contrapartida, eu trabalho somente seis horas por dia, só o período da manhã, e tem o período da tarde e o período da noite, que eu estou lá na UFAL me dedicando aos estudos. Então, nesse momento da vida eu estou privilegiada por isso, mas eu preciso trabalhar. Eu creio que eu sou uma trabalhadora-estudante porque por mais que atualmente eu tenha mais horas para estudar eu não posso deixar de trabalhar não é uma opção então eu já tive também essas experiências que eu falei para você de trabalhar os dois horários e dizer como realmente é difícil esse rojão e em algum momento da vida também eu possa voltar pra esse rojão, né, dependendo da questão das oportunidades de bolsa na UFAL,

⁵⁵ Programa de Bolsas de Iniciação à Docência.

então eu tô muito feliz nesse momento, eu queria terminar minha graduação assim só trabalhando um horário estudando, sendo bolsista em outros horários então eu quero muito terminar a graduação, mas eu acho que eu estou mais para trabalhador Estudante justamente por não ser uma opção deixar de trabalhar.

MYRELE

Eu queria saber de que forma essas duas esferas, o trabalho e os estudos, afetam a sua vida social, estudantil. Quais os principais desafios que você encontra por ser uma jovem que precisa estudar, que precisa conciliar também o trabalho. Como um interfere no outro?

ANÁLIA

Assim por mais que eu trabalhe só seis horas por dia, é um trabalho muito puxado. Você está ali com 15 crianças de dois a três anos de idade, que, ai, é fralda, é chupeta, é faz cocô, ai não sei o que, ai troca, não pode deixar sozinho, tem que correr atrás, enfim, é um trabalho muito muito cansativo, esse trabalho da educação infantil porque você tem que estar o tempo todo em alerta, é um cansaço mental e físico porque é uma coisa que a gente debate muito nas reuniões com a gestão que na educação infantil você não pode se distrair por 5 segundos, que é o tempo suficiente para uma criança morder a outra, para uma criança cair, para uma bater na outra. Então, eu sou privilegiada por não trabalhar os dois horários, mas eu imagino a vida das professoras que trabalham os dois horários nesse pique com essa idade. Porque é muito cansativo. Então, tem vezes que... Quando vai chegando, sei lá, quinta-feira, sexta-feira, que a gente já está mais cansado. E para a universidade parece que... Ai, meu Deus, só queria ir para casa dormir, porque a gente vai pra UFAL, sai de lá nove e meia, dez horas, chega em casa dez e meia, onze horas, pra estar de pé seis horas da manhã no outro dia. Então, eu acho que eu vejo algumas amigas minhas, por exemplo, que elas só trabalham, elas não estudam. E aí, você vê que é cansativo também, óbvio, mas você não tem aquele peso de tipo, caraca eu tenho que arrumar um tempo na minha vida pra poder ler um texto pra ir pra aula, pra pelo menos saber o que a professora vai falar aquele dia e eu acho que reflete muito, porque por exemplo “sexta à noite, vamos sair?” e eu fico “não, estou na faculdade”. E aí, por ser jovem, tem muitas dessas oportunidades, né? Ai, vamos para uma praia, não sei o que, não

dá, não dá, que é conteúdo para estudar. Agora que a gente está passando por um momento de greve, deu uma acalmada, né? Mas quando a gente está nessa loucura, às vezes eu tinha que abrir mão de fazer algo no final de semana, porque na mesma semana seguinte ia ter seminário, ia ter prova, precisa abdicar de coisas para poder conseguir dar conta então eu imagino o quão feliz é a pessoa que não precisa trabalhar e só estuda porque é uma qualidade de estudo maravilhosa você com seu tablet ,com o seu iPad, você passa dia todo lá estudando então influencia bastante e o cansaço o cansaço mental às vezes a gente não tá nem tão cansado fisicamente, mas como a gente tem que estar com o mental lá o tempo todo para entender o conteúdo e a com a bolsa também com a pesquisa além dos conteúdos da graduação vem a pesquisa então é um impacto muito grande porque a gente tende a carregar uma responsabilidade maior porque ao mesmo tempo que eu não posso ser ruim no meu trabalho senão eu perco o meu trabalho eu também não posso ser ruim na faculdade, porque se eu for ruim lá na universidade pública assim não atingiu as médias, saia, tchau... Não é igual a particular que você vai lá, paga, faz a matéria não sei quantas vezes, tem direito a não sei quantas vezes, pagando, óbvio... Na pública não, na pública é: se você não conseguir, você perde, tem outras pessoas esperando. Então tem esse peso também de saber que, por mais que a gente não pague, mas ao mesmo tempo que se você não atingir aquilo ali em determinado tempo, você perde, você fica com desempenho menor, até para conseguir bolsas, oportunidades de bolsa, você tem que estar lá com a sua média em cima. Então, tem toda essa responsabilidade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

MYRELE

Entre os estudos e o trabalho, qual você acha mais importante? Eu queria que você me explique a sua decisão.

ANÁLIA

Essa pergunta é difícil, difícil demais, mas, enfim, eu acho que se eu entrasse em uma situação muito complicada, socialmente, financeiramente, familiar, e eu precisasse muito de dinheiro, infelizmente o que a gente teria que abrir mão é o estudo porque isso é uma realidade muito cruel, cruel demais, porque uma vez eu vi na internet uma pessoa falando “você percebe que o mundo não é igual para todo mundo quando você passa em uma universidade federal mas você não pode cursar porque é integral”

quando eu vi isso eu falei caramba isso é uma realidade muito cruel porque é custos da saúde por exemplo educação física mesmo, psicologia tudo curso integral, né? Então tem muita gente que não entra por isso, mas se fosse para eu escolher eu teria que escolher o trabalho e o que eu acho, que pessoalmente, depois que a gente começa a trabalhar que começa a ter o nosso próprio dinheiro, eu não consigo me ver, tipo, sem trabalhar, sendo não que minha mãe como eu moro com ela atualmente, não que ela não fosse, que ela fosse negar, né dizer assim, não, eu não consigo ela daria mil, mil jeitos de conseguir, né, tipo me sustentar com o básico que eu preciso, mas eu não consigo me ver dando esse peso mais pra os meus pais, então, porque a vida deles já é tão corrida, tão sofrida pra pagar tudo, pra dar conta, então eu teria que abrir mão dos estudos, eu não gosto nem de pensar nisso, que chega a me dar uma angústia, porque parece que você é obrigado a... E nós somos mesmo, né? Obrigados pelo sistema a trabalhar, trabalhar, trabalhar. É o jeito.

MYRELE

Sobre ser jovem, ser universitária... Eu queria saber como foram as suas vivências juvenis enquanto estudante de pedagogia da UFAL. Eu queria que você me dissesse algumas experiências em que você pôde se expressar como jovem, tanto na universidade quanto fora dela.

ANÁLIA

Deixa eu pensar. Eu acho que o que eu escuto muito de pessoas que estão fora da universidade é tipo assim “ah, esses adolescentes adultos que entram na universidade são muito militantes, muito mimimi, e principalmente da UFAL, entra na UFAL, vira mimimi”, só que o que eu enxergo que eu já até tentei explicar para algumas amigas minhas que não estão lá dentro, como funciona, é porque quando a gente entra na universidade, a gente tem acesso a informações a conteúdo histórico mesmo, principalmente na pedagogia, né? Tu sabe que nos primeiros períodos é muita teoria, sobre educação, que engloba muitas coisas. Então, tudo está girando em torno ali da educação. E aí a gente começa a ter acesso a certos tipos de informações que antes nem passavam pela nossa cabeça e aí por consequência disto, a gente consegue se expressar melhor politicamente falando e quando eu entrei tava naquela loucura, Lula versus Bolsonaro, né, as eleições e tudo mais, quem vai ganhar então aí, e como eu sempre fui muito curiosa, antes de entrar na universidade eu não tinha informação

suficiente para me declarar politicamente, então por mais que eu soubesse que eu não votaria no Bolsonaro nem a pau, até antes de entrar na universidade, só que aí eu não tinha embasamento teórico suficiente para sustentar isso, eu não votava nele mas eu não tinha embasamento teórico suficiente para sustentar isso. Eu não votava nele, mas eu não tinha informações suficientes. Então, aí, quando a gente entra, não que na universidade seja todo mundo lula, você sabe disso, tem professores, tem estudantes que são de direita, são conservadores, enfim, a gente está debatendo constantemente com outras ideias, mas quando a gente começa a entender como funciona o sistema... Eu nunca esqueço da professora Amanda, professora de fundamentos sociológicos e de outra disciplina sobre política e trabalho e educação uma coisa simples, então ela, por mais que ela tenha o lado dela declarado, a preferência política dela, ela explica tudo de uma forma maravilhosa. Então, assim, ela explica como ela tinha sociologia e trabalho e educação nas mãos, então ela tinha que explicar como funciona o sistema que a gente vive, o sistema capitalista, o que é o comunismo, o que é o conservadorismo, então ela explicava tudo de uma forma muito clara para qualquer um dos lados, tanto de direita como de esquerda. E aí, engraçado que eu me deparei com o termo consciência de classe. Antes eu ficava tipo, consciência de classe é só saber que eu sou pobre, que eu sou de família humilde, e está tudo bem, é isso. Mas quando a gente começa a entender esses pontos primordiais da sociedade, o capitalismo, a consciência de classe, os privilégios, a gente consegue debater de uma forma muito melhor, a gente consegue se expressar melhor, a gente consegue entender, porque tanta desigualdade na sociedade, e como o esquema é assim, como ele funciona bem para quem está lá no topo. Então, as vivências joviais que eu tenho em relação a poder me expressar são muito boas, porque como eu fui estudando sobre isso, fui me dedicando, hoje em dia eu consigo debater bem melhor, eu consigo me expressar, tanto politicamente e socialmente como a futura pedagoga, como uma pessoa que tá na área da educação, que tá lidando diretamente com a formação dos indivíduos. então a gente tem que aprender para conseguir se expressar melhor, e aí foi quando eu comecei a ouvir “Ah, mas por que você entrou na UFAL, você virou militante”. O povo diz logo “Ah, vai virar feminista, e não sei o quê. Vai virar geração mimimi, chata”. Eu ouvi muito isso, mas eu não ligo porque a gente que está lá e que a gente estuda diretamente esses pontos, a gente percebe como influencia no nosso posicionamento. Antes eu tinha muito medo de me posicionar politicamente por não saber, mas essas experiências foram muito boas. A

gente tipo, vai ter debate, vai ter uma reunião ali, vai ter isso, vai ter aquilo, Vamos participar, vamos entender! Então, nesse quesito de me posicionar, eu acredito que eu melhorei bastante, que eu sou muito mais segura para isso hoje em dia, para expor as minhas opiniões, enfim. E se tiver algum outro tipo de experiência que você esteja se referindo, pode falar também algo mais específico.

MYRELE

Nessa questão, assim, é... Porque as pessoas veem jovem, gostam de ir pra festa. Ah, sim. Esse quesito também, tá?

ANÁLIA

Olha, pra falar a verdade, meu Deus, eu nunca fui pra nenhuma festa da UFAL. Eu nunca fui, mas, assim, de experiências que eu tenho, desse lado, mas de diversão. Por exemplo, como eu não sou muito das festas da UFAL, e, conseqüentemente, o meu grupo, poucos que iam também, a gente gostava de se reunir assim... “Ah, final do período, vamos sair todo mundo pra um chá. Ou então, vamos alugar alguma casa com piscina e vamos se reunir, vamos beber, não sei o quê”. Ou então, também é algo que a gente faz muito. Inclusive, eu sou uma dessas que puxa isso, tipo, “minha gente, última aula de professor fulano vamos fazer uma lista de nosso coletivo, vamos se reunir”, já teve alguns professores também que sugeriram sair mesmo ir para algum barzinho, alguma coisa ir em alguma lanchonete e se reunir, então o meu lado diversão da universidade não são as festas em si, que eu sei que tem muitos eu acho que, pra falar que eu nunca fui eu fui a uma calourada uma vez que teve mas fiquei pouco tempo fui embora, o meu rolê é mais assim, junto aos colegas ou então eu já fiz muito também vamos se juntar ali na praça e vamos pedir lanche, vamos ficar lá na praça conversando, lanchando. É porque, principalmente no CEDU⁵⁶, eu não conheço muitos outros blocos, mas no CEDU a gente tem vários espaços legais pra se reunir, né, pra juntar todo mundo, juntar as mesas ou então, bota um pano ali no chão, vamos sentar... Eu adoro isso do CEDU, a gente tem vários espaços e aqueles coisinhas no chão, esqueci o nome, de madeira, com as almofadas ali em cima. Então, a gente, eu gosto muito dessa vibe, de reunir todo mundo, faz um lanche, faz uma

⁵⁶ Centro de Educação da Ufal.

coisa e é muito legal, porque a gente está esgotado no final de período, mas aí está juntos com os amigos.

MYRELE

Anália, eu queria saber se você já pensou em desistir do curso e se já, o que foi que fez você continuar? Se você teve uma rede de apoio.

ANÁLIA

Olha, eu nunca pensei assim, em desistir, em abrir mão de tudo. Mas, na época que eu trabalhava os dois horários, eu comecei a pensar em largar de mão e ser aquela estudante que vai passando, vai passando assim, vai na onda, vai na onda. Vai pegando de um, vai pedindo ajuda ao outro e entra num grupo ali, não sei o que. Em não me dedicar tanto pra conseguir trabalhar mais tempo. Então assim, eu nunca pensei em desistir e trocar o curso, mas eu já pensei em assim e levar o curso empurrando mesmo sabe quando começou a apertar as coisas em relação ao trabalho então o que me ajudou bastante nessa época foram... Eu tinha um namorado na época que também estudava na UFAL. E aí, ele me ajudava bastante. Porque como a gente estudava junto, acabava que... Ah, eu não consegui fazer tal coisa. Me ajude, me fale como é, me explique. Eu não entendi. Na época que eu trabalhava os dois horários, né? Tinha as amigas também que me ajudavam. Que, era tipo “olha, eu tirei foto disso aqui pra tu. Olha aí, que tu não viu”. Então, acho que essa questão das amizades ajudou bastante. Quando você passa por algum perrengue, né? Eu não levei o curso empurrando com a barriga porque eu tinha pessoas para me ajudar e para dizer “não, bora, bora, a gente dá um jeito, a gente faz, eu faço isso para você e você faz o resto”, eu não desisti por isso.

MYRELE

Se você pudesse propor ideias para melhorar a vida universitária dos jovens estudantes e principalmente dos jovens estudantes trabalhadores, quais seriam essas ideias?

ANÁLIA

Deixa eu pensar. Eu acho que além das oportunidades de bolsa, que é o que ajuda bastante os jovens que trabalham, né? Eu acho que é... Eu não sei se é uma ideia

muito muito utópica, muito sonhadora, mas eu fico pensando que talvez, se dentro da própria universidade tivessem oportunidades de estágios, tivessem mais oportunidades de monitorias, enfim, para que o jovem pudesse trabalhar e aprender ali dentro, eu acho que isso aí mudaria muita coisa, eu acho que isso aí mudaria muita coisa, porque a gente poderia se esforçar bem mais, dedicar muito mais se a gente estivesse recebendo, tendo uma renda e estudando ali mesmo. Então, eu lembro muito das bolsas, e acho que se tivessem mais oportunidades, mais bolsas, eu acho que isso melhoraria bastante. Porque, por exemplo, se eu tivesse a oportunidade de só viver de bolsa na universidade, eu viveria tranquilamente. Eu passaria o dia lá, se fosse possível, mas sabendo que eu tiro uma renda dali, eu consigo viver e eu consigo estudar ao mesmo tempo. Ou então, por exemplo, parcerias com escolas, empresas por perto também da universidade, com horários diferentes, flexíveis, mais oportunidades, porque aí a gente não tem como deixar de trabalhar, óbvio, mas a gente estaria com o pé na universidade do mesmo jeito. Porque é diferente, por exemplo, eu estar fazendo curso de pedagogia e trabalhar no centro, numa loja de maquiagem, do que eu cursar pedagogia e estar trabalhando numa escola, diretamente com o ambiente escolar, com a docência, é diferente. Então, se qualquer curso, se os estudantes tivessem a oportunidade de trabalhar na área e estudar ao mesmo tempo, isso melhoraria em mil por cento, porque a gente ia associar a teoria com a prática, né? E aí, eu acho que essa melhoria seria bem importante de ter mais parcerias, enfim, mais oportunidades de bolsa, de estágios, conjugado com a UFAL.

MYRELE

Você acredita que os professores e as professoras, e o curso de pedagogia contempla os estudantes e as estudantes que são trabalhadoras?

ANÁLIA

Essa pergunta é complicada... Pelo menos no Cedu, eu lidei com vários professores e professoras que demonstravam total apoio aos estudantes e que flexibilizavam certas coisas, certos prazos, tipo “Ai, eu entendo que vocês estão passando por isso”. Professores que conversavam com os alunos para entender um pouco do que cada um está vivendo. Porque não tem como professor entender a vida de 30, 40 alunos, mas só de conversar, assim, com a turma por alto e ver o que cada um tá passando, os estudantes do interior, por exemplo ah, quebrou o ônibus e não sei o que, aí o

professor vai lá, pergunta, entende, então tem muito, eu falo, eu conheço colegas de outros cursos, de exatas, enfim, e aí eu sempre elogio muito isso do CEDU, eu falo que “olha, no CEDU, os professores são maravilhosos, porque não é que eles são, tipo, ah, banda voou, você é à toa, não é isso, mas eles, eles são, eles dialogam muito com os alunos e por consequência disto, eles entendem, muito com os alunos e por consequência disto, eles entendem melhoram os prazos”, enfim eu acho que no CEDU, pelo menos até agora, alguns que são mais rígidos “ah, não, prazo é até tal dia, você entrou na universidade, por que que se entregue?” Ah, mas são pouquíssimos, pelo menos até agora, até os que são mais rígidos, eles ainda conversam, melhoram os prazos, facilitam, então, no CEDU, eu só tenho experiências positivas, quanto aos professores acolherem os alunos trabalhadores, e principalmente do noturno, que todo professor que é do noturno fala, olha, eu sei que vocês estão aqui, porque não é a melhor opção do mundo estudar à noite, mas é o que dá.

MYRELE

E, por fim, fazendo uma reflexão de tudo que a gente discutiu hoje, de momentos que você me contou que vão desde antes de entrar na universidade, e hoje você já está na metade da graduação, quais foram as contribuições da sua vida você acredita que é essa formação que você teve né esse percurso que você recorreu proporcionou mudança na sua vida e em qual sentido?

ANÁLIA

Uma mudança que eu vejo escancarada, que deu muito certo para mim foi a questão do senso de responsabilidade. Por mais que eu seja muito nova, ainda tenho 19, faço 20 já, mas por mais que eu seja muito nova eu já criei um senso de responsabilidade muito grande em relação a mim mesma, ao meu futuro, ao que eu quero alcançar. Então, eu acho que quando a gente entra na universidade, é uma melhora muito positiva para quem está num curso que gosta, enfim, para quem está ali porque gosta, para quem tá no curso que gosta em cima quem tá ali porque gosta. Todo ser humano é sonhador, mas a gente percebe que o sonho é bem mais próximo, bem mais possível do que a gente imagina, que não é nada distante da nossa realidade, que a gente tem sim a capacidade de conseguir. Então, uma mudança muito positiva pra mim é que, por mais que eu sempre sonhasse, antes de entrar na universidade, depois que eu

entrei, eu percebi que dá certo, que eu posso conseguir, e que por mais que eu tenha tido dificuldades durante o ensino médio, durante o ensino fundamental, dificuldade com família, com problemas pessoais, a gente sempre consegue, com apoio dos próprios professores mesmo. Eu dou exemplo da Liz, que é minha orientadora do PIC, que eu passei por alguns problemas, com o tempo, problemas familiares, enfim, e ela percebeu que eu dei uma caída na pesquisa, assim, fiquei mais ausente, não respondia muito, não era muito comunicativa, e ela teve uma atitude que eu falo pra todo mundo, sempre que eu posso, que foi uma atitude maravilhosa, e que ela de fato foi uma orientadora maravilhosa, e que ela, de fato, foi uma orientadora. Ela me chamou para conversar, marcou uma reunião comigo, para conversar, para saber o que estava acontecendo, se eu estava bem. Eu pensei, quando ela marcou a reunião, eu pensei, vou levar uma bronca. Já estou vendo que ela vai falar que não quer mais fazer pesquisa comigo, que eu sou horrível, que eu sou muito irresponsável, e não sei o quê, sendo que foi totalmente diferente. Ela parou para me ouvir e para me ajudar com os prazos, com as demandas, enfim, eu acho que eu sou um ser humano melhor depois que eu entrei na universidade e principalmente por me espelhar em professores assim como Liz, por exemplo como a Ana, que são professores muito amorosos e que conversam e entendem. Eu acho que eu tirei aquele tabu, sabe, que na universidade os professores não querem saber de nada, é todo mundo chato, você que se vira sozinho, então, o senso de responsabilidade e a forma como eu vejo agora a docência é totalmente diferente do que eu via antes, eu acho que um resumo de tudo isso é que eu melhorei bastante pessoalmente e melhorei a forma como eu enxergo a minha profissão, a minha futura formação, né? Eu acho que é basicamente isso.

MYRELE

Teria alguma coisa que a gente não falou ou que você queira falar?

ANÁLIA

Depois de eu ter falado tanto...Eu falei, é difícil. É, mas eu acho que a gente conseguiu, as suas perguntas são bem legais, porque elas pegam vários pontos importantes aí, eu consegui falar sobre tudo, mas é isso, eu não consigo me imaginar sem estar na universidade ou desistir algum dia, não seria uma opção, então é muito legal essas

vivências que essa mudança de vida que a universidade nos proporciona e é isso acho que a não falta falar de mais nada.

MYRELE

Anália, muito obrigada pelos seus relatos, por abrir a sua vida, né? Pra gente conhecer um pouquinho mais. Pelo seu tempo, que a gente sabe que hoje em dia tá assim, a corrida tudo muito corrida. Então, muitíssimo obrigada.

ANÁLIA

Eu que agradeço, Myrele. Adorei participar.